

Gilberto Aparecido Angelozzi

A Águia e a Cruz: Identificação Cristã pelos romanos entre 54 e 117 d.C.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sonia Regina Rebel de Araújo

Niterói
2003

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A presença dos cristãos em Roma é anterior a 49 d.C. Isto pode ser comprovado através da obra de Suetônio, *Vida de Cláudio*, capítulo 25, onde o autor nos informa: “*como os judeus se sublevavam continuamente por instigação de Chrestós, [Cláudio] os expulsou de Roma.*”. Uma outra alusão à presença dos cristãos em Roma no tempo de Cláudio pode ser encontrada no livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo 18, versículos 1-2. Entretanto, durante muito tempo, os cristãos viveram à sombra do judaísmo, o que possibilitou as suas associações e práticas religiosas com maior liberdade.

Segundo James S. Jeffers, na obra *Conflito em Roma*¹, os cristãos representavam em torno de 1.000 a 5.000 pessoas em Roma na metade do século I, um número bem pequeno se comparado com a população da capital do império naquele momento.²

Os cristãos reuniam-se em casas, pois até o século IV d.C. essa ex-seita judaica, que depois se tornou religião oficial do Império Romano, não fora reconhecida pelo Império e por isso era uma religião ilícita.

Para Marcel Simon e André Benoit³, a comunidade cristã, naquele tempo, era um corpo estranho e inassimilável. Eram elementos recém-aparecidos, revolucionários e infiéis, quer em relação à tradição israelita, da qual se originaram, quer em relação ao paganismo, do qual eram trãsfugas e representavam um *tertium genus*, sem lugar nos quadros da sociedade antiga.

Plínio o Jovem, na sua Carta X, 96, identifica-os como uma superstição; e Tácito e Suetônio, que, creio, eram conhecedores dessas cartas a Trajano, seguem o mesmo caminho.

Segundo Tácito, os cristãos eram vistos como inimigos do gênero humano; e Suetônio os apresenta como homens afeitos a uma superstição nova e maléfica.

¹ Página 33.

² Edward Gibbon, na obra *Declínio e queda do Império Romano*, pp. 230-231, estimou que a população de Roma não devia ser inferior a 1 milhão de habitantes, dos quais, segundo ele, os cristãos representavam no máximo a vigésima parte.

³ *Judaísmo e Cristianismo Antigo*, p.120.

A carta de Plínio é um marco para o cristianismo, pois até então os cristãos não haviam sido punidos como religião ilícita ou associação ilegal e nem mesmo havia uma definição exata de como o processo contra eles deveria ser conduzido.

Além desses escritores, há numerosos autores dos quais dispomos de menos informações, mas que também nos auxiliam a preencher o quadro que os romanos faziam dos cristãos. Entre eles situam-se Galeno, o filósofo que passou a conhecer os romanos em Roma por volta de meados do século II, e Luciano, o satirista que caçoava dos cristãos e de tudo mais neste mundo.

Muito do que os pagãos dizem é “verdade”, mas não pode se enquadrar na compreensão dos cristãos. Estou convencido de que a percepção de estranhos nos diz algo sobre o caráter do movimento cristão; e de que, sem as opiniões dos que fizeram o mundo em que o cristianismo chegou à maturidade, jamais chegaremos a compreender o que foi e o que é o cristianismo. Isto vale especialmente para o mundo social, onde a percepção dos outros é parte essencial da realidade das pessoas que o habitam.

Em seu livro *Paganism in the Roman Empire*, o historiador Ramsay MacMullen⁴ faz uma observação interessante a respeito do livro *The Mission and Expansion of Christianity in the First Three Centuries*, de Adolf von Harnack, um dos estudos clássicos do cristianismo primitivo, publicado no século XX. “Entre milhares de referências a fontes... não encontro nenhuma pagã, e nem mesmo uma linha explicando a tentativa de descobrir o que pensavam e criam os não cristãos. Assim, ignorar a visão anterior dos convertidos ou retratar a missão como que agindo sobre uma lousa limpa faz com que o historiador seja considerado como muito peculiar”. Muitas coisas aconteceram no estudo do cristianismo primitivo desde os tempos de Harnack, e, no estudo da história romana há um interesse crescente pelas religiões do mundo romano, pela filosofia greco-romana e pelo mundo social do início do Império Romano. No entanto, só uma pequena parte desse material chega aos relatos gerais do início do cristianismo.

Esta distinção entre história romana e história cristã também se reflete nos documentos antigos. Por quase um século o cristianismo passou despercebido

⁴ MACMULLEN, Ramsay. *Paganism in the Roman Empire*, p. 206.

pela maioria dos homens e mulheres do Império Romano. Os primeiros escritos cristãos, altamente teológicos e dirigidos principalmente a leitores cristãos, apresentam a vida de Jesus e o início da igreja como um momento decisivo na história, enquanto que os não cristãos vêem a comunidade cristã como um grupo religioso minúsculo, peculiar, anti-social, que conseguia seus adeptos nas camadas mais baixas da sociedade. Na seção sobre a Palestina, em *História Natural* -- livro escrito aproximadamente uma geração após a morte de Jesus -- Plínio o Velho não menciona Jesus, nem o início do cristianismo. Àquela época, alguns textos do Novo Testamento cristão já haviam sido escritos⁵. A primeira menção ao movimento cristão -- feita por um historiador romano -- só ocorre oitenta anos depois do início do cristianismo.

Ao ler os apologistas cristãos, percebo que devem ser compreendidos a partir daqueles pensadores cujas atitudes são estranhas ao cristianismo. As idéias que os apologistas procuravam combater, bem como as convicções que consideravam compatíveis com o cristianismo e em cuja moldura apresentavam a mensagem cristã, advinham das posturas e atitudes dos pagãos em relação ao cristianismo.

A maioria dos primitivos apologistas foi educada como pagã e se converteu ao cristianismo mais tarde na vida. O mundo espiritual e intelectual no qual foram educados permaneceu como parte do seu pensamento, mesmo depois de se converterem ao cristianismo. Por isso esses homens estavam aptos a combater o paganismo e a apregoar e defender a ideologia cristã.

Segundo Tzvetan Todorov:

"Pode-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é em si mesmo; o eu é um outro. Mas cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu. Somente o meu ponto de vista, segundo o qual todos estão lá e eu estou só aqui, pode realmente separá-los e distingui-los de mim. Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro, outro em relação a mim. Ou então como um grupo social concreto ao qual nós pertencemos. Este grupo, por sua vez, pode estar contido numa sociedade: as mulheres para

⁵ Os primeiros textos do Novo Testamento cristão são as epístolas paulinas, sendo que as primeiras escritas foram a 1^a e a 2^a epístolas aos tessalonicenses, que datam de aproximadamente 53 d.C. Após as epístolas paulinas, seguindo-se a antigüidade documental, encontraremos o Evangelho escrito por Marcos em aproximadamente 65-70 d.C. Os demais escritos são posteriores ao ano 80 d.C.

*os homens, os ricos para os pobres, os loucos para os 'normais'. Ou pode ser exterior a ela, uma outra sociedade que, dependendo do caso, será próxima ou longínqua: seres que em tudo se aproximam de nós no plano cultural, moral e histórico, ou desconhecidos, estrangeiros cuja língua e costumes não compreendo, tão estrangeiros que chego a hesitar em reconhecer que pertencemos à mesma espécie".*⁶

A questão proposta por Todorov com relação ao outro pode ser observada na relação entre os cristãos e o Império Romano, principalmente no que diz respeito ao outro exterior, já que este é o desconhecido, ou seja, aquele *que chego a hesitar em reconhecer que pertencemos à mesma espécie*.⁷ Ao escrever sobre os cristãos, os romanos agem assim. As palavras de Plínio em sua carta a Trajano não deixam de refletir isso: *"Encontrei apenas uma superstição insensata e exagerada"*.⁸ O mesmo se dá quando os cristãos se referiram aos romanos: *"Os justos foram perseguidos, mas pelos injustos; foram aprisionados, mas pelos ímpios; foram aprisionados, mas pelos iníquos; foram mortos pelos que tinham sido tomados de inveja perversa e má"*.⁹

Por isso, se o assunto desta pesquisa já foi explorado em outros trabalhos, a perspectiva de estudá-lo sob a ótica do outro o torna novo. Para tanto, optei pelas perseguições aos cristãos, pois, apesar de os séculos I e II d.C. não possuírem uma legislação anticristã, o período das perseguições é registrado tanto pelos pagãos quanto pelos cristãos e assim, nesse período crítico e de posições definidas de ambos os lados, a questão do outro se torna passível de ser estudada.

Demonstrarei através do meu trabalho que, durante a perseguição empreendida por Nero, os romanos não diferenciavam os judeus dos cristãos; porém, após essa ocorrência, tornou-se pelo menos nítido que havia algumas diferenças entre judeus e cristãos. Isto porque, mesmo sendo provenientes do judaísmo, os cristãos eram rejeitados pelos judeus – especialmente pelos mais

⁶ *A Conquista da América. A questão do outro*, p. 3.

⁷ Deve-se recordar aqui a afirmação de Suetônio sobre os cristãos: *"genus hominum superstitionis novae ac maleficae"*.

⁸ Plínio o Jovem, *Carta X*, 96. O original latino da Carta X, 96-97, foi extraído do site The Latin Library, cuja edição foi coordenada por Guhl (Frauenfeld, Suíça), a partir da edição de Oto Holtze (Leipzig, 1843). Para a tradução do texto latino contei com o apoio da edição em língua inglesa de Michael Grant e da edição em língua portuguesa publicada em J. COMBYe J-P LEMONON, *Roma em face de Jerusalém*, pp.46-48.

ortodoxos, como os fariseus – e por outro lado porque as suas práticas litúrgicas eram diferentes e eles acreditavam em um deus que morreu e ressuscitou. Mesmo assim, a ocorrência dessa diferenciação – ainda que pequena – ultrapassou Nero e o ano dos três imperadores. Foi somente após a destruição do templo de Jerusalém e a expulsão dos cristãos das sinagogas que tudo isso começou a ficar mais nítido, pois se antes da expulsão os cristãos eram rejeitados por alguns judeus mais ortodoxos, depois passaram a ser vistos como inimigos do judaísmo.¹⁰

No período de Domiciano, os cristãos eram conhecidos, mas ainda não haviam desaparecido os boatos sobre as suas práticas e os seus cultos. Ainda nesse período, a perseguição empreendida por Domiciano atingiu judeus e cristãos, sem que houvesse grande diferenciação entre uns e outros.

A diferenciação só começa a aparecer durante o período de Trajano, e mesmo assim, os cristãos ainda não eram plenamente conhecidos pelos romanos. A Carta X de Plínio a Trajano pode ser considerada um marco dessa identificação, porém parece que a situação dos cristãos não era clara para todos, e por isso homens cultos, como Tácito, evitaram um julgamento mais pormenorizado. É possível observar isso em uma das redes de interpretação que se pode traçar cruzando os textos de autores romanos com os de escritores cristãos. Enquanto Plínio o Jovem escrevia as suas cartas, os cristãos estabeleciam a sua doutrina porque até então haviam se expandido não como um movimento uniforme, mas sim como um conjunto de heterodoxias.¹¹ Nesse momento, Tácito estava escrevendo os seus *Anais* e é interessante notar o que diz sobre os judeus -- “*Iudaei speciem motus orta seditione*” -- e sobre as lutas entre galileus e samaritanos -- “*igitur raptare inter se, immittere latronum globos*”.

⁹ *Carta de Clemente Romano aos Coríntios*, XLV, 4.

¹⁰ “No próprio judaísmo, a heresia já era um conceito maduro e poderoso. Por conseguinte, depois do colapso do cristianismo judeu, as autoridades judias ortodoxas não esperaram muito para anatematizar o cristianismo como tal. Por volta do ano 85, o julgamento foi incorporado à liturgia da sinagoga: ‘que os nazarenos e hereges sejam de pronto destruídos e removidos do livro da vida’ ”. JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*, p. 57.

¹¹ JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*, p. 59.

Observemos ainda que os cristãos eram tratados pelos judeus como *nazarenos*, numa alusão nítida à procedência de Jesus.¹²

Por isso posso inferir que, se na visão de Tácito os judeus são dados à sedição e os galileus e os samaritanos, que estavam em constante confronto, se atacam mutuamente raptando e roubando uns aos outros, também não lhe escapou o fato de que os nazarenos eram oriundos da região da Galiléia e conseqüentemente tão perigosos quanto aqueles aos quais estavam relacionados e dos quais se originavam, ou seja, dos galileus, como região geográfica, e dos judeus, como raça e cultura. Cabe ainda observar que foi o mesmo Tácito quem descreveu os cristãos como *superstitio rursus erumpebat, non modo per Iudaeam, originem eius mali*.¹³ Tácito cita, inclusive, a relação do nome “cristão” com Cristo, morto durante o governo de Tibério, sob a procuradoria de Pôncio Pilatos.

Sabemos que os judeus eram conhecidos de Tácito, assim como a Judéia, já que ele dedicou parte do Livro V das *Histórias*¹⁴ a um estudo descritivo dos judeus e da sua história, dos seus costumes, da geografia da Judéia e da Guerra Judaica. Ao referir-se aos judeus – assim como fez em relação a outros povos –, Tácito não se eximiu de comparações, o que denota que o seu ponto de vista era sempre relacional, na medida em que comparou o judaísmo com outras religiões e as via todas como inferiores à religião e à cultura romanas. Este mesmo posicionamento de Tácito pode ser observado quando lemos a sua obra *Germânia*. Também na sua obra *Anais* o autor não se furtou às comparações.

¹² Os evangelhos registraram algumas questões importantes a esse respeito: 1. O capítulo 2, versículo 23, do evangelho de Mateus registrou: “*Será chamado nazareno*”; 2. Lucas, no capítulo 4, versículo 16, escreveu: “*Ele foi a Nazaré, onde fora criado*”; 3. Em João encontramos o registro da placa colocada na cruz de Jesus, onde estava escrito: “*Jesus Nazareno, rei dos judeus*”; 4. Em Atos dos Apóstolos, capítulo 24, versículo 5, Paulo é identificado como “*um dos da linha de frente da seita dos nazarenos*”

¹³ Uma superstição que tornava a grassar não só na Judéia, origem do mal. Tácito, *Anais*, XV, XLIV.

¹⁴ Capítulos II ao XIII. O original latino da obra *Histórias* de Tácito foi extraído do site The Latin Library, cuja edição publicada corresponde à Edição Loeb feita por Sir W. Peterson em 1914. Para a tradução do texto latino contei com o apoio da edição em língua inglesa da Penguin Classics, 1995, de Kenneth Wellesley e a edição de língua portuguesa publicada em J.COMBY E J-P. LEMONON, *Roma em face a Jerusalém*, pp. 21-28.

O uso de comparações para o reconhecimento do outro, ou seja, a visão do outro a partir do que se é ou daquilo em que se acredita, pode-se encontrar também em Plínio o Jovem, porém com posturas um pouco diferenciadas.

Foi justamente a inexistência de uma visão precisa por parte dos romanos sobre o que era ser cristão que levou os apologistas a iniciarem um trabalho de esclarecimento sobre o cristianismo e os cristãos. Por isso ficam as perguntas que orientam esta pesquisa: Como os romanos e os cristãos viam uns aos outros? Quais as identidades e identificações surgidas nos séculos I e II da era cristã?

Como expus anteriormente, o presente trabalho coloca o tema em questão sob análise e julgamento do *tribunal do outro*, refazendo o caminho da análise e da interpretação documental e repensando as representações que os agentes têm do mundo social, considerando que essa construção do mundo social, essa representação desse mundo como produto de uma dupla estruturação – a) do lado objetivo, está socialmente estruturada porque as autoridades ligadas aos agentes ou às instituições não se oferecem à percepção de maneira independente, mas em combinações de probabilidade muito desiguais; b) do lado subjetivo, porque os esquemas de percepção e de apreciação suscetíveis de serem utilizados no momento considerado e sobretudo os que estão sedimentados na linguagem -- é produto das lutas simbólicas anteriores e exprime, de maneira mais ou menos transformada, o estado das relações de forças simbólicas. Tais fatores objetivos e subjetivos estão ainda sujeitos ao elemento tempo, que os combina, rejeita e sedimenta, produzindo as representações.¹⁵

Os objetivos acima serão alcançados através do tratamento dado ao material, ou seja, às fontes utilizadas pela pesquisa.

Aplicarei às fontes o processo de análise isotópica para, a partir daí, observar as representações nascidas do processo de interação entre romanos e cristãos no período de 54 a 117 d.C. e, assim, verificar quais as identificações e identidades construídas nesse processo de interação.

¹⁵ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*, pp. 139-140.

Trata-se de um trabalho de História Cultural, no qual o conceito de representação adotado segue a proposta de Jurandir Malerba na obra publicada por ele e por Ciro Flamarion S. Cardoso, *Representações, contribuições a um debate transdisciplinar*. Nela, Ciro Flamarion escreveu:

*“Toda conduta humana, seja individual, seja coletiva, pode ser apresentada como o resultado final de dois processos de seleção. O primeiro é a passagem pelo filtro definido pelo conjunto de limitações estruturais sobre as quais os agentes não exercem controle –, que reduz as possibilidades alternativas de agir, de seu número teórico a um conjunto menor de ações efetivamente possíveis. O segundo é outro filtro, o do mecanismo que leva a escolher, dentre as ações factíveis remanescentes, aquela que será efetivamente realizada.”*¹⁶

Esses filtros orientaram o trabalho dos autores Tácito, Suetônio, Plínio o Jovem, Galeno e outros, ao tecerem comentários sobre os cristãos. Esses mesmos filtros serviram a autores cristãos para escreverem suas apologias, defendendo o cristianismo diante das visões pagãs, ou mesmo usando a visão pagã para construir mitos como o de Nero ou dos mártires cristãos. Isto porque, como nos ensina Norbert Elias, estes elementos devem ser pensados de indivíduos interligados e interagentes, compondo configurações cada vez mais complexas e interligadas; quanto mais diferenciadas forem as funções no interior da sociedade, mais diferenciado se torna o *habitus* (hábito social), de acordo com a integração do indivíduo com o seu grupo.¹⁷

O primeiro capítulo deste trabalho, intitulado *O Império Romano entre 54 e 117 d.C., de Nero a Trajano*, descreverá as políticas interna e externa dos governos dos imperadores Nero, Domiciano e Trajano, fornecendo elementos para a análise dos textos que se referem a estes períodos e para fundamentar a análise das representações.

No segundo capítulo - *Tácito, Suetônio e Plínio o Jovem: três escritores e três histórias* - apresentarei a vida e a obra de cada um desses autores, isto porque a obra de um escritor fala muito mais dele mesmo e da maneira como

¹⁶ CARDOSO, Ciro F. S. & MALERBA, J. (Orgs.) *Representações, Contribuição a um debate transdisciplinar*, p. 33.

enxerga o mundo que o cerca do que propriamente desse mundo. Por isso, compreender a vida e a obra dos nossos autores ajudará a compreender a visão que os romanos tiveram dos cristãos e que brota da obra desses três autores.

Tácito e Plínio deram mais atenção aos cristãos do que Suetônio. Na obra de Tácito, os cristãos são importantes, pois através deles o autor demonstra que a crueldade de Nero superou o crime dos cristãos – ódio ao gênero humano. Já para Plínio o Jovem os cristãos são um problema a ser solucionado na Bitínia, e foi na condição de governador e de advogado atuante nos tribunais de Roma que ele consultou o imperador Trajano a fim de conhecer precisamente a atitude a ser tomada. Para Suetônio, os cristãos são somente uma citação, porém mesmo essa citação possui significado.

Pressupondo-se que Tácito e Suetônio conheciam as cartas de Plínio o Jovem, pois faziam parte do mesmo círculo, o capítulo 3, intitulado *Os cristãos segundo Tácito, Plínio o Jovem e Suetônio*, destacará a visão desses três autores sobre os cristãos.

Para ajudar a compreensão dos trabalhos desses autores, lanço mão também da *História de Roma*, de Tito Lívio, capítulo XXXIX, e do discurso *Otávio*, do cristão Minúcio Félix.

Aparece ainda o *Grafito do Palatino*, encontrado em 1857, e que satiriza os cristãos e suas práticas cultuais.

Toda esta trajetória tem por objetivo principal concluir este estudo compreendendo como os cristãos eram vistos pelos romanos no período de 54-117 d.C.

¹⁷ Ibid, p. 214. Ver também ELIAS, Norberto. *A sociedade e os indivíduos*, pp.102-125.

CAPÍTULO 1
O IMPÉRIO ROMANO ENTRE 54 E 117 d.C.
-- DE NERO A TRAJANO

1. NERO, VIDA E MORTE.

“Como, então, cada um por sua vez o apressasse instantemente a se furtar o mais cedo possível dos ultrajes que o ameaçavam, ordenou que se abrisse diante dele um buraco das dimensões do seu corpo e se lhe arranjassem ao mesmo tempo quantos pedaços de mármore pudessem ser encontrados e trouxessem água e lenha para as últimas homenagens ao seu cadáver. A cada um desses preparativos chorava e repetia: Que artista vai morrer comigo!”¹⁸

1.1 – Memória, Mito e História.

Nero julgava-se um artista e tinha o sonho de eternizar o seu nome e perpetuar a sua memória. Para Suetônio, era um sonho irrefletido¹⁹ e por isso acabou gerando a derrubada de Nero.

O desejo de perpetuar a própria memória levou Nero a mudar o nome do mês de abril para *mês de Nero*²⁰, reconstruir Roma em mármore após o incêndio, construir a *Domus Aurea* e a estátua do Colosso – erigida nas proximidades do local onde está o Coliseu – entre outras obras.

Carlo Ginzburg demonstrou que tais obras atuam como representações e têm o objetivo de sugerir a presença do imperador, funcionando como o seu duplo. Assim, mesmo após a morte do construtor, é como se houvesse dois corpos: um que está no túmulo e lá sobrevive como um deus, que é lembrado e ao qual são feitas oferendas; e o outro, que está presente no meio dos homens através das obras que o construtor deixou, ou ainda, através das suas imensas representações em forma de estátuas.²¹ A mesma visão é partilhada por Tzetan Todorov, porém este parece ampliar ainda mais o conceito acima ao declarar também as palavras como fatos e, logo, monumentos, memoriais, reconhecendo-os como apenas uma parte do passado.

“Os acontecimentos passados deixam dois tipos de rastros: uns chamados mnésicos, na mente dos seres humanos; os outros no mundo, sob a forma de fatos materiais -- uma marca, um vestígio, uma carta, um decreto (as palavras também são fatos). Esses diferentes rastros possuem

¹⁸ SUETÔNIO, *Vidas, Nero*, XLIX. O original latino da obra *Vida dos doze Césares*, de Suetônio foi extraído do site The Latin Library, cuja edição foi coordenada por Gyula Mayer, da Catholic University of Hungary, e extraída do Loeb Text, de J. C. Rolfe, de 1907. Para a tradução do texto latino contei com o apoio da tradução para a língua inglesa da Penguin Classics, de 1989, de Michael Grant e da edição em língua portuguesa da Atena Editora, 1956.

¹⁹ SUETÔNIO, *Vidas, Nero*, LV.

²⁰ SUETÔNIO, *Vidas, Nero*, LV.

²¹ GINZBURG, Carlo. Representações. in: *Olhos de Madeira*. pp. 85-103

vários traços em comum: primeiro, constituem apenas uma pequena parte dos eventos passados, ficando perdido o resto;²²

Antes da sua morte Nero foi declarado inimigo público²³ pelo Senado, e isto era um meio de se garantir que a sua memória fosse destruída, já que durante a administração desse imperador o Senado, e conseqüentemente o patriciado, foram relegados a um segundo plano. Mesmo assim, essa atitude não deu resultado pois, segundo o próprio Suetônio, “*não faltou quem adornasse durante muito tempo o seu túmulo com flores da primavera e do verão ou levasse aos Rostros as suas imagens, como se ele estivesse vivo e não demorasse a voltar, com grande dano para os seus inimigos.*”²⁴

A afirmação de Suetônio quanto à presença daqueles que adornaram o túmulo de Nero e o trataram como se estivesse prestes a retornar denota que a memória do imperador se perpetuou, e tanto isso é verdade que quase 50 anos depois da morte de Nero, numa época em que o regime e o poder dos Flavianos já haviam desaparecido, Tácito e Suetônio estavam escrevendo sobre Nero. Isto demonstra que a memória daquele imperador se perpetuara. Porém, estes autores – Tácito e Suetônio, cada qual segundo as suas intenções -- selecionaram os fatos sobre Nero que atendiam aos objetivos da sua obra e, assim, o Nero da História ficou sendo o vicioso, o não virtuoso, o monstro imperial, aquele que não deveria ser imitado.

Mikhail Bakhtin, na obra *Estética da criação verbal*, traçou o caminho desse processo de criação:

*“Quando o autor cria o herói e sua vida, é guiado pelos valores em que se inspira nessa vida; o autor, por princípio, não sabe mais que o herói e não dispõe de elementos excedentes e transcendentais para a criação que o próprio herói não possui em sua vida; em sua criação, somente continua o que é iniciado através da vida do herói. Não há oposição fundamental entre o ponto de vista estético e o ponto de vista a partir do qual a vida do herói é percebida: a biografia é sincrética. Tudo o que o autor vê em seu herói e quer para ele é o que este vê e quer em si mesmo e para si mesmo em sua vida.”*²⁵

²² TODOROV, Tzetan. *Memória do mal e tentação do bem. Indagações sobre o século XX*. p.142.

²³ SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, XLIX.

²⁴ SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, LVII.

²⁵ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*, p.177.

No conjunto de sua obra, verifica-se que Tácito exaltou primeiramente a figura de Agrícola²⁶, pois este representava o modelo do romano virtuoso a ser imitado; daí então descreveu a Germânia e apontou para o perigo que o *Comitatus* representava para o Império, já que aquele povo poderia vir a dominar Roma e descreveu também os costumes “bárbaros” daquele povo. Porém quando decidiu escrever sobre aquilo que devia ser evitado, ou seja, os comportamentos não virtuosos, a bajulação aos imperadores a que se submetia o Senado e a corrupção dos costumes, ele escolheu a forma de *Anais* e trabalhou com a era julio-claudiana. Depois, para retratar o período posterior, fê-lo em forma de pequenos relatos, na obra *Histórias*. No caso de Tácito, a própria escolha do estilo da obra a escrever já denota suas intenções, porém isto vai se tornando claro no decorrer do texto, à medida que ele revela os seus valores e crenças em contraposição aos fatos que apresenta. Aos poucos ele constrói o seu herói -- a República Romana -- e os seus anti-heróis, representantes da não-virtude e do vício, demonstrando assim o que quer para si mesmo e o que deve ser rejeitado.

A estrutura adotada para os *Anais* denuncia as intenções de Tácito pois, se observarmos, ele descreve rapidamente o governo de Otávio em seus momentos finais, na intenção de anunciar a ascensão de Tibério ao poder. Os Livros II a VI descrevem o governo de Tibério e a ascensão de Calígula. Vejo aqui uma forma de descrever como aos poucos foi se construindo o desregramento, ou como os valores republicanos, tão exaltados por Tácito, foram sendo abandonados e a virtude foi cedendo lugar ao desregramento. Infelizmente – pela ação do tempo ou talvez até por uma seleção medieval²⁷, o que também é possível – perderam-se os livros VII a X, que correspondem ao governo de Calígula e ao início do governo de Cláudio. Os livros XI e XII tratam do governo de Cláudio e já exaltam o poder de Agripina, além da ação bajuladora do Senado. O livro XIII prepara a ascensão de Nero ao poder, enquanto os livros XIV a XVI tratam do governo de

²⁶ Antes veio o diálogo *Oratoribus* que exaltava a questão da boa oratória em modelo ciceroniano e que, sem dúvida, valoriza também o bom cidadão e o modelo republicano que ele, Tácito, visava exaltar.

²⁷ A cópia que temos dos *Anais* foi-nos transmitida por um único manuscrito medieval do século XI encontrado na Abadia de Montecassino. Devo notar que a moral medieval pode ter selecionado os textos que, segundo a concepção daquele momento, serviam à edificação do homem.

Nero. Se levarmos em consideração que se perderam os livros correspondentes ao final do governo de Nero e à morte do imperador, e a possibilidade de que os *Anais* fossem compostos por dezoito livros, posso afirmar que o governo de Nero corresponde a cinco livros dos *Anais*, e mais o livro correspondente à sua ascensão, logo, seis livros. Se ainda levarmos em consideração que os livros XI e XII tratam das artimanhas de Agripina para favorecer Nero em detrimento de Britânico a fim de garantir a ascensão do filho ao poder, será preciso somar mais dois livros ao contexto da vida de Nero, logo, agora são oito livros. Quer dizer que os *Anais* podem ser assim divididos:

1ª parte – Fim do governo de Augusto, ou do período de domínio das virtudes e ascensão de Tibério, ou como as virtudes republicanas gradualmente foram cedendo lugar ao desregramento moral e político em Roma.

*“Com o transtorno do governo de Roma desapareceram todas as virtudes e costumes antigos. Perdida a igualdade, já se não atendia senão às vontades do príncipe: e, apesar disso, todos viviam satisfeitos com o presente, enquanto Augusto estava vigoroso, conservava a sua autoridade, a sua família e a paz.”*²⁸

2ª parte – ou Fase Intermediária – O avanço da loucura e do desregramento – apontando para as raízes do desrespeito para com o Senado em Calígula e de como o Senado permitiu isso através de uma atitude bajuladora. O governo de Calígula e de Cláudio.

*“Arrúncio, porém, respondeu aos seus amigos que lhe rogavam não se apressasse tanto em morrer: (...) ‘À vista de tudo isto, ele já estava adivinhando uma escravidão ainda mais funesta; e, portanto, só assim se poderia pôr a salvo do presente e do futuro.’ Acabando de proferir essas coisas como se fossem verdadeiras profecias, mandou abrir as veias, e o que depois foi acontecendo terrivelmente comprovou que Arrúncio fizera bem em se matar.”*²⁹

3ª parte – Na visão de Tácito, a loucura atingiu o ápice, o poder senatorial foi substituído pelo poder dos libertos, a justiça abandonada e o governo conduzido como uma grande pantomima. Trata-se do governo de Nero a quem, se

²⁸ Tácito, *Anais* I, 4. O original latino da obra *Anais* foi extraído do site The Latin Library, cuja edição foi coordenada por John W. Thomas e extraída da edição de Oxford, 1906. Para a tradução do texto latino contei com o apoio da tradução inglesa da Penguin Classics, 1996, de Michael Grant e da tradução para a língua portuguesa de J.L. Freires de Carvalho, publicada por W.M. Jackson Editores, 1950.

²⁹ TÁCITO, *Anais* VI, 48.

prestarmos atenção, veremos que Tácito dedica cerca de 45% dos *Anais*. Percentual grande para quem governou apenas 14 anos, porém coerente com os objetivos de Tácito que, como demonstrei, eram exaltar os ideais republicanos e demonstrar os comportamentos que não deveriam ser imitados, e ainda mostrar quem são os inimigos da República.

“Por tudo isto (Lépida) teve sentença de morte, apesar da vigorosa oposição de Narciso que, receando-se cada vez mais de Agripina, é fama constante, dissera aos seus amigos: (...) ‘Certamente ninguém podia duvidar que tal era a ambição que Agripina tinha de governar que não se lhe dava de sacrificar tudo, até a honra, o pudor, e o seu mesmo corpo, contanto que pudesse conseguir seus intentos.’”³⁰

“Assim a jovem infeliz (Otávia), nos seus vinte anos de idade, cercada por centuriões e soldados, e podendo-se já considerar morta, com as lembranças das desgraças que antevia, não podia contudo ainda gozar da paz da sepultura. (...) à sua morte seguiu-se ainda outra crueldade mais atroz: cortaram-lhe a cabeça, que foi levada a Roma para que Popéia a visse e examinasse. Por todas essas maravilhas decretaram-se oferendas para todos os templos; o que de propósito quero relatar para que aqueles que lerem os fatos deste tempo, escritos por mim ou por outros autores, saibam de uma vez que em todas as ocasiões em que o príncipe (Nero) ordenou assassínios ou desterros sempre se mandaram dar graças aos deuses, de maneira que aquilo que antigamente era um sinal de públicas fortunas só veio a ser depois símbolo de públicas desgraças. Contudo nunca deixarei ainda de referir qualquer outro senatus consultum que se fizer notável ou por alguma nova espécie de adulação, ou por algum exemplo de excessiva paciência.”³¹

O mesmo se deu com Suetônio que privilegiou o detalhe picante ou estranho da vida de cada um dos Doze Césares, retratando-os com malícia e algum exagero, como é o caso do incêndio de Roma, em que Nero aparece cantando a ruína de Ílion.

“Contemplava o incêndio do alto da torre de Mecenas, extasiado – confessava ele – com a beleza do fogo, e cantou vestido de sua roupa de teatro a ruína de Ílion. Com medo que lhe fugisse a oportunidade de pilhar e rapinar o mais possível, prometeu retirar gratuitamente os cadáveres e remover os escombros e não permitiu a ninguém se aproximar dos restos das suas propriedades destruídas.”³²

Assim, aquilo que em Tácito³³ era *um boato que se espalhou*, talvez uma forma de satirizar a figura de Nero e ativar a ira do povo contra o imperador, na obra de Suetônio transformou-se em afirmação aquinhoadada de dramaticidade e cuidado literário pois, de fato, o palácio de Mecenas, construído sobre o Esquilino

³⁰ TÁCITO, *Anais* XII, 65.

³¹ TÁCITO, *Anais*, XIV, 64.

³² SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, XXXVIII.

e ligado ao Palatino, não foi atingido pelo incêndio. Porém o relato de Suetônio também está em desacordo com o de Tácito porque, segundo os *Anais*³⁴, no momento do incêndio Nero encontrava-se em Ancio e só chegou a Roma quando o fogo já consumia o edifício que ele mandara construir para unir o palácio aos jardins de Mecenas.

O mesmo se deu com a tese do Nero incendiário, pois o que em Tácito era um boato infamatório³⁵, em Suetônio tornou-se afirmação:

*“Simulando descontentamento com a fealdade dos antigos edifícios, com a estreiteza e a tortuosidade das ruas, incendiou a cidade tão patentemente que a maior parte dos consulares não ousaram tocar nos escravos cubiculários, surpreendidos nas suas casas com estopas e tochas. Os celeiros situados em volta da Domus Aurea, cujos terrenos desejava vivamente possuir, foram demolidos e incendiados por máquinas de guerra porque eram construídos de pedra. O flagelo exerceu seu furor durante seis dias e sete noites.”*³⁶

Estava criado o mito do Nero incendiário, que se perpetuou através de outras obras e chegou aos nossos dias.

Porém devemos observar que Roma era uma cidade propensa a incêndios, terremotos e desabamentos pois ali a grandiosidade de *domus*, templos e prédios públicos convivia com os chamados *insulae* – prédios que em geral abrigavam atividades comerciais no andar térreo e quartos de aluguel nos andares superiores. Eram construções de madeira e chegavam a ter oito andares de altura. Por isso Juvenal escreveu:

*“Quero viver num lugar em que não haja incêndio, onde as noites se passem sem alarme. Ucalegon já reclama da água, já retira suas bugigangas; o terceiro andar já está em chamas, e tu não sabes de nada. Desde o andar térreo há pânico; o que vai assar por último é o locatário, que é protegido da chuva só pelo telhado, onde as pombas langorosas vêm pôr seus ovos.”*³⁷

A sátira de Juvenal encontra ressonância na realidade de Roma, sempre propensa a catástrofes como a do ano 64 d.C., sob o governo de Nero, e outras que advieram posteriormente.

³³ TÁCITO, *Anais*, XV, 33.

³⁴ TÁCITO, *Anais*, XV, 39.

³⁵ TÁCITO, *Anais*, XV, 44.

³⁶ SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, XXXVIII.

³⁷ JUVENAL, *Sátiras*, III, 190-203. Citado por J. COMBY E J-P. LEMONON, *Roma em face a Jerusalém*, pp. 75-76.

O incêndio do qual Suetônio acusa Nero não foi o primeiro nem o único, mas sim aquele que fixou o mito do Nero incendiário.

O quadro a seguir demonstra as catástrofes sofridas pelo povo de Roma entre os anos 6 e 54 d.C., ou seja, no período anterior a Nero.

Imperador	Data	Registro
Augusto	6 d.C.	Vários incêndios flagelaram a cidade em um breve período. Augusto criou uma Corporação de Bombeiros.
Tibério	27 d.C.	Um incêndio destruiu todo o bairro de Célio. Nesse mesmo ano ocorreu o desmoronamento de um anfiteatro deixando um saldo de 50.000 mortos e aleijados.
	36 d.C.	Catástrofes semelhantes arrasaram o Aventino e o bairro que ficava junto ao grande circo. Tibério destinou cem milhões de sestércios para reconstruir Célio.
Calígula	37 d. C.	Pouco depois de subir ao trono fez uma grande doação em dinheiro para reconstruir as casas destruídas em 36 d.C.
Cláudio	54 d.C.	Um grande incêndio arrasou o arrabalde do Campo de Marte. Para proteger os depósitos de cereais do porto de Óstia, Cláudio enviou uma coorte de bombeiros romanos. Motivo: evitar a queima do trigo e a conseqüente fome em Roma. Afirma-se que o próprio imperador dirigiu os trabalhos para debelar as chamas.

Diversos autores contemporâneos, entre os quais Massimo Fini, na obra *Nerone Duemila Anni di Calunnie*, e Eugen Cizek, em *La Roma di Nerone*, discordam dessa tese do Nero incendiário e apontam diversos argumentos para combatê-la.

Massimo Fini partiu das superstições romanas e da popularidade de Nero, que diminuía também como fruto do conflito aberto entre o imperador e o senado, a aristocracia e os intelectuais. O argumento de Fini é o seguinte:

“Mas o argumento definitivo é este: o último que podia ter interesse em uma catástrofe desse gênero era o próprio Nero. A plebe de Roma considerava o imperador como um tipo protegido dos céus, protetor divino da cidade, ao qual atribuía tudo aquilo de bem, mas também de mal que acontecia. Nero sabia muito bem que um acontecimento desse gênero seria de qualquer modo atribuído a ele. Como no mínimo sabia que se dizia que o imperador era portador de azar (Nota do autor: Os romanos, eu já disse, eram muito supersticiosos e por uma superstição, no ano 60, faltou pouco para que Nero perdesse o trono para Rubelio Plauto), ele sofreria – como de fato sofreu – uma forte diminuição de popularidade junto à plebe. A última coisa que Nero podia querer no ano 64, quando em ruptura aberta com o Senado, a aristocracia (e) os intelectuais, se apoiava agora somente sobre o favor do povo. Alienar-se também deste, por um capricho sem sentido e sem propósito, equivalia a um suicídio.”³⁸

Eugen Cizek preferiu apontar interesses políticos. Para ele, a acusação de incendiário impetrada a Nero é fruto dos interesses dos conspiradores, que se aproveitaram da fatalidade para divulgá-la. O historiador crê que o boato pode ter nascido entre os saqueadores e se espalhado, e que tenha sido reforçado depois de Subrio Flávio. Além disso, a reconstrução de Roma e a construção da *Domus Aurea*, com toda a sua suntuosidade, colaboraram para firmar a tese na mente popular.

“Foi indubitavelmente enquanto a cidade era presa das chamas que se espalhou a voz da culpabilidade do imperador. A oposição que preparava a conjura de Pisão tinha interesse nisto. Segundo Suetônio, da outra parte, os cônsules estão entre os primeiros acusadores e eles, como é conhecido, são freqüentemente inimigos de Nero. A medida tomada contra os cristãos, admitamos que no ano 64 não tinham eles estado presos, testemunha a preexistência dessa voz. A plebe, por sua vez, estava dividida. Um ano apenas após a catástrofe, Subrio Flávio definira Nero como incendiário. Alguns fatos tinham encorajado essa hipótese e contribuído para a formação de uma verdadeira e própria tradição oral: inicialmente, a suntuosa reconstrução da capital e a construção

³⁸ FINI, Massimo. *Nerone Duemila Anni di Calunnie*, p.166. “ma l’argomento definitivo è questo: l’ultimo ad avere interesse a una catastrofe del genere era proprio Nerone. La plebe di Roma considerava l’imperatore come una sorta di nume tutelare, di protettore quasi divino della città, al quale attribuiva tutto ciò che di bene, ma anche di male, vi accadeva. Fu proprio per questo che poté nascere la voce che Nerone era responsabile dell’incendio. Nerone sapeva benissimo che un avvenimento del genere gli sarebbe stato, in qualche modo, addebitato. Come minimo si sarebbe detto che l’imperatore portava sfortuna (Nota do autor: I romani, lo si è detto, erano molto superstiziosi e per una superstizione nel 60, mancò poco che Nerone perdesse il trono a favore di Rubelio Plauto) ed egli avrebbe avuto – come infatti ebbe – un grave calo di popolarità presso la plebe. L’ultima cosa che Nerone poteva volere nel 64 quando, in rotta aperta col Senato, l’aristocrazia, gli intellettuali, si appoggiava ormai solo sul favore del popolo. Alienarsi anche questo, per una bizzarria senza senso e senza scopo equivaleva a un suicidio.”

da Domus Aurea sobre as ruínas dos armazéns de grãos onde primeiro se manifestara o incêndio; depois, o fato de alguns incendiários terem percorrido realmente as ruas de Roma, alimentando o fogo, para poder dedicar-se mais facilmente ao saque. É possível que alguns, para se salvar da cólera da população e evitar serem detidos, tenham dito que Nero os havia mandado.”³⁹

Numa sucessão de deformações que nascem dos historiadores do passado vamos encontrar o mito de Nero como imperador louco, promíscuo, devasso, incendiário e perseguidor de judeus e cristãos.⁴⁰

Em função da perseguição aos cristãos, o mito Nero foi reforçado por mais um título, o de anticristo, relacionando-o com o livro do Apocalipse⁴¹

Ao buscarmos a origem do mito nos depararemos com as intrigas palacianas que recheiam a obra de Tácito e Suetônio, e também com os ódios do Senado diante do fato de Nero representar o imperador que deu poder aos libertos em detrimento do patriciado e da camada eqüestre. Surgem ainda múltiplas teorias para explicar o surgimento do mito e a deterioração das imagens dos imperadores e, de maneira especial, de alguns Césares, como é o caso de Nero. Régis F. Martin levanta a tese da megalomania e conseqüentemente do abuso de poder gerando desvios e paixões.

“Aimensidão desse poder pessoal explica como ele agiu enquanto revelador dos impulsos desses homens. O fato de deterem um poderio mundial influiu diretamente nas tendências à megalomania e à divinização. (...) O caráter francamente absoluto dessa monarquia sem controle por parte dos magistrados e senadores permitia que o imperador agisse em tudo como bem quisesse, e este único aspecto do poder podia gerar uma desordem profunda na vida pessoal e, com certeza, os excessos da tirania na vida política.

³⁹ CIZEK, Eugen. *La Roma di Nerone*, p.278. *“Fu indubbiamente mentre la città era ancora in preda alle fiamme che si sparse la voce della colpevolezza dell'imperatore. L'opposizione che preparava la congiura di Pisona aveva interesse in ciò. Secondo Svetonio, d'altra parte, i consolari sono fra i primi accusatori ed essi, come è noto, sono spesso nemici di Nerone. Le misure prese contro i cristiani, ammesso che nel 64 ne siano state prese, testimoniano la persistenza di questa voce. La plebe, dal canto suo, era divisa. Un anno appena dopo la catastrofe, Subrio Flavio avrebbe perfino definito Nerone un incendiario. Alcuni fatti hanno incoraggiato questa ipotesi e contribuito al formarsi di una vera e propria tradizione orale: innanzitutto la sontuosa ricostruzione della capitale e l'erezione della Domus Aurea sulle stesse rovine dei magazzini di grano ove per prima si era manifestato l'incendio; poi il fatto che alcuni incendiari avessero percorso realmente le vie di Roma, alimentando il fuoco per potersi dedicare più facilmente al saccheggio. È possibile che alcuni, per salvarsi dalla collera della popolazione ed evitare di essere arrestati, abbiano detto che li aveva mandati Nerone.”*

⁴⁰ MARTIN, Régis F. *Les Douze Césars*, p. 21.

⁴¹ SIMON, Marcel & BENOIT, André. *Judaísmo e Cristianismo Antigo, de Antíoco Epifânio a Constantino*, p.119; CORSINI, Eugênio. *O Apocalipse de São João*, p. 21; CIZEK, Eugen. *La Roma di Nerone*, p.15; MARTIN, Régis F. *Les Douze Césars*, p.20.

Em resumo, a diferença entre o ‘bom’ imperador e o ‘mau’ imperador dependia da capacidade de assumir essa moral do poder, de agir pelo bem de todos limitando suas paixões pessoais. (...) além mesmo dos prejudicados dos autores antigos, pode-se pensar que é na natureza excepcional desse poder que repousam certos aspectos essenciais do mito que cerca esses homens.”⁴²

Devo observar que ao procurar as origens do mito corremos o risco de cair no mero psicologismo ou na sacralização do dessacralizado, o que não é o objetivo deste trabalho. Por isso construirei a biografia de Nero buscando fugir a essa mitologização tão comum à literatura, ao cinema e ao senso comum.

1.2 – Lúcio Domicio Enobarco, ou somente Nero.

O objetivo deste trabalho não é reabilitar a imagem de Nero, como buscou fazer a *Société Internationale d’Etudes Néroniennes* da qual Eugen Cizek é membro fundador, ou como fizeram outros autores, biógrafos de Nero, como é o caso mais recente de Massimo Fini ou, antes, de Philipp Vandenberg, ou mesmo de David Shotter.

O meu objetivo, ao me predispor a estudar a figura de Nero, é observar como ele viu os cristãos no seu tempo e por que escolheu os cristãos como *supostos culpados*⁴³ – para usar a expressão de Tácito – para as perseguições empreendidas em 64 e 65 d.C.

Na minha visão, essa escolha se deu por motivos de ordem eminentemente política e porque os cristãos eram, naquele momento, o grupo que traria menos problemas a Nero. Por outro lado, o povo romano, assim como o próprio Nero, se agradava com jogos, lutas de gladiadores, e mesmo com espetáculos em que a pessoa precisava enfrentar feras para garantir a vida. O *panis et circences* sempre

⁴² MARTIN, Régis F. *Les Douze Césars*, pp. 45-46. “L’énormité de ce pouvoir personnel explique qu’il ait agi comme un révélateur des pulsions de ces hommes. La détention d’une puissance mondiale a influé directement sur des tendances à la mégalomanie et à la divinisation. (...) Le caractère franchement absolu de cette monarchie sans contrôle de la part des magistrats et des sénateurs permettait à l’empereur d’agir en tout comme il le voulait, et ce seul aspect du pouvoir pouvait générer un désordre profond dans la vie personnelle et, bien sûr, les excès de la tyrannie dans la vie politique.

Bref, la différence entre le ‘bon’ empereur et le ‘mauvais’ empereur tiendrait dans la capacité d’assumer cette morale du pouvoir, d’agir pour le bien de tous en limitant ses passions personnelles (...) au-delà même des partis pris des auteurs anciens, on peut penser que c’est dans la nature exceptionnelle de ce pouvoir que reposent certaines données essentielles du mythe qui entoure ces hommes.”

⁴³ em latim *subdidit reos*.

se apresentou como um bom instrumento para acalmar os ânimos da população e desviar-lhe a atenção das questões políticas e sociais que poderiam levá-la a questionar o poder, o regime, o governante, enfim, as estruturas do império, que são as que nos interessam neste trabalho.

A comunidade cristã em Roma, ao que se sabe, existe desde a década de 50 do século I d.C. Isto porque a Carta de Paulo aos Romanos foi escrita por volta do ano 57 e, segundo as palavras de Paulo, parece que havia uma comunidade organizada. Como apresentei, os cristãos representavam uma pequena parte da população de Roma, que na época era uma cidade inflada populacionalmente.

A insignificância política dos cristãos naquele momento é atestada pelo próprio Tácito e pela atenção a eles dispensada por este autor na obra *Anais*.

Tácito mencionou os cristãos no seu relato do incêndio de Roma no período de Nero. Porém, na sua obra, Tácito pretendia documentar a transformação da vida romana como resultado do estabelecimento do controle de uma única pessoa, o imperador. Ele refletia sobre os dias da República antes da ascensão de Augusto e queria mostrar que as sensibilidades morais dos líderes haviam sido enganadas pela nova forma de governo. O cristianismo não faz parte da história de Tácito. Desta maneira, exceto por uma referência em *Anais*, ele não demonstra interesse pelo novo movimento. Quando no livro ele se refere aos cristãos, não é por estar interessado no cristianismo como tal, nem porque visasse informar os leitores sobre a nova religião, como fez, por exemplo, na longa exposição sobre os judeus que apresenta em outra obra, *Histórias*⁴⁴, mas porque pretendia firmar uma opinião sobre a extensão da vaidade de Nero e a magnitude dos vícios e mostrar os crimes que Nero cometera contra o povo romano.

Com base no relato de Tácito da queima dos cristãos, a tradição cristã criou mais tarde um quadro fantástico da perseguição efetuada após o incêndio de Roma; porém o relato foi escrito quase 60 anos depois do incêndio e da punição dos cristãos; nele, a falta de detalhes do texto favoreceu a imaginação dos cristãos dos séculos posteriores.

⁴⁴ TÁCITO, *Histórias* V, 1-13.

O relato de Tácito nos fala mais sobre as atitudes romanas da sua época, início do século II, do que sobre as desgraças dos cristãos no período de Nero. Fica claro que este incidente é extrínseco ao principal interesse de Tácito.

A obra de Tácito foi escrita após a perseguição aos cristãos na Bitínia. E as cartas escritas por Plínio a Trajano, além de serem o primeiro documento pagão sobre os cristãos, certamente eram conhecidas de Tácito quando este escreveu os seus *Anais*. Porém, a impressão que tenho após a apreciação isotópica do texto de Tácito é que, ao apresentar os cristãos como *inimigos do gênero humano*⁴⁵, ele o faz para contrapor esta imagem à de Nero, para o qual usa o adjetivo *absumerentur* que se traduz por destruidor, devorador ou bárbaro. Ao fazer uso deste adjetivo, Tácito deixa clara a sua intenção de demonstrar que os crimes de Nero eram mais graves do que o crime dos cristãos, já que este estava destruindo a República, a dignidade e as virtudes associadas a essa forma de governo. A partir daí, Tácito não se referiu mais aos cristãos.

Creio que Suetônio, assim como Tácito, tinha conhecimento das cartas de Plínio o Jovem. Na sua obra, seguindo os trabalhos de seus antecessores – Plínio o Jovem e Tácito – e a visão de mundo romano que eles representavam, Suetônio identificou o cristianismo como uma superstição.

Segundo Suetônio, os cristãos eram uma “*genus hominum superstitionis novae ac maleficae*”⁴⁶, ou seja, uma espécie de homens afeitos a uma superstição nova e maléfica.

No sentido mais comum e familiar, a palavra *superstitio* se referia a convicções e práticas estrangeiras e estranhas aos romanos. O que era estrangeiro ou estranho era definido pela pessoa que fazia o julgamento; mas para um senador, ou para a classe governante romana, *superstitio* designava os tipos de práticas e convicções associadas aos cultos que haviam penetrado no mundo romano provenientes das terras vizinhas.

Os cristãos eram um corpo estranho e inassimilável pelos romanos porque se negavam à prática do culto cívico e também não eram assimilados pelos seus

⁴⁵ TÁCITO, *Anais*, XV, 44.

⁴⁶ *Vidas*, Nero, XVI.

pares, os judeus, porque seguiam um messias crucificado como herege a pedido da alta hierarquia judaica. Os cristãos eram uma superstição, uma associação ilegal, e assim se mantiveram até o século IV, quando ascenderam à condição de religião oficial. Porém, apesar de ilegais e inassimiláveis, eram com certeza menos violentos do que os seus pares, os judeus, que já começavam a se levantar contra o império.

Uma outra comprovação de que os cristãos não representavam perigo político para Nero é também o fato de que o imperador tinha como prisioneiras as duas principais vozes do cristianismo naquele momento, ou seja, Paulo e Pedro. Por seu lado, as cartas de Paulo foram escritas a partir da sua prisão, e quero crer que não deixavam Roma sem que o seu conteúdo fosse conhecido. Nelas, o próprio Paulo conclama os cristãos à obediência⁴⁷ e à subserviência aos seus senhores.

Os principais líderes do cristianismo estavam presos, e mesmo assim os cristãos não se manifestaram contra o império porque, nas palavras do próprio Paulo, “morrer é lucro”.⁴⁸

Se os cristãos não reagiram nem mesmo diante da prisão dos seus principais líderes, não representariam problemas para Nero porque, se para os cristãos havia lucro em morrer, para Nero haveria lucro político com a morte deles. Posteriormente retornarei a este assunto.

Passarei agora às questões relativas às políticas interna e externa do governo de Nero. As questões relativas à vida pessoal do imperador foram relatadas na cronologia e, se necessário, as retomarei no momento oportuno.

Com Nero chegou ao fim a dinastia julio-claudiana. Muitas vezes, o reinado de Nero é visto como o ápice da tirania, a degeneração final dos julio-claudianos, um período em que o mau gosto e a imoralidade estavam em ascensão.

Agripina planejara cuidadosamente a ascensão de Nero e Britânico ficara confinado ao segundo plano. Contudo, esperava-se que ele fosse herdeiro, em

⁴⁷ *Carta aos Efésios*, VI, 5. As citações dos textos do Novo Testamento Cristão são feitas seguindo a seguinte convenção: Capítulos são representados em algarismos romanos e os versículos em algarismos arábicos.

⁴⁸ *Carta aos Filipenses*, I, 21.

conjunto com o irmão adotivo, que também era seu cunhado. Com Agripina manejando o poder dentro da casa imperial, a posição de Britânico foi sempre frágil. Com a morte de Cláudio, o rival de Nero era uma ameaça mais realista. E quando Nero deixou o palácio imperial acompanhado por Burro e se dirigiu à coorte que ali fazia guarda, segundo Tácito por insinuações do prefeito, foi bem recebido com vivas e subiu à liteira em direção aos quartéis. Porém Tácito também alega que houve um momento de hesitação, um momento implícito, ou até mesmo explícito, em que se pediu por Britânico antes de Nero ser proclamado sozinho.⁴⁹

Nos quartéis, Nero foi aclamado imperador depois de prometer um donativo igual ao que Cláudio concedera quando ascendeu ao trono. Esse apoio era de suma importância e o Senado, por sua vez, confirmou a aclamação das tropas.

Burro, o único prefeito pretoriano e indicado por Agripina, garantiu o apoio dos pretorianos. O apoio do Senado foi obtido e mantido, pelo menos em parte, através dos discursos preparados por Sêneca (aparentemente) porém pronunciados por Nero.⁵⁰

Tácito atribuiu boa parte do sucesso de Nero em seus primeiros anos a Sêneca e a Burro, e a perda da influência destes dois é vista como levando diretamente à degeneração do regime de Nero.

Não se nega aqui a influência de Sêneca e Burro na administração de Nero, porém o estudo de James Scott demonstrou que pode ter havido uma predisposição de Tácito em silenciar Nero, na medida em que compõe a sua obra em *oratio recta* (discurso direto) e associa a inépcia oratória de Nero à sua imoralidade.

“No início dos livros de Nero, Tácito fala da instrução de Sêneca a Nero no que se refere à eloquência e às boas maneiras (13.2). Ao discutir as inseguranças devidas à inexperiência do jovem Nero, Tácito indiretamente apresenta vozes de cidadãos elogiando Sêneca por sua vasta experiência em assuntos públicos e o efeito positivo disto sobre Nero (13.6). Quando Sêneca pede para se afastar de Nero, o imperador o elogia muito pelo seu poder de expressão, tanto preparada quanto de improviso (14.55). Como não são as palavras exatas de Nero, ou seja, o veículo que permitia a Tácito explorar o sarcasmo e/ou a ignorância do imperador, mas sim “quase” (sic ferme) as suas palavras, parece então que o historiador provavelmente está sendo sincero no seu elogio

⁴⁹ TÁCITO, *Anais*, XII, 69.

⁵⁰ TÁCITO, *Anais*, XIII, 3

ao treinamento retórico que Sêneca deu a Nero. Finalmente, quando Tácito manifesta visão popular negativa em relação a Sêneca -- principalmente a de que o mestre está quase ultrapassando o aluno em arrogância, riqueza e frivolidade (14.52) --, ainda assim não nega a eloquência de Sêneca e o seu papel efetivo como tutor. Pode-se concluir que Tácito implicitamente confirmou a educação retórica de Nero, propiciada por Sêneca.

No entanto, ao retratar Nero como orador, Tácito arranhou o material de modo a associar a evidente inépcia oratória do imperador à sua imoralidade.”⁵¹

Isto reflete a visão de Tácito de que a perda ou a não aceitação da disciplina restringia as tendências morais. Assim, os primeiros sucessos de Nero não eram um traço do próprio caráter de Nero, mas sim um traço da administração competente de Nero por aqueles que o cercavam.⁵² No entanto, o surgimento de Sêneca e de Burro como importantes figuras é, em si, o elemento a sugerir que Nero pode ter tido agudo interesse nos desdobramentos políticos desde o início do seu reinado. Agripina preparara o caminho para Nero e fora a principal responsável pela sua ascensão, e há poucas dúvidas de que tanto Burro quanto Sêneca devessem a ela o seu próprio destaque. Mas, apesar dos votos iniciais de homenagens, do aparecimento de Agripina em moedas ao lado do filho, assim como o destaque do slogan “A melhor das mães”, ela logo perdeu a influência.⁵³

Um exemplo disso é que no início de 54 d.C., quando uma delegação da Armênia se apresentava perante o imperador, Agripina foi impedida de se reunir ao imperador no tribunal pela súbita descida de Nero.⁵⁴

⁵¹ SCOTT, James M. “The Rhetoric of Suppressed Speech: Tacitus’ Omission of direct discourse in his *Annales* as a technique in character denigration”. In: *The Ancient History Bulletin* 12.1-2, 1998, pp.13-14. “In the very beginning of the Nero books, Tacitus speaks of Seneca’s instruction to Nero in eloquence and good manners (13,2). In discussing the uncertainties regarding the youthful inexperience of Nero, Tacitus indirectly has the voices of some citizens praising Seneca for his wide experience in public affairs and the positive affect this has upon Nero (13,6). When Seneca requests retirement from Nero, the emperor gives high praise to Seneca for his powers of expression both prepared and impromptu (14,55). Since this is not a speech of Nero’s exact words, that is, the vehicle in which Tacitus could exploit Nero’s sarcasm or ignorance, but rather ‘almost’ (sic ferme) his exact words, it then seems that Tacitus is probably being sincere in his praise of Seneca’s rhetorical training upon Nero. Finally, when Tacitus expresses the popular and negative view toward Seneca – namely, that the teacher is about to surpass the student in arrogance, wealth, and frivolity (14,52) – even here there is no denial of Seneca’s eloquence and his effective role as a tutor. One must conclude that Tacitus has implicitly validated the rhetorical education of Nero as provided by Seneca.

However, portraying Nero as an orator, Tacitus has arranged his material so as to associate the emperor’s evident oratorical ineptitude with his immorality.”

⁵² TÁCITO, *Anais*, XIII, 2.

⁵³ TÁCITO, *Anais*, XIII, 2; SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, 9.

⁵⁴ TÁCITO, *Anais*, XIII, 5.

Nos primeiros anos, Nero jogou um sofisticado jogo político. Devia a sua posição à mãe e a Cláudio, e oficialmente homenageava a ambos. Cláudio foi deificado, para divertimento de muitos. Sêneca, ligado tão de perto à corte, produziu uma versão satírica, *Apocolocyntosis divi Claudii (Transformação do divino Cláudio em abóbora)*, na qual não apenas é rejeitada a condição divina de Cláudio, proposta por Augusto, mas também Cláudio é castigado pelos seus crimes e pela elevação dos libertos. O discurso de Nero no funeral de Cláudio, supostamente escrito pelo mesmo Sêneca, causou risos no Senado, segundo Tácito.⁵⁵

Apesar deste ato de deificação de Cláudio, Nero invocava o exemplo de Augusto, mais do que o de Cláudio, como sendo o seu ideal: foi a memória de Augusto que ele mencionou no seu primeiro discurso no Senado, como se fosse Augusto que privasse Cláudio da divindade; e foi na carruagem de Augusto que Nero fez sua entrada triunfal em Roma depois das vitórias na Grécia.⁵⁶ Nero realizou construções em escala muito maior do que qualquer dos seus antecessores, exceto Augusto. Tetranelo de Augusto através de Agripina, e bisneto da irmã de Augusto, Otávia, através do pai, Cn. Domício Enobarbo, essa associação com Augusto deu-lhe o direito de reivindicar o trono independentemente da sua adoção por Cláudio, distanciando-o da herança claudiana e também aumentando a sua condição em relação a Britânico. A associação a Augusto deve ter sido adequada a Nero em outros aspectos, uma vez que a sua subida ao trono aos 17 anos podia ser comparada à aceitação por Augusto do legado de César aos 19. Se o Divino Augusto pôde fazer isso, Nero também não seria excluído do poder com base na idade.

Voltando a Agripina, vemos que ela também foi fundamental à alegação dinástica de Nero, que precisava da mãe para dar ao regime um ar de legitimidade. Após consolidar os seus interesses ele se distanciou de Agripina, mesmo porque a ação desta junto ao filho, ou a idéia de uma mulher governando,

⁵⁵ TÁCITO, *Anais*, XIII, 2-3.

⁵⁶ SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, 25.

não era algo visto com bons olhos pelo Senado.⁵⁷ Prova disto são as palavras de Tácito e os boatos que diz ter ouvido de Clúvio, e as acusações que Nero faz à mãe após assassiná-la:

“...e pela sua cada vez mais ardente paixão por Popéia. Esta, desesperançada de se casar com o príncipe e do divórcio de Otávia enquanto vivesse Agripina, nunca perdia ocasião de criminal o César, e até de o meter algumas vezes a ridículo, chamando-o de pupilo que, sujeito aos caprichos da mãe, não só nem era imperador, mas nem mesmo tinha liberdade.”⁵⁸

“Conta Clúvio que Agripina, para conservar a sua autoridade, chegara a tal excesso de torpeza que até no meio do dia, quando Nero estava escandescido com as iguarias e com o vinho, por muitas vezes se apresentava diante do filho ébrio ricamente ataviada e já disposta para o incesto.”⁵⁹

“Acumulava-lhe acusações mais antigas, dizendo: ‘que sempre mostrara ardentes desejos de ter parte com ele no principado; que as cortes pretorianas lhe prestassem juramento de fidelidade; e que por esta mesma vergonha passasse o senado e o povo.’”⁶⁰

Todas as citações podem demonstrar que havia uma indisposição natural quanto à ação de governo exercida por Agripina junto a Nero e conseqüentemente isto se estendia também ao Senado Romano, onde se encontravam pessoas que a admiravam e a temiam, além de pessoas dispostas a tudo fazer para bajular o imperador. Tal situação ajudou ainda mais a diminuir a influência de Agripina sobre o filho.

Com os conselhos de Sêneca, Nero parece ter tentado conquistar o Senado nos primeiros anos. Deu ao Senado considerável liberdade e os senadores corresponderam com uma série de leis, principalmente de matérias administrativas.⁶¹ Também impediu a eclosão de distúrbios de facções que tanto arruinaram reinados anteriores. Aqueles que haviam sido inimigos de Agripina provavelmente se alegraram ao verem que ela aparentemente perdia a influência, e se deliciaram com o banimento de Palas, escravo liberto e defensor de Agripina.

⁵⁷ Sobre a ascensão e a queda do poder de Agripina em Roma durante o governo de Nero, ver CIZEK, Eugen. *La Roma di Nerone*, pp. 86-90.

⁵⁸ TÁCITO, *Anais*, XIV, 1.

⁵⁹ TÁCITO, *Anais*, XIV, 2.

⁶⁰ TÁCITO, *Anais*, XIV, 11.

⁶¹ TÁCITO, *Anais*, XIII, 5.

Em 55 morreu Britânico, supostamente envenenado por Nero. Essa morte não foi sutil, uma vez que ele foi envenenado à mesa de jantar do imperador⁶², mas não provocou qualquer mudança política. Nero manteve relacionamento razoável com o Senado. Embora a morte de Britânico significasse a brutalidade de Nero, o choque causado não foi tão grande.

Por seu lado, Nero continuou a eliminar disputas de facções, e pode ter havido tentativas no seio da corte imperial. Tácito registra acusações contra Agripina, Rubélio Plauto, Fausto Cornélio Sulla Félix e Burro.⁶³ Nenhum desses casos foi adiante. Nero manteve a corte e, juntos, evitaram conflitos mútuos e com o Senado. Entre os anos de 61 e 62 tiveram início os conflitos de Nero com elementos da aristocracia senatorial. Também a essa época a política de Nero mudara e a corte dos primeiros anos se desintegrara.

Observemos alguns fatos que cooperaram para o degradingolar das relações entre Nero e a aristocracia romana.

No ano 56 d.C., as orgias noturnas do grupo de Nero tornaram-se conhecidas. Ele costumava vaguear pelas ruas disfarçado, acompanhado de um grupo de amigos. O bando visitava tabernas e bordéis e se envolvia em distúrbios – uma investigação do lado mais desagradável de Roma à qual muitos jovens aristocratas de Roma se dedicavam desde a Última República. Numa dessas aventuras o grupo encontrou o senador Julio Montano, com a esposa e um grupo de escravos ou amigos de Montano. A esposa de Montano foi insultada e este reagiu, atacando o grupo. Aparentemente, Nero ficou ferido e precisou se esconder por alguns dias, devido às contusões. Nero quis deixar o incidente às escondidas, porém o senador escreveu uma nota pedindo desculpas ao imperador, tornando pública a ocorrência. Nero, então, não podia fingir que não estivera envolvido, nem manter a ilusão de que o disfarce enganara o senador Montano. Ao admitir saber o que tinha feito, Júlio Montano mudou a ofensa de ter criado embaraços para o imperador para a de ter cometido traição ao atacar conscientemente o imperador. Diante disso, Júlio Montano suicidou.⁶⁴

⁶² TÁCITO, *Anais*, XIII, 16-17.

⁶³ TÁCITO, *Anais*, XIII, 19-23.

⁶⁴ TÁCITO, *Anais*, XIII, 25.

No ano seguinte manifestou-se o interesse de Nero pelos jogos, com a construção do novo anfiteatro no Campo de Marte, embora só a partir de 59 d.C. Nero tenha explorado as oportunidades que os jogos e as exposições teatrais propiciavam para a sua publicidade pessoal, através de meios mais inovadores.

No mesmo ano de 57 d.C., Pomponia Grecina, esposa de Aulo Pláucio, o conquistador da Bretanha, foi acusada de superstições estrangeiras. Como Pláucio era muito importante e Grecina se aproveitara das suas ligações com a família imperial, isso poderia ser visto como um julgamento político. Mas Nero permitiu que o julgamento se realizasse num tribunal familiar, segundo o costume antigo.⁶⁵

A corrupção nos julgamentos aconteceu em vários níveis, e entre esses julgamentos um certo Cossuciano Capito foi condenado como corrupto e exilado.⁶⁶

Enquanto isso, nuvens de tempestade acumulavam-se pouco a pouco no cenário político de Nero. Suílio Rufo, que fora próximo de Messalina, foi julgado em 58 por uma antiga acusação de aceitar pagamento por serviços de advocacia o que, segundo a *Lei Cíncia*, era considerado uma forma de corrupção.⁶⁷ Ele respondeu com um ataque à corrupção de Sêneca, chamando o filósofo de adúltero e corruptor da sua família.⁶⁸ Logo surgiram também testemunhas para depor que Suílio, quando fora governador da Ásia, não só roubara os aliados como também enriquecera com o dinheiro público. Porém essas testemunhas pediram um ano para apresentar provas.⁶⁹ Como Suílio era considerado um dos melhores oradores da época, é provável que o impacto e os sentimentos talvez fossem reflexos autênticos do discurso.

Suílio e Cossuciano Capito representam o ressurgimento de velhas inimizades. Os ataques a esses homens eram anteriores -- datam do governo de Cláudio -- e ambos tinham ligações com Messalina.⁷⁰

⁶⁵ TACITO, *Anais*, XIII, 32.

⁶⁶ TÁCITO, *Anais*, XIII, 33.

⁶⁷ TÁCITO, *Anais*, XIII, 42.

⁶⁸ TACITO, *Anais*, XIII, 42.

⁶⁹ TÁCITO, *Anais*, XIII, 43.

⁷⁰ TÁCITO, *Anais*, XI, 6.

Também no ano de 58 d.C. Sabina Popéia entra no cenário da vida de Roma e de Nero.

Casada com um cavaleiro, Popéia desenvolveu um relacionamento ilícito com Oto, o futuro imperador, e um dos amigos próximos de Nero. Oto casou-se com Popéia e isso fez com que ela fosse para a corte imperial, onde se encontrou e se envolveu com Nero. De repente, Oto tornara-se inconveniente e foi despachado para a Lusitânia, que governou com certa habilidade. Mas Nero teve de enfrentar um problema. Estava casado com Otávia, já enfrentara a morte de Britânico, porém não poderia pagar o preço político da morte de Otávia. Outro empecilho era sua mãe, Agripina, que, como Tácito demonstra, desaprovava o relacionamento de Nero com Popéia.⁷¹

Para Agripina, Popéia representava uma ameaça à sua posição, e parece ter feito um esforço crescente para exercer influência sobre o filho. Nesse período a dupla foi acusada de incesto. Corria o ano de 59 d.C. e, como podemos perceber, o cenário político vai ficando cada vez mais confuso. Aos poucos, a corte de Nero se desfaz. Para ampliar a complexidade do quadro, nesse mesmo ano Nero decidiu assassinar a mãe, que para ele se tornara *persona non grata*, alguém que impedia a consecução dos seus interesses políticos e pessoais.

Os métodos de Nero são narrados por Tácito e Suetônio⁷² e a princípio foram teatrais, visando dar a impressão de um acidente. Mas todos falharam, e Nero mandou assassinar a mãe.

Suetônio afirma que circularam pela cidade numerosas sátiras em grego e em latim com críticas a Nero, principalmente após o incêndio de Roma. Menciona cinco, e em três Nero é identificado como parricida.⁷³

Tácito se admira que diante da clareza do crime, os senadores ainda tenham mandado celebrar as *Quinquatrus*, ou seja, festas em ação de graças a Minerva, fingindo aceitar a idéia de que de fato se havia descoberto uma conspiração.⁷⁴

⁷¹ TÁCITO, *Anais*, XIV, 2.

⁷² TÁCITO, *Anais* XIV, 4-9; SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, 34.

⁷³ SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, 39.

⁷⁴ TÁCITO, *Anais*, XIV, 12. “*Miro tamen certamine procerum decernuntur supplicationes apud omnia pulvinaria, utque Quinquatrus, quibus apertae insidiae essent...*”

Parece que Tácito crê que a morte de Agripina foi uma linha divisória no governo de Nero, porque descreve uma série de prodígios que sinalizam um período nefasto para Roma, que ele anuncia dizendo: *ut multos post[ea] annos Nero imperium et scelera continuaverit.*⁷⁵

Posso ver nisso que, por mais problemática que fosse a relação entre mãe e filho, na visão de Tácito a presença de Agripina ainda conseguia conter a criminalidade do imperador e que daí em diante nada poderia contê-lo.

Se pudermos comparar o mal-estar que o parricídio de Nero causou no historiador e atribuí-lo ao menos a uma parte dos romanos⁷⁶, especialmente àqueles que não são dados a bajular o imperador, poderemos visualizar a nuvem negra que já se instalara no céu da política neroniana.

Nero acreditava que saíra de uma crise, e por isso celebrava o triunfo em Roma. Porém Tácito o identifica *ac publici servitii victor*, ou seja, a um vencedor de um povo de escravos. Isto porque Nero saiu da crise com a posição política transformada. Fez vários inimigos, mas, estranhamente, o seu poder deve ter-lhe parecido ilusoriamente maior. Demonstrara que podia cometer o pior dos crimes e continuar no poder, embora tivesse poucas dúvidas quanto à atitude real dos senadores.

Nero fez algumas tentativas para reconquistar o apoio senatorial -- chamou de volta inimigos da mãe que estavam no exílio -- porém o seu relacionamento com o senado estava mudando.

Em 60, convidou Rubélio Plauto a se aposentar devido a um boato de que ele seria um possível rival do imperador.⁷⁷

No ano 61, escândalos envolvendo senadores, o assassinato de Pedânio Segundo por um escravo e os conflitos na Britânia povoam o quadro histórico de Roma. Observemos a questão da morte do prefeito Pedânio Segundo.

Em 57 o senado promulgara uma lei que decretava que se um senhor fosse morto pelos seus escravos, seriam mortos os libertos pela vontade do dono e que

⁷⁵ TÁCITO, *Anais*, XIV, 12. “Por muitos anos Nero continuou a governar criminosamente.”

⁷⁶ Tácito relata que mesmo Peto Traséia, homem afeito a adulações, não suportou o relato de Nero e as atitudes do Senado e mesmo correndo risco de vida, deixou a sessão.

⁷⁷ TÁCITO, *Anais*, XIV, 22.

pertenciam à casa.⁷⁸ Isso reforçava a lei que estabelecia que todos os escravos do domicílio de um senhor assassinado por um escravo seriam considerados culpados, e executados. Essa medida parece refletir uma preocupação geral com a disciplina dos criados nesse período, e também pode ser vista como uma proposta para limitar a independência dos libertos, rejeitada no Senado no ano anterior.⁷⁹ Em 61, L. Pedânio Segundo, antigo prefeito da cidade (antigo membro do senado), foi assassinado por um dos seus escravos. Segundo, dono de enorme propriedade, era conhecido pela severidade com que tratava os seus muitos escravos. Houve considerável simpatia pública e senatorial pelos escravos não diretamente envolvidos no assassinato e a população chegou a empunhar pedras e fazer ameaças de incêndios, porém todos foram repreendidos por Nero e o Senado resolveu aplicar a lei.

O imperador apoiou o Senado, já que o fato representava o rompimento da ordem natural, e o fato de um escravo matar um senhor deveria ser punido. Os pretorianos foram chamados para garantir a ordem pública quando os escravos foram mortos.⁸⁰

A morte de Burro aconteceu no ano 62 e as condições em que se deu deixaram margem para que surgissem suspeitas de envenenamento.⁸¹ Se nos fiarmos em Tácito, que desenhou Burro como figura chave, respeitada pelos pretorianos, veremos que Nero enfraqueceu mais uma vez, agora diante daqueles que podiam garantir a ascensão e a queda de imperadores: os pretorianos.

Sêneca pediu permissão para se aposentar⁸², alegando doença, e quis abrir mão da fortuna, o que foi recusado. A partir daí Nero estava livre, porém o que ele entendia ou interpretava como liberdade representava que se desfizera toda a corte que até então o sustentara na subida ao trono e no governo.

⁷⁸ TÁCITO, *Anais*, XIII, 32. Na verdade, a lei citada por Tácito é anterior a este período e provém do tempo de Augusto. Essa lei foi aplicada em diversas ocasiões, em casos iguais ou semelhantes.

⁷⁹ TÁCITO, *Anais*, XIII, 26-27.

⁸⁰ TÁCITO, *Anais*, XIV, 42-45.

⁸¹ TÁCITO, *Anais*, XIV, 51.

⁸² Tácito escreveu que *“com a morte de Burro diminuiu o valimento de Sêneca; e o partido da virtude deixou de ter a mesma autoridade, faltando-lhe já um de seus primeiros apoios, e inclinando-se Nero cada vez mais para os homens perversos.”* (*Anais*, XIV, 52)

A crise se complicou quando Nero decidiu divorciar-se de Otávia, mulher amada pelo povo e, como filha de Cláudio, digna representante de Augusto, a quem ele mesmo exaltara diversas vezes nos primeiros anos de governo. Aos poucos, a humilhação a que Otávia foi submetida afastou o povo do imperador.

Nero divorciou-se, acusando Otávia de infertilidade, porém não conseguiu se livrar dela facilmente. Multidões protestaram em defesa de Otávia e atacaram as imagens da sucessora, Popéia. Assim, Nero buscou uma acusação mais séria: os escravos de Otávia foram torturados para deles se obter uma confissão de adultério. Isso fracassou. Nero então apelou para Aniceto, que evitava se aproximar da corte desde a morte de Agripina, e o persuadiu a confessar o adultério, para depois exilá-lo na Sardenha.

Otávia foi enviada para a prisão na ilha de Pandatária e depois executada.⁸³

No mesmo ano houve outras mortes e acusações a senadores, entre os quais destaque Antístio Sosiano, acusado de lesa-majestade por Cossuciano Capiton, por haver composto uma sátira em versos sobre o príncipe, apresentando-a publicamente numa festa em casa de Ostório Escápula. O Senado decretou a pena máxima, ou seja, exclusão do cargo de pretor e condenação à morte. Peto Traséia interveio e, com palavras mansas, convenceu Nero e o Senado de que não convinha a um príncipe usar de tanto rigor. Conseguiu a comutação da pena em deportação, como ato de clemência do príncipe.⁸⁴ Também Fabrício Veiento sofreu condenação por um ataque literário contra Nero, intitulado *Codicilo*. Veiento foi banido da Itália e o seu livro queimado porém, segundo Tácito, isso aumentou a popularidade do livro, que foi lido enquanto durou a proibição.⁸⁵ (Tácito, *Anais*, XIV, 50).

O relato de Tácito para o caso de Antístio revela o quadro de disputas políticas que se instalou em Roma. Um senador é capaz de denunciar outro com o objetivo de garantir prestígio perante o príncipe. Adulação e bajulação da imagem do príncipe são a moeda de troca para garantir os interesses de alguém. Já o relato

⁸³ TÁCITO, *Anais*, XIV, 59-64.

⁸⁴ TÁCITO, *Anais*, XIV, 48-49.

⁸⁵ TÁCITO, *Anais*, XIV, 50.

do que aconteceu com Fabrício Veiento denota a ironia com que se tratavam, já naquele momento, as decisões de Nero e até do Senado.

Em alguns casos é melhor aceitar um crime que não se cometeu e assim merecer a falsa clemência do imperador e do Senado, a cair em desgraça com um ou com outro e acabar recebendo como paga a morte infamante. Mesmo assim, corria-se o risco de morrer no exílio, como nos casos de Otávia, de Fausto Cornélio Sulla Félix (exilado por participar de uma conspiração em 58) e de Rubélio Plauto, todos mortos no exílio.⁸⁶

A morte de Plauto, como outras, não foi marcada pelo segredo. Assim, mais sangue foi derramado. Domícia Lépidia, tia de Nero, e os libertos Palas e Doríforo também foram mortos e, segundo Tácito, os motivos que levaram à morte dos dois últimos foram que Palas era muito velho e rico e Doríforo porque se opôs ao casamento de Nero com Popéia.⁸⁷

Seguiu-se ainda a misteriosa acusação contra Sêneca e L. Calpúrnio Pisão. Tácito diz que aí nasceram os medos de Pisão que deram origem à desgraçada conspiração.⁸⁸

Esse contexto de denúncias e derramamento de sangue demonstra mudança na atmosfera. A velha aliança entre Burro e Sêneca fracassara em obter o apoio do Senado e Nero mudara de atitude diante da política e do Estado.

O próprio Peto Traséia que, como vimos, defendera Antístio e lhe conseguira a comutação da pena, passou a ser visto como uma espécie de não amigo do imperador; e em 66 foi julgado e condenado pelo Senado. Traséia ficou marcado como não amigo do imperador em 63. Essa exclusão do favor imperial era sinal de que viria uma grande ameaça. No entanto, Traséia sobreviveu até 66. Foi julgado no Senado, embora a sua atitude geral em relação ao imperador pareça ter sido a questão, e não qualquer conspiração específica. Cossuciano Capito acusou-o de não honrar a César nem aos talentos do imperador e de desprezar a divindade de Popéia. Na verdade, tudo não passou de um revide, pois antes Traséia acusara Capito de corrupção.

⁸⁶ TÁCITO, *Anais*, XIV, 57-59.

⁸⁷ TÁCITO, *Anais*, XIV, 65.

⁸⁸ *Ibid.*

Aparentemente, Traséia debateu com os amigos se deveria se opor ao julgamento, porém juntos decidiram que tal oposição seria inútil e só dignificaria os procedimentos. L. Junio Aruleno Rústico, tribuno à época, ofereceu-se para vetar o julgamento, o que de certa maneira poderia causar uma crise ainda maior.

Quando o veredicto foi anunciado, Traséia se matou, instruindo a esposa a continuar vivendo, pelo bem da filha de ambos.⁸⁹

A corte mudou. Burro foi substituído como prefeito pretoriano por Fenio Rufo, que era estimado pelo povo pela sua inteireza na administração dos víveres, e por Sofônio Tigelino.⁹⁰

Cossuciano Capito era genro de Tigelino. Juntos conduziram os julgamentos políticos de Nero. Ambos haviam sido previamente exilados pelo Senado e tinham muitos inimigos. A sua proeminência fez com que muitos temessem perder a vida e a liberdade.

Na vida pessoal, Otávia foi substituída por Popéia Sabina. Nero cercou-se de um grupo de pessoas de condição social relativamente inferior: libertos e atores.

O tribunal não tentou mais se reconciliar com o Senado mas, em vez disso, buscou novos meios de demonstrar poder e de representar a grandeza da sua figura central. Nero começou a fazer uso mais direto do próprio poder, um poder que ficara claro com a morte de Agripina. Cada vez mais, Senado e Nero rompiam os precedentes estabelecidos e transgrediam leis morais e políticas. Com isso, estabeleceram a notória atmosfera de endeusamento artístico e de lassidão moral que caracterizou o reinado de Nero.

Economicamente, Nero parece não ter sabido administrar o tesouro romano e realizou gastos excessivos com festas, jogos e doações, pois *achava que as riquezas e o dinheiro só serviam para serem gastos e considerava sórdidos e avaros os que faziam contas dos seus gastos.*⁹¹ Tal situação traria alguns problemas, principalmente a partir de 64, quando ocorreu o grande incêndio de Roma.

⁸⁹ TÁCITO, *Anais*, XVI, 21-35.

⁹⁰ TÁCITO, *Anais*, XIV, 51.

⁹¹ SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, 30.

Em 64-65 d.C., época de contenção financeira em decorrência dos gastos que se seguiram ao incêndio de Roma⁹², a cunhagem de moedas foi reformada. Os fabricantes de dinheiro, artisticamente bem sucedidos no tempo de Nero, começaram a fabricar, com cada barra de uma libra de ouro, entre 5 e 12% a mais de moedas, e 14% a mais de moedas com cada barra de uma libra de prata. Parece que a receita oriunda das propriedades imperiais e dos impostos era insuficiente para atender às demandas de gastos e o único meio de enfrentar essa escassez era produzir mais moedas com as que entravam. Nero também começou a emitir moedas de valor mais baixo, talvez porque não conseguisse reunir barras suficientes para atender às suas necessidades. A curto prazo, essa redução do conteúdo de metal provavelmente teve efeitos econômicos apenas limitados, mas atenuaria uma queda na taxaço. Essa crise fiscal deve ter encorajado os agentes imperiais a pressionar as províncias com vistas à obtenção de novas receitas. A taxaço foi um problema na Judéia, onde as demandas financeiras do governador provocaram a faísca que eclodiu na revolta de 66-70 d.C. e que pode ter contribuído substancialmente para desestabilizar o regime de Nero em outras províncias.⁹³

Se, como vimos, Nero não continha os seus gatos, não se deteve diante dos planos de reconstruir Roma e de erigir a *Domus Aurea*.

Para reconstruir Roma, Nero introduziu uma série de regras de construção: a) a altura dos prédios foi limitada e o afastamento entre eles regulamentado para impedir que o fogo se alastrasse fácil e rapidamente de um prédio a outro; b) o plano das ruas deve ter sido reorganizado para produzir ruas mais amplas e menos becos, o que desencorajaria também a propagação do fogo e ajudaria no combate aos incêndios; c) criou o cargo de inspetores a fim de garantir a distribuição e a aplicação de recursos na reconstrução das casas; d) chegou a oferecer prêmios a quem reconstruísse suas casas rapidamente.⁹⁴ Ainda assim,

⁹² Em 64, um incêndio varreu boa parte de Roma. Só quatro dos 14 distritos sobreviveram mais ou menos intactos, enquanto sete foram muito atingidos e três destruídos.

⁹³ ALSTON, Richard. *Aspects of Roman History A.D. 14-117*, p.121.

⁹⁴ TÁCITO, *Anais*, XV, 38-43; SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, 16.

parece que a suntuosidade da *Domus Aurea* não agradou ao povo nem ao Senado.

A Casa Dourada de Nero foi uma enorme construção que unia os montes Palatino e Esquilino. O vestíbulo era de tamanho suficiente para acomodar uma estátua de Nero, de 120 pés de altura. A entrada do palácio era uma colunata tripla que se estendia por uma milha. Havia enormes jardins ligados à casa, inclusive vinhedos, bosques e pastagens, todos providos de animais apropriados; em volta de um lago, modelos de prédios. Havia aposentos de imenso luxo: uma sala de jantar com teto de marfim, outra cujo teto se abria. Os banhos eram abastecidos com água do mar e água sulfurosa. Era um monumento fantástico: o luxo exagerado demonstrava a riqueza, a construção transformava o monumento no próprio domínio de Nero sobre a cidade de Roma e os jardins traziam para o interior do palácio a natureza, a Itália, o campo -- uma representação do mundo dentro de uma cidade, e tudo supervisionado pela imponente presença de Nero.⁹⁵

A *Domus Aurea* constituía a representação física do mundo de Nero, da maneira como o imperador enxergava o mundo ao seu redor; era o seu duplo, aquilo que lhe perpetuaria o nome para a eternidade. A casa de Nero era a expressão pública do seu poder, a verdadeira morada de um deus.

“Por um lado, a ‘representação’ faz as vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e portanto, sugere a presença. Mas a contraposição poderia ser facilmente invertida: no primeiro caso, a representação é presente, ainda que como sucedâneo: no segundo, ela acaba remetendo, por contraste, à realidade que pretende representar.”⁹⁶

O escritor Petrônio⁹⁷ (Tácito, *Anais*, XVI, 17-21) ficou por um breve período perto do centro da corte até se tornar outra vítima da conspiração de Pisão. A sofisticação do *Satiricon*, em que um luxuoso banquete é satirizado e as

⁹⁵ TÁCITO, *Anais*, XV 42-43; SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, 31; VANDENBERG, Philipp. *Nero*, pp.178-180; CIZEK, Eugen. *La Roma di Nerone*, pp. 113-117; Relatórios sobre a restauração da Domus Aurea, colhidos na Internet; BALL, Larry F. *Archeology's Guide to the Domus Aurea*. New York: Archeological Institute of America, 2002.

⁹⁶ CHARTIER, Roger. “Le Monde comme représentation” , in: *Annales ESC*, 1989, n.6, pp.1514-15. Citado por GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira*, p.85.

⁹⁷ TÁCITO, *Anais*, XVI, 17-21.

capacidades artísticas e sexuais dos anti-heróis são subvertidas, sugere que o reinado de Nero não foi apenas uma consumação conspícua, mas sim uma demonstração de refinamento aparente.

A Conspiração de Pisão foi uma das conspirações que eclodiram no governo de Nero – a segunda foi a Conspiração Vinicianiana. Observemos então a ocorrência de ambas.

Em 65 descobriu-se a conspiração de Caio Pisão, descendente dos Calpúrnios, orador aristocrata que obtivera fama e popularidade nos tribunais de justiça.

A descrição de Tácito para Caio Pisão é grave e denota a visão do historiador sobre aquele período da história romana:

“...O fato é que empregava a sua eloquência em defender os cidadãos, era liberal com seus amigos, e até mui polido e afável com os estranhos. Não lhe faltavam também os dons da fortuna, como um corpo alto (esguio) e uma bela figura, mas desmerecia pela sua pouca gravidade e excessivo amor aos prazeres, porque se dava muito à moleza e ao fausto, que muitas vezes degeneravam em verdadeira dissolução. Porém isto mesmo era o que mais agradava à multidão que, estando já afeita a uma grande devassidão de costumes, não se podia acomodar com um governo que tivesse demasiada austeridade.”⁹⁸

Mesmo não sendo Caio Pisão um julio-claudiano, o objetivo da conspiração era livrar o estado romano de Nero e colocar Pisão no trono. Isto porque todos os conspirados queriam vingar injúrias cometidas por Nero e desafetos gerados pelas atitudes do imperador, como foi o caso de Lucano Aneu, que foi proibido por Nero de publicar suas obras poéticas em função do medo do imperador de que Lucano viesse a ofuscar os seus próprios talentos poéticos.⁹⁹

Pisão queria que a morte de Nero fosse realizada de tal modo que o poder passasse suavemente para as suas mãos. Alguns sugeriram matar Nero quando ele estivesse em Baías, na *villa* de Pisão, quando estivesse no banho ou à mesa, pois nestas ocasiões estava sempre sem os guardas, porém Caio Pisão alegou

⁹⁸ TÁCITO, *Anais*, XV, 48. *“...namque facundiam tuendis civibus exercebat, largitionem adversum amicos, et ignotis quoque comi sermone et congressu; aderant etiam fortuita, corpus procerum, decora facies; sed procul gravitas morum aut vuloptatum persimonia: levitati ac magnificentiae et aliquando luxu indulgebat. idque pluribus probabatur, qui in tanta vitiorum dulcedine summum imperium non restrictum nec praeseverum volunt.”*

⁹⁹ TÁCITO, *Anais*, XV, 49.

que não seria conveniente ensangüentar a mesa e os deuses da hospitalidade com um assassinato, sendo melhor realizá-lo *in illa invisá et spoliis civium exstructa domo*, ou seja, no palácio edificado às custas da espoliação do povo.¹⁰⁰

A afirmação de Pisão, citada por Tácito, dá-nos uma visão clara de como a aristocracia romana encarou as reformas de Nero e a construção da *Domus Aurea*. Para os aristocratas, o palácio de Nero era somente o fruto da espoliação e, como tal, uma construção execrável. Daí porque devia o seu construtor morrer dentro da sua execrável obra, a fim de que estivessem unidos em um só lugar o mal e a maldade.¹⁰¹

Depois de muita discussão, resolveram executar Nero durante os jogos do circo, no dia em que se celebrava a festividade de Ceres, ou seja, 19 de abril, porque o imperador, que raras vezes saía e se conservava sempre encerrado no seu palácio e nos seus jardins, ia constantemente aos espetáculos do circo, o que tornaria possível realizar os intentos dos conspiradores.¹⁰²

Pela sua natureza política, a conspiração de Pisão envolveu significativa proporção da classe política romana¹⁰³ porém, também por isso, os vazamentos de informação foram inevitáveis.

Em *Anais*, Tácito relata que Cevino pediu a honra de dar o primeiro golpe em Nero, pois possuía um punhal que tirara do templo da *deusa Sallus, na Etrúria, ou, como dizem outros, do templo da Fortuna, em Ferento*, porém esse nobre romano agiu com tal descuido que, estando enferrujado o punhal, deu-o a um seu liberto, Milicho, para que o mandasse afiar, recomendando que o deixasse com a ponta bem afiada. O liberto Milicho não tardou a procurar Nero e contar-lhe que corria perigo de vida, o que levou à imediata prisão de Cevino. Não se obtiveram evidências conclusivas mas, mesmo assim, daí em diante Nero iniciou a devassa da conspiração.

¹⁰⁰ TÁCITO, *Anais*, XV, 52.

¹⁰¹ Eximo-me aqui de qualquer juízo de valor; busco apenas interpretar a questão a partir das informações de Tácito e, assim, pensar como poderiam ter pensado os conspiradores naquele momento.

¹⁰² TÁCITO, *Anais*, XV, 53.

¹⁰³ TÁCITO, *Anais*, XV, 54.

O imperador lembrou-se que uma liberta chamada Epicaris fora presa por uma denúncia de Volúcio Próculo e resolveu torturá-la para arrancar alguma informação sobre a conspiração, mas isso não deu resultado positivo para Nero porque, apesar de todos os tormentos sofridos, a mulher guardou fidelidade àqueles homens – os conspiradores – que lhe eram estranhos ou que pelo menos conhecia pouco.¹⁰⁴

Denunciada a conspiração, muitos aconselharam Pisão a agir de imediato, porém ele, amedrontado, abriu as veias, deixando antes um testamento cheio de adulações a Nero.¹⁰⁵

Depois, Antônio Natal foi sondado e denunciou uma suposta conferência que tivera com Sêneca quando este estava doente e Natal fora visitá-lo. Nessa conferência, Sêneca teria dito que a segurança de ambos dependia da segurança de Pisão. Os pretorianos foram imediatamente enviados a Campânia, onde Sêneca se encontrava. Este, por seu lado, defendeu-se sem manifestar medo ou pavor. Em resposta, Sêneca deixara claro que nunca fora um adulator de Nero e sempre se portara como homem livre e não como escravo.

A resposta de Sêneca não agradou a Nero, que mandou de volta o tribuno a fim de comunicar a Sêneca o seu desejo de que o filósofo buscasse a morte voluntária. Sêneca, após pedir que o deixassem terminar o seu testamento, cumpriu a vontade do imperador.¹⁰⁶

A devassa continuava, porém havia entre os conjurados aquele que era cúmplice e juiz, Fênio Rufo, que durante o interrogatório e a tortura de Cevino foi denunciado por este e depois todos os outros passaram a denunciar também Fênio Rufo, levando-o à prisão.¹⁰⁷

Aos poucos os envolvidos foram cercados para serem executados ou exilados. Tácito diz que essa conspiração fora fabricada para possibilitar a Nero se livrar dos inimigos, mas o próprio Nero publicou as confissões e os envolvidos

¹⁰⁴ TÁCITO, *Anais*, XV, 54-57.

¹⁰⁵ TÁCITO, *Anais*, XV,

¹⁰⁶ TÁCITO, *Anais*, XV, 61.

¹⁰⁷ *Ibid.*

confirmaram os detalhes da conspiração quando retornaram do exílio depois da morte de Nero.

Muitos dos envolvidos são apenas nomes citados por Tácito e dos quais não temos informações. Havia senadores e cavaleiros, muitos oficiais importantes da guarda, como Fênio Rufo. Entre outros, também foram implicados os tribunos Pompéio, Cornélio, Marcial, Flávio Nepos e Estácio Domício, que perderam os seus postos.

À medida que aumentava o número de envolvidos diretamente na conspiração, também foi ficando claro que entre eles estavam até pessoas próximas ao imperador, e cada vez mais a aristocracia romana se tornou “culpada por associação”, devido aos vínculos de amizade ou de família com conspiradores ativos. Nero também atingiu homens com pouco ou nenhum envolvimento com a conspiração. Um deles foi Rufo Crispino, morto porque se casara com Popéia.

O filósofo Rufo Musônio foi exilado, pois suas aulas de filosofia excitavam a emulação da mocidade romana. Também Nônio Prisco foi exilado por ter sido amigo de Sêneca.

A Conspiração de Pisão foi devassada, porém a ferida aberta por Nero no corpo da aristocracia romana não se fecharia. Mesmo diante das demonstrações públicas a seu favor, ocorridas quando da realização das Nerônias¹⁰⁸ daquele ano, 65, Nero via no Senado o seu grande rival e as boas relações não mais seriam reatadas.

Seguiram-se desterros, como os de Cássio, sua esposa Lépidia e Silano, seu sobrinho. Também se seguiram mais mortes, como as de L. Veto, Sextia, sua sogra, e Polúcia, sua filha. Na verdade, todos os crimes alegados para esses cidadãos eram fruto de frívolas e falsas acusações colhidas a partir de denúncias de libertos.¹⁰⁹

Cada exílio ou morte fazia com que os amigos e a família do morto temessem pela própria segurança e fossem postos sob suspeita. A escala da

¹⁰⁸ TÁCITO, *Anais*, XVI, 4.

¹⁰⁹ TÁCITO, *Anais*, XVI, 8-10.

conspiração e a extensão das mortes são testemunhos da rapidez com que se desintegrava a posição política de Nero.

Nero encontrou outro meio de demonstrar a sua magnificência: abril, maio e junho foram renomeados para mês de Nero, mês de Cláudio e mês de Germânico, respectivamente.¹¹⁰ Agora a permanência da dinastia imperial se construía no calendário, simbolizando a ordem natural das coisas, uma vez que desde março (que tinha esse nome em homenagem ao deus Marte, ancestral divino dos Julianos), os cinco meses seguintes refletiam a nomenclatura da família imperial.¹¹¹

Em 66-67 seguiu-se a Conspiração Viniciano, da qual não possuímos muitas informações, pois se perdeu a parte final dos *Anais* de Tácito; e Suetônio, como discuti anteriormente, apenas a menciona, ao escrever a *Vida de Nero*, dizendo que ocorreu em Benevento, cidade ao sul da Itália, numa região erma e montanhosa entre Caserta, Avelino e Pompéia, perto de Nápoles, no caminho que conduz à Grécia. Ali os conspiradores planejavam assassinar Nero.¹¹² Por isso, dada a falta de informações, fio-me em Eugen Cizek¹¹³ para descrever essa conspiração.

Segundo Cizek, a conspiração é muito semelhante à de Pisão e o objetivo dos conjurados era colocar no poder do império o general Gneo Domício Corbulão.

A chamada Conspiração de Viniciano envolveu os mais diversos interesses e ódios, porém pecou por não possuir um plano de ação. O que de concreto havia era que já naquele momento Nero vivia amedrontado ante a possibilidade de conspirarem contra a sua vida. E não podia ser diferente porque a ameaça tornara-se dupla, uma vez que os generais eram recrutados nas fileiras do Senado e, mesmo quando estavam em combate fora de Roma, seus amigos permaneciam na cidade.

¹¹⁰ TÁCITO, *Anais*, XVI, 12; SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, 55.

¹¹¹ ALSTON, Richard. *Aspects of Roman History, A.D. 14-117*, p.135.

¹¹² CIZEK, Eugen. *La Roma di Nerone*, p.243.

¹¹³ CIZEK, Eugen, op. cit., pp. 240-244.

Enquanto comandavam as tropas, os generais poderiam revoltar-se contra o imperador e iniciar uma guerra civil, ou mesmo tramar a morte do imperador. Por isso Nero, em conflito com a aristocracia, duvidava da lealdade dos generais.

Corbulão era enérgico e disciplinado, com fortes ligações em toda a aristocracia romana; realizara brilhante carreira comandando os exércitos na Germânia Inferior e depois no Oriente. Após doze anos de campanhas era a pessoa viva mais importante da aristocracia romana no momento, e suas relações abrangiam os inimigos de Nero.

Corbulão era genro de Cássio Longino, que fora exilado em 65; o seu sobrinho Salvidieno Orfito teve ligações com a Conspiração de Pisão; Ânio Polione, casado com Servília, filha de Sorano, e que se encontrava no exílio, era irmão do seu genro. Teve ainda ligações com Traséia, que se suicidou, e com Musônio, exilado sob a acusação de emular a mocidade romana.

Parece que a Conspiração envolveu pessoas dentro e fora de Roma, porque também estavam implicados os governadores das duas Germânicas, os irmãos Escribonianos, como os intitula Tácito.¹¹⁴

Escribônio Rufo e Escribônio Próculo, governadores da Germânia Superior e da Germânia Inferior, foram envolvidos porque, para os conjurados, o seu apoio era importante até mesmo para conquistar o próprio Corbulão, que até então aguardava a chegada do genro a Roma.

Ânio Viniciano, que deu nome à conspiração, interessava-se pela ascensão do sogro Corbulão ao trono porque, como o general não tinha filhos do sexo masculino, ele se tornaria herdeiro natural porque também era aparentado com os julio-claudianos, pertencendo à família de Marcus Vinicius, marido de Júlia Lívia, filha de Germânico e sobrinha de Calígula.

Por muito tempo Viniciano serviu com Corbulão no Oriente e chegou a Roma no início de 66, escoltando Tirídates, que depois se tornaria rei da Armênia.

Diante do quadro que se formara, os medos de Nero aumentaram ainda mais e, enquanto preparava a sua viagem à Grécia, deve ter se espalhado o

¹¹⁴ TÁCITO, *Anais*, XIII, 48.

rumor de uma nova conspiração. Assim, analisando a situação, Nero mandou convocar Viniciano para acompanhá-lo na viagem à Grécia.

Ainda às portas de Roma, a polícia de Tigelino e Ninfídio Sabino segue Viniciano, que sente a necessidade de agir. Porém, assim que a comitiva de Nero partiu em viagem, Viniciano e outros envolvidos foram aprisionados e mortos. Informado de tudo, Nero tomou medidas severas: primeiramente, chamou Corbulão à Grécia, tratando-o na carta como seu pai e benfeitor. Porém, mal o general desembarcou na Grécia, recebeu ordem para suicidar-se. Também os irmãos Escribonianos foram chamados à Grécia e ordenados a suicidar-se.

Em Roma, sob as ordens do liberto Élio, foram mortos e ordenados a suicidar-se Marco Licino Crasso Frugi, que fora cônsul em 64, Quinto Sulpício Camerico, que fora procônsul da África, e também seu filho.

Quanto a Nero, o seu ódio para com o Senado e a aristocracia romana só aumentava a cada dia, porém o caminho inverso também era verdadeiro.

Durante o governo de Nero quatro questões marcaram as relações exteriores: a Armênia e a Pártia, a Judéia e a Germânia. Passemos então ao relato destas questões.

Começemos pela Armênia e a Pártia, cuja ação de pacificação devem ser atribuídas a Corbulão.

Como vimos, Corbulão fora um dos principais generais romanos daquele momento. Antes de Nero, ele fora chamado por Cláudio a Roma, depois de uma série de campanhas na Germânia.

Em 54 os partos adotaram uma política mais intervencionista na Armênia, embora impedidos de obter ganhos significativos devido a dificuldades internas. Corbulão foi enviado à Armênia como precaução contra a retomada das hostilidades.¹¹⁵ A Armênia era o campo de enfrentamento entre a Pártia e Roma e, por isso, cenário de muitos conflitos. Ambos os estados reivindicavam autoridade sobre a região, fazendo da Armênia um constante campo de batalha onde partos e romanos testavam suas forças.

¹¹⁵ TÁCITO, *Anais*, XIII, 6.

Corbulão reuniu as tropas e trabalhou de perto com o governador da Síria. Uma guerra aberta fora retardada até 58, quando a Armênia foi invadida e tomada pelos partos.¹¹⁶ Corbulão invadiu e conduziu longa campanha, sem chegar a uma batalha decisiva. Contudo, conseguiu capturar e destruir a capital da Armênia, Artáxatos, e expulsar os partos da Armênia.

As campanhas continuaram até 60, com significativas vitórias romanas na Armênia e nos territórios vizinhos. Os romanos tinham condições de impor o próprio candidato ao trono e garantir a área sob controle romano¹¹⁷ O governador da Síria morreu e Corbulão concentrou as tropas na região sob seu comando. No entanto, entre os anos de 61 e 62 a guerra irrompeu com intensidade renovada. Na ocasião, Corbulão passara o controle da Armênia para um novo governador, Cesênio Peto, que continuava governando a Síria.¹¹⁸ A principal ação ocorrera na fronteira entre Síria e Pártia e embora Corbulão não tenha levado os partos a uma batalha decisiva, quase impossível devido à mobilidade bem maior das forças de cavalaria partas, conseguiu evitar a invasão da Síria. Um avanço parto na Armênia resultou em notável sucesso, com a derrota e a rendição de um exército romano chefiado por Peto.¹¹⁹ A tropa de auxílio de Corbulão chegara tarde demais.

Mais uma vez Corbulão se encarregou dos assuntos na Armênia e em 63 desencadeou uma invasão, com novo exército.

Os partos, por seu lado, enfrentaram a perspectiva de uma nova e dura luta com Corbulão, que tinha meios de afastá-los da Armênia, onde queriam se estabelecer. Após quase uma década de consecutivos conflitos, uma interrupção temporária foi solicitada a Nero e a Corbulão, depois de importante derrota romana. Corbulão negociou, os partos aceitaram a autoridade de Nero na província e se curvaram perante a sua imagem. Os partos concordaram que Tirídates tiraria o diadema da cabeça e o deporia diante da estátua de Nero, e que

¹¹⁶ TÁCITO, *Anais*, XIII, 34-41.

¹¹⁷ TÁCITO, *Anais*, XIV, 23-26.

¹¹⁸ TÁCITO, *Anais*, XV, 6.

¹¹⁹ TÁCITO, *Anais*, XV, 11.

só voltaria a usá-lo depois de recebê-lo das mãos de Nero.¹²⁰ Realizou-se então a cerimônia em que Tirídates depôs o diadema aos pés da estátua de Nero. Tácito diz que Tirídates *foi exposto a servir de espetáculo às nações, em qualidade bem pouco menor da de um cativo*.¹²¹

Nero tirou o máximo proveito dessa visita. Era uma excelente ocasião para cerimônias e uma oportunidade de exibir a sua glória militar. A guerra, na verdade, conseguira muito pouco. Ambos os lados alegavam vitórias. O compromisso foi firmado, o governante parto na Armênia precisava da bênção do imperador e preservaria a paz.

Se na Armênia os problemas estavam controlados, os desmandos e o fiscalismo excessivo na província da Judéia, nesse período, acabaram gerando uma revolta que na verdade só teve fim com a destruição do templo de Jerusalém por Tito, em 70 d.C.

A fonte para se estudar essa revolta é Flávio Josefo, importante figura da revolta e comandante das forças judaicas na Galiléia, além de membro da elite judaica.

As disputas políticas prosseguiram entre os vários elementos da população judaica e Josefo parece ter passado boa parte do seu tempo como general na Galiléia, tentando garantir a sua posição contra os que queriam destituí-lo do comando, ou coisa pior.

A Judéia fora um problema durante muitas décadas, e era comum serem enviadas da Síria forças militares para auxiliarem o governador da província. Os romanos gozaram de um apoio significativo da aristocracia judaica durante muitos períodos, e provavelmente os aristocratas conseguiram dificultar a mobilização de um exército maior contra os romanos. Contudo, os problemas dos anos precedentes podem ter reduzido a influência desses aristocratas.

Em 66, o procurador tentou aumentar os impostos e obter dinheiro dos fundos sagrados do Templo. Então, eliminou com violência uma multidão de pedintes, mas foi incapaz de garantir Jerusalém e isso resultou num impasse que

¹²⁰ TÁCITO, Anais, XV, 29.

¹²¹ Ibid.

logo se transformou em revolução aberta. Sexto Galo, governador da Síria, marchou sobre Jerusalém, mas infelizmente viu-se suplantado em número, embora os judeus não estivessem suficientemente armados para superar as forças romanas numa batalha aberta. Galo retirou-se, mas foi forçado a enfrentar uma batalha com os judeus para retirar da Judéia até o que restava dos seus exércitos. Esse sucesso encorajou a mobilização em massa da população judaica e os romanos precisaram enfrentar grave problema militar.

Nero estava na Grécia naquele momento e indicou Vespasiano para o comando. Vespasiano servira com distinção na Bretanha, mas era de origem relativamente humilde e provavelmente não seria temido. Para a expedição, começou a reunir tropas no Oriente. A reunião das forças pôs fim a outras expedições ao Oriente, mas a posição política de Nero já estava tão fraca que a sua presença era exigida em Roma. Embora houvesse campanhas limitadas em 67 e 68, as guerras civis que ocorreram depois do suicídio de Nero atrasaram a sufocação da revolta e só em 70 Tito, filho de Vespasiano, tomou Jerusalém.

A Germânia esteve relativamente tranqüila no governo de Nero. De fato, os comandantes achavam que a situação era suficientemente segura e que podiam dedicar atenção a importantes projetos de engenharia para manter as tropas empregadas.

O uso efetivo dos recursos econômicos de Roma, a pressão militar limitada, bem como a diplomacia, garantiram que as fronteiras permanecessem em paz durante boa parte do reinado.

Nero herdou uma província meio conquistada na Bretanha, onde até 61 adotou uma política expansionista. Houve significativa inquietação nessa província e os governadores, com ativa política militar, empurraram os limites políticos e militares romanos mais para o norte, rumo ao País de Gales.

Nero continuou a política claudiana de expansão até a revolta de Boadicéia, depois da qual foi adotada uma política mais cautelosa.

O fim do governo de Nero foi marcado por distúrbios oriundos não das Germânicas, embora os irmãos Escribonianos tenham participado da Conspiração

Viniciano. Os reais problemas de Nero vieram da Gália e marcaram-lhe o retorno a Roma, depois de toda uma turnê pela Grécia. O problema chamava-se Galba.

“Quando, porém, o oráculo de Apolo, que ele consultara em Delfos, o aconselhara a tomar cuidado com o septuagésimo terceiro ano, persuadido de que era esse o termo de sua vida, sem dar atenção à idade de Galba, alimentou a esperança de não somente esperar a velhice, mas ainda de gozar de uma felicidade perpétua e única. A tal ponto que, como houvesse perdido num naufrágio objetos preciosíssimos, não hesitou em afirmar aos seus amigos ‘que os peixes devolveriam’.”¹²²

Sérvio Sulpício Galba era advogado e já exercera elevados cargos oficiais antes do nascimento de Nero. Destacara-se como pretor, governador na Aquitânia¹²³, cônsul e legado na Germânia¹²⁴. Acompanhara o imperador Cláudio em sua campanha na Bretanha e, quando Nero tinha oito anos, fora procônsul na África.¹²⁵ Sete anos antes Nero o enviara à Gália, onde assumiu o cargo de legado.¹²⁶

Élio, o liberto de Nero que ficara na administração enquanto o imperador viajava pela Grécia, parece ter apressado a volta do imperador. Possivelmente, os rumores de uma conspiração haviam se espalhado. O fato é que C. Júlio Víndex, um nobre gaulês de quarenta e três anos, governador da Gália Lugdunense, na condição de vice-pretor, rebelara-se contra o imperador. Ele mesmo não queria se tornar imperador, reservando esse papel para Galba. Pelo que se sabe, seu pai fora senador e os desmandos de Nero -- entre os quais a liberdade concedida à Grécia, além dos constantes ataques ao Senado -- devem ter motivado o levante. Tanto que, mesmo depois de vários apelos para que o Senado tomasse uma posição a favor de Nero e contra Víndex, não houve manifestação alguma favorável a Nero.¹²⁷

Suetônio conta que Víndex chamava o imperador de *Enobardo*, e não de Nero, talvez com o objetivo claro de afrontar-lhe a descendência e os

¹²² SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, 40. “*Ut vero consulo Delphis Apolline septuagensimum ac tertium annum cavendum sibi audivit, quasi eo Galbea, tanta fiducia non modo senectam sed etiam perpetuam singularemque concepit felicitatem, ut amissis naufragio pretiosissimis rebus non dubitaverit inter suos dicere pisces eas sibi relaturos*”

¹²³ SUETÔNIO, *Vidas*, Galba, 6

¹²⁴ SUETÔNIO, *Vidas*, Galba, 7.

¹²⁵ SUETÔNIO, *Vidas*, Galba, 8.

¹²⁶ *Ibid.*

antepassados; também chamava Nero de *mau tocador de cítara*¹²⁸, ou seja, um artista medíocre que se impunha pelo poder.

A retórica de Vindex devia indicar que ele desejava ver restaurada a liberdade de Roma. No entanto, o que de fato deve ter movimentado as províncias foi o desconforto gerado pelas taxações romanas e que, como vimos, tinham se multiplicado desde 65. Mesmo assim, os governadores de província não se declararam a favor de Vindex.

Porém, se Vindex avançava buscando reforço para as suas propostas, Galba adia uma declaração formal de intenções. Vindex forçou a declaração de Galba, declarando abertamente que apoiava a candidatura não declarada de Galba. Provavelmente, a própria posição de Vindex estava ficando cada vez mais desesperadora. Nenhum outro governador se declarou a seu favor.

Galba declarou os seus propósitos e foi logo apoiado pelos governadores de outras províncias espanholas, inclusive Oto, divorciado de Popéia; assim, as maldades de Nero voltaram-se contra ele.

Agora a posição de Nero se desintegrava por motivos não totalmente óbvios. Galba era uma importante figura política, muito mais do que Vindex, e poderia contar com considerável apoio senatorial, além de ser suficientemente respeitado para garantir o apoio de pelo menos alguns governadores provinciais. No entanto, em termos militares Galba não era páreo para Nero. Possuía apenas uma legião, em comparação com o conjunto de forças do império, e Nero também tinha os pretorianos e podia mais facilmente conseguir mais tropas e organizar uma força substancial. Politicamente, Nero foi perturbado pela rebelião de Galba, mas não foi seriamente ameaçado.¹²⁹

Vindex entrou em negociações com Vergínio Rufo, na Mogúncia. Ao encerramento dessas negociações, as tropas de Vergínio atacaram e massacraram as forças de Vindex, que se suicidou.

¹²⁷ SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, 41.

¹²⁸ *Ibid.*

¹²⁹ SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, 42.

A notícia da morte de Víndex fez com que Galba pensasse em suicídio, porém logo depois chegou a falsa notícia da morte de Nero e que ele, Galba, fora indicado pelo Senado para ser imperador.

Vergínio Rufo fora aclamado imperador pelas suas tropas, mas recusou a honraria.

Em Roma, a posição de Nero entrava em colapso. O preço dos grãos subia, talvez pelo medo de que o abastecimento de grãos da África falhasse, e aumentava cada vez mais o ódio contra Nero.¹³⁰

Anunciou-se a Nero a defecção dos exércitos e, segundo Suetônio, naquele momento ele cantou em público a sua última peça, *Édipo Exilado*.¹³¹ Depois de ter ido dormir, acordou por volta da meia-noite e viu que todos os cortesãos haviam abandonado o palácio imperial. Desistiu de qualquer outro intento e aceitou a ajuda do seu liberto Faonte para se esconder na casa de campo, entre a Via Salária e a Via Naometana. Disfarçado, deixou o palácio rumo ao seu destino final.

Ao fugir da cidade, Nero desertara e isso favoreceu ainda mais os intentos do Senado, que o declarou inimigo público. A cavalaria foi mandada buscar Nero, com ordens de trazê-lo de volta, vivo. Ao receber a notícia, Nero começou a preparar o suicídio que, segundo Suetônio, foi antecedido por lágrimas e pela exclamação: *“Qualis artifex pereo”*, ou seja, *“Que artista morre comigo!”*. E, pouco antes da chegada dos cavaleiros, teria dito *“Vivo na torpeza e na vergonha!”* (E falou-lhes em grego – o texto latino transliterou os caracteres gregos): *Isto não é próprio de Nero! Não. Isto não lhe fica bem. É preciso ser prudente em tais conjecturas.*¹³² Em seguida, enterrou o ferro na garganta com a ajuda de Epafrodito, seu secretário.

*“Queres saber o quanto o teu lugar é diferente? Em mim, se as riquezas se forem, irão só elas; mas quanto a ti, se as riquezas se retirarem da tua pessoa, cairás no estupor e te perecerás abandonado de ti mesmo; em mim elas ocupam apenas um lugar; em ti elas têm o lugar todo; concluindo: as riquezas me pertencem, e tu pertences a elas.”*¹³³

¹³⁰ SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, 45

¹³¹ SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, 46.

¹³² SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, 49. *“Vivo deformiter, turpiter - ou prepei Nerwni, ou prepei - nhfein dei en tois toioutois - age egeire seauton.”*

¹³³ SÊNECA, *Da Vida Feliz*, 22, in: *Les stoiciens*, Le Pléiade, Gallimard, 1962, p. 744, tradução Benôni Lemos.

2. Domiciano: os flavianos no poder.

Ao tratar do governo de Domiciano, devo lembrar que as principais fontes sobre o seu reinado são Tácito, Suetônio e Plínio o Moço. Tácito e Plínio o Moço prosperaram durante o reinado de Domiciano, mas faziam parte do grupo senatorial, em luta de morte com Domiciano. Para se opor a eles existem os poetas Estácio e Marcial, protegidos de Domiciano, e por isso defensores da imagem do imperador.

Com a repentina morte de Tito, Domiciano emergiu da sombra do irmão para se tornar imperador. Desempenhou importante papel em 69, quando fora o principal representante da família em Roma mas não desfrutara da mesma proeminência de Tito durante o reinado do pai nem chegara à linha de frente da vida política de Roma com a ascensão do irmão. O seu reinado foi condenado pela tradição. Tácito, Plínio, Suetônio e Juvenal apresentam retratos extremamente hostis do imperador. O seu comportamento pessoal, a sua forma de lidar com o Senado e a condução de assuntos militares e administrativos são as principais áreas que atraíram antigas críticas. Qualquer reconstrução do reinado de Domiciano fica prejudicada por essa hostilidade quase universal. Também é prejudicada pela ausência de uma narrativa completa sobre o reinado. Qualquer estudo sobre este imperador depende principalmente dos epítomes bizantinos de Dion Cássio, e em consequência a cronologia dos eventos políticos e militares é um tanto confusa.

A primeira década do governo de Domiciano denota um imperador que se mostrou extraordinariamente ligado aos costumes e tradições de Roma, além de ser bastante capaz. Porém, quando Suetônio avaliou o governo de Domiciano, escreveu:

*Quanto à sua conduta no governo, foi variável e misturada de vícios e virtudes, em igual proporção, até o momento em que suas virtudes se transformaram em vícios também. Tanto quanto se pode conjeturar, independentemente do seu poder natural, tornou-se rapace por necessidade e cruel por medo.*¹³⁴

¹³⁴ SUETÔNIO, *Vidas*, Domiciano, III.

Apesar das críticas que lhe são feitas – assim como a Nero –, sabe-se que o seu governo representou um dos grandes períodos da construção romana.¹³⁵

Em 79 e 82, novos incêndios causaram ruína e miséria a Roma¹³⁶. Mesmo assim, Domiciano organizou um vasto programa de obras públicas que visava dar trabalho aos sem emprego e melhorar a condição econômica da população.

No que diz respeito ao credo cívico, procurou estimular a velha fé, com a multiplicação e o embelezamento dos santuários. Ergueu de novo o templo de Júpiter, Juno e Minerva, fazendo com que Roma se extasiasse com a sua obra porém reclamasse do desperdício.

. “Restaurou numerosos grandes edifícios consumidos pelo fogo, entre os quais o Capitólio, novamente vítima das chamas. Em todos, porém, mandou gravar somente o seu nome, sem mencionar nenhum dos antigos fundadores. Erigiu no Capitólio um novo templo de Júpiter Custódio. Construiu o Fórum que ainda hoje conserva o nome de Nerva, o templo da família Flávia, um Estádio, o Odeon, uma Naumaquia cujas pedras serviram, mais tarde, para a reconstrução do Circo Máximo, inteiramente incendiado em ambos os flancos.”¹³⁷

Na administração, Domiciano perseguia o peculato¹³⁸ e mantinha todos os funcionários sob rigorosa fiscalização. Como Tibério havia tolhido as rédeas de Germânico, assim Domiciano retirou Agrícola da Bretanha depois que este general

¹³⁵ Vide Apêndice II.

¹³⁶ Devo observar que nestes incêndios, como em outros, a culpa não foi imputada aos cristãos nem a outros. Pois é sabido de todos que Roma estava constantemente sujeita a esse tipo de catástrofe, dado o aglomerado de pessoas que viviam na cidade, assim como em função das construções feitas em madeira ou sem as devidas condições de segurança para evitar desabamentos, incêndios, etc. Sobre isto, Juvenal escreveu:

*nam sic labentibus obstat
uilicus et, ueteris rimae cum textit hiatum,
securos pendente iubet dormire ruina.
uiuendum est illic, ubi nulla incendia, nulli
nocte metus.* (JUVENAL, *Sátiras*, III, 194-198).

”Quanto a nós, moramos numa cidade apoiada, em grande parte, em vigas finas. É assim que evitamos os desmoronamentos; e quando se tapa a fenda de uma antiga rachadura, convida-se todos a dormir em total segurança – sob a ameaça de um desastre! Quero viver num lugar em que não haja incêndio, no qual as noites se passem sem alarme. (Tradução pessoal do texto original extraído do site The Latin Library).

¹³⁷ SUETÔNIO, *Vida de Domiciano*, V. *Plurima et amplissima opera incendio absumpta restituit, in quis et Capitolium, quod rursus arserat; sed omnia sub titulo tantum suo ac sine ulla pristini auctoris memoria. Novam autem excitavit aedem in Capitolio Custodi Iovi, et forum quod nunc Nervae vocatur, item Flaviae templum gentis et stadium et Odeum et Naumachiam, e cuius postea lapide maximus circus, deustis utrimque lateribus, exstructus est.*

¹³⁸ Peculato: subtração ou mau emprego do dinheiro público. Este crime foi configurado por uma

alargou as fronteiras do império até a Escócia; aparentemente, Agrícola pensava ir além, porém Domiciano opôs-se. A chamada de Agrícola a Roma foi levada à conta de ciúme e o imperador pagou caro por esse ato quando a história do seu reino foi escrita por Tácito, genro de Agrícola.

Em 86, quando os dácios cruzaram o Danúbio e invadiram a província romana da Mesia¹³⁹ derrotando o exército imperial, Domiciano assumiu o comando do exército, planejou a campanha e já estava a ponto de invadir a Dácia¹⁴⁰ quando Lúcio Antônio (Saturnino), governador da Germânia, persuadiu duas legiões em Mainz a proclamá-lo imperador. Essa revolta foi abafada pelos generais de Domiciano mas permitiu que os dácios se preparassem.

Domiciano respondeu à ameaça adotando medidas para garantir a lealdade do exército. O pagamento das tropas foi aumentado de 225 para 300 sestércios por ano, e cada legião recebeu um campo separado¹⁴¹. Não há informações sobre um possível apoio de Roma à revolta de Saturnino.

O imperador chegou a cruzar o Danúbio e enfrentou os dácios e aparentemente sofreu um revés. Fez as pazes com Decébalos, rei dácio – paz comprada – e de volta a Roma celebrou um duplo triunfo, comemorando suas vitórias sobre os dácios e os chatis. Depois disso, contentou-se com uma via fortificada entre o Reno e o Danúbio, e outra entre a curva norte do Danúbio e o Mar Negro.¹⁴²

Nos capítulos VIII e IX da *Vida de Domiciano*, Suetônio faz menção a diversas obras e ações do imperador, que o apresentam praticando a justiça e livrando réus, além de *suprimir os escritos difamatórios espalhados entre o público contra altos cidadãos e suas esposas, castigando seus autores*. Porém a impressão que temos é que a rebelião de Lúcio Antônio (Saturnino) funcionou como uma espécie de marco para a mudança de comportamento do imperador que, segundo Suetônio, *não perseverou, porém, nem no caminho da clemência*,

Lex Julia, entretanto, já em 86 a.C. havia uma *quaestio* sobre este crime. ALVES, José Carlos Moreira. *Direito Romano, Vol. II*, pp.270-272. GIORDANI, M.Curtis. *Direito Penal Romano*, p. 74.

¹³⁹ Norte da Bulgária e Leste da Iugoslávia

¹⁴⁰ Atual Ruma, na Sérvia.

¹⁴¹ SUETÔNIO, *Vidas*, Domiciano VII, 2.

¹⁴² SUETÔNIO, *Vida de Domiciano*, VI-VII.

*nem no da temperança. Todavia, se inclinou um pouco mais depressa para a crueldade do que para a cupidez.*¹⁴³

Domiciano estava interessado em ganhar glórias militares e portanto perseguia uma política expansionista na Bretanha e na Germânia. Continuou tendo ganhos lentos na Germânia porém os eventos no Danúbio mudaram fundamentalmente a situação militar, forçando a realocação de tropas, tirando-as da Bretanha, e a uma retirada limitada. Essas longas guerras do Danúbio ocuparam a maior parte do reinado de Domiciano.

O reinado de Domiciano foi marcado – no campo militar – pela derrota, ou pela consolidação, e não pela aquisição de novos territórios.

A atmosfera política do reinado de Domiciano era tensa e pode ser comprovada pelos relatos de Plínio e Tácito. Em *Agrícola*, Tácito fala dos anos em que o discurso era impossível e que os senadores envelheceram em silêncio, temendo que suas palavras fossem distorcidas por informantes para derrubá-los. Plínio nos fala de Corélio Rufo que embora sofresse de uma dolorosa e incurável doença adiou o suicídio para ter o prazer de sobreviver a Domiciano. Rufo mandou sair todos do aposento quando Plínio o visitou, para que ninguém – nem mesmo a esposa – pudesse registrar as palavras.¹⁴⁴ Plínio também conta um caso da corte centunviral quando ele se chocou com Régulo. O caso mudou a opinião legal de um certo Modesto, que fora exilado por Domiciano. Régulo tentou desacreditar a opinião de Modesto e perguntou a Plínio o que pensava daquele homem. Elogiar Modesto significaria exílio ou pior, e atacá-lo seria perder o caso. Plínio contornou a questão tentando reconduzir o debate para o aspecto legal e Plínio e Régulo se tornaram inimigos jurados.¹⁴⁵

Já no início do segundo decênio do seu governo Domiciano governava autocraticamente; bem depressa foi tirando do Senado todos os poderes, e a sua autoridade como censor tornou essa corporação ao mesmo tempo servil e vingativa.

¹⁴³ *Sed neque in clementiae neque in abstinentiae tenore permansit, et tamen aliquanto celerius ad saevitiam descivit quam ad cupiditatem.* SUETÔNIO, *Vida de Domiciano*, X.

¹⁴⁴ PLÍNIO O JOVEM, *Cartas*, I, 12.

¹⁴⁵ PLÍNIO O JOVEM, *Cartas*, I, 5.

A atitude autocrática de Domiciano pode ser vislumbrada na chamada oposição filosófica. Sobre esta oposição existem diversos relatos que são apresentados por Plínio o Jovem, Tácito e Suetônio.

As três pessoas mais proeminentes afetadas foram: os jovens Helvídio Prisco, Aruleno Rústico e Herenio Senécio e os crimes desses homens eram literários.

Helvídio publicara uma farsa que foi interpretada como um ataque alegórico a Domiciano e à sua esposa¹⁴⁶. Rústico publicou uma obra sobre Traséia Peto, e Domiciano considerou um atrevimento elogiar um homem que fora um espinho para o imperador. E a biografia que Senécio escreveu de Helvídio Prisco (o mais velho) levou também à desgraça. Esses três homens caíram em 93 d.C.¹⁴⁷

Rústico, Prisco e Senécio não foram os únicos punidos. Júnio Maurico, irmão de Aruleno Rústico, e Arria, Fânia e Gratila, mulheres do grupo, também foram exilados¹⁴⁸. Outros possíveis membros incluem Materno, um filósofo que foi morto porque fez um discurso sobre a tirania e Hermógenes de Tarso, historiador que foi morto por certas “alusões” na sua história¹⁴⁹, e talvez o Artemidoro a quem Plínio visitou em 93 também tenha sido exilado.¹⁵⁰

Sabe-se muito pouco sobre o pano-de-fundo de todos esses casos, mas parece provável que o relacionamento entre Prisco, o seu círculo e Domiciano fora tenso alguns anos antes de 93. A ligação de Domiciano com Córbulo (que estivera no limiar desse círculo) pode ter encorajado Domiciano a procurar uma reconciliação com o círculo de Traséia e de Helvídio. Os relatos das acusações sugerem que a oposição desses homens era clara, muito tempo antes de os seus casos chegarem ao tribunal: é difícil acreditar que aquelas obras literárias fossem todas publicações recentes. No entanto, Domiciano não tomou nenhuma atitude óbvia para prejudicar a carreira desses homens e talvez até os tenha ajudado a se destacarem. Tanto Helvídio Prisco quanto Rústico¹⁵¹ ocuparam consulados. Avídio

¹⁴⁶ SUETÔNIO, *Vidas*, Domiciano X, 2.

¹⁴⁷ SUETÔNIO, *Vidas*, Domiciano X, 2-4; TÁCITO, *Agrícola*, 2; PLÍNIO, O JOVEM, *Cartas*, VII, 33.

¹⁴⁸ PLÍNIO O JOVEM, *Cartas*, I, 5; III, 11 e VII, 19.

¹⁴⁹ SUETÔNIO, *Vidas*, Domiciano X.

¹⁵⁰ PLÍNIO O JOVEM, *Cartas*, III, 11.

¹⁵¹ Rústico em 90 d.C. e Prisco em data incerta.

Quieto, que fora amigo de Traséia Peto, recebeu um consulado em 93, o mesmo ano em que Plínio foi pretor, e teve permissão de Domiciano para se apresentar à pretoria um ano antes.¹⁵² Quieto foi ativo defensor da tentativa de Plínio de se vingar daqueles que haviam perseguido Helvídio Prisco.¹⁵³ Plínio alega que a sua carreira daí em diante foi bloqueada por Domiciano mas isso é difícil de comprovar. No entanto, ao permitir que essas pessoas chegassem a posições destacadas, Domiciano simplesmente aumentou suas dificuldades posteriores e a situação de 93 que se tornou explosiva quando o cônsul e o pretor se associaram a homens que tentaram atos de traição.

Plínio relata esses acontecimentos que levaram à eliminação da “oposição filosófica” e os coloca firmemente no contexto senatorial. Senécio e Plínio estavam envolvidos no julgamento de um governador corrupto, Bébio Massa. Eles haviam vencido o caso, porém Massa não fora punido. Senécio e Plínio propuseram medidas drásticas e Massa retaliou, perseguindo Senécio por *maiestas*.¹⁵⁴ Os eventos subseqüentes não são claros, mas parece que a queda de Senécio foi considerada uma desculpa para remover muitos do seu círculo. Prisco e Rústico talvez tenham sido vítimas dessa explosão da luta da facção senatorial. Massa claramente estava ameaçado de ruína, se as penalidades de corrupção fossem levadas adiante e portanto a sua reação não foi surpresa. O envolvimento de Domiciano fica demonstrado pelo envolvimento dos homens próximos ao imperador nessas perseguições e no fracasso em detê-las. Assim como no reinado de Tibério, as perseguições eram conduzidas pelos senadores, mas o imperador estava por trás.

O relacionamento de Domiciano com o Senado provavelmente era difícil até essa época. No entanto, a eliminação desse grupo de destacados senadores fora evitada. É provável que fossem considerados por todos como símbolo da liberdade senatorial e que as suas mortes marcassem o término de um processo em que a liberdade era destruída. Depois de 93 não havia fingimento de cordialidade entre imperador e Senado e os senadores precisavam se comportar

¹⁵² PLÍNIO O JOVEM, *Cartas*, VII, 16.

¹⁵³ PLÍNIO O JOVEM, *Cartas*, IX, 13.

¹⁵⁴ PLÍNIO O JOVEM, *Cartas*, VII, 33.

como se o imperador fosse o senhor, para sobreviver à dominação. O rompimento de relações com o Senado pode ter levado a uma atmosfera de paranóia crescente e embora não se saiba praticamente nada das acusações subseqüentes à aristocracia, parece que o imperador começou a temer até mesmo os seus próximos.

O relato de Suetônio sobre os últimos anos do reinado de Domiciano listam os antigos cônsules e outros mortos nesse período e fornecem inúmeros exemplos de acusações ridículas. Élio Lama foi morto por uma piada às custas de Domiciano. Sálvio Coceiano foi morto porque comemorou o aniversário do tio, Oto. Salústio Luculo foi morto porque deu o seu nome a um novo tipo de lança. Mettio Pompusiano foi morto depois de uma previsão de que se tornaria imperador. Não se sabe se esses casos envolviam conspirações sérias ou a destruição de facções políticas, nem se consegue datar essas mortes.

Domiciano tratou com rigor a questão religiosa em seu reinado, buscando valorizar a religião romana e combatendo o ateísmo. As execuções por ateísmo não pouparam sequer Flávio Clemente, sobrinho do imperador.

As perseguições por ateísmo nesse período também podem estar vinculadas ao sentimento anti-judaico, mas talvez sejam mais relacionadas ao uso que Domiciano fazia do culto imperial como forma de exibir a sua autoridade

O ateísmo podia ser compreendido como crime político: a falta de vontade de reconhecer a divindade do imperador.

O rigor religioso de Domiciano manifestou-se também no tratamento às vestais. O seu governo testemunhou dois escândalos, um deles envolvendo a principal vestal. A punição tradicional para uma vestal que rompesse os votos de castidade era ser queimada viva. Cornélia, a principal vestal que já fora julgada e absolvida certa vez por não manter a castidade, foi julgada novamente e desta vez considerada culpada. Impôs-se a punição tradicional. Três outras vestais puderam escolher o método de morte. Muitos dos que elas supostamente ofendiam eram punidos com morte, embora o antigo pretor que confessara o crime tenha sido meramente exilado. O tratamento às vestais foi tão cruel (o uso de

tortura leva a uma considerável dúvida quanto à culpa) que um senador supostamente morreu de terror no Senado.¹⁵⁵

O passo seguinte do imperador e que acirrou ainda mais os conflitos entre ele e seus súditos foi a criação dos *Flaviales*, uma ordem sacerdotal, após haver proclamado a própria divinização e também a do pai, do irmão, da esposa e das irmãs. Para atender a essa nova condição, ordenou que nos documentos o tratassem como *Dominus et Deus Noster* – Nosso Deus e Senhor. Estabeleceu ainda para o seu palácio a etiqueta das cortes orientais.

As novas medidas do imperador provocaram reação imediata, não só da aristocracia romana, como também dos filósofos e das religiões do Oriente, entre as quais, especialmente, o judaísmo e o cristianismo.

Judeus e cristãos recusaram-se a adorar o deus Domiciano; os filósofos estóicos criticavam o governo tirânico de Domiciano e constituíam uma força moral contra o trono imperial.¹⁵⁶ Em 89, Domiciano tinha expulsado os estóicos de Roma e em 95 baniu todos os filósofos da Itália.¹⁵⁷ Esta condenação alcançava também os astrólogos, cujas predições sobre a morte do imperador haviam trazido novos terrores a um espírito vazio de fé e aberto à superstição.¹⁵⁸

No mesmo ano de 95 d.C. deu-se a segunda perseguição aos cristãos, que a princípio parece ter sido motivada pelo aumento do rigor na cobrança dos impostos aos judeus. Por isso pode-se supor que o aumento do rigor na percepção do *fiscus judaicus* tivesse fornecido ocasião para medidas contra os cristãos que, nessa circunstância, não desejavam se ver confundidos com os judeus.

Suetônio conta que estava presente quando do exame público e humilhante da genitália de um homem de 90 anos para ter certeza de que era judeu e que devia pagar os impostos judaicos.¹⁵⁹ O uso de informantes provavelmente aumentou os abusos da lei, uma vez que qualquer pessoa que flertasse com o judaísmo podia ser sujeito ao pagamento de taxas e a acusações criminosas.

¹⁵⁵ SUETÔNIO, *Vidas*, Domiciano VIII.

¹⁵⁶ SORDI, M. *Il cristianesimo e Roma*, pp. 105-117.

¹⁵⁷ Ibid; SUETÔNIO, *Vida de Domiciano* X; ROSTOVITZ, M., *História de Roma*, p.207.

¹⁵⁸ SUETÔNIO, *Vida de Domiciano*, XV.

Além disso, há razões para se crer que Domiciano mandou executar ou condenou ao exílio alguns membros da alta sociedade, censurados por ateísmo e costumes judaicos, quiçá por adesão ao cristianismo.¹⁶⁰

Domiciano não puniu os cristãos pelo crime de praticar a religião cristã. Puniu-os por haverem se negado a tratá-lo e adorá-lo como *Dominus et Deus Noster* e, ainda, por se negarem a oferecer sacrifícios diante da imagem do imperador, ou seja, estavam inseridos no contexto daqueles que praticavam o ateísmo. Porém estas punições de Domiciano se estenderam também aos filósofos cínicos e estoicos e aos membros da aristocracia romana.

Na *História Eclesiástica*, Eusébio de Cesaréia registra a expulsão dos filósofos e do patriciado que se opunha a Domiciano, além de mencionar a morte de pessoas ilustres e a perseguição aos cristãos.

*Domiciano demonstrou grande crueldade em relação a muitos. Mandou matar considerável número de patrícios e importantes personagens de Roma, sem processo regular. Inúmeros outros homens ilustres foram condenados ao exílio, além dos limites do império, e à confiscação dos bens, sem motivo algum. Finalmente mostrou-se êmulo de Nero no ódio a Deus e na luta contra ele. Foi, sem dúvida, o segundo a mover perseguição contra nós, embora seu pai, Vespasiano, jamais houvesse concebido planos malvados contra nós.*¹⁶¹

Apesar do discurso inflamado de Eusébio de Cesaréia ao identificar Domiciano como o autor da segunda maior perseguição contra os cristãos, creio que esta perseguição não se deu pelo crime de serem cristãos, mesmo porque não havia clareza do que era ser cristão.

Neste sentido, quero lembrar que existe muita relação entre o pensamento estoico e a pregação cristã.¹⁶² Já no século II, o cristianismo, difundindo-se em áreas de cultura helenístico-romana, apropriou-se de modelos expressivos da filosofia greco-romana: estoicismo, médio-platonismo e neoplatonismo.

¹⁵⁹ SUETÔNIO, *Vidas*, Domiciano XII, 2.

¹⁶⁰ Suetônio escreveu no capítulo XIV da *Vida de Domiciano*, que este se achava constantemente vítima da conspiração dos amigos e dos libertos mais íntimos. Narrou então a condenação de Epafrodito e logo depois, no capítulo XV, relata a execução de Flávio Clemente, primo de Domiciano.

¹⁶¹ EUSÉBIO DE CESARÉIA, *História Eclesiástica*, XVII.

¹⁶² PÉPIN, Jean. "Helenismo e Cristianismo", in: CHÂTELET, François (Diretor), *História da Filosofia*, volume I, pp. 173-180. O autor demonstra as ligações entre os textos do Novo Testamento Cristão – especialmente as Epístolas Paulinas – e a filosofia estoica.

Se isso se deu no contexto da expansão cristã do século II, não é de admirar que a capital do Império tenha vivido tal influência, até mesmo antes do cristianismo que se desenvolvia fora de Roma.

Um exemplo da semelhança entre o pensamento cristão e o estoicismo é a questão da submissão a Deus. Para Epicteto, a liberdade coincide com a submissão ao ser divino: “o homem de perfeita virtude submete o seu espírito a quem governa o universo.”¹⁶³

Por seu lado, os cristãos se submetem a Cristo e o saúdam da seguinte maneira: “Digno é o Cordeiro imolado de receber o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e o louvor.”¹⁶⁴

É importante observar que em pleno século II Galeno não via o cristianismo como superstição, ou como culto estrangeiro; ao contrário, indentificava-o como uma escola filosófica, apesar de considerar que os cristãos não viviam de acordo com o ideal intelectual apropriado aos filósofos.¹⁶⁵

Epicteto, antes de Galeno, havia se referido aos cristãos e, apesar de tê-los identificado como “galileus”, apresentou-os como homens insensíveis às ameaças do tirano e dispostos a morrer. Porém, para ele, os cristãos não eram movidos pela razão e sim pelo fanatismo.¹⁶⁶

Assim, é possível encontrar conceitos estoicos extraídos de Crisipo, Cícero, Sêneca e Epicteto em pensadores cristãos, como Irineu, Tertuliano, Basílio de Cesaréia, entre outros.¹⁶⁷

Acredito que ainda não havia clareza aos olhos romanos do que representava ser cristão, pois os cristãos também provinham do judaísmo, sendo porém rejeitados por estes. Também como os conceitos estoicos se aproximam das crenças judaico-cristãs e ambas as religiões orientais – judaísmo e cristianismo – negavam-se a cultuar o imperador, assim como os estoicos, os

¹⁶³ EPICTETO, *Diatribes*, I, 12, 7-16. Citado por REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*, volume IV, p. 103.

¹⁶⁴ *Apocalipse*, V, 12.

¹⁶⁵ WILKEN, Robert L. *The Christians as the Romans saw them*, pp. 72-73.

¹⁶⁶ EPICTETO, *Entretenimentos*, IV,7, 4-7, citado por COMBY, J & LEMONON, J-P. *Roma em face a Jerusalém. Visão dos autores gregos e latinos*, pp. 50-51.

¹⁶⁷ TIBILETTI, Carlo. “Estoicismo e os Padres”, in: *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*, pp. 515-517.

cristãos foram perseguidos não por serem cristãos, mas porque podem ter sido classificados como mais uma variante filosófica dentro de Roma e que se mostrava rebelde não somente à religião romana, como também a cultuar o imperador.

Naquele momento, embora não se tivesse ainda elaborado uma política e uma legislação de cunho especificamente anti-cristão e o próprio grupo cristão não fosse claramente conhecido pelos romanos, os cristãos achavam-se envolvidos em um *clima de hostilidade*, como demonstra o livro do Apocalipse ao se referir aos sofrimentos dos cristãos daquela época¹⁶⁸, e também Clemente Romano, ao referir-se às dificuldades enfrentadas pelos cristãos de Roma¹⁶⁹.

O motivo desta hostilidade entre os cristãos e o império pode ser encontrado no fato de que os cristãos atribuíam ao Cristo os mesmos títulos que eram atribuídos ao imperador: *Kyriós* e *Soter*. Associado a isto vinha a crença de que o Cristo devia reinar *até que tenha posto todos os seus inimigos debaixo dos seus pés*¹⁷⁰, ou ainda as alegações de destruição dos impérios, e as do poder do Cristo como Alfa e Ômega no Livro do Apocalipse¹⁷¹. Tudo isso, associado à semelhança entre o pensamento estóico e o pensamento cristão, permitiu, naquele momento, que se criasse uma indisposição do Império para com os cristãos, submetendo-os às acusações de *flagitia, contumacia, scelera, maleficia e maiestas*.¹⁷²

Na página seguinte, apresento a rede de relações entre o culto cívico romano e o culto cristão. Sua observação pode ajudar a compreender melhor a construção das representações presentes no Apocalipse.

¹⁶⁸ João escreveu no Apocalipse: "Eu, João, vosso irmão e companheiro na tribulação..." (I, 9.)

¹⁶⁹ Clemente Romano escreveu aos coríntios: *Irmãos, pelas desgraças e adversidades imprevistas que nos aconteceram uma após outra, acreditamos ter demorado muito para dar atenção às coisas que entre vós se discutem.*" (I, 1.)

¹⁷⁰ *Epístola aos Coríntios*, XV, 25. "του εχθρουζ υπο τουζ ποδαζ αυτου"

¹⁷¹ *Apocalipse*, I, 8.

¹⁷² *Flagitia*: Ação escandalosa ou vergonhosa, ação desonrosa, escândalo, infâmia, torpeza, ignomínia; obstinação, persistência, constância no erro. Persistência orgulhosa, obstinada; *Scelera*: criminoso, sacrílego, abominável, ímpio, infame; *Maleficius*: funesto, perigoso, mau, malfazejo; *Maiestas*: crime de lesa-majestade. Sobre os crimes impetrados aos cristãos, o debate entre Ste. Croix e Sherwin-White, publicado em *Estudios sobre Historia Antigua*, pp.233-314, discute, à luz dos textos e idéias divulgadas pelos cristãos e a legislação romana, a imposição dos

A impopularidade de Domiciano perante certos elementos do Senado aumentava o perigo de um assassinato. A eliminação da chamada oposição filosófica mostrou que ele era incapaz de construir um consenso no Senado e supostas conspirações, depois de 93, colocaram-no em clima de constante medo e tensão. Até os que lhe eram mais próximos perceberam a ameaça. Domiciano matou membros da própria família e da corte. Talvez tivesse razões para temer os seus próximos: afinal o seu assassinato foi realizado por membros da sua própria criadagem.

Após a morte de Domiciano, o Senado aplicou-lhe a *damnatio memoriae*, objetivando retirar todos os traços de Domiciano dos arquivos públicos e apagar o seu nome das inscrições, prédios públicos e de remover suas estátuas.

crimes definidos acima ao grupo cristão e, conseqüentemente, por que os cristãos foram perseguidos pelo império, mesmo antes que viesse a existir uma legislação anticristã.

Rede de relações entre o culto cívico romano e o culto cristão

3. Nerva e Trajano: O poder imperial e o estoicismo

“Trajano ambicionava a fama, e enquanto a humanidade continuar a prodigalizar mais aplausos aos seus destruidores do que aos seus benfeitores, a sede de glória militar continuará a ser sempre o vício das personalidades mais enaltecidas.”¹⁷³

Com o assassinato de Domiciano a 18 de setembro de 96 d.C., o Senado e o exército romanos proclamaram Caio Coceio Nerva imperador. A substituição de governo se fez sem derramamento de sangue.

Apesar de ter ascendido ao trono sem derramamento de sangue, a ascensão de Nerva não foi totalmente pacífica, isto porque ele fora escolhido contra a vontade dos soldados, que só muito dificilmente aceitaram reconhecer a sua autoridade¹⁷⁴. O que se manifestou em Roma por perturbações no pretório, mas também nas províncias, onde os exércitos, na Germânia Superior e na Síria, foram reticentes em prestar o devido juramento ao imperador.

Para enfrentar esta dificuldade, Nerva, logo que subiu ao poder designou como governador da Germânia Superior M. Úlpio Trajano, que contava na época com quarenta e três anos.

Segundo nos informa Pierre Grimal¹⁷⁵ a escolha de Nerva deu-se porque o passado militar de Trajano o *“designava como o homem mais preparado para captar a boa vontade dos soldados e, por esta razão, confiou-lhe a província da Germânia Superior, um dos pontos mais fracos do Império, entre o Reno e o Danúbio.”*

Mesmo assim, Nerva era muito respeitado por todos – especialmente pelo Senado – porém idoso, por isso governou apenas entre 96-98.

O nome de Nerva quase não aparece nos relatos mais antigos do reinado de Domiciano, mas ele não pode ter ficado invisível naquele período. Fora destacado defensor de Vespasiano e ocupara um consulado como colega de Domiciano em 90. Sua rápida elevação à posição imperial em 96, bem como a sua proteção aos antigos colegas de Domiciano, sugerem fortemente que ele

¹⁷³ GIBBON, Edward. *Declínio e queda do Império Romano*, p. 33.

¹⁷⁴ GRIMAL, Pierre. *O Império Romano*, pp. 94-95.

¹⁷⁵ Ibid.

também era membro do grupo de amigos íntimos de Domiciano, embora não haja provas para sugerir que tenha se distanciado do regime em 93.

Em 97, Nerva adotou solenemente Marco Úlpio Trajano, de família romana residente na Hispânia, reconhecido como hábil e experimentado general, e também como defensor sincero da teoria estóica de governo.¹⁷⁶ Com isso, cumpriu-se a primeira condição para a ascensão de um imperador: ser aceito pelos soldados. Era o mesmo Trajano que pacificou a Germânia e que possivelmente, pelas glórias militares que acumulava e também pelo apoio das tropas, poderia ascender sozinho ao trono ao qual agora era elevado oficialmente pelo imperador Nerva.

Com Nerva e Trajano teve início o período dos Antoninos no principado romano. Durante esse período, a principal característica foi a harmonia entre a autoridade suprema e a comunidade. Esta reconheceu o principado como indispensável e se prontificou a servi-lo. Em troca, o *princeps* aceitava integralmente a teoria estóica do poder imperial, e tacitamente se comprometia a respeitar os sentimentos e privilégios da classe dominante. A observação sobre o exercício do pontificado, feita por Tácito no Livro III, Capítulo LVIII dos *Anais*, parece bem pertinente com esta postura em relação ao imperador: “... *mas agora, ainda bem, o sumo pontificado estava na suprema pessoa do império; a qual era superior a toda emulação, a todo ódio, e a todas as paixões particulares*”.

Não houve modificação essencial do principado resultante dessas concessões. Pelo contrário, o poder do *princeps* aumentou em função da reconciliação com a comunidade, tornou-se menos limitado e mais autocrático, já que o Senado tornou-se apenas um órgão consultivo do imperador.

Após o curto reinado de Nerva, as bases da nova política foram lançadas pelo seu sucessor, Trajano, que reinou entre 98-117.

¹⁷⁶ O Estoicismo, tomando por base a prática de Alexandre, sustentou que, em certo sentido, todos os homens são iguais, embora durante os tempos imperiais a escravidão existisse em grande escala. Seguindo esta linha de pensamento, o estoicismo enfatizou a distinção entre a lei natural e a lei das nações. Neste caso entende-se por direito natural aquilo a que um homem tem direito, precisamente devido à sua natureza humana. A doutrina dos direitos naturais exerceu alguma influência benéfica na legislação romana, ao mitigar a sorte dos que eram privados de uma condição social plena.

Trajano foi aclamado pelos historiadores como um grande militar e um estadista de visão¹⁷⁷ que compreendeu claramente os problemas imediatos do império e os perigos que o ameaçavam externamente. O talento de Trajano para o governo civil, a agressividade popular de suas práticas militares e a sua personalidade agradável ao povo deram-lhe o título de *Optimus Princeps*¹⁷⁸, o governante máximo.

3.1 – A Política Externa

Desde a sua adoção por Nerva, Trajano optou imediatamente por uma política agressiva no âmbito externo. As duas áreas de atividade militar se localizaram na fronteira do Danúbio e no Oriente.

Desde Domiciano¹⁷⁹, as dificuldades de Roma estavam situadas além do Danúbio; e o próprio Trajano fora designado por Nerva para conter possíveis levantes, por isso, desde esse período, Trajano voltou-se para a Germânia.

A intervenção de Trajano na Dácia durou de 101-106 d.C.; com a vitória definitiva dos romanos, a capital Sarmizegetuza foi tomada e destruída, seu rei Decébalos levado ao suicídio e todo o reino da Dácia tornou-se província romana, além do que enormes somas de ouro e prata foram confiscadas e levadas para Roma.¹⁸⁰

O fim da luta na Dácia significou uma nova linha de fronteira, mais longa, a ser protegida, e a partir de então a superioridade numérica das forças de fronteira passou das guarnições do Reno para as guarnições do Danúbio e da Dácia.¹⁸¹ Apesar da vitória romana, a Dácia continuaria sendo um lugar problemático mais adiante no tempo.¹⁸²

¹⁷⁷ ROSTOVITZ, M. *História de Roma*, p.209; GIBBON, E. *Declínio e queda do Império Romano*, pp. 33-34, 41-42, 87; GRIMAL, P. *O Império Romano*, p.95; MONTANELLI, Indro. *História de Roma*, pp. 255-256.

¹⁷⁸ GRANT, M. *História de Roma*, p. 256.

¹⁷⁹ Domiciano viu-se obrigado a abandonar a Dácia sem dominá-la.

¹⁸⁰ GRANT, M. *História de Roma*, p. 254.

¹⁸¹ Ibid.

¹⁸² GIBBON, Edward. *Declínio e queda do Império Romano*, p. 111; 189.

Em cerca de 107 d.C., Trajano expandiu o império anexando a Arábia. Os detalhes da campanha permanecem obscuros. No entanto, é possível que tenha havido apenas uma resistência limitada.

A última aventura militar de Trajano foi um ataque geral à Pártia e ao Oriente. A cronologia exata da guerra é matéria de discussão, porém desde 112, ou pouco depois, Trajano preparava a invasão. Os partos parecem não saber ao certo os motivos de Trajano. A região fora razoavelmente pacífica desde as campanhas de Córulo. Houve esforços para chegar a uma solução diplomática nos mesmos moldes do povoamento de Córulo. Os governantes arsácidas da Armênia estavam preparados para se render em público e propiciar a Trajano o tipo de cerimonial de vitória que satisfizera tanto a Augusto quanto a Nero. No entanto, em vez de simplesmente devolver aos arsácidas o trono da Armênia, Trajano decidiu transformar a Armênia numa província.¹⁸³

A guerra era inevitável e parece provável que Trajano buscasse infligir uma derrota definitiva aos partos e aos seus aliados e assegurar o império parto para Roma. Durante gerações, os líderes romanos buscaram inspiração nas realizações de Alexandre o Grande; e a conquista do Mediterrâneo Oriental pôs as forças romanas em situação para competir com Alexandre ao derrotar o estado sucessor do império persa.

Trajano obteve significativos ganhos territoriais. A Armênia caiu e ele fez campanhas bem sucedidas na Mesopotâmia. No entanto, o problema na região não era garantir o sucesso militar inicial. As forças romanas eram capazes de atravessar a fronteira e tomar o controle da Armênia e do território parto. O problema que os romanos precisavam enfrentar era trazer para uma batalha decisiva as forças partas altamente móveis e manter o controle sobre os povos isolados que se espalhavam naquele imenso território. O sistema político e militar dos partos parece ter sido extremamente flexível e os partos demonstravam capacidade de liderar as tropas apesar das aparentes derrotas catastróficas, políticas e militares.

¹⁸³ ALSTON, Richard. *Aspects of Roman History, AD 14-117*, p. 203.

A invasão de Trajano em 116 culminou com a captura da capital parta, Ctesiphon. É possível que Trajano pensasse que a guerra acabara. Em vez de consolidar o controle sobre esse território, ele avançou rumo ao golfo Pérsico, o limite efetivo do império de Alexandre. No entanto, os partos se mostraram capazes de pôr em campo um exército, e embora Trajano tivesse assegurado o poder militar romano, ainda não possuía o controle político.¹⁸⁴

Em 115, um grande terremoto destruiu a cidade de Antioquia. Tem sido sugerido que esse acontecimento precipitou uma significativa revolta no Oriente. Entre 115-117, comunidades judaicas na Cirenaica, em Chipre, no Egito e provavelmente na Judéia se revoltaram. Não há uma explicação óbvia para esse repentino surto de violência. As comunidades judaicas da diáspora haviam enfrentado perseguições periódicas no século anterior, sem desencadear uma revolta nessa proporção. Também não existem evidências sugerindo que Trajano tivesse instituído política anti-semítica. É mais provável que as comunidades judaicas estivessem respondendo a um movimento comum, cultural e político, talvez de natureza messiânica. Tanto o terremoto no Oriente quanto a guerra na Pártia, onde havia uma grande comunidade judaica, podem ser interpretados como acontecimentos religiosos significativos que encorajaram a revolta. Não sabemos a versão judaica dessa história. Em todo caso, a revolta provocou ruptura considerável no império e forçou a chamada das unidades que estavam na Pártia.¹⁸⁵

Em 116 ou no início de 117 os povos recém conquistados se revoltaram. Foram realizadas mais campanhas para manter o território; as cidades de Nisbis, Selêucia e Edessa foram saqueadas pelas forças romanas. A Arábia se revoltou e o próprio Trajano foi expulso dos muros de Hatra. As forças romanas envolvidas no cerco a Hatra foram atingidas por doenças causadas pelas péssimas condições sanitárias. O próprio Trajano adoeceu e morreu. Adriano não queria manter o controle sobre as novas províncias e chegou a um acordo com os partos pelo qual cedia boa parte do território conquistado.¹⁸⁶

¹⁸⁴ GRANT, M. *História de Roma*, p. 254.

¹⁸⁵ ALSTON, R. *Aspects of Roman History, AD 14-117*, p. 204.

¹⁸⁶ *Ibid*, p. 205; GRANT, M. *op. cit.*, p. 256.

A aventura de Trajano no Oriente terminou com um fracasso. Ele deixou de garantir o controle político da área e talvez tenha fracassado em reconhecer a natureza bastante difusa do poder no império parto. A extensão da revolta e das campanhas de Trajano em 116-117 provavelmente forçaram um reconhecimento das dificuldades em governar a região. Não se sabe as causas da revolta, mas pode-se especular que Roma tentasse estabelecer sistemas de governo provinciais. A tarefa de pacificar e transformar em províncias o território conquistado estava longe de ter sido encerrada por ocasião da morte de Trajano e outras campanhas longas talvez não fossem atraentes para o novo imperador, ainda inseguro da sua posição política. Sobre isso Gibbon escreveu:

“as ricas nações da Armênia, Mesopotâmia e Assíria estavam reduzidas à condição de províncias. A morte de Trajano logo veio anuviar a esplêndida perspectiva; e era muito de temer que tantas nações distantes se livrassem do jugo a que não estavam acostumadas logo que não as contivesse mais a mão poderosa que o tinha imposto.”¹⁸⁷

3.2 - Administração

No que tange à administração do erário público, não possuímos informações muito concretas além do que é citado no *Panegírico* de Plínio o Jovem ou nas grandes obras realizadas por Trajano, exaltadas até os dias de hoje.

Quando Nerva se tornou imperador, Domiciano sofreu *damnatio memoriae*. Um dos efeitos benéficos disso foi que as estátuas de Domiciano foram destruídas e como pelo menos algumas eram feitas de metais preciosos, encheram os cofres de Nerva. Nerva também criou um comitê para aconselhá-lo na redução de gastos públicos¹⁸⁸. Isso sugere que enfrentava alguma dificuldade financeira. Também pode ter elevado alguns novos impostos: Plínio se refere à criação de *plera vectigalia* (vários impostos). O único detalhe de que dispomos é uma discussão das mudanças nos 5% da taxa de herança. A comprovação no *Panegírico* 37 é bem difícil de se compreender, mas parece que Nerva mudara a

¹⁸⁷ GIBBON, Edward. *Declínio e queda do Império Romano*, p. 34.

¹⁸⁸ PLÍNIO O JOVEM, *Cartas*, II, 1.

base de isenção da taxa de herança e isso teve um efeito de aumentar a renda. Plínio apresenta essa medida que aumentou a equidade na administração da taxa.

A redução do número de processos levou a uma queda na renda do estado, uma vez que parte da propriedade dos acusados muitas vezes passava para o estado¹⁸⁹. A propriedade que não era reclamada pelos que retornavam do exílio foi vendida por Trajano¹⁹⁰. Isso resultaria numa perda de renda dessa propriedade; e vender bens do estado pode refletir problemas de fluxo de caixa no reinado de Trajano.

Contudo, a evidência de uma certa prosperidade nesse anos é forte. Nerva presumivelmente buscou garantir a lealdade das tropas e da plebe através de doações costumeiras. Declarou publicamente que o período de duras imposições de taxas sobre os judeus e de taxas sobre transportes na Itália havia acabado, embora a taxa sobre os judeus continuasse sendo cobrada. Nerva também precisou enfrentar as exigências financeiras feitas ao estado pelos que retornavam do exílio e que alegavam que as suas propriedades haviam sido confiscadas por Domiciano. Dion Cássio, na sua *História de Roma*¹⁹¹, alega que foram devolvidas terras equivalentes a sessenta milhões de sestércios, embora esse número seja questionável. Os projetos de construção de Nerva não foram muitos, embora ele completasse o *Forum Transitorium* (ou Fórum de Nerva).

Trajano conseguiu atender às doações normais à plebe, embora pagasse apenas metade da doação às tropas por ocasião da sua ascensão ao trono¹⁹². Realizou jogos luxuosos¹⁹³. Também cancelou os impostos do Egito e até enviou uma ajuda de emergência para essa província, que parece ter tido uma colheita desastrosa¹⁹⁴.

Quanto às obras públicas realizadas por Trajano, este desenvolveu um programa que introduziu o seu governo na história como um dos mais memoráveis no que tange à urbanística, engenharia e arquitetura.

¹⁸⁹ PLÍNIO O JOVEM, *Panegírico*, XXXVI, 42. Citado por ALSTON, Richard, op. cit. p. 206.

¹⁹⁰ Ibid.

¹⁹¹ DION CÁSSIO, *História de Roma*, LXVIII, 2. Extraído do site The Latin Library. Tradução pessoal.

¹⁹² PLÍNIO O JOVEM, *Panegírico*, XXV. Citado por ALSTON, Richard, op. cit. p. 206

¹⁹³ PLÍNIO O JOVEM, *Panegírico*, XXXIII. Citado por ALSTON, Richard, op. cit. p. 206

São realizações de sua administração: o novo porto de Óstia, quatro grandes estradas, o anfiteatro de Verona e a mais notável de todas, o Fórum de Trajano, atribuído ao gênio de Apolodoro, um grego de Damasco que já construía para Trajano, em poucos dias, a ponte sobre o Danúbio permitindo, assim, que Trajano apanhasse Decébalos pelas costas. Diante da Basílica Úlpia mandou erigir a coluna Trajana, para a qual foram transportados de Paros dezoito cubos de mármore especial pesando cinquenta toneladas cada, e onde estão gravadas em baixo-relevo duas mil figuras que retratam e comemoram as vitórias de Trajano na Dácia.

As evidências de Plínio sugerem que Trajano gastou livremente nos primeiros anos do reinado. O *Panegírico* não dá a impressão de que o estado romano estivesse à beira de uma crise financeira, e a extensa discussão de assuntos financeiros por parte de Plínio talvez não fosse política, se acontecesse. A menos que Nerva e Trajano tivessem conseguido alguma espécie de milagre financeiro, parece muito provável que tenham herdado de Domiciano uma situação financeira bastante saudável, e não houve grandes problemas financeiros durante o reinado de Nerva nem na primeira fase do reinado de Trajano.¹⁹⁵

Em geral assume-se que o sucesso das guerras contra a Dácia transformou a situação financeira de Trajano e lhe permitiu gastar livremente em monumentos como o Fórum. Como vimos, as finanças não precisavam de mudanças. Também é impossível avaliar o significado do dinheiro proveniente da Dácia e esta riqueza roubada, como está retratada na coluna de Trajano, deve ser vista em contraste com as despesas da guerra e com os custos para se estabelecer uma nova província.

As finanças de Trajano continuaram saudáveis. Ele pôde se dedicar a ambiciosos planos expansionistas, continuar e completar o amplo programa de construções e também financiar uma nova iniciativa na Itália, o esquema *alimenta*. Esse esquema se destinava a propiciar uma certa quantidade de alívio às crianças pobres da Itália. A idéia era que certos proprietários de terra hipotecassem suas

¹⁹⁴ PLÍNIO O JOVEM, *Panegírico*, XXX. Citado por ALSTON, Richard, op. cit. p. 206

¹⁹⁵ ALSTON, Richard, op. cit. p. 207

terras ao estado. Os juros dessa hipoteca seriam pagos a um fundo para propiciar alívio aos pobres. Os proprietários de terras eram encorajados a esse empréstimo por uma baixa taxa de juros, embora pareça que na maioria dos casos só uma pequena parte das propriedades fosse hipotecada assim. Os proprietários de terras provavelmente se beneficiariam com a injeção de capital que podia ser usado para melhorar ou ampliar as suas propriedades. Os pobres se beneficiariam do dinheiro acumulado, e assim a população seria encorajada a crescer. O encargo financeiro do sistema recaía principalmente sobre o estado.¹⁹⁶

Não se sabe ao certo a extensão do sistema *alimenta* na Itália, mas é provável que representasse um desembolso financeiro maciço. Era uma tentativa ousada para garantir segurança financeira para as crianças da Itália. Embora a demografia da Itália fosse matéria de certa preocupação para o estado romano durante séculos, essa intervenção era muito direta e cara. Tamanha concessão de generosidade imperial simboliza a riqueza, a confiança e o poder do Principado de Trajano.¹⁹⁷

3.3 – Trajano e os cristãos

A exemplo dos seus predecessores, os Antoninos não chegaram a legislar contra o cristianismo mas, durante os seus reinados, com maior frequência do que no passado, a pressão da opinião pública hostil induziu os magistrados a dar tratamento brutal aos cristãos.

O Livro X das *Cartas* de Plínio o Jovem é todo consagrado à correspondência entre este, então procônsul e governador da Bitínia, e o imperador. Entre as cartas desse livro, especialmente a 96 e a 97 merecem a nossa atenção particular porque constituem o testemunho imperial mais antigo sobre o Cristo e os cristãos.

O questionamento que Plínio o Jovem, então governador da Bitínia (111-112 d.C.), fez a Trajano quanto à atitude que deveria adotar diante dos cristãos, e a conseqüente resposta de Trajano, foram também registradas pela literatura

¹⁹⁶ Segundo Moses Hadas, na obra *Roma Imperial*, p. 67, “Trajano tomou o equivalente ao orçamento imperial de um ano” para financiar a *alimenta*.

¹⁹⁷ ALSTON, Richard, op. cit. p. 207.

cristã. Eusébio de Cesaréia, em *História Eclesiástica*, XXXIII, 1-3, nos dá notícia não somente das cartas, como também do teor das mesmas. Eusébio identificou Plínio o Jovem como alguém *muito ilustre entre os governadores* e de certa maneira atribuiu à atitude de Plínio o Jovem, de escrever ao imperador, a extinção da *ameaça de perseguição, que atingira o grau máximo*. Porém, se a ameaça se extinguiu, o mesmo Eusébio de Cesaréia informa-nos que os chefes regionais *armavam ciladas* contra os cristãos e que *nas províncias havia perseguições parciais*.

A parte das cartas referente aos cristãos, apesar de pequena, lança as bases para o conhecimento dos cristãos pelo império e a sua respectiva punição sob o aspecto jurídico, pois naquele momento instalam-se processos específicos sob a acusação de prática cristã. Alguns trechos da carta de Plínio o Jovem demonstram claramente isto:

*“Nunca participei de processos contra os cristãos; não sei por isso, a quais fatos e em que medida se aplicam ordinariamente a pena ou as perseguições. Eu me pergunto, não sem perplexidade, se há diferenças a observar segundo as idades ou se a tenra infância está no mesmo nível que o adulto, se deve-se perdoar a quem se arrepende ou se quem foi cristão não ganha nada quando se retrata, se é necessário punir o simples nome cristão, na ausência de crimes, ou os crimes implicados pelo nome.”*¹⁹⁸

[Trajano respondeu] *“Meu caro Plínio [...] Não há motivo para persegui-los ex-officio. Se forem denunciados e a acusação provada, é necessário condená-los, mas com a seguinte restrição: aquele que negar ser cristão e der a prova manifesta disto pelos atos, quero dizer, sacrificando aos deuses, mesmo que ele seja suspeito no que se refere ao passado, obterá o perdão como prêmio de seu arrependimento.”*¹⁹⁹

Trajano lançou as duas bases fundamentais para os processos contra os cristãos: se forem culpados, ou seja, se a *acusação for provada*, a autoridade pública posta em ação deve proceder judicialmente contra os mesmos e, sendo o caso, condená-los. Porém, não devem ser perseguidos *ex-officio*. Ou seja, a iniciativa não deve partir da autoridade pública.

O imperador Trajano fez reviver uma antiga lei sobre associações ilícitas, o que constituía uma ameaça aos cristãos, apesar de não ser uma legislação

¹⁹⁸ PLÍNIO, O JOVEM, *Cartas*, X, 96.

¹⁹⁹ PLÍNIO, O JOVEM, *Cartas*, X, 97.

anticristã. Diante disso, iniciaram-se as perseguições por parte de Plínio o Jovem, então governador da Bitínia (111-112 d.C.).

A partir daquele momento, apesar de ainda não haver uma legislação específica contra os cristãos, abriu-se um precedente e o nome cristãos passou a indicar um crime e a religião cristã uma prática criminosa que se negava a sacrificar aos deuses romanos, ou seja, não praticava o culto cívico e como tal merecia ser punida. Neste momento ela ganhou o cunho de *religio illicita* e por isso passível de punição como prática criminosa.

Bitínia-Ponto ficava na costa norte da Ásia Menor. Eram duas províncias, cada qual com a sua própria história antes da anexação ao Império Romano, mas agora ligadas em uma unidade administrativa que incluía uma estreita faixa de terra de 50 a 70 milhas ao longo da costa sul do mar Negro.

A Bitínia, a oeste, era a mais populosa e mais helenizada, enquanto Ponto tinha poucas cidades grandes e ainda guardava traços da cultura nativa. A terra era montanhosa, mas interrompida por vales e planícies adequados à lavoura e com amplas pastagens. A lã dos carneiros era muito procurada, especialmente pelas províncias vizinhas, onde era muito escassa. Ricas florestas nas montanhas propiciavam boa madeira para a construção de barcos e mobília e as árvores de bordos e nogueiras eram especialmente adequadas para se construir mesas, segundo o geógrafo Estrabão²⁰⁰. A abundância de terras, combinada com a boa pesca ao longo da costa, tornava a Bitínia-Ponto comercialmente importante para o mundo romano.

A região da Bitínia tornara-se uma província senatorial durante a reorganização do império à época de Augusto, em 27 a.C., significando que o governador era indicado pelo Senado e não pelo imperador. A decisão de Trajano de enviar Plínio como seu representante pessoal no século II d.C. revelava a sua opinião de que a província necessitava de uma supervisão mais próxima do que a recebida até então.

Como governador, as atribuições de Plínio eram as seguintes:

²⁰⁰ ESTRABÃO, *Geografia*, XII, 3.2, Paris: Belles Lettres, C.U.F., 1975, tradução Benoni Lemos.

1. Examinar as irregularidades na administração dos recursos (algumas cidades estavam à beira da falência);
2. Examinar a administração municipal das cidades;
3. Eliminar qualquer desordem política existente ou em potencial;
4. Resolver casos criminosos que estivessem pendentes;
5. Investigar a situação militar nas províncias.²⁰¹

Uma das principais razões para enviar Plínio à Bitínia-Ponto foi inspecionar as cidades e ajudá-las a lidar com os seus problemas financeiros. Mas havia outros problemas: o imperador tivera notícias de inquietação política e luta de facções.

Também havia sinais de inquietação social. Depois de um aumento de preços em Nicomédia²⁰², uma das principais cidades da Bitínia, o conselho teve dificuldade em controlar a população e precisou apelar ao pró-cônsul de Roma para restaurar a autoridade. Possivelmente uma das diretivas que Plínio recebera de Trajano fora a de dissolver todas as “associações” ou “clubes”, políticos ou não, na esperança de manter a ordem na província.

Plínio começou a sua viagem provincial em Crusa, cidade do oeste da Bitínia, de lá seguindo para Nicomédia, de onde partiu para Claudiópolis, uma cidade próxima, e continuando até Sínope, Amisus.

Depois de Amisus, o itinerário de Plínio é incerto. A referência geográfica seguinte, nas suas cartas, é Amastris²⁰³, cidade situada quase cem milhas a oeste de Amisus, no caminho de volta para a Bitínia. Entre a carta escrita em Amisus e a carta de Amastris, Plínio escreveu a sua carta a respeito dos cristãos²⁰⁴. Por não mencionar a cidade onde a escreveu, assumindo que sem dúvida Trajano sabia onde ele se encontrava, não é possível afirmar se o contato de Plínio com os cristãos aconteceu em Amisus, em Amastris ou em outra cidade entre essas

²⁰¹ WILKEN, Robert L. *The Christians as the Romans saw them*, pp. 10-11.

²⁰² Nicomédia: capital da província da Bitínia, há muito uma das cidades favoritas dos imperadores romanos. Já na época de Augusto, os cidadãos haviam erigido um templo a Roma e outro a Augusto, e ao longo dos anos Nicomédia suplantara as cidades vizinhas na escala e na proporção das construções públicas.

²⁰³ PLÍNIO O JOVEM. *Cartas*, X, 98.

²⁰⁴ PLÍNIO O JOVEM. *Cartas* X, 96.

duas. Só se pode afirmar que a carta foi escrita em uma cidade costeira do norte do Ponto, possivelmente no outono de 112 d.C.

Deixando de lado outras cartas, a correspondência com Trajano, reunida no livro X, mostra-nos Plínio como um governador honesto mas tímido, submetendo a Roma assuntos tão secundários como a inexistência de um corpo de bombeiros (*collegium fabrorum*) e baldes para água na Nicomédia. As respostas do imperador, muitas vezes um tanto secas, são precisas, claras, e denotam um governo que sob Trajano atingiu um grau extraordinário de centralização.

Pouco depois da chegada de Plínio à cidade, um grupo de cidadãos locais aproximou-se para reclamar dos cristãos que viviam nas vizinhanças. Não se sabe exatamente qual foi a reclamação mas, por vários indícios na carta, é possível inferir que a acusação talvez tenha sido trazida pelos mercadores locais, açougueiros e outros ocupados na matança e na venda de carne para sacrifício. No fim da carta²⁰⁵, escrita depois que Plínio lidou com o problema, este observou que *“carne para sacrifício está à venda por toda parte, embora até recentemente não houvesse quem a comprasse”*. Sem dúvida, acontecera algum problema entre os cristãos e outras pessoas da cidade, o que não causa admiração alguma porque problema semelhante já surgira em Corinto²⁰⁶ onde alguns cristãos se negavam a comer as carnes imoladas nos sacrifícios pagãos. O conflito entre cristãos e pagãos é confirmado pelo registro da primeira carta de Pedro, escrita aos cristãos da Bitínia e do Ponto, bem como de outras partes da Ásia Menor:

*“Amados, exorto-vos. (...) Seja bom o vosso comportamento entre os gentios, para que, mesmo que falem mal de vós como se fôsseis malfeitores, vendo as vossas boas obras glorifiquem a Deus no dia da Visitação.”*²⁰⁷

No entanto, Plínio não diz o que especificamente causou a hostilidade em Ponto.

²⁰⁵ PLÍNIO O JOVEM. *Cartas X*, 96.

²⁰⁶ *I Coríntios*, X, 23-33.

²⁰⁷ *I Pedro*, II, 11-12.

Plínio já devia ter ouvido falar dos cristãos, pois o seu nascimento ocorreu pouco antes do grande incêndio de Roma e com certeza a perseguição de Nero não passou despercebida a esse membro do patriciado, embora ainda criança. Posteriormente, Plínio fazia parte do governo de Domiciano quando os cristãos foram expulsos e perseguidos pelo imperador, juntamente com os filósofos estoicos, judeus e membros do patriciado. Naquele momento, Plínio fazia parte do governo de Domiciano. Mesmo assim, não há menção aos cristãos em nenhuma outra carta, e o seu conhecimento desse movimento, manifestado no Livro X, 96, dá a impressão de ser superficial.

Ao escrever para Trajano: “Nunca participei de processos contra os cristãos”, Plínio informa que apesar de ser um advogado experimentado nos tribunais romanos, desconhece quem são os cristãos e desconhece também que atitudes ter para com eles diante de suas práticas ou crenças:

“Senhor, é uma norma para mim submeter a ti todos os pontos sobre os quais tenho dúvidas; quem melhor poderia orientar-me quando hesito, ou instruir-me quando ignoro?”

Nunca participei de processos contra os cristãos; não sei por isso a quais fatos e em que medida se aplicam ordinariamente a pena ou as perseguições. Eu me pergunto, não sem perplexidade, se há diferenças a observar segundo as idades ou se a tenra infância está no mesmo nível que o adulto, se deve ser perdoado quem se arrepende, ou se quem foi cristão não ganha nada quando se retrata, se é necessário punir o simples nome cristão, na ausência de crimes implicados pelo nome.”²⁰⁸

Plínio sabia que em ocasiões anteriores os oficiais romanos tiveram de lidar com alguns grupos religiosos estrangeiros problemáticos como, por exemplo, os druidas, as bacantes e os judeus. Lívio, o historiador romano cujos escritos Plínio conhecia, relata uma história particularmente famosa do início do século II a.C., quando o Senado romano sufocou a difusão dos rituais báquicos na Itália. Porém não tratarei deste assunto aqui, e mais à frente retornarei a ele. Por ora basta verificar que, embora Plínio buscasse crimes contra os cristãos e chegasse a *submeter à tortura duas diaconisas, encontrou apenas uma superstição insensata e exagerada.*²⁰⁹ Observemos, entretanto, como Plínio chegou a esta conclusão.

²⁰⁸ PLÍNIO O JOVEM. *Cartas*, X, 96.

²⁰⁹ *Ibid.*

O primeiro passo depois de ouvir as acusações foi convocar os cristãos. O grupo incluía velhos e jovens, ou seja, famílias, pessoas abertamente associadas ao movimento cristão, pessoas que haviam sido cristãos e não eram mais, e pessoas de diferentes classes sociais.

Os romanos às vezes obedeciam a um procedimento legal conhecido como *cognitio extra ordinem*. Esse procedimento, mais simples e mais eficiente do que os julgamentos comuns, não exigia vários juízes, advogados, nem corpo de jurados; exigia simplesmente que as partes comparecessem perante o governador, que este ouvisse as provas e julgasse a matéria segundo a própria autoridade.²¹⁰

“Eis, entretanto, a norma que tenho seguido para aqueles que me foram denunciados como cristãos. Perguntei-lhes se eram cristãos. Aos que confirmavam, perguntei segunda e terceira vez, ameaçando-os com o suplício; aqueles que perseveraram mandei executar; seja qual for o significado da sua confissão, eu estava certo de que era necessário punir pelo menos essa teimosia e essa obstinação inflexíveis”

À época em que Plínio teve contato com o cristianismo, muitos cristãos haviam adotado o termo *ecclesia*, palavra traduzida como “igreja”, para referirem-se a eles mesmos. Usavam este termo para se referir aos convertidos, quer falando de reuniões locais em determinadas cidades, quer da rede de cristãos espalhada pelo mundo do Mediterrâneo. Por exemplo, um cristão, bispo em Roma, começou uma carta para Corinto assim: “Da igreja (*ecclesia*) de Deus que reside em Roma para a igreja de Deus que reside em Corinto...”²¹¹. O livro dos Atos dos Apóstolos, escrito praticamente à mesma época, ou seja, no fim do século I, fala da “igreja espalhada pela Judéia, Galiléia e Samaria”.²¹²

Os romanos não usaram o termo *ecclesia* para se referir ao novo movimento. Chamaram-no simplesmente de “cristianismo”. Na verdade este termo, *christianus*, nome que seria característico dos seguidores de Jesus, foi usado pela primeira vez por estranhos²¹³. Plínio também os chama de *christiani*,

²¹⁰ STE. CROIX, G. E. M. de. “Por que fueron perseguidos los primeros cristianos?” In: FINLEY, M. I. *Estudios sobre Historia Antigua*, p.242.

²¹¹ 1ª Carta de Clemente Romano aos Coríntios, I, 1.

²¹² *Atos dos Apóstolos*, IX, 31.

²¹³ *Ibid.*, XI, 26.

identificando-os ao fundador, assim como os seguidores de Pitágoras eram chamados de pitagóricos, os de Epicuro de epicuristas, os de Dioniso de dionisíacos. Se Plínio tivesse ouvido o termo *ecclesia* teria ficado surpreso pois no uso corrente do latim e do grego essa palavra se referia à assembléia política do povo de uma cidade, em contraste com um grupo menor de funcionários eleitos que formava o conselho (*boulé*). Numa carta a Trajano, escrita poucas semanas depois do caso com os cristãos, Plínio se refere ao voto das “*boulé e ecclesiae locais*”²¹⁴.

Além da palavra específica *christiani*, Plínio também usou o termo *hetaeria* para identificar o grupo cristão.

*De resto, afirmavam que toda a sua falta, ou o seu erro, tinha-se limitado ao costume de se reunirem em um dia fixo, antes de levantar o sol... e de se reunirem outra vez para tomarem sua refeição... mesmo a essa prática tinham renunciado depois do meu édito pelo qual, segundo as tuas instruções, proibi as hetaeriae.*²¹⁵

A palavra *hetaeria*, transliteração para o latim de uma palavra grega, em geral é considerada como “clube político” ou “associação”. Como vimos no capítulo anterior, é a mesma palavra usada por Plínio em outra carta a Trajano para se referir à associação dos bombeiros em Nicomédia. A *hetaeria* tinha potencial para se tornar política e, portanto, perturbar a vida da cidade. Como esses grupos promoviam as facções nas cidades que, por sua vez, alimentavam a inquietação social ou política, os oficiais romanos desencorajavam-lhes a formação.

Embora o termo *hetaeria* ressalte os aspectos políticos dessas associações, muitos clubes não eram políticos, como Trajano reconheceu. As associações existiam no mundo romano desde o século III a.C. Segundo a tradição, algumas supostamente foram formadas na ocasião do estabelecimento da cidade de Roma. Diz-se que o lendário rei Numa dividiu os cidadãos em *collegia* (associações), segundo as suas profissões: tocadores de flauta, ourives, carpinteiros, tintureiros, trabalhadores com couro, caldeireiros e oleiros. Cada

²¹⁴ PLÍNIO O JOVEM, *Cartas*, X, 11.

²¹⁵ PLÍNIO O JOVEM, *Cartas*, X, 96.

grupo tinha a própria função e os seus deuses ou deusas distintos, além de rituais religiosos. Contudo, é mais provável que as associações não tenham surgido muito depois, quando Roma crescera e as pessoas buscavam oportunidade para recreação e companheirismo entre aqueles com quem trabalhavam e compartilhavam de certos interesses. As associações muitas vezes assumiam a responsabilidade de providenciar enterro decente para os membros. Costumeiramente, a associação adotava um determinado deus ou deusa como patrono e, quando os membros se reuniam para uma refeição em comum, celebravam os ritos em homenagem à divindade padroeira. Embora as associações fossem freqüentemente compostas por membros do mesmo ramo de negócio, não eram corporações nem embriões de sindicatos. O propósito era social, recreativo e religioso.

Igualmente no mundo grego, especialmente do século III em diante, quando a cidade perdeu a sua importância como foco primário da identidade dos cidadãos, os clubes e as associações começaram a se espalhar. Os clubes gregos eram mais variados do que os romanos – alguns se organizavam em torno de profissões e ocupações, outros eram explicitamente religiosos como, por exemplo, os *Dionysiai*, os *Herakleistai* (cultuadores de Dioniso e Héracles); alguns eram denominados segundo os seus fundadores e outros eram simplesmente grupos de pessoas que se reuniam para se divertir e se fazer companhia. Havia associações de trabalhadores com lã, tecelões, banqueiros de Delos, padeiros, pescadores, apicultores, verdureiros, *Aigyptioi* (egípcios), *Salaminioi* (habitantes de Salamina), e muitos outros. Todos combinavam culto religioso com intercâmbio social e às vezes ofereciam vantagens comerciais e educação. Todas essas sociedades eram locais e constituídas de pessoas que viviam numa cidade específica. Não eram “internacionais”, ou seja, grupos de associações reunidas numa organização que se estendia pelo mundo do Mediterrâneo. No máximo incluíam pessoas de determinada ilha ou província específica. Em geral eram pequenas, com um número de membros em média abaixo de cinqüenta; poucas tinham mais de várias centenas.

As associações podem ser divididas em três tipos principais: 1) corporações profissionais como, por exemplo, associação de donos de navios, mercadores de frutas, pessoas que trabalhavam a lã, ou estucadores; 2) sociedades funerárias, cujo principal propósito era garantir as despesas de enterro para membros falecidos e garantir que cada membro recebesse um enterro decente; 3) sociedades religiosas, compostas de cultuadores de uma divindade em particular como, por exemplo, os devotos de Baco ou Ísis. No entanto, raramente as atividades das associações se limitavam a uma dessas funções. A maioria combinava várias, senão todas. Todos os tipos incluíam alguma forma de culto religioso.

Para o observador comum, as comunidades cristãs nas cidades do Império Romano pareciam semelhantes a essas associações religiosas como a descrita acima, ou mesmo com uma sociedade funerária. Assim como essas outras associações, a sociedade cristã se reunia regularmente para uma refeição em comum; tinha o seu próprio ritual de iniciação, regras e padrões para os membros; quando o grupo se reunia, os membros ouviam discursos e celebravam um rito religioso que envolvia oferecimento de vinho, orações e hinos; e certos membros do grupo eram eleitos para servirem de oficiais e administradores dos negócios da associação. Também possuíam um fundo comum obtido de contribuições dos membros, cuidavam das necessidades dos membros, propiciavam um enterro decente, e em algumas cidades tinham os próprios cemitérios. Assim como os seguidores de Hércules foram chamados de heraclistas, os devotos de Asclépio, asclepiates ou os seguidores de Ísis, isíacos, os cristãos foram chamados de *christiani*. As comunidades cristãs, escreve Jean Gagé, historiador de história social romana, “ofereciam, à primeira vista, uma surpreendente semelhança com o tipo de associação fraterna, principalmente com a sociedade funerária ou de enterros”²¹⁶.

Assim, Plínio e outros observadores do cristianismo não se furtaram a comparar os cristãos a uma *hetaeria* e mesmo que algumas destas tenham recebido permissão de Trajano para existir, isso aconteceu porque já existiam há

²¹⁶ GAGÉ, Jean. *Les classes sociales dans l'empire romain*, p. 308.

mais de três séculos antes e podiam comprovar que não eram clubes políticos nem associações perigosas à vida e aos costumes romanos, como as sociedades báquicas. Porém, os cristãos não podiam comprovar isso e, ao contrário, pareciam-se mais com uma sociedade secreta ou religião de mistério.

Os cristãos devem ter preocupado Plínio, porque parece que por causa deles e de suas crenças os templos não estavam sendo freqüentados com regularidade e também a própria carne vendida nos açougues e que advinha dos sacrifícios rituais já não estava sendo consumida. Sobre isso Plínio escreveu:

“Inegavelmente, os templos, que estavam quase abandonados, começam a ser freqüentados; as cerimônias rituais, há tanto tempo interrompidas, são retomadas, e por toda parte é vendida a carne das vítimas, a qual até o presente tinha raríssimos compradores.”²¹⁷

Situação semelhante ocorreu cinqüenta anos antes na cidade de Corinto, na Grécia onde, por volta do ano 54 d.C., associações e grupos profissionais – entre os quais os cristãos – organizavam manifestações nos templos para clamar contra algo que os desagradasse. Parece que no caso cristão, estes manifestavam-se contra os sacrifícios aos ídolos e contra a carne sacrificada aos ídolos e que depois era vendida nos açougues.

Em Corinto, alguns cristãos não se importavam com essas questões e tomavam parte nos banquetes e nas reuniões das suas associações, porém eram criticados por outros mais radicais, que acreditavam que isso era sinal de idolatria.

O problema de Corinto foi parcialmente sanado quando Paulo lhes escreveu a primeira carta cujo capítulo 8 dedicou a examinar a questão. Paulo lança mão do argumento de que a liberdade é justa mas não deve ser exercida às custas da consciência do outro. Três anos depois, em 57 d.C., na carta que escreveu aos romanos, Paulo retomou o assunto da liberdade justa, nos capítulos 14 e 15:

“sabemos que o ídolo nada é no mundo... Não é o alimento que nos fará comparecer para julgamento diante de Deus: se deixamos de comer, nada perdemos; e se comemos, nada lucraremos. Tomai cuidado, porém, para que a vossa liberdade não se torne ocasião de queda para os fracos.”²¹⁸

²¹⁷ PLÍNIO O JOVEM, *Cartas*, X, 96.

Creio que o problema na Bitínia não foi diferente do ocorrido em Corinto, já que ali também deviam existir os mais radicais que criticavam as práticas pagãs e também eram contrários ao consumo das carnes sacrificadas aos deuses. Porém, diferente do que se deu em Corinto, onde não houve repressão aos cristãos, acredito que com a proibição às heterias e a ocorrência das primeiras prisões, o grupo cristão da Bitínia reviu as suas posições. Sabendo-se que os documentos do cristianismo – as cartas paulinas e algumas cópias de textos com palavras de Jesus – já circulavam pelo mundo cristão naquele momento, não é impossível que justamente o argumento paulino -- associado, é claro, às repressões -- tenha favorecido a mudança de postura dos cristãos da Bitínia.

Mesmo assim, a questão preocupou Plínio pois, apesar de relatar orgulhosamente que os templos já estavam funcionando e que as carnes eram vendidas em todos os mercados, das cidades, das aldeias e dos campos em que se espalhou o contágio da superstição, esse mesmo Plínio escreve: "Creio, contudo que é possível detê-la e curá-la". Ou seja, não são perigosos esses cristãos, porém são fanáticos e como tal merecem a atenção do império para que esse mal possa ser extirpado, ou para que se encontre o melhor remédio para debelá-lo.

A carta de Plínio leva-nos a discutir sobre os crimes cometidos pelos cristãos. Essa discussão tem fomentado o debate entre juristas e historiadores. Entre estes debates, destaca-se um mais recente, entre Ste. Croix e Sherwin-White acerca das acusações aos cristãos. Segundo esses estudiosos, podemos incluir os cristãos em duas categorias de crimes: *contumacia*, que, segundo Sherwin-White, pode equivar a desacato, e *obstinationem*, pela insistência dos cristãos em afirmar a sua fé.

Ste. Croix interpretou as palavras de Plínio da seguinte maneira:

"Plínio não está dando uma justificação formal e técnica de seus atos: não era preciso. O que ele está dizendo é que [os cristãos] eram um bando de obstinados e mereceram o que tiveram. Apesar da sua nescio quid... puniri soleat, as suas próprias ações (ver as primeiras sentenças do parágrafo terceiro da sua carta) demonstram que ele sabia que os que confessavam deviam ser

²¹⁸ I Coríntios, VIII, 4.

*executados por serem cristãos. A obstinação era uma das indesejáveis manifestações da superstição cristã.*²¹⁹

Por seu lado, A. N. Sherwin-White defende a teoria da acusação dos cristãos pelo crime de *contumacia*, tese esta que não é partilhada por Ste. Croix. Por isso, White escreveu:

*“Agora está seguramente fora de dúvida que quando Plínio afirmava que qualquer que pudesse ser a natureza subjacente do nome, via que se devia executar os cristãos com base na sua pertinaciam... et inflexibilem obstinationem, estava se referindo ao desafio que este supunha à sua autoridade governamental. (...) Contumacia em alguns textos legais pode equivar meramente a uma classe de desacato.”*²²⁰

Seguindo ainda as palavras do próprio Plínio, podemos inserir os cristãos em outra categoria criminal, a *flagilitia cohaerentia nomini*, por serem uma superstição exagerada, uma associação ilegal, e mesmo pela insistência e obstinação diante do governador. Porque desafiar e provocar uma autoridade imperial já dava base suficiente para a punição do súdito romano. Mas continuemos a seguir os passos de Plínio.

Entre os que foram levados perante Plínio, alguns possuíam cidadania romana. Como governador de província, o *Imperium* não lhe permitia condenar cidadãos e sumariamente mandá-los para a prisão para serem executados. Assim, ele pôs essas poucas pessoas na prisão, acrescentou seus nomes a uma lista de outros cidadãos já presos, e preparou-as para irem a Roma para serem julgadas. Não se sabe o que aconteceu a essas pessoas.

Nesse momento, Plínio propõe um teste para aqueles que diziam ter abandonado a prática cristã ou não serem cristãos:

*“Aqueles que negavam ser cristãos ou tê-lo sido, se invocavam os deuses segundo a fórmula que eu lhes ditava, e se faziam oferendas de incenso e de vinho diante da tua imagem, que para este fim eu mandava trazer, com estátuas das divindades, e se além disso blasfemavam o Cristo – coisas essas que, segundo se diz, é impossível obter-se daqueles que são verdadeiramente cristãos – pensei que devia deixá-los ir.”*²²¹

²¹⁹ STE. CROIX, G. E. M. de. “Por que fueron perseguidos los primeros cristianos? Una Replica”
In: FINLEY, M. I. Estudios sobre Historia Antigua, p.282.

²²⁰ SHERWIN-WHITE, A. N. “Por que fueron perseguidos los primeros cristianos? Una Correccion”
In: FINLEY, M. I. Estudios sobre Historia Antigua, p.278.

²²¹ PLÍNIO O JOVEM. *Cartas*, X, 96.

A frase usada por Plínio “faziam oferendas de incenso e de vinho” tem uma longa história na religião romana. Séculos antes, por ocasião de catástrofes nacionais, como desastres naturais ou derrota na guerra, ou em tempo de júbilo público como, por exemplo, uma vitória na guerra, o povo de Roma corria aos templos para agradecer aos deuses pela ajuda e comemorar a boa sorte. Nessas ocasiões, os suplicantes usavam a forma comum de oferecimentos não sanguíneos -- vinho e incenso --, como estavam acostumados a fazer em casa quando cultuavam os deuses da família, Lares. O que originariamente ocorria apenas em certas ocasiões passou a ser regular, como forma de culto. As súplicas (termo técnico) tornaram-se o padrão de ato religioso para comemorar acontecimentos memoráveis, como o nascimento ou a ascensão de um imperador, o aniversário de uma batalha e ocasiões semelhantes. Como a oferenda consistia em derramar vinho e grãos sobre o altar, e como isso era muito menos caro do que matar e assar um porco ou um boi, adquiriu popularidade como forma simples de devoção aos deuses. Por exemplo, podia acompanhar outras ocasiões públicas e rituais.

Quando o ritual ficou mais popular, as autoridades romanas iniciaram a prática de determinar dias em que a população podia fazer essas oferendas. Depois da vitória de G. Pompeu na guerra mitridática (63 a.C) foram estabelecidos dez dias para as *supplicationes*. Como a prática de oferecer suplicações era mais freqüente em ocasiões assim, a distinção entre as suplicações oferecidas aos deuses e as oferecidas a homens que se destacavam começou a ficar pouco nítida. Por exemplo, Cícero observa orgulhosamente que o Senado ordenou suplicações depois que ele expôs a conspiração de Catilina. Obedecendo a esses procedimentos, as suplicações começaram a aparecer em inscrições que homenageavam as conquistas dos imperadores.²²²

²²² WILKEN, Robert L. *The Christians as the Romans saw them*, pp. 26-27.

Na época do Imperador Augusto, o historiador Suetônio registra que este determinava que antes de tomar assento cada membro do Senado deveria oferecer incenso e vinho ao deus em cujo altar se realizava aquele encontro²²³.

Na famosa inscrição encontrada em Ancara, na Turquia, Augusto narra alguns dos próprios sucessos, dizendo:

“Pelos sucessos que consegui em terra e em mar através dos meus representantes sob o meu comando, o Senado decretou que fossem oferecidas suplicações, cinqüenta e cinco vezes, aos deuses imortais. Além disso, o número de dias nos quais, por decreto do Senado, essas suplicações seriam oferecidas, chegaria a 890”.

Em outro ponto da mesma inscrição, Augusto menciona que os cidadãos individualmente ou como membros de municipalidades rezavam pela sua saúde em templos e santuários. Acontecimentos da vida do imperador – nascimento, vitórias militares, aniversário da ascensão ao trono – tornaram-se ocasiões para suplicações. Em suas cartas, Plínio observa regularmente essas ocasiões.

Práticas como a mencionada, somadas à percepção popular de que não se deve empanar o culto cívico, podem estar por trás do uso que Plínio faz do teste que envolvia o oferecimento do pão e do vinho. O que parece novo na ação de Plínio é o uso de um ritual de oferecimento de incenso e vinho como teste de fidelidade religiosa. Talvez ele tenha tirado essa idéia do que ouviu falar sobre os rituais cristãos à época do imperador Domiciano, várias décadas antes. Flávia Domitila e o marido, Flávio Clemente foram condenados com uma acusação envolvendo “ateísmo” e isso provavelmente tinha alguma associação com o judaísmo, que era uma superstição aos olhos dos romanos.²²⁴ Quaisquer que fossem os precedentes, Plínio descobrira um teste simples porém eficiente para determinar quem era cristão.

A carta sobre os cristãos chega quase no fim da correspondência entre Plínio e Trajano e da temporada de Plínio em Bitínia-Ponto. Logo depois, no ano seguinte, Plínio morreu sem ter chance de voltar a Roma. Temos praticamente certeza da data do seu falecimento, 113 d.C., pois várias das últimas cartas

²²³ SUETÔNIO, *Augusto*, XXXV, 3.

²²⁴ SUETÔNIO. *Domiciano*, XV.

mencionam o aniversário da ascensão de Trajano ao trono (28 de janeiro) e os votos “anuais” pelo bem-estar do estado (3 de janeiro).

“Rezamos para que os deuses Vos preservem e ao estado em prosperidade e segurança, e que Vos mostrem o favor que mereceis por Vossas muitas virtudes, e sobretudo por Vossa santidade, reverência e piedade”, escreve Plínio a Trajano²²⁵.

Como as cartas de Plínio para Trajano cessam antes do aniversário deste em setembro de 113 d.C. , presume-se que Plínio morreu entre janeiro e setembro daquele ano.

Como governador da Bitínia-Ponto, foi sucedido por Cornuto Tertulo, um amigo que ocupara o consulado junto com ele alguns anos antes, porém vinte anos mais velho.

A seguinte inscrição testemunha a maneira pela qual Plínio foi lembrado pelos seus concidadãos:

“Gaius Plinius Caecilius Secundus, filho de Lucius, da tribo de Oufentina, cônsul; áugure, pretor, com total poder consular na província de Ponto e Bitínia, enviado àquela província por decreto do Senado pelo imperador Nerva Trajano Augusto, vitorioso na Germânia e na Dácia, protetor deste País; curador do leito e das margens do Tibre e dos esgotos de Roma; oficial do Tesouro de Saturno; oficial do Tesouro Militar; pretor; tribuno do povo; questor do Imperador; oficial dos cavaleiros romanos; tribuno militar da Terceira Legião da Gália; magistrado do conselho dos Dez; deixou por testamento banheiros públicos a um custo de... e mais 300.000 sestércios para equipá-los, com juro de 200.000 para que sejam conservados... e também para a cidade um capital de 1.866.666 2/3 sestércios para sustentar uma centena de libertos que lhe pertenciam e conseqüentemente proporcionar um jantar anual para as pessoas da cidade [...] Igualmente, durante a sua vida, deu 500.000 sestércios para o sustento de meninos e meninas da cidade, e mais 100.000 para a conservação da biblioteca...”²²⁶

Por isso, fica a pergunta: como os romanos viam os cristãos? Porque se as fontes cristãs dão estas respostas às perseguições, é importante observar também a ótica do outro, ou seja, desvendar qual a visão que brota das fontes romanas sobre o cristianismo e sobre os cristãos. Isto porque não basta dizer que o cristianismo era visto como uma religião de mistério e ilícita, ou como uma superstição e que assim permaneceu até o século IV d.C.

²²⁵ PLÍNIO O JOVEM. *Cartas*, X, 100.

²²⁶RADICE, Betty. “Introduction”. “Appendix A: Inscriptions”. *In: The Letters of the Younger Pliny*, pp.303-304.

Quando Tácito e Suetônio estavam escrevendo as suas obras, já haviam se passado quase 50 anos da ocorrência da perseguição de Nero e aproximadamente 20 anos da ocorrência das perseguições de Domiciano. Mesmo assim, ambos viveram e se desenvolveram na corte de Domiciano e certamente ouviram histórias sobre os cristãos e as perseguições de Nero. Devo ainda lembrar que ambos os autores fizeram parte do círculo de amigos de Plínio o Jovem e devem ter tomado conhecimento de suas cartas a Trajano. Mesmo assim, nenhum dos dois autores menciona uma legislação contra os cristãos, ou mesmo uma definição dos crimes cometidos por eles.

Sabe-se ainda que os romanos associavam os cristãos aos cultos dionisíacos que desde o século II a.C. estavam proibidos em Roma, como nos demonstra Tito Lívio.²²⁷ Mesmo assim, até o final do século II d.C. não havia uma legislação anti-cristã e nem uma definição clara do que era ser cristão. A grande mudança será iniciada por Plínio o Jovem que, a fim de dar conhecimento de seus atos ao imperador, buscou consultá-lo sobre os cristãos.

Acredito que, tomando por base esses três momentos e essas duas localidades distintas – Roma e Bitínia –, seja possível traçar uma visão mais ampla das relações entre os cristãos e o Império Romano durante os séculos I e II, bem como das identidades e identificações assumidas por ambos os grupos e a eles atribuídas nas suas inter-relações.

Os séculos I e II d.C. correspondem ao período de organização doutrinária, moral e institucional do cristianismo, que com o tempo acabará passando de perseguido a perseguidor através de processos de acomodação e sedimentação nos séculos seguintes.

²²⁷ TITO LÍVIO, *História de Roma*, XXXIX, 8-19; também sobre a presença dos cultos orientais em Roma, Livro XXV, 1.

CAPÍTULO 2

TÁCITO, SUETÔNIO E PLÍNIO O JOVEM: TRÊS ESCRITORES E TRÊS HISTÓRIAS

1. Tácito: autor e personagem da história.

1.1 – A História de Tácito: algumas observações biográficas.

Chamou-se L. Publius (?) Cornelius Tacitus²²⁸. Acredita-se que nasceu em Terni, na Úmbria, região não muito distante de Roma, por volta do ano de 55 d.C., ou seja, um ano após a ascensão de Nero ao poder.

Sobre si mesmo, Tácito escreveu na obra *Histórias*: “*Minha situação política começou durante o reinado de Vespasiano, melhorou com Tito e subiu ainda mais com o de Domiciano.*”²²⁹

Pelo que se sabe sobre a carreira política de Tácito, ele foi *Tribunus Militum* e ocupou um dos cargos de *Viginvirate* na época de Vespasiano.²³⁰ Foi ainda questor durante o governo de Tito e Pretor sob o governo de Domiciano (88 d.C.).

No ano de 78 d.C. casou-se com a filha de Cneio Agrícola, general de magnífica reputação. Naquele momento, Agrícola era cônsul e estava de partida para realizar a sua grande conquista, a Bretanha.

O historiador Tácito possuía grande respeito e admiração por Agrícola, tendo posteriormente exaltado a memória do sogro, ao escrever a biografia deste general, na qual fez uma descrição detalhada das tribos e da região da Germânia. Essa biografia veio a público entre 97 e 98 d.C., época em que Tácito contava com 53 anos de idade. Dezesesseis anos antes (81. d.C.), Tácito escreveu *Dialogus de Oratoribus* (Diálogo sobre os oradores).

O *Dialogus de Oratoribus* foi escrito em estilo ciceroniano e nesse diálogo se discute a oratória sob uma ótica diferente da de Quintiliano, mais preocupado com os aspectos técnicos e literários.

²²⁸ Sobre o nome completo de Tácito pairam algumas dúvidas. Aqui nesta dissertação faço opção pelo nome de Cornelius Tacitus, e o usarei em português, designando-o somente Tácito.

²²⁹ TÁCITO, *Histórias* I, 1.

²³⁰ *Tribuni Militum*: Cada Legião do Exército Romano estava sob o comando de um dos seis *Tribuni Militum*. *Viginvirate*: Originalmente Vigintisexvirate, em Roma eram 26 funcionários públicos constituindo juntas para a execução de tarefas secundárias atribuídas ao governo da cidade. Essas juntas incluíam os *decemviri stibus judicandis* (junta de dez cidadãos, que funcionava como júri nas causas relativas à liberdade e à cidadania); os *tresviri capitales* (assistentes dos magistrados em causas criminais); os *tresviri monetales* (incumbidos da cunhagem de moedas); os *quattuorviri viis purgandis* (encarregados da limpeza das ruas da cidade). Estas compunham os *vingivirate*.

Os primeiros 27 capítulos são introdutórios e tratam da superioridade da oratória em relação à poesia, pelas recompensas que a primeira traz.

Na Roma Antiga, o orador dirigia-se à tribuna pronto para aceitar os imprevistos da polêmica e improvisava as suas alocações. Uma alocação produzia efeito tanto maior quanto as sentenças fossem percucientes, sendo de suma importância a grandeza vocabular, que denotava a grandeza de um romano.

No capítulo 28 do *Dialogus de Oratoribus*, Tácito passa às causas do suposto declínio da oratória e identifica a causa desse declínio na educação descuidada dos jovens em contraste com os métodos do passado e no preparo deficiente que recebem dos chamados oradores e de seus professores de retórica.²³¹

Ainda segundo Tácito, o declínio da retórica parece dever-se às mudanças nas condições da vida pública. A calma do Império e a *Pax Romana* eliminaram esses incentivos.²³²

A preocupação com a oratória surge também em outras obras de Tácito, como nos *Anais* onde, segundo James M. Scott²³³, Tácito usou de técnicas literárias para silenciar Nero pois, apontando para a inabilidade retórica do imperador, atacou a conduta e a probidade moral de Nero, assunto que retomarei adiante.

No ano de 99 d.C. veio a público a obra *Germânia*, uma espécie de livro de viagem sobre os costumes, no qual se pode vislumbrar a advertência de Tácito quanto a uma possível dissolução do Império Romano pelos bárbaros. Esta obra é fruto do período em que Tácito esteve ausente de Roma, entre 90 e 93 d.C., quando possivelmente governou a Gália Belga.

Retornando a Roma em 93 d.C., Tácito indispsôs-se com o regime autoritário de Domiciano e recolheu-se a uma obscuridade voluntária, na qual aceitou aquele governo de desconfiança e terror para poder sobreviver.

²³¹ HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina*, p. 162.

²³² Ibid.

²³³ SCOTT, James. "A retórica da supressão do discurso: a omissão de Tácito do discurso direto nos seus *Anais* como técnica de difamação do caráter". In: *The Ancient History Bulletin* 12.1.2 (1998) pp. 8-18. (James M. Scott é professor da Universidade de Montana).

Naquele momento, Domiciano expulsara os estóicos de Roma porque estes criticavam o seu governo e porque constituíam uma força moral contra o trono imperial.

Os estóicos rejeitavam toda forma de tirania e toda ação que ferisse o livre arbítrio do cidadão. Acreditavam ainda que só a virtude importa, isto porque o tirano pode privar um homem de todas as coisas externas que ele possui mas não lhe pode tirar a virtude, que é uma posse interna e inalienável.²³⁴

O pensamento estóico de Tácito fê-lo valorizar a virtude como principal e inalienável bem e por isso, apesar de não concordar com o governo de Domiciano, recolheu-se para manter a própria vida e a virtude.²³⁵ Depois dessa ausência voluntária, Tácito sucedeu Vergínio Rufo como cônsul em 97 d.C.

No ano 100 d.C., Tácito falou como Conselheiro da Província da Ásia contra o ex-governador Mário Prisco. De algum modo as suas palavras contra Prisco, ou os seus trabalhos de 98 (*Agrícola*) e 99 (*Germânia*) devem ter desagradado Trajano, pois Tácito sempre deixava transparecer suas reservas à política de Trajano. O desagrado do imperador valeu-lhe o afastamento dos cargos importantes até 112-113, quando foi nomeado Procônsul da Ásia. A atitude parece ter sido conveniente naquele momento, já que Tácito era contrário à transmissão do poder imperial por via hereditária e era partidário da monarquia eletiva.²³⁶

A ausência de Tácito dos cargos de importância e o seu envio para o Oriente entre 112-113 d.C. são vistos por Elaine Fantham²³⁷ como um período de perda de liberdade de fala, porém para a autora “*este episódio o instigou a abandonar a narrativa por uma expressão pessoal de desprezo à opressão, à malícia e à destruição da sua própria classe, que ele era obrigado a registrar nesse período*”. Como consequência destes períodos de perda de fala, voluntária ou involuntária, vieram à tona as obras *Histórias* (entre 104-109 d.C.) e *Anais* (entre 115-117 d.C.).

²³⁴ RUSSELL, Bertrand. *História do Pensamento Ocidental*, p. 154.

²³⁵ Cizek, na obra citada, pp.229-232, defende a idéia de que Tácito adequa-se melhor ao modelo da Nova Academia. Mais à frente discutirei este assunto.

²³⁶ CIZEK, Eugen. *Histoire et historiens à Rome dans l'antiquité*, pp. 218-219.

²³⁷ FANTHAM, Elaine. “An Inhibited Generation: Suppression and Survival”, in: *From Cicero to Apuleius*, p. 129.

Para Cizek²³⁸, os *Anais* foram publicados durante o governo de Adriano, e de uma só vez, pelos amigos do historiador. Cizek também acredita que antes da publicação os *Anais* devem ter sido lidos em público pelo próprio Tácito, já que Suetônio os teve como fonte (Nero 52 e 36), ao citar os poemas de Nero dos quais Tácito tratou em *Anais*, XIV, 16. Outra justificativa para a afirmação de Cizek é que a aparição de *Histórias* e o projeto de escrever *Anais* era conhecido de Juvenal, que fala disto na *Sátira* 2, 102.

1.2 – Tácito, o Historiador.

*“Seguiu-se logo um grande desastre, o qual se foi casual ou obra da malícia de Nero ainda hoje não é fato certo, porque uma e outra coisa lemos nas histórias. Foi um fogo o mais horroroso e o mais devastador de todos quantos nos tempos passados se tinham visto em Roma. O grande incêndio começou na parte do Circo, que está contígua aos montes Palatino e Célio; e dando nas lojas onde encontrou bastantes matérias combustíveis, apareceu logo com tal violência, ajudado pelo vento, que tomou todo o espaço do Circo, em que os palácios não tinham pátios em roda, nem os templos muros alguns, e enfim nada havia que o pudesse retardar. Estendendo-se depois com grande ímpeto, e passando ora das planícies às alturas, ora destas aos baixos da cidade, antecipou com sua incrível rapidez todos os remédios que se lhe poderiam aplicar; porque achava todas as facilidades possíveis dentro de uma capital que, como a antiga Roma, constava de ruas estreitas, e de quarteirões mui extensos. Além disto, os alaridos das mulheres assustadas, os muitos velhos e crianças, e a imensa gente que corria ou para salvar-se ou para salvar os outros, e que ou conduzia doentes ou esperava por eles, com as suas mesmas pressas, ou com as suas mesmas demoras aumentavam ainda mais a confusão e o embaraço. Muitas vezes, só enquanto olhavam para trás, viam-se cercados por diante e pelos lados; e se tinham a lembrança de passarem aos bairros vizinhos já também os achavam envolvidos nas chamas, não podendo, ainda que quisessem, buscar os que eram mais retirados, porque também lá encontravam o mesmo flagelo. Sem saberem afinal nem que perigo evitar, nem que asilo demandar, ficavam em montões pelas ruas ou deitados pelos campos, de sorte que uns, havendo perdido toda a sua fortuna, e não tendo já com que se poder alimentar, e outros com a dor de terem visto morrer os seus parentes sem lhes poderem acudir, entregavam-se voluntariamente à morte, ainda quando tinham meios de evitá-la. Ninguém mesmo se atrevia a impedir tanto mal, porque ou se ouviam os gritos ameaçadores de muitos que já estavam preparados para estorvar quem tal intentava, ou se viam outros aumentar o incêndio com fochos acesos que publicamente arremessavam, clamando em altas vozes que tinham ordem para isto, ou fosse para assim roubarem melhor e mais à sua vontade, ou porque realmente as ordens eram verdadeiras.”*²³⁹

A descrição de Tácito para o incêndio de 64 d.C. demonstra realmente o horror daquele momento. Para ele, que contava entre 8 a 10 anos de idade no momento do desastre, o fato deve ter-lhe marcado muito a memória, pela

²³⁸ op. cit. p. 225.

²³⁹ TÁCITO, *Anais*, XV, 38. Texto da Biblioteca Virtual Latin Library, tradução pessoal.

intensidade e dramaticidade que devem ter sido atribuídas aos fatos transmitidos por via oral ou mesmo em jornais e folhetins da época²⁴⁰.

O boato, ou a notícia que passa de boca em boca, se faz fortemente presente na obra do historiador e faz dele um mestre na arte da insinuação, das sugestões sutis e das conotações variadas. Tácito manipula boatos e rumores. Graças a eles, sugere uma incerteza perturbadora que traduz a sua visão filosófica de mundo. Os boatos evitam que ele tome partido nitidamente e são utilizados como forma de expressar a evidência da opinião pública, a expressão e o comportamento coletivo.²⁴¹

Parece que Tácito partilhou do conceito ciceroniano de história, segundo o qual a *História era a contemporânea dos séculos – a tocha da verdade – a alma da recordação – a mestra da vida*.²⁴² Assim, a história deveria ser o relato fiel da verdade e esta deveria ser procurada nos documentos oficiais ou nas conversações com figuras austeras, sobreviventes às ocorrências narradas.²⁴³

*“Tudo quanto se escreveu no governo de Tibério, de Cláudio, de Caio, e de Nero, é mentiroso em consequência do medo: e o que depois da morte deles se publicou tem o mesmo caráter, por estarem os ódios ainda muito recentes. Lembrei-me pois de dizer pouco de Augusto, e só os últimos acontecimentos de sua vida: e continuar logo com os de Tibério e seus sucessores, sem ódio nem afeição, porque nenhum motivo tenho para isso.”*²⁴⁴

Segundo Eugen Cizek²⁴⁵, Tácito deve ter conhecido e utilizado diretamente as obras dos escritores do século I d. C. e também, como senador e homem de ação, deve ter tido contato e utilizado documentos básicos dos quais se via

²⁴⁰ Como apresentei anteriormente nos dados biográficos de Tácito, acredita-se que ele nasceu em Terni, na Úmbria, região não muito distante de Roma e na qual a notícia do grande incêndio de 64 d.C. deve ter chegado rapidamente e de diversas maneiras, por intermédio daqueles que foram afetados pelo incêndio, ou por aqueles que dele conseguiram escapar, ou ainda através de notícias oficiais que chegavam através dos funcionários de Roma que estiveram presentes ao incêndio, ouviram falar dele ou noticiavam-no oficialmente. Como comentei anteriormente, os boatos em Roma se espalhavam com grande facilidade e com certeza todos tinham uma estória para contar depois do grande incêndio.

²⁴¹ “...o qual, se foi casual ou obra da malícia de Nero, ainda hoje não é fato certo, porque uma coisa e outra lemos nas histórias...”

²⁴² CÍCERO, *De legibus*, I, 2. Citado por Pierre Grimal in: Tacito, pp. 306-307.

²⁴³ GRANT, Michael. Translator's Introduction. “The Life and works of Tacitus”. In: TACITUS. *The Annals of Imperial Rome*, p.13. Também SILVEIRA, Breno. Prefácio. In: *Anais*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1950. pp. XVI e XVII.

²⁴⁴ TÁCITO, *Anais*, I, 1.

²⁴⁵ *Histoire et historiens à Rome dans l'antiquité*, pp. 222-223.

necessitado a se servir para o seu trabalho como Senador do Império. Porém Cizek soma a tudo isso os contatos e o convívio com os senadores anciãos do tempo de Cláudio e Nero, ou seja, uma tradição oral que está muito além das fontes escritas.

Mesmo tendo consultado várias fontes, Tácito se manifesta crítico em relação a elas, e chegou a confessar em *Anais*, IV, 33 que a sua narrativa dependia do relato freqüentemente tendencioso das fontes literárias.

“... A descrição dos diferentes povos e dos diferentes países, a variedade das batalhas e as ações ilustres dos grandes capitães naturalmente prendem e levam as atenções dos leitores: mas eu não posso nem tenho para contar senão ordens e decretos atrozes; acusações continuadas; pérfidas violações da amizade; ruína e desgraça de muitos inocentes; e ao mesmo tempo quais foram as suas causas; objetos estes que, por serem quase em tudo semelhantes, chegam por fim a enfastiar.”

O trecho acima pode nos mostrar ainda que Tácito compreendia que naquele momento histórico tudo dependia da figura do príncipe, e assim a política se alterava de acordo com aquele que estava no poder.

Tácito parece ter nostalgia da República, mas percebe que é impossível restaurá-la. Segundo ele, na anti-cidade que é o Império, a condição de poder estaria na autoridade de um só homem²⁴⁶: o imperador. Mesmo assim, o historiador toma consciência também dos fundamentos militares do principado, da capacidade dos soldados e até das províncias de fazerem um novo César, e neste sentido o fim de Nero demonstra claramente isto, pois tornou possível a criação de um novo príncipe fora de Roma.²⁴⁷

Tácito, diante do seu mundo, manifesta horror ao autoritarismo excessivo, através da sua crença na liberdade e assim, para o historiador, é claro e nítido que os príncipes são mortais, enquanto o Estado é eterno como a história dos homens e da humanidade. Atribui todos os desastres históricos aos vícios dos homens e às más inclinações destes. Para ele, a virtude poderia triunfar mas o homem era fascinado pelo vício: *“Enquanto houver homens haverá vícios, mas este mal não é contínuo e de tempos em tempos é compensado pelo advento do bem.”*²⁴⁸

²⁴⁶ TÁCITO, *Anais*, I, 6.

²⁴⁷ TÁCITO, *Histórias*, I, 4.

²⁴⁸ TÁCITO, *Histórias*, 4, 74.

Aos olhos do historiador, a grande missão de Roma era levar e instalar a civilização em todas as partes e assim ele capta os aspectos da política externa romana no primeiro século. Percebe que havia estreitas relações entre a política interna e o imperialismo, onde a discórdia interna tendia a favorecer os inimigos do Império, ao passo que a concórdia provoca um reforço no imperialismo.

Tácito, apesar de não ter sido um filósofo, também não esteve isento da reflexão filosófica, e esta tende a se fazer presente em toda a sua obra. Esta obra vem, na verdade, marcada de conteúdos do estoicismo e do ceticismo. O pensamento platônico – apesar de não explícito – faz-se presente na obra de Tácito, assim como o pensamento aristotélico, e a multiplicidade de citações poderia ser usada para exemplificar tudo isso. Tal forma de pensamento aproxima Tácito de Cícero e do Ecletismo por este desenvolvido.²⁴⁹

Cícero, quando jovem, ouviu o epicurista Fedro e, mais tarde, o epicurista Zenão; ouviu também lições do estóico Diodoro, conheceu a fundo o pensamento de Panécio e estabeleceu estreitas relações de amizade com Possidônio; foi influenciado por Filo de Larissa e ouviu por certo tempo lições de Antíoco de Ascalônia. Leu Platão, Aristóteles exotérico, alguns filósofos da Antiga Academia e do Perípatos. De todos tomou algo e em todos procurou confirmações sobre determinados problemas, com exceção talvez dos epicuristas, com os quais polemizou vivamente.²⁵⁰

Como os neo-acadêmicos, ele também adota a discussão do pró e do contra sobre qualquer questão, pois isso lhe dava a possibilidade de conhecer várias posições sobre o problema, fazendo grande exibição de erudição, porém o seu ceticismo era moderado.

Eugen Cizek escreveu: *“Em consequência, Tácito não é absolutamente um estóico; opõe-se ao dogmatismo filosófico e prefere os métodos pragmáticos e probabilistas da Nova Academia.”*²⁵¹

²⁴⁹ REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. Vol. III, p.454-458.

²⁵⁰ Ibid.

²⁵¹ *“Par conséquent, Tacite n’est nullement un stoïcien; il oppose au dogmatisme philosophique et préfère les méthodes pragmatiques et probabilistes de la Nouvelle Académie”*. op. cit. p.232.

Não discordo de Cizek quando este diz que Tácito preferiu os métodos probabilísticos dos neo-acadêmicos, porém devo lembrar que ele bebeu esse método na fonte ciceroniana e que o seu ecletismo é muito mais enraizado em Cícero (dado o saudosismo republicano de Tácito) do que nos helenistas. Por outro lado, isto se fez porque ele mesmo se desagradava – como pude observar anteriormente – da situação social do mundo em que vivia e da própria juventude, dos hábitos e dos métodos educacionais do seu tempo. Tácito ressentia-se dos valores do passado republicano que não eram mais cultivados.

“No interior tudo estava sossegado; e os magistrados conservavam ainda os mesmos nomes: porém a gente mais nova já era nascida depois da vitória de Actium: quase todos os velhos eram do tempo das guerras civis; e quão poucos havia que tivessem visto a República?”

Com o transtorno do governo de Roma desapareceram todas as virtudes e costumes antigos. Perdida a igualdade, já se não atendia senão às vontades do príncipe...”²⁵²

Na minha opinião, não devemos classificá-lo como neo-acadêmico, mas sim como um *pós-neo-acadêmico*, para o qual a forma de pensar é uma interpretação e uma assimilação dos métodos da Nova Academia via Cícero e sua obra.

Por outro lado, fica difícil classificar filosoficamente quem não se classificou. Mesmo quando se tratava de questões referentes às crenças romanas, ele era reticente e preferia não se definir.

“Eu, porém, que não só tenho ouvido isto mas outros casos semelhantes, fico sem poder decidir-me, se as coisas humanas se governam por uma fatalidade, e força necessária, ou são efeitos de simples acasos. Entre os mais antigos filósofos e todos os seus discípulos não há unanimidade alguma de opiniões.”

Diante de tudo o que foi observado acima, Tácito se faz autor e personagem dentro da sua obra e assim vai transformando e adaptando o material que possui: as suas fontes. Esta manipulação fê-lo mostrar os quatorze anos de reinado de Nero como um tempo longo, pois representaram a ruína da disciplina militar²⁵³. Entretanto, o passado glorioso, a República, ele percebe com um tempo breve, sucedido pelo tempo longo das ditaduras do século I a.C. e pelo tempo breve do

²⁵² TÁCITO, *Anais*, I, 3-4.

²⁵³ TÁCITO, *Histórias*, I, 5.

reinado de Augusto, que desembocou nos longos e terríveis reinados dos seus sucessores.

Nos *Anais*, Tácito mostra-se ao mesmo tempo fiel e infiel à receita analítica; despreza-a com frequência para contrastar acontecimentos de natureza diferente ou para acentuar certos pontos, administrar uma progressão dramática e pôr em relevo um personagem significativo.

Como homem do seu tempo, Tácito lia os documentos e remexia em suas lembranças ou nas de outras pessoas, mas com os olhos cravados na própria realidade. Por isso, como ele mesmo esteve afastado dos altos cargos durante o governo de Trajano e Adriano, provavelmente por suas concepções e visões de mundo, esta situação se refletiu em sua obra, na qual ele é ao mesmo tempo autor e personagem. Assim, na visão de Eugen Cizek²⁵⁴, por toda parte da sua obra Tácito alude ao seu próprio tempo. Por isso o seu Nero subentende Adriano; já os amigos e piores conselheiros do último Júlio-Cláudio fazem alusão aos favoritos e altos funcionários do sucessor de Trajano; os ataques lançados contra a mentalidade helenística no reinado de Nero, assim como as medidas demasiado absolutistas, referem-se igualmente ao reinado de Adriano; ao atacar Tibério e incriminar a hipocrisia do seu reinado e a orientação autoritária que este praticou no final do mesmo, Tácito se referia a Trajano, assim como à vertente absolutista adotada pela política do grande conquistador em 112 e nos anos seguintes.

A questão da manipulação dos fatos é analisada também por James M. Scott²⁵⁵, que demonstra a técnica para silenciar Nero utilizada por Tácito em sua obra. Segundo Scott, Tácito identificava o declínio da oratória em seu tempo como um colapso da educação moral. Para ele, o jovem que não tinha educação e alimentação apropriadas em casa nem modelos inspiradores dos nobres romanos, e que mais tarde era constrangido pelo Estado, não podia aprender a falar bem e tendia a degradingolar para a imoralidade. Desta maneira, baseado em tais princípios, Tácito buscou material de modo a associar a evidente inépcia oratória

²⁵⁴ op. cit. p. 227.

²⁵⁵ SCOTT, James. "A retórica da supressão do discurso: a omissão de Tácito do discurso direto nos seus *Anais* como técnica de difamação do caráter". In: *The Ancient History Bulletin* 12.1.2 (1998) pp. 8-18. (James M. Scott é professor da Universidade de Montana).

de Nero à sua imoralidade; tanto que no Livro XIV ele apresenta uma seqüência que denigre a habilidade retórica de Nero e culmina em um ataque à sua probidade moral, especialmente no capítulo 20, quando escreve sobre as Nerônias:

“Já que os pátrios costumes estavam bem decaídos, e agora viriam finalmente a perder-se de todo por esta viciosa inovação, pois que com ela se veria dentro de Roma todo gênero de corrupções, e quanto as podia fomentar; fazendo-se com que a mocidade toda se perdesse com esses exercícios estrangeiros e se ocupasse na ginástica, no ócio e nos torpes amores, instigada pelo príncipe e pelo Senado, que já se não contentavam em permitir-lhe tais desenvolturas, mas até a violentavam para elas. Se os mesmos homens mais ilustres de Roma, com o pretexto de quererem passar por grandes oradores e poetas já se não envergonhavam em se desonrar sobre o teatro, que mais lhes faltava agora do que apresentar-se nus, pegarem do cesto²⁵⁶ e preferirem estes combates à milícia e às armas? Porventura as decúrias dos cavaleiros aprenderiam a exercer mais dignamente o santo ministério dos agouros, o nobre ofício de julgar, se tivessem os ouvidos acostumados a apreciar com gosto a harmonia de sons lascivos? E para que a honestidade não tivesse um só instante de recato também se escolhiam as noites, a fim de que nestes promíscuos ajuntamentos qualquer homem depravado pudesse satisfazer livremente nas trevas os desejos que tinha concebido de dia.”

Tácito, nos *Anais*, inverteu o discurso de Quintiliano que, em seu *Tratado sobre a oratória*, escreveu que um bom homem é hábil na fala, isto porque vai demonstrando aos poucos – na figura de Nero – que um homem mau não é hábil na oratória e vai provando isto através dos silêncios que impõe a Nero. Pois, negando-lhe a demonstração retórica, consegue com sucesso provar que Nero é um homem mau, fundamentando aí a depravação do imperador.

Enfim, Tácito não acredita que seja possível uma boa monarquia, respeitadora das tradições. Mesmo assim, construiu uma obra onde alusões, boatos, intrigas e representações abriram espaço para a reflexão política e moral, centrada nas individualidades, porque acreditava que:

“... assim igualmente agora que tudo está mudado, e que temos um só príncipe que governa, não me pareceu fora de propósito indagar e escrever essas coisas. Há sempre poucos que sejam capazes de distinguir por si mesmos o que é bom do que é mau, ou o que é útil do que é prejudicial; e a maior parte da gente precisa, para se instruir, de exemplos alheios; apesar disto, também sei que quanto mais instrutivos são estes objetos menos devem agradar.”²⁵⁷

²⁵⁶ Instrumento com que combatiam os lutadores.

²⁵⁷ TÁCITO, *Anais*, IV, 33.

Para Tácito, a verdade devia ser apresentada de tal forma que o leitor, influenciado pelo horror dos fatos condenáveis, se sentisse impelido a agir de maneira diversa da maneira condenada – ou se deixasse levar pela inspiração dos grandes feitos, quando os grandes feitos pudessem servir de exemplo para melhorar a conduta cívica, política e social do cidadão.

“Não é meu intento referir senão opiniões que se fizeram notáveis pela sua decência ou pela sua insigne baixeza: porque creio ser o principal objeto dos anais pôr em evidência as grandes virtudes, assim como revelar todos os discursos e ações vergonhosas, para que ao menos o receio da posteridade acautele os outros de caírem nas mesmas infâmias.”²⁵⁸

²⁵⁸ TÁCITO, *Anais*, III, 45.

2 – Suetônio: a expressão da camada eqüestre

2.1 – O homem e sua obra.

Suetônio (Gaius Suetonius Tranquillus) deve ter nascido entre 69 e 75 d.C. em Óstia, porto de Roma²⁵⁹, filho de Suetonius Leto, que como tribuno da 13ª Legião combateu em Bedriacum²⁶⁰. Seu nascimento insere-se no período que se estendeu do ano em que Roma atravessou a crise imperial que lhe valeu a ascensão de quatro imperadores ao poder em um único ano e a primeira metade do governo de Vespasiano (69-79 d.C.). Por outro lado, os acontecimentos relativos a Nero e à perseguição dos cristãos já são parte da memória do povo romano, pois Vespasiano encarregou-se de fazer com que isso acontecesse.

A amizade de Suetônio com Plínio o Jovem, valeu-lhe que este requeresse a Trajano a concessão do *Jus Trium Liberorum* a Suetônio.

Suetônio durante algum tempo foi secretário imperial de Trajano, o que lhe permitiu consultar os arquivos imperiais que estavam à sua disposição. Em seguida dedicou-se aos estudos históricos e sobre a Antigüidade. Acredita-se que viveu até os dias de Antônio Pio (aproximadamente 160 d.C.), porém a data de sua morte não é definida com precisão.

De seus escritos voltados para a Antigüidade, a maior parte se perdeu. As obras conservadas foram:

- *Vidas dos Césares (De Vita Caesarum)*, onde o autor biografava as vidas dos Césares, de Júlio César a Domiciano, e;
- *De Viris Illustribus*, conservada somente em parte. Ambas as obras foram compostas durante o reinado de Trajano.

Restaram ainda *De Grammaticis* e *De Rhetoribus*, porém partes destas obras, geralmente atribuídas a Suetônio, não são genuínas.

Ao estudar a obra de Suetônio, cabe distinguir entre o trabalho deste e o que foi desenvolvido por Plutarco. Isto porque, ainda que ambos tenham tido como modelo a biografia helenística, os elementos presentes na composição de cada um são diferentes.

²⁵⁹ CIZEK, Eugen. *Histoire et historiens à Rome dans l'antiquité*, p.256.

²⁶⁰ Situada entre Cremona e Verona. Ali, em 69 d.C., as forças de Oto foram derrotadas pelos Vitélios e mais tarde os Vitélios sofreriam a derrota diante dos adeptos de Vespasiano.

Enquanto em Plutarco encontramos um relato cronologicamente organizado de uma vida, em Suetônio está presente a descrição sistemática de um indivíduo. Entretanto, em ambos pode-se encontrar uma similaridade: a descrição da vida e das virtudes dos biografados. *Os dois tipos de biografia – o de Plutarco e o de Suetônio – refletem-se na distinção entre vida e esboço de caráter ou perfil.*²⁶¹

A obra de Suetônio – *Vida dos Doze Césares* – demarca em grandes linhas o terreno onde os Césares exerceram o poder. A imensidão desse poder pessoal – o dos Césares – explica que agiu como revelador de impulsos desses homens.

Para apresentar o poderio dos Césares, o roteiro definido por Suetônio em sua obra foi o seguinte:

- A. Como deuses, os Césares governaram o mundo e o imperador dominava o mundo conhecido, independente do rito de deificação dos imperadores a partir da sua morte;
- B. O caráter francamente absoluto da monarquia, sem controle por parte dos magistrados e senadores, permitia que o imperador agisse em tudo como bem quisesse;
- C. O ilimitado poder dos Césares podia gerar uma desordem profunda em suas vidas pessoais e com certeza excessos de tirania na vida política;
- D. Ser bom ou mau imperador dependia da capacidade de assumir essa moral do poder, de agir pelo bem de todos limitando suas paixões pessoais;
- E. Assim, as biografias dos Césares são apresentadas diante dos Antoninos, muitas vezes com exageros, mas como forma de demonstrar como não governar, ou seja: ser um bom imperador é não incorrer nos erros dos seus antecessores, os Julio-Claudianos.²⁶²

Régis F. Martin²⁶³ nos recorda que os retratos dos Césares foram deformados no passado, tanto quanto o são no presente pelo cinema e pela literatura.

²⁶¹ MOMIGLIANO, Arnaldo. "História e Biografia", in: FINLEY, M.I. *O legado da Grécia*, p. 197.

²⁶² MARTIN, Régis F. *Les Douze Césars: du mythe à la réalité*, p. 19-46.

²⁶³ op. cit. p. 47.

Para melhor compreender os retratos deformados dos Césares, creio que devemos ter em mente as palavras de Arnaldo Momigliano:

“Es preciso distinguir entre lo que el biógrafo dice sobre su héroe y lo que quiere decir por sí mismo. Y esto vale también (aunque no tan rigurosamente) para la autobiografía, donde lo que un hombre dice sobre su propio pasado no coincide por fuerza con lo que cree en el presente y quiere hacernos creer.”²⁶⁴

Assim, para compreender melhor a *Vida dos Doze Césares* de Suetônio, temos de caracterizar o César que brota das biografias, o César que é apreciado, e o César que é repudiado por Suetônio, e também o tipo de política que ele quer e acredita ser o melhor para Roma, em contraposição àquela que repudia.

Mais uma vez lanço mão da ótica de Eugen Cizek²⁶⁵ que estabeleceu quatro categorias, a partir de quatro paradigmas, para as narrativas da *Vida dos Doze Césares* de Suetônio, a saber:

- Monstro imperial: Gaius Caligula, Nero, Vitélio (o príncipe que Suetônio abomina mais que a todos os outros);
- Imperador mau e vicioso: Tibério, Galba e Domiciano;
- Os bons príncipes, mesmo assim vistos como possuidores de muitos defeitos: César e Vespasiano;
- Os melhores príncipes: Augusto, Oto e Tito.

A simetria acima é prejudicada por Cláudio pois, para Suetônio, o príncipe está próximo da segunda categoria e não da terceira, como seria normal.

Na sua impessoalidade e frieza, o biógrafo dos Césares rejeita os termos bom e mau, o que lhe permite dar ao leitor a opção de escolha e o uso destes termos.

“O universo, depois de ter suportado um tal príncipe durante pouco menos de quatorze anos, acabou por abandoná-lo.”²⁶⁶

Vida dos Doze Césares foi também um alerta para Adriano de que este deveria governar diferente dos Césares do século precedente. Mesmo assim,

²⁶⁴ MOMIGLIANO, Arnaldo. “La Biografía Antigua”, in: *De Paganos Judíos Y Cristianos*, p. 271.

²⁶⁵ op. cit. p. 260.

²⁶⁶ SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, XL.

parece que Adriano não se agradou das exortações feitas a ele na obra e se indispôs com Suetônio.²⁶⁷ Assim, após uma carreira meteórica e fulgurante, em 122 d.C., após a publicação dessa obra, tanto o biógrafo dos Césares quanto o seu protetor foram destituídos das funções a pretexto de terem se comportado muito familiarmente diante de Sabina, mulher do Imperador Adriano. Parece que Suetônio acabou se tornando vítima das intrigas palacianas que tão bem conheceu e retratou em sua obra.

2.2 – O homem e o seu tempo.

Seguindo os próprios passos de Suetônio em suas biografias, caracterizarei sucintamente o início da dinastia dos Flavianos, a fim de compreendermos melhor Roma na época do nascimento de Suetônio.

Em 69 d.C., após haver vencido Vitélio, Vespasiano inaugurou a Dinastia dos Flávios. Por seu lado, o exército – que naquela época tinha força para garantir a ascensão e a queda dos imperadores – arriscava-se a fundar o regime da monarquia militar, tendo à frente um general advindo da camada eqüestre: Vespasiano.

Vespasiano buscou fortalecer financeira e politicamente a ordem dos cavaleiros. Apesar de cultivar o bom relacionamento com a nobreza e com o Senado, a suprema instância encontrava-se naquele momento nas mãos da família imperial e da camada eqüestre. Por isso reservou para si, para Tito e para alguns cavaleiros os cargos decisivos do governo do Estado, incluiu vários homens de finanças na alta assembléia e permitiu que, como os senadores, também os membros da ordem dos cavaleiros usassem um anel de ouro, tendo com isso direito de audiência com o imperador.²⁶⁸

Entretanto, foi sob Vespasiano e seus sucessores que o Senado modificou, de certo modo, o seu caráter. Os altos postos da casa imperial, já reconhecidos como demasiado importantes para serem ocupados somente por escravos libertos, passaram a ser entregues aos eqüestres e o Senado passou a funcionar

²⁶⁷ Segundo Eugen Cizek, op. cit. p. 257, era costume de Adriano colocar-se em polêmica com os artistas e depois reprimi-los.

²⁶⁸ ROSTOVTZEFF, M. *História de Roma*, pp. 205-215.

como um corpo superior de funcionários públicos. Graças à experiência acumulada pelos seus membros em cargos de autoridade em todo o império, a Câmara também se transformou num órgão do Conselho Administrativo. Quando ruiu a dinastia flaviana, foi essa modificação no papel do Senado que lhe permitiu tomar a si a tarefa de nomear um imperador.

O primeiro imperador flaviano também deu apoio à cultura e o seu ato mais significativo foi a criação das cátedras de retórica, uma latina e uma grega, custeadas pelo fisco. Mesmo assim, a aprendizagem da retórica atendeu somente aos filhos das famílias mais abastadas, aqueles que depois iriam assumir os postos de responsabilidade na administração do império. O espanhol M. Fabio Quintiliano foi o primeiro a ocupar a cátedra de retórica latina.

A renovação literária do período dos flavianos vinculou-se ao poder, na medida em que se apresentou como defensora dos valores do Ocidente.

No que tange à filosofia, as escolas helenísticas seguiram tendo representantes no Ocidente Romano. O próprio Vespasiano foi amigo pessoal de alguns, sendo bem constatada a sua estreita relação com o estóico Trasea Peto. Porém houve casos de perseguição a filósofos, como Helvídio Prisco, que em 70 d.C. foi condenado à morte. Entretanto, tal situação não deve ser entendida como uma perseguição aos filósofos ou aos pensadores em geral, mas sim como uma repressão contra aqueles que manifestavam aberta e contínua oposição à forma de governo dominante. Tanto que a condenação de Prisco está aliada à revolta de um grupo de senadores helenistas, e a punição estava associada ao crime de lesa-majestade.

Em 72 d.C., Vespasiano iniciou a construção do Anfiteatro Flaviano, depois denominado Coliseu em função da grande estátua de Nero que lhe ficava próxima. Foi construído no mesmo local onde antes ficava o lago da *Domus Aurea* de Nero.

O Coliseu evidenciou com majestade singular o gênio dos arquitetos romanos para os efeitos dramáticos e mais tarde exerceu influência sobre as construções da Europa.

Do ponto de vista político, o Coliseu marcou o poder de Roma sobre as províncias e o poder da dinastia flaviana sobre Roma. Disto é testemunha o Arco

de Tito, em Roma, que mostra nos relevos da sua face interna soldados carregando espólios do Templo de Jerusalém, no ano 70 d.C., e no alto a dedicatória de Tito a Vespasiano.

A situação expressa nos relevos ganhou luz recentemente, com a descoberta de uma inscrição no interior do Coliseu que associa essa estupenda obra arquitetônica ao Templo de Jerusalém.

No interior do Coliseu uma grande pedra, como de um altar, possui uma inscrição esculpida em latim que diz como o senador Lampadius restaurou o Coliseu no ano de 443. Mas os buracos na superfície correspondem a uma inscrição diferente, feita previamente na pedra, e que é a seguinte: *Imp. T. Caes. Vespasianus Aug. Amphitheatrum Novum Ex Manubis Fieri Iussit*. A inscrição foi decifrada pelo professor Geza Alföldy, da Universidade de Heidelberg, na Alemanha, sendo seu texto: *O imperador César Vespasiano Augusto mandou construir este novo anfiteatro com butim de guerra*. Por seu lado, a diretora de restauração do Coliseu, Cinzia Conti, atribui essa referência ao *butim de guerra* como estando associada à destruição de Jerusalém por Tito, assim confirmando e aclarando os relevos do Arco de Tito.²⁶⁹

Voltando a Suetônio, devo observar que a sua principal obra, *Vida dos Doze Césares*, foi publicada provavelmente no final de 121²⁷⁰, ou no início de 122 d.C.²⁷¹, tendo o autor iniciado a coleta de material para essa obra durante o governo de Trajano. Assim, quando da publicação da obra, Suetônio contava com aproximadamente 47 a 53 anos, dependendo da data considerada para o seu nascimento. Logo, o seu trabalho, a sua condição social, a sua formação, enfim, a sua história pessoal, tudo isso será determinante na trajetória da obra e da maneira como o autor construirá as suas biografias.

Na sua obra, Suetônio adotou uma abordagem política adequada à política da ordem dos cavaleiros, que era a de uma estreita colaboração com os

²⁶⁹ Publicado no *Telegraph of London*, de sexta-feira, 15 de junho de 2001, por Bruce Johnston, correspondente do jornal em Roma. Encontrado em 20 de junho de 2001 no site www.telegraph.uk.

²⁷⁰ Durante o governo de Adriano (117-138 d.C.)

²⁷¹ Cizek, Eugen. *Histoire et Historiens à Rome dans l'Antiquité*, p. 258.

senadores. Essa política já existia desde a República e ganhou nova força a partir da dinastia flaviana.

Primeiro, Suetônio esteve sob a proteção de Plínio o Jovem, quando iniciou sua carreira eqüestre. Depois, com a morte deste, passou a freqüentar o círculo de amigos de Septicius Clarus, importante cavaleiro que se tornou administrador do pretório no reinado de Adriano. Sob a proteção de Septicius, Suetônio foi dirigente do escritório dos documentos imperiais – *studis* –, diretor das bibliotecas do príncipe – *bibliothecis* – e chegou à função de procurador das epístolas latinas – *procurator ab epistulis latinis* –, chefe da correspondência de César. Tornou-se membro de primeira grandeza do Conselho Imperial, controlando a chancelaria do estado, os arquivos, os documentos, e redigindo as sínteses de que Adriano necessitava.

Isto leva a crer que, se por formação – marcada pela retórica – Suetônio teve acesso aos textos clássicos que cooperaram tanto na sua formação quanto na constituição da sua obra, também o seu trabalho na corte de Adriano possibilitou-lhe o acesso a uma vasta documentação.

Parece claro também, ao se ler a obra de Suetônio, que o mesmo tinha conhecimento da obra de Tácito e de outros autores. A sua função eqüestre permitiu-lhe ainda consultar panfletos e elogios dos meios senatoriais, assim como numerosos dossiês e arquivos. Em suma, haviam ocorrido fatos memoráveis, que pediam um cronista contemporâneo do povo que os viu.²⁷²

Ao penetrar nos arquivos de Roma em busca de documentação para a sua pesquisa, Suetônio tornou-se um leitor e pesquisador. E como tal selecionou os acontecimentos e fatos que interessavam ao tipo de obra que desejava produzir.

Devo observar ainda que tal seleção passou pelo crivo da sua própria memória e dos fatos que de um modo ou de outro influenciaram-lhe a formação e a história pessoal. Isto porque, como bem nos recorda Paul Ricoeur, em cada escala vêem-se coisas que não se vêem em outra, e cada visão tem a sua legitimidade.²⁷³

²⁷² FINLEY, M.I. *Uso e abuso da História*, p. 25.

²⁷³ RICOEUR, Paul. *La Mémoire, l'Histoire, l'Oubli*. Citado por Jacyntho Lins Brandão em "A Justa Memória", *Folha de São Paulo* – Jornal de Resenhas, 12.05.2001, página "Especial 3".

Suetônio exprimiu as preocupações daqueles que freqüentavam a corte imperial, suas memórias coletivas. Em suas biografias transparece a ótica dos burocratas. Neste ponto cabe lembrar ainda que a história em si não é feita só de memórias, como também não se constrói com as lembranças -- é feita também de esquecimentos, e estes se prolongam desde a fase de constituição de testemunhos e arquivos.²⁷⁴

“Não apresentou, como pensam alguns, trabalhos de outrem como de sua autoria. Tive nas mãos pranchetas e papéis com versos convencionadíssimos escritos do seu próprio punho. Deixam ver facilmente que não foram nem transcritos nem copiados, mas traçados por um homem que pensa e cria. Tanto assim que havia rasuras, intercalações, emendas. Teve também um vivo pendor pela pintura e pela escultura.”²⁷⁵

Escrevendo sua narrativa com destreza, sob a capa do distanciamento e da imparcialidade, Suetônio sugere a irresponsabilidade de certos imperadores, sua monstruosidade ou, ao contrário, sua elevada qualidade moral.

“Esforçou-se, mesmo, por transformar em mulher, arrancando-lhe os testículos, o jovem Esporo. Carregou-o com régia pompa, observando todos os ritos esponsálicos, e o tratou como mulher.”²⁷⁶

“Em nenhuma outra coisa dissipou mais dinheiro do que nas construções. Estendeu seu palácio do Palatino às Esquilias. Primeiramente, com a ‘casa da passagem’, depois, como o fogo a tivesse destruído, reconstruiu-a e deu-lhe o nome de Domus Aurea.”²⁷⁷

“Na ânsia de dar uma idéia ainda mais nítida do seu caráter, após haver declarado ‘que reinaria de acordo com os princípios de Augusto’, não perdeu nenhuma ocasião de demonstrar a sua liberalidade, a sua clemência e até mesmo a sua amabilidade. Aboliu ou diminuiu os impostos mais pesados. Reduziu a um quarto os prêmios concedidos aos delatores pela Lei Pápia. Depois de ter distribuído ao povo quatrocentos sestércios por cabeça, estabeleceu para os senadores, porém sem fortuna, um ordenado anual que montava, para alguns, até cem mil sestércios.”²⁷⁸

Mesmo tendo cultuado a boataria e a intriga, Suetônio também mostrou-se cuidadoso com o detalhe. Aos poucos, nas biografias dos Césares, vai desenhando para o leitor – segundo a sua própria visão – um retrato da alma dos

²⁷⁴ RICOEUR, Paul. *La Mémoire, l’Histoire, l’Oubli*. Citado por Jacyntho Lins Brandão em “A Justa Memória”, *Folha de São Paulo* – Jornal de Resenhas, 12.05.2001, página “Especial 3”.

²⁷⁵ SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, LII

²⁷⁶ SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, XXVIII.

²⁷⁷ SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, XXXI.

²⁷⁸ SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, X.

imperadores, dos mecanismos da vida na corte imperial, de intrigas e conchavos políticos, do cotidiano da vida imperial no século I.

“Ninguém duvida que tenha desejado coabitar com a sua própria mãe e que desse intento haja sido dissuadido pelos próprios inimigos dessa mulher feroz e difícil de ser contida, sob o temor de que se viesse prevalecer daquele gênero de prestígio, mormente depois que ele admitira, entre suas concubinas, uma cortesã que se parecia muito – diz-se – com Agripina.”²⁷⁹

De maneira geral, *Vida dos Doze Césares* deixa transparecer a visão do autor, de que a administração imperial funciona bem, que a monarquia é o melhor tipo de Estado, porém a vida privada dos Césares se revelou indigna, de modo que era preciso desmistificá-la.

“Acho importante o conhecimento de vários membros desta família para que se evidencie melhor que se Nero degenerou das virtudes dos seus antepassados, contudo, reproduziu os vícios de cada um deles como se houvesse herdado pelo sangue.”²⁸⁰

A vida pública dos Césares – na visão suetoniana – coincidia com as virtudes dos imperadores, enquanto a vida privada dos Césares era marcada pelos vícios. Por isso, ao retratar homens como Nero e Domiciano, ele faz transparecer que a morte desses imperadores deveu-se à vida viciosa que levavam.

Se por um lado, em Suetônio, os Césares aparecem mais humanizados e menos divinos, isto se dá também porque o biógrafo privilegiou o detalhe picante ou estranho. Gostava de revelar sobretudo o mal, que retratou com malícia, austeridade e desprovido de finura e sutileza.

Mesmo sendo um malicioso disfarçado, Suetônio respeitava a religião tradicional e desconfiava dos cultos estrangeiros. Rejeitou o dogmatismo, o estoicismo místico e aderiu aos valores patrícios da época. Por isso, em suas biografias, apenas a dosagem dos vícios e das virtudes difere de uma biografia para outra.²⁸¹

²⁷⁹ SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, XXVIII.

²⁸⁰ SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, I.

²⁸¹ Cizek, Eugen. *Histoire et Historiens à Rome dans l'Antiquité*, p. 261.

“Foi proibido vender nas tabernas qualquer alimento cozido, fora legumes e hortaliças, quando antes eram servidas nesses lugares comidas de todos os tipos; os cristãos, espécie de gente dada a uma superstição nova e perigosa, foram entregues ao suplício;”²⁸²

“[Tibério] proibiu as religiões estrangeiras e o culto egípcio e judaico, obrigando os adeptos dessa primeira superstição a queimar as vestes e objetos sagrados. A juventude judia foi mandada, a pretexto de serviço militar, para províncias insalubres e outros membros dessa nação ou pessoas de culto análogo foram expulsos de Roma, sob pena de servidão perpétua em caso de desobediência. Ele queria banir também os astrólogos, mas diante das súplicas e com a promessa de que renunciariam à sua arte, perdoou-os.”²⁸³

“Como os judeus se sublevavam continuamente por instigação de ‘Chrestós’, [Claudio] os expulsou de Roma.”²⁸⁴

Suetônio foi o cronista do seu tempo: olha o mundo que o cerca como quem acredita estar do lado de fora. Vai aos poucos tecendo com palavras um retrato desse mundo, misturando seus valores pessoais, suas crenças, seus juízos, as posturas do grupo social que representa ou onde está inserido e, conseqüentemente, aquilo que julga ser a verdade. Mas aquilo que julga ser a verdade é a memória coletiva que aos poucos vai sendo metamorfoseada pela ação seletiva do biógrafo.

“Não mais os determinantes, porém seus efeitos; não mais as ações memorizadas nem mesmo comemoradas, mas o vestígio dessas ações e o jogo dessas comemorações; não os acontecimentos por si mesmos, porém a sua construção no tempo, o desaparecimento e a ressurgência de suas significações; não o passado tal como se passou, mas suas reutilizações permanentes, seus usos e seus abusos, sua pregnância sobre os presentes sucessivos; não a tradição, mas a maneira como ela se constituiu e transmitiu.”²⁸⁵

²⁸² SUETÔNIO, *Vidas*, Nero, XVI.

²⁸³ SUETÔNIO, *Vidas*, Tibério XXXVI.

²⁸⁴ SUETÔNIO, *Vidas*, Cláudio, XXV.

3. Plínio o Jovem: Destinado ao Sucesso.²⁸⁵

3.1 – Um novo Cícero ou uma trajetória brilhante.

Plínio o Jovem nasceu em 62 d.C., em Como, pequena cidade aos pés dos Alpes, não muito distante da atual Milão, e entrou para a vida pública entre 79-80. Pouco sabemos sobre seu pai, mas a família da mãe pertencia à aristocracia rural dos municípios do norte da Itália. O irmão desta, G. Plínio Segundo (o Velho), adotou Plínio (o Jovem) ainda moço, proporcionando-lhe a linhagem necessária para que ele progredisse na vida pública.

O tio de Plínio – Plínio o Velho, ou o Antigo – foi o autor de uma obra monumental em 37 volumes intitulada *História natural*, dedicada ao imperador Tito. Era um destacado cidadão romano da classe senatorial.

Plínio o Velho morreu em 79 d.C.; seu sobrinho, Plínio o Jovem, herdou do tio a propriedade familiar na Toscana, que rendia 400.000 sestércios por ano. Portanto, através da família da mãe, Plínio adquiriu os requisitos para uma carreira de sucesso: boa família e dinheiro.

Como de costume entre o patriciado romano, Plínio recebeu a primeira educação de tutores particulares, em casa. Mesmo quando os filhos ainda eram crianças, os romanos abastados cuidavam para que as amas falassem corretamente. Desde o início considerava-se importante que uma criança se acostumassem a um estilo de falar que não precisasse ser desaprendido no futuro. Na época de Plínio, a educação romana consistia principalmente no estudo da retórica, a habilidade mais necessária para um jovem que ambicionasse levar a vida nos tribunais ou em algum cargo da burocracia civil. A principal parte da educação de Plínio consistiu de gramática, recitação, análise de textos literários clássicos, imitação dos grandes escritores. Aos 14 anos foi enviado a Roma para continuar seus estudos de retórica com Quintiliano, o maior retórico da história

²⁸⁵ NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Paris Gallimard, 1993. Tomo III, Vol. 1, p. 26. Citado por François Dosse, in: *A História à prova do tempo*. São Paulo: Unesp, 1999.

²⁸⁶ As informações biográficas sobre Plínio o Jovem, foram extraídas de: RADICE, Betty. "Introduction". In: *The Letters of the Younger Pliny*. London: Penguin Books, 1995, pp. 12-33; HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998; e *Dicionário Patrístico e de Antigüidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes/Paulus, 2002.

romana, homem que tinha uma cátedra concedida pelo imperador, e de quem Plínio adquiriu o amor pelo idioma e pela literatura.

Embora talvez tenha acalentado ambições literárias, Plínio contentou-se em escrever cartas. Agrupadas em nove volumes, elas foram escritas em vários períodos da sua vida. Estas, e mais um décimo volume de sessenta cartas escritas a Trajano enquanto Plínio era governador da Bitínia-Ponto, constituem a principal fonte e o guia mais seguro para se conhecer a vida do autor, o homem, o mundo em que viveu e os seus interesses. Por outro lado, trata-se do mais antigo testemunho pagão sobre os cristãos. Ao comentar essas cartas, escreveu Ronald Syme²⁸⁷, biógrafo de Tácito²⁸⁸:

“[Plínio] mostra as pessoas nas suas tarefas diárias, ou confrontando os importantes eventos das classes alta e média, numa sociedade estável caracterizada pelo conforto e pelo refinamento. Noivado e casamento, heranças e testamentos, a doença de um amigo ou o luto em uma família, as primeiras manifestações de algum gênio da poesia ou da oratória, os primeiros estágios de uma ambição juvenil por uma carreira de honrarias, as variadas ocupações da vida metropolitana, as cerimônias fúnebres de homens ilustres – tudo isso constitui alguns dos temas dos ensaios epistolares de Plínio”

Quando a sua educação se completou, a carreira de Plínio começou a adquirir um tom convencional. Ele se tornou advogado perante a corte centunviral, um tribunal inferior que tratava de casos de propriedade e herança. Permaneceu ali por um curto período porque ainda não servira o exército. Como a experiência militar era um pré-requisito para uma carreira política de sucesso, Plínio foi para a Síria servir como tribuno numa unidade ali estacionada. Conseguiu um trabalho fora das tropas, fazendo auditoria na contabilidade de legiões auxiliares.

A breve temporada de Plínio servindo na Síria foi a única vez em sua vida em que ele viveu fora da Itália, até a sua nomeação para governador na Ásia Menor em 111 d.C.

²⁸⁷ Ronald Syme. *Tacitus* (Oxford, 1958), I:97; a respeito da vida de Plínio, ver pp.75-85. Também M. Shuster, in Pauly-Wissowa, *Realencyclopädie der classischen Altertums-Wissenschaft* (Stuttgart, 1951), 21.1:439 ff., citado por RADICE, Betty. *The Letters of the Younger Pliny*, “Introduction”. London: Penguin Books, 1995, p. 13.

²⁸⁸ Plínio o Jovem foi amigo pessoal de Tácito e Suetônio. A estes dois dirigiu algumas cartas. Entre elas a mais famosa talvez tenha sido aquela presente no Livro VI, 16, onde Plínio o Jovem descreve a erupção do Vesúvio e a morte do seu tio, Plínio o Velho.

Não se sabe quanto tempo Plínio permaneceu na Síria. De volta a Roma, foi nomeado *quaestor augustus* (questor do imperador), com cerca de 25 anos de idade, honraria reservada aos homens de nascimento nobre. Assumiu este cargo no governo de Domiciano.

Como questor do imperador, Plínio tinha a delicada tarefa de transmitir as mensagens de Domiciano ao Senado, onde podiam ser encontrados muitos dos oponentes do imperador.

Naquele momento pairava no ar uma atmosfera de medo e desconfiança porque Domiciano não apenas banira de Roma alguns retóricos e filósofos, mas também porque exilara arbitrariamente e indiscriminadamente cidadãos distintos e retirara da vida pública homens bons e capazes. Assim, os homens bons não queriam expor suas idéias aos amigos com receio de serem implicados como traidores e sumariamente banidos para o exílio ou para a morte. Mas Plínio conseguiu superar os conflitos da época, sobrevivendo a eles e ao governo de Domiciano.

Subindo rapidamente os patamares da vida política romana, Plínio se tornou tribuno do povo, cargo mais importante no título do que na influência. Mas esse foi apenas mais um degrau na sua prestigiosa ascensão.

Após cumprir o prazo nas funções de tribuno, Plínio tornou-se pretor, o mais alto cargo honorário em Roma, perto do de cônsul. Assumiu diversos postos administrativos no governo -- primeiro como prefeito das finanças militares e mais tarde como prefeito do tesouro estatal.

No ano 100 d.C., Plínio tornou-se cônsul, juntamente com o seu amigo Cornutus Tertullus.

Depois do consulado, o último cargo da *cursus honorum*, Plínio ainda era jovem, não chegara aos quarenta anos. Voltou à prática legal privada esperando nova indicação do imperador. Enquanto isso, aguardava ser nomeado para um dos sacerdócios oficiais do estado, honraria costumeira e cobiçada porque havia apenas 60 cargos para duzentos ou quatrocentos homens dispostos e em condições de ocupá-los. Muitas vezes era preciso esperar anos até o cargo ficar vago. Como os romanos achavam que os cultos oficiais faziam parte da vida

pública da cidade, assumiam que os sacerdócios seriam oferecidos às figuras mais proeminentes, social e politicamente.

Em 103 d.C., Plínio foi nomeado para preencher o cargo vago de Julius Frontinus, eminente e destacado cidadão que ocupara o augurato, o mesmo sacerdócio ocupado 150 anos antes por Cícero, o grande estadista e orador romano. Para seu grande prazer, Plínio foi indicado ainda mais jovem. Ele não deixou escapar a comparação e escreveu a um amigo:

*“Obrigado pelas congratulações pela minha nomeação para o cargo de áugure [...] Como cheguei ao sacerdócio e ao consulado em idade inferior à de [Cícero], espero chegar perto do seu gênio pelo menos mais tarde na vida”*²⁸⁹

Pouco depois da nomeação como áugure, Plínio foi eleito presidente dos curadores do Tibre, uma equipe responsável por manter as margens do rio que estavam sendo consertadas, bem como o sistema de esgotos de Roma.

Plínio atingia o ponto mais alto da sua carreira política no momento em que Edward Gibbon descreveu o Império de Roma como aquele que abrangia a mais bela parte da terra e o segmento mais civilizado da humanidade e por isso, nesse mesmo império, a imagem de uma constituição livre era mantida com decoroso respeito: o Senado Romano parecia estar investido de autoridade soberana e delegava aos imperadores romanos todos os poderes executivos de governo, era a fase mais feliz da história da humanidade.²⁹⁰

Apesar da rápida escalada e do brilhantismo da sua carreira política, o mais importante ainda estava por vir e aconteceu entre 109-110 d.C., quando Plínio foi indicado como legado pessoal do imperador na província asiática de Bitínia-Ponto. Naquele momento chegou o seu apogeu porque ele se juntou ao clube exclusivo de algumas dezenas de homens que administravam o poder romano em terras distantes e que eram símbolos de autoridade, bem como juízes e árbitros em matérias legais das províncias. Assumindo que seria o seu último cargo antes da morte, ele o exerceu com brilhantismo até o final.

²⁸⁹ PLÍNIO O JOVEM, *Cartas* IV, 8.

²⁹⁰ GIBBON, Edward. *Declínio e Queda do Império Romano*. Edição Abreviada. p. 29.

Numa carta a um amigo que governava a Acaia, na Grécia, definiu assim o seu conceito de um bom governo:

“Ninguém que ocupe o cargo de autoridade suprema é desprezado, a menos que seja mesquinho e ignóbil a ponto de ser o primeiro a desprezar a si mesmo. É lamentável se a autoridade testar os seus poderes insultando os outros e se as homenagens forem obtidas pelo terror; o afeto é bem mais efetivo do que o medo, para fazer com que se atinja os fins. O terror desaparece por ocasião da partida, o afeto permanece, e enquanto o terror engendra o ódio, a afeição se desenvolve em consideração genuína. Não esqueças nunca (devo repetir isto) o cargo oficial que ocupas, e tem claro na tua mente o que isso significa e o quanto significa estabelecer a ordem na constituição de cidades livres, pois nada pode servir tão bem a uma cidade quanto um governo ordeiro, e nada é tão precioso quanto a liberdade.”²⁹¹

Em meados de agosto de 111 d.C., Plínio partiu de Roma em direção à Bitínia. Parece ter planejado desembarcar em Éfeso e prosseguir por terra até o seu destino na Bitínia, província romana situada duzentas milhas a nordeste, às margens do mar Negro; porém o clima estava opressivamente quente e úmido e pouco depois que o grupo iniciou a jornada ele caiu doente com uma febre.

Em 17 de setembro chegou à Bitínia para assumir o cargo de governador da província e representante do imperador M. Ulpius Trajano. Naquele momento escreveu a Trajano:

“Eu esperava ter chegado antes, mas não posso lamentar o atraso pois cheguei a tempo de comemorar o Vosso aniversário na minha província, e isso foi um bom augúrio. Agora estou examinando as finanças da cidade de Prusa -- gastos, receitas e débitos -- e quanto mais verifico a contabilidade deles, mais considero a inspeção absolutamente necessária”²⁹²

²⁹¹ PLÍNIO O JOVEM, *Cartas VIII*, 24.

²⁹² PLÍNIO O JOVEM, *Cartas X*, 17.

CAPÍTULO 3
OS CRISTÃOS SEGUNDO TÁCITO, PLÍNIO O JOVEM E SUETÔNIO

Os cristãos segundo Tácito, Suetônio e Plínio o Jovem

Na metade do primeiro século – como expus anteriormente – a importância dos cristãos era bastante pequena, tanto que o próprio Tácito, na obra *Anais*, não lhes dispensou grande atenção.

Tácito mencionou os cristãos no seu relato do incêndio de Roma no período de Nero. Porém na sua obra Tácito pretendia documentar a transformação da vida romana como resultado do estabelecimento do controle de uma única pessoa, o imperador. Ele – como discuti no capítulo anterior – refletia sobre os dias da República antes da ascensão de Augusto e queria mostrar que as sensibilidades morais dos líderes haviam sido enganadas pela nova forma de governo. O cristianismo não faz parte da história de Tácito. Desta maneira, exceto por uma referência em *Anais*, ele não demonstra interesse no novo movimento. Quando no livro se refere aos cristãos, não é por estar interessado no cristianismo como tal, nem porque visasse informar os leitores sobre a nova religião como fez, por exemplo, na longa exposição sobre os judeus que apresenta na sua obra *Histórias*²⁹³, mas porque pretendia firmar uma opinião sobre a extensão da vaidade de Nero e a magnitude dos vícios e mostrar os crimes que esse imperador cometera contra o povo romano. Mais tarde, com base no relato de Tácito da queima dos cristãos, a tradição cristã criou um quadro fantasioso da perseguição efetuada após o incêndio de Roma.

O relato de Tácito nos fala mais sobre as atitudes romanas da época, início do século II, do que sobre as desgraças dos cristãos no período de Nero. Fica claro que este incidente é extrínseco ao principal interesse de Tácito.

*“O autor desse nome foi Cristo, que no governo de Tibério foi condenado ao último suplício pelo procurador Pôncio Pilatos. A perniciosa superstição (superstitio), que até ali tinha estado reprimida, já tornava de novo a grassar não só por toda a Judéia, origem desse mal, mas até dentro de Roma, aonde todas as atrocidades do universo e tudo quanto há de mais vergonhoso vêm enfim acumular-se, e sempre acham acolhimento.”*²⁹⁴

²⁹³ TÁCITO, *Histórias* V, 1-13.

²⁹⁴ TÁCITO, *Anais* XV, 44.

No entanto, é precisamente porque Tácito não tem um interesse especial, que o seu testemunho é mais interessante pois reflete como outra pessoa, que vivia à mesma época de Plínio, via o movimento cristão. Os *Anais* foram escritos entre cinco e dez anos depois do encontro de Plínio com os cristãos na Bitínia.

Ele também descreve a execução dos cristãos, mas esclarece que não estão sendo mortos *por terem tomado parte no incêndio*, mas sim por tendências “anti-sociais” (literalmente, “ódio ao gênero humano”), e pela *absumerentur*, ou seja, selvageria, brutalidade, barbaridade de Nero.²⁹⁵

Alguns autores identificaram a obra de Tácito como histórico-etnográfica, especialmente a *Germânia*²⁹⁶. Esta visão não é incorreta, porém há que se observar que ele escreveu suas obras sempre com a crença de que a virtude deveria triunfar e essa virtude passa sempre pelo ser romano e partilhar do modo de vida romano. Assim, Tácito tinha sempre dois pontos de comparação: a sua visão da *nobilitas romana* e aquilo que conhecia de outros povos e lhe servia de padrão de aproximação. Outras vezes, lançou mão de trabalhos como o de Tito Lívio, servindo-se do que já existia e das opiniões dos seus contemporâneos para julgar o outro, ou seja, outros povos e culturas diferentes, que considerará antecipadamente bárbaros.

Por tudo isso é que, a fim de identificar as religiões e fazer distinção entre elas e a religião romana, Tácito lança mão do elemento comparativo. Desta maneira, ao encontrar traços semelhantes – mesmo que de pequena semelhança – tende a identificá-los com outros cultos e práticas conhecidas. Tomarei a seguir as afirmações que Tácito faz sobre judeus e germanos, a fim de melhor sustentar esta minha tese.

Observo que isso se dá quando Tácito descreve os judeus e também os germanos que cultuam a Mercúrio, dada a semelhança que o autor vê no culto a esse deus e no culto a Wotan. Diz também que os suevos sacrificam a Ísis, confundindo as práticas culturais à deusa egípcia – que conhecia pois haviam se

²⁹⁵ TÁCITO, *Anais* XV, 44.

²⁹⁶ Gian Domenico Mazzocato em palestra proferida aos 21 de fevereiro de 2003, no Ateneo de Treviso, Pallazzo dell’Umanesimo Latino.

espalhado por Roma, especialmente após o governo de Calígula – com o culto que os germanos prestavam a Nertho.²⁹⁷

A aproximação que Tácito faz entre o culto a Ísis e o culto a Nertho pode estar fundamentada no fato por ele mesmo citado, de que os germanos tinham os cavalos como confidentes dos deuses²⁹⁸. E como os egípcios prestavam culto aos animais, deve ter encontrado também aí um motivo para relacionar as práticas germanas com as egípcias.

Ainda referindo-se aos germanos, Tácito reconhece a antigüidade dos seus ritos²⁹⁹, não deixa de identificá-los como supersticiosos, já que faz questão de dizer que nada supera a sua observância a auspícios e oráculos³⁰⁰ e também, referindo-se às práticas cultuais, diz-nos que os germanos (*semones*) tendem a “celebrar horríveis preâmbulos do seu rito bárbaro”. E escreve ainda que todas as superstições dos germanos objetivam afirmar a origem da sua nação.³⁰¹

Ao se referir aos germanos, Tácito não está isento de prenoções e o faz sempre tendo como ponto de comparação, em primeiro lugar, o seu conceito de cidade e anti-cidade, através da sua crença na liberdade (*libertas*) no sentido de que esta se opõe à licenciosidade (*licentia*), relacionada à necessidade de disciplina,³⁰² ou seja, está imbuído da *Res publica*³⁰³ romana e do conceito de *virtus*³⁰⁴, valor eminentemente aristocrático, qualidade própria do indivíduo que nunca deveria ser rompida, pois une o indivíduo aos seus mais próximos e aos mais afastados no tempo, liga-o às tradições que o identificam com a *nobilitas* e o afastam do barbarismo, ou seja, referem-se ao ser romano e o diferenciam dos demais, que são bárbaros. Por isso Tácito atribui grande valor à civilização em

²⁹⁷ TÁCITO, *Germânia*, IX, 1-2. Edição espanhola, Biblioteca Cásica Gredos, Tradução e notas J. M. Requejo, 1999. Tradução pessoal para a língua portuguesa.

²⁹⁸ TÁCITO, *Germânia*, X, 5.

²⁹⁹ TÁCITO, *Germânia*, XXXIX, 1.

³⁰⁰ TÁCITO, *Germânia*, X, 1.

³⁰¹ TÁCITO, *Germânia*, XXXIX, 2-3.

³⁰² CIZEK, Eugen, *Histoire et historiens à Rome dans l'antiquité*, p.233.

³⁰³ Levando-se em consideração que os romanos “dataram o início da sua liberdade no findar da monarquia e a relacionaram com a forma republicana de governo” e que o “ideal de *libertas* estava ligado ao conceito de *civitas*, sendo que em essência a idéia de liberdade significava o estatuto do indivíduo livre, enquanto a noção de cidade denotava sua posição em relação à comunidade.” MENDES, Norma Musco. *Roma Republicana*, pp. 11-12.

³⁰⁴ GRIMAL, Pierre. *Tácito*, p. 174.

geral e considera a missão de Roma instaurar a civilização por toda a parte do mundo habitado.³⁰⁵

Se Tácito muitas vezes se admira e não deixa de elogiar algumas características dos outros povos, como é o caso dos judeus, em quem valoriza a “honestidade obstinada e a compaixão sempre pronta”³⁰⁶, não deixa de vê-los como ambiciosos, a ponto de, ao seu ver, aceitarem dinheiro como paga de conversão. Aí ele identifica o crescimento do poder dos judeus; também os considera desenfreados em seus costumes e pessoas que renegam a pátria e a família, porque desconhecia a visão de povo judeu, de nação judaica, que os unia pela cultura onde quer que estivessem.

Com os germanos Tácito não faz diferente, pois se por um lado admira nesse povo a fidelidade e a escassez de adultérios³⁰⁷, a hospitalidade³⁰⁸, a coragem e a dedicação para a guerra³⁰⁹, também os vê como preguiçosos e comilões, “passando a maior parte do tempo sem se ocupar de nada, entregues ao sonho e à comida”³¹⁰; eram beberrões e dormiam demais³¹¹; eram também violentos³¹², viciosos³¹³ e dados a jogos de azar³¹⁴. Enfim, tudo isso os fazia bárbaros, não possuidores da *virtu*, indignos da liberdade. Daí porque Tácito não entende o motivo da demora dos romanos em submetê-los, já que eles, os romanos, eram muito superiores.³¹⁵

Passarei agora à apropriação que Tácito faz da obra de outros autores, utilizando assim o conhecimento ou os relatos destes em comparação com as opiniões dos homens do seu tempo para julgar outros grupos e culturas e, mais propriamente, o objeto deste trabalho: os cristãos.

³⁰⁵ CIZEK, Eugen, *Histoire et historiens à Rome dans l'antiquité*, p. 239.

³⁰⁶ TÁCITO, *Histórias*, V, 5.

³⁰⁷ TÁCITO, *Germânia*, XIX, 2.

³⁰⁸ TÁCITO, *Germânia*, XXI,2.

³⁰⁹ TÁCITO, *Germânia*, XIV, 1.

³¹⁰ TÁCITO, *Germânia*, XV, 1.

³¹¹ TÁCITO, *Germânia*, XXII, 1-XXIII,2.

³¹² TÁCITO, *Germânia*, XIV, 2.

³¹³ TÁCITO, *Germânia*, XXIII, 2.

³¹⁴ TÁCITO, *Germânia*, XXIV, 3.

³¹⁵ TÁCITO, *Germânia*, XXXVII, 2.

Edward Gibbon, na obra *Declínio e queda do Império Romano*³¹⁶, Ambrogio Donini, na obra *História do Cristianismo, das origens a Justiniano*³¹⁷, e também Pierre Grimal em sua biografia de Tácito³¹⁸, observam que Tácito, ao escrever, muitas vezes cita quase literalmente trechos de Tito Lívio, sendo que Donini e Gibbon vêem ainda proximidade entre os relatos de Tito Lívio sobre os cultos báquicos e o relato de Tácito sobre os cristãos. De fato, existe uma relação entre ambos e devo observar que Tácito foi buscar fundamentação na obra de Plutarco e na Carta de Plínio, antes de usar esse parâmetro de comparação. A seguir demonstrarei pormenorizadamente os pontos de contato entre eles, já que isto nos reporta à relação que os romanos faziam entre os cristãos enquanto superstição, prática cultural de mistério, e os praticantes dos cultos dionisíacos.

Em primeiro lugar, observemos como ambos descrevem a origem dos cultos cristão e báquico:

*“Um grego de ascendência obscura, carente de todo conhecimento adequado à educação da mente e do corpo com que a admirável civilização helênica nos enriqueceu, estabeleceu-se na Etrúria;”*³¹⁹

*“O autor desse nome foi Cristo, que no governo de Tibério foi condenado ao último suplício pelo procurador Pôncio Pilatos.”*³²⁰

Não é de se estranhar que Tácito tenha consultado documentos ou pessoas para chegar à informação sobre Cristo, pois a sua preocupação com a História já descrevi; mesmo assim, devo observar que ele se limita ao termo Cristo, que identifica os cristãos, sem se referir a Jesus de Nazaré, ou a Jesus o Galileu, ou algo que de fato pudesse identificar melhor aquele que foi condenado ao último suplício. Porém pouco lhe interessa isso, já que vê o fundador da superstição

³¹⁶ Op. Cit. 230.

³¹⁷ Ibid, p.167

³¹⁸ Ibid, pp. 13, 102 e 103.

³¹⁹ TITO LÍVIO, *História de Roma*, XXXIX, 8.

³²⁰ TÁCITO, *Anais*, XV, 44.

como alguém “de ascendência obscura”, como o grego a quem se referiu Tito Lívio como tendo sido o introdutor dos cultos báquicos na Itália.

Passemos agora à expansão dos cultos e à sua respectiva instalação em Roma, sede da República, do Império e do ideal republicano que norteava os pensamentos tanto de Tito Lívio quanto de Tácito.

“Essa asquerosa mácula passou como uma epidemia da Etrúria a Roma, espalhando-se tanto que aquelas práticas podiam facilmente escapar aos olhares.”³²¹

“Eles [os vossos ancestrais] jamais reconheceram essas divindades estrangeiras cuja infame liturgia enegrece as almas e as empurra como delírio fanático a um sorvedouro de maldades e aviltamentos. (...) Ficai sabendo que há muito tempo se celebram bacanais na Itália e, mesmo, em muitos bairros de Roma.”³²²

“Mas a verdade é que nunca a república se viu à mercê de dano maior ou mais contagioso: todos os desvarios da libertinagem, todos os atentados cometidos nos últimos anos procedem, sabei-o bem, dessa nefanda instituição.”³²³

“...castigou com as penas mais impressionantes a certas pessoas já dantes detestadas por suas torpezas, que o vulgo chamava de cristãos... A sua perniciososa superstição, que até ali tinha estado reprimida, já tornava de novo a grassar, não só por toda a Judéia, origem desse mal, mas até em Roma, aonde todas as atrocidades do universo e tudo quanto há de mais vergonhoso vêm enfim acumular-se e sempre encontram acolhimento.”³²⁴

Se observarmos bem, ambos deixam clara a origem estrangeira dos cultos por eles analisados; logo, como tais são práticas bárbaras e, nas palavras de Tito Lívio, até mesmo aquela que supostamente veio da Grécia, a admirável civilização helênica, também era fruto de um farsante que fingia dedicar-se à ilustração do povo, incutindo-lhe temores supersticiosos³²⁵. Se incutia temores supersticiosos, não poderia identificar-se à civilização helênica já que esta não era uma superstição e o grego não era afeito às superstições, sendo antes uma prática bárbara, fruto da mente de um homem de ascendência obscura.

³²¹ TITO LÍVIO, *História de Roma*, XXXIX, 9.

³²² TITO LÍVIO, *História de Roma*, XXXIX, 15.

³²³ TITO LÍVIO, *História de Roma*, XXXIX, 16.

³²⁴ TÁCITO, *Anais*, XV, 44.

³²⁵ TITO LÍVIO, *História de Roma*, XXXIX, 8.

O mesmo se dá quando analisamos a afirmação de Tácito ao identificar a origem geográfica do culto cristão. Ele refere-se à Judéia como origem do mal e bem sabemos que apesar de considerar que os ritos judaicos podem ser justificados pela sua antigüidade, possuíam outras observâncias sinistras e infames que foram mantidas pela depravação³²⁶; logo, da Judéia nada poderia vir além de infâmia e depravação, superstições dignas também de povos bárbaros.

Quanto aos praticantes de ambos os cultos, observamos que Tito Lívio utiliza os seguintes termos para identificar os praticantes dos cultos báquicos: asquerosa mácula, delírio fanático, sorvedouro de maldades e aviltamentos, nefanda instituição; Tácito irá contrapor: pernicioso superstição, mal, atrocidades do universo, vergonhoso. Assim sendo, penso que não há dúvida de que Tácito está olhando para a obra de Lívio e identifica também os cristãos com a mesma visão deste. Mesmo porque Tácito descreve os cristãos como pessoas já dantes detestadas por suas torpezas. Assim, na visão de Tácito, mesmo que os cristãos não fossem fruto da superstição báquica, deveriam ter ao menos relação com ela.

Para tanto, Tácito podia buscar fundamento em Plutarco, já que o discurso *Simposiaca*, ou *Conversações à mesa*, identifica o culto judaico aos cultos a Baco; a partir daí não seria difícil identificar os cristãos com os cultos báquicos – já que estes são provenientes do judaísmo.

Tácito, em seu livro *Histórias*, demonstrou não conhecer bem os judeus e ao referir-se às suas origens relata que os judeus foram “banidos da ilha de Creta e estabeleceram-se nas extremidades da Líbia”³²⁷. Sabe-se também que o mesmo Tácito que escreveu:

*“Mas como seus sacerdotes cantavam acompanhados de flautas e tambores e cingiam a fronte com hera e como foi encontrada em seu templo uma videira de ouro, alguns pensaram que eles adorassem a Baco, o vencedor do Oriente; mas esses ritos não têm nenhuma relação. Com efeito, os que Líber instituiu são risonhos e alegres; as práticas judaicas são estranhas e sórdidas.”*³²⁸

Apesar da afirmação acima parecer negar a tese inicial, verifico que se Tácito chegou a afirmar a não identidade entre o judaísmo e os cultos báquicos,

³²⁶ TÁCITO, *Histórias*, V, 5.

³²⁷ TÁCITO, *Histórias*, V, 2.

ele o faz sem pleno conhecimento das práticas judaicas, já que as identifica das mais diferentes formas, inclusive relacionando-as aos cultos egípcios e dizendo que os judeus prestavam culto ao asno.³²⁹

Por outro lado, a obra *Anais* veio a público entre 115-117 d.C., em período posterior à carta de Plínio o Jovem a Trajano, onde surgem termos como: teimosia e obstinação inflexíveis, loucura, superstição insensata e exagerada para identificar as práticas cristãs. Na carta de Plínio o Jovem também podemos ler:

“Afirmavam eles que toda a sua falta, ou o seu erro, tinha-se limitado ao costume de se reunirem em dia fixo antes do levantar do sol, de cantar entre si alternadamente um hino a Cristo como Deus... terminados esses ritos, tinham o costume de se separarem e de se reunirem outra vez para tomarem a sua refeição que, apesar do que dizem outros, é simples e inocente.”

Assim, como discuti anteriormente, Tácito tinha conhecimento da carta de Plínio a Trajano e o livro X, onde consta a carta sobre os cristãos, foi publicado após a morte de Plínio, em aproximadamente 112 d.C. Logo, a carta afirma que se reuniam antes do amanhecer para cantar um canto a Cristo como deus.

Na obra *Conversações à Mesa*, Plutarco escreveu:

“Eles (os judeus) têm ainda como festa uma espécie de procissão de ramos ou procissão dos tirsos, durante a qual entram em seu santuário levando tirsos. O que fazem depois de ter entrado não sabemos, mas é provável que se trate de uma cerimônia báquica, visto que fazem uso de trombetas como fazem os argivos nas dionisiacas, para invocarem o deus, enquanto outros avançam tocando cítaras; eles dão a esses últimos o nome de levitas, e os chamam assim em referência seja a Lísios, seja, melhor, a Évios. Penso que também a festa aos sábados não é completamente estranha a Dionísio, porque atualmente ainda muitos chamam de sabes os iniciados de Baco, e estes emitem esse grito quando realizam ritos orgíacos em honra ao deus.”³³⁰

Já Tito Lívio relata o barulho dos báquicos pela cidade, ao escrever: “Estou certo de que alguma notícia tendes disso graças a esses ruídos discordantes, a esse ulular que de noite ressoa por toda a cidade.”³³¹ Mais adiante escreve:

³²⁸ TÁCITO, *Histórias*, V, 5.

³²⁹ TÁCITO, *Histórias*, V, 4.

³³⁰ PLUTARCO, “Conversações à Mesa” IV, 6. In: COMBY, J. & LEMONON, J-P. *Roma em face a Jerusalém, visão dos autores gregos e latinos*, p.43.

³³¹ TITO LÍVIO, *História de Roma*, XXXIX, 15.

“fanáticos embrutecidos pelas noitadas, pela bebedeira, pelo ruído dos instrumentos e pelos gritos noturnos.”³³² E ainda quanto à refeição dos báquicos, escreve: “associou os prazeres do vinho e da mesa às práticas puramente religiosas.”³³³

Em primeiro lugar, cabe observar que possivelmente era a Plutarco que Tácito se referia quando escreveu nas *Histórias*: “alguns pensaram que eles adorassem a Baco, o vencedor do Oriente.”³³⁴ Por outro lado, se Tácito afirmou que os judeus não tinham relação com os cultos a Baco, ele não tinha consciência total das práticas judaicas, como expus anteriormente. Porém acredito que tivesse uma noção, embora vaga, da diferença entre judeus e cristãos e deveria saber como os judeus repudiavam os cristãos.

Assim, o simples fato de os judeus haverem repudiado os cristãos era um indicativo de que estes não eram dignos sequer de partilhar das tradições dos seus pares e antepassados. Some-se a isso o fato de que cultuavam como deus um homem levado ao último e infamante suplício, o que os tornava indignos de confiança.

Tácito, ao referir-se aos judeus em sua obra *Histórias*, escreveu que os judeus “têm uma hostilidade rancorosa” a tudo o que não é judeu. Assim, isto justifica a aversão dos judeus aos cristãos. E se os judeus são rancorosamente hostis a tudo o que não é judeu, Tácito podia associar os cristãos aos cultos e práticas repudiadas pelos judeus e romanos e, conseqüentemente, aos cultos báquicos.

Tanto Tito Lívio como Tácito tendem a apresentar seus objetos de análise como grupos perigosos à vida de Roma, criminosos que deveriam ser punidos pelo bem público.

“Perniciosa superstição” é a expressão utilizada por Tácito para identificar o culto cristão. Este termo encontra eco não somente na carta de Plínio o Jovem, de

³³² Ibid.

³³³ TITO LÍVIO, *História de Roma*, XXXIX, 8.

³³⁴ TÁCITO, *Histórias*, V, 5.

onde deve ter sido extraído, mas também na obra de Tito Lívio, que escreveu: “Coisa alguma contribui tanto para extraviar o homem quanto a superstição.”³³⁵

Analisando a questão, podemos refazer o raciocínio romano sobre o assunto. A seita cristã, repudiada pelos judeus, era nova. Nascera na época de Pôncio Pilatos e portanto, no momento em que Tácito estava escrevendo, era bastante recente.

Para o romano, se uma prática tida como religiosa era recente, não poderia ser religião já que, por definição, uma religião devia ser antiga, possuindo tradições que remontassem há muitos séculos. Assim, sendo novo e recente, o cristianismo não poderia ser uma religião e então seria uma superstição e, como tal, não era uma boa prática.

Por serem perniciosos, os cristãos são dignos de punição e o próprio Tácito reconhece que esta, apesar de cruel e brutal, foi merecida para que se evitasse o crescimento desse mal que já se espalhara em Roma, “onde tudo o que é vergonhoso vai acumular-se e encontra acolhimento.”³³⁶

Em Tito Lívio também encontraremos o modelo de Tácito para avaliar os cristãos, já que o historiador republicano escreveu sobre os cultos báquicos:

“Dia a dia vai o mal crescendo e se espalhando, e já fez demasiados progressos para ficar encerrado mais tempo no âmbito das violências particulares; já se propõem os infames a atacar o Estado inteiro. Vigiai, cidadãos, do contrário esta reunião celebrada à luz do dia, convocada legalmente pelo cônsul, presto será substituída por um conciliábulo noturno igualmente numeroso!”³³⁷

Também a idéia de subversão e desestruturação da *Pax Deorum*, já incluída na citação anterior de Tito Lívio, fará com que Tácito apresente os cristãos como “inimigos do gênero humano”.

Observemos o que Tito Lívio diz sobre os cultos báquicos e que possivelmente serviu de modelo para a afirmação de Tácito:

³³⁵ TITO LÍVIO, *História de Roma*, XXXIX, 16.

³³⁶ TÁCITO, *Anais*, XV, 44.

³³⁷ TITO LÍVIO, *História de Roma*, XXXIX, 16.

“O infame comércio de homens e mulheres não constituía o único escândalo daquelas orgias: dali saíam, quais sementes impuras, falsos testemunhos, assinaturas adulteradas, testamentos apócrifos, denúncias caluniosas e, às vezes, envenenamentos e assassinatos tão bem acobertados que não se achavam os cadáveres das vítimas para dar-lhes sepultura. A astúcia e a violência presidiam esses atentados; com gritos selvagens, alarido de tímpanos e címbalos, abafavam-se os gemidos dos que eram violentados e assassinados.”³³⁸

Não é difícil ver exagero no modo de Tito Lívio identificar os cultos a Baco. Moses I. Finley caracterizou a descrição de Lívio como inteiramente tendenciosa, melodramática e, em certos pontos, fictícia, pois insiste numa conspiração em massa que foi suprimida com êxito.³³⁹ Mais adiante, na mesma obra, afirmou que o historiador republicano concentrou-se nos atos heróicos do Senado e ignorou as opiniões e o comportamento dos cidadãos comuns.³⁴⁰

As afirmações de Finley servem também para uma leitura tacitiana do evento que envolveu os cristãos do tempo de Nero, porque identificou os cristãos como multidão inumerável, assim como Tito Lívio também fez com os báquicos ao escrever que chegavam aos milhares de adeptos³⁴¹. Tal afirmação é incorreta, pois os cristãos eram uma pequena comunidade em Roma, como pude observar anteriormente. Também os praticantes do culto a Baco não deviam ser tantos como afirmou Lívio.

Tanto em Lívio como em Tácito encontramos termos exagerados para identificar as duas práticas; e se Tácito não identificou literalmente os cristãos como subversivos, não deixou de apresentá-los como culpados e dignos de punição, pois deviam ter sido imolados à utilidade pública e não à crueldade e brutalidade de um único homem, o que os torna criminosos perante o Estado romano.

A relação do culto cristão com os cultos báquicos é atestada também por um documento cristão do século II que, apesar de cristão, relata um debate entre um cristão e um pagão sobre as práticas cristãs. Trata-se do diálogo *Otávio*, escrito por Minúcio Félix.

³³⁸ TITO LÍVIO, *História de Roma*, XXXIX, 8.

³³⁹ FINLEY, M.I. *A política no mundo antigo*, pp. 33-34.

³⁴⁰ *Ibid*, p.122.

³⁴¹ TITO LÍVIO, *História de Roma*, XXXIX, 15.

Minúcio era advogado e imita o cenário de Cícero, ou seja, apresenta um diálogo entre três interlocutores: Cecílio Natális (pagão), Otávio Januário (cristão) e o autor, passeando à beira-mar em Óstia. Cecílio é censurado ao reverenciar uma imagem de Serápis e disso resulta uma discussão a propósito do cristianismo.³⁴² Na discussão, Cecílio faz pesadas críticas aos cristãos e às práticas cristãs, chamando-os de *“bando de desesperados, facção miserável proibida por lei, bandidos dos nossos deuses, ralé que forma uma conjuração, ignorantes da última escória”*.³⁴³

É bem possível que o apologista Minúcio Félix tenha exagerado nos termos usados por Cecílio para se referir aos cristãos, porém a existência de um documento assim leva-nos a crer que havia pelo menos um certo desconforto entre romanos e cristãos, que a seita recém saída do judaísmo não era acolhida com tranquilidade. E se alegarmos simplesmente que o discurso era uma forma de os cristãos se fazerem de vítimas aos olhos alheios, teríamos de aceitar que não havia animosidade alguma entre romanos e cristãos. Assim sendo, observo que a existência de um texto cristão fazendo referência a alegações pagãs é um indício da indisposição entre romanos e cristãos.

No capítulo XI, o diálogo faz menção a um incêndio com o qual os cristãos ameaçam todo o orbe:

*E o que dizer sobre o incêndio com que ameaçam todo o orbe da Terra e também ao mundo com todos os seus astros, a ruína que tramam, como se fosse possível perturbar a ordem eterna, fundada nas divinas leis da natureza, ou que, destruída a aliança de todos os elementos e desfeita a sua conexão celeste, esse tecido em que está contido e atado em unidade, pudesse ser derrubado?*³⁴⁴

O trecho acima deixa transparecer que a fama de incendiários dos cristãos não desaparecera e que os mesmos eram vistos como perturbadores da natureza, ou seja, pessoas que influenciavam maleficamente a sociedade. Creio ainda que a cada nova investida contra os cristãos reapareciam as acusações de terem sido

³⁴² HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*, p. 344.

³⁴³ MINÚCIO FÉLIX, *Otávio*, VIII, 3-4. Texto original em latim extraído do site The Latin Library. Tradução pessoal para a língua portuguesa.

³⁴⁴ MINÚCIO FÉLIX, *Otávio*, XI, 1. *"Quid quod toto orbi et ipsi mundo cum sideribus suis minantur incendium, ruinam moliuntur, quasi aut naturae divinis legibus constitutus aeternus ordo turbetur,*

responsáveis pelo incêndio de Roma, assim multiplicando-se a fama dos seus supostos crimes³⁴⁵.

Os romanos também mantinham a crença de que a eficácia das artes mágicas não podia ser posta em dúvida. Acreditavam que não só era possível prejudicar aos outros por meio de feitiços, como também destruir terras e colheitas. Por isso todos esses comportamentos eram punidos desde o tempo da Lei das XII Tábuas, com sanções que poderiam chegar até mesmo à morte.³⁴⁶

A relação íntima entre autoridade política e religiosa era um traço comum a muitos centros urbanos greco-romanos. A religião era parte integrante do funcionamento do estado. A prática religiosa garantia a *pax deorum* e impedia que os deuses atingissem a cidade. Em certas circunstâncias, como desastres naturais, pestes ou o fracasso de uma colheita, que pudessem ameaçar até a mais próspera das comunidades, a retribuição divina podia ser considerada ameaça muito real. Como os sacerdotes representavam a comunidade perante os deuses e lideravam a comunidade em importantes cerimônias públicas, adquiriram considerável prestígio; e não admira que a elite política tendesse a monopolizar a autoridade religiosa. A religião podia ser usada para legitimar a ordem política mas seria um erro ver a religião apenas como um meio de garantir a legitimidade política. O inter-relacionamento entre religião e política era íntimo demais para isso. A autoridade política também trazia legitimidade à autoridade religiosa: os líderes políticos eram aqueles que queriam representar a comunidade perante os deuses, como se esperava que liderassem o povo na guerra e na paz. Esperava-se que os políticos garantissem a prosperidade do estado através da realização de rituais, como cuidavam de finanças e assuntos militares. Religião e política não eram assuntos isolados.

Neste contexto é claro que os cristãos eram considerados como interferindo na *Pax Deorum*; e mesmo o fato de não ter sido esquecida a acusação de incendiários denota que, por certo, a piedade dos romanos quanto à perseguição

ut, rupto elementorum omnium foedere et caelesti conpage divisa, moles ista, qua continetur et cingitur, subruatur?"

³⁴⁵ Uso propositalmente a expressão "supostos culpados" por estar relacionada à usada por Tácito na obra *Anais*, XV, 44.

de Nero ocorreu muito mais porque a brutalidade do imperador era tamanha que envergonhava até quando punia um grupo de pessoas “odiadas pelos seus crimes” ou por “odiarem o gênero humano”, no dizer de Tácito.

A presença da acusação de incendiários no diálogo de Minúcio Félix faz-nos crer que não só a acusação não estava extinta, como também para algumas pessoas em Roma – e será difícil precisar números – os cristãos ainda eram perigosos. E se de fato tivessem o poder de atentar contra o orbe, eram então feiticeiros e por isso deveriam ser punidos como pessoas que, usando de artifícios mágicos, perturbavam a paz pública. É bem possível que por isso Trajano tenha escrito a Plínio: “*Não há motivo para persegui-los ex-officio. Se forem denunciados e a acusação provada...*”³⁴⁷. Ou seja, diante do desconforto social existente, não bastaria apenas uma denúncia: era preciso haver uma prova. Não havia necessidade de se buscarem culpados presumíveis.³⁴⁸ Se ficasse provado o crime dos cristãos, então os culpados seriam punidos. A atitude do imperador reforça – ainda que alguns possam crer o contrário – a tese de que os cristãos causavam, sim, um desconforto social em Roma e esse desconforto se dava, como veremos, por um desconhecimento das práticas, crenças e significados dos costumes cristãos, vistos ora como exilados do judaísmo, ora como praticantes de uma religião de mistério que poderia ser um culto báquico, ou mesmo algum tipo de magia.

O diálogo escrito por Minúcio Félix apresenta diversos trechos que se relacionam diretamente a Tito Lívio e conseqüentemente fazem menção às práticas cultuais cristãs como sendo um culto báquico. Outros trechos foram extraídos de Tácito e Plutarco e mencionam a relação dos cristãos com os judeus. E na medida em que, como observei, Plutarco relaciona os judeus aos cultos báquicos, essa relação é feita com os cristãos, pela aproximação destes com os seus ex-pares. Observemos o quadro abaixo:

³⁴⁶ BREONE, Mario. *História do Direito Romano*, p.77.

³⁴⁷ PLÍNIO O JOVEM, *Cartas*, X,97.

³⁴⁸ BREONE, Mario. *História do Direito Romano*, p. 176.

Minúcio Félix, Otávio	Tito Lívio, <i>História de Roma</i>, XXXIX
<p>VIII, 4 – Ralé que forma uma conjuração sacrílega de homens ignorantes da última escória da plebe e mulherzinhas crédulas, fáceis de enganar pela mesma fragilidade do seu sexo, que se juntam em noturnos conciliábulos e se ligam entre si por jejuns solenes e comidas inumanas, quer dizer, antes por um sacrilégio do que por um sacrifício;</p>	<p>Cap. 17 – Ao todo, dizia-se que eram mais de sete mil os conjurados.</p> <p>Cap.15 – ...liturgia enegrece as almas... Parte deles são mulheres – origem do mal –, parte são efeminados, corruptos e corruptores, fanáticos embrutecidos pelas noitadas, pela bebedeira e pelos gritos noturnos. (...) esses miseráveis manchados de atos de prostituição em que foram alternadamente vítimas e fautores</p> <p>Cap. 16 – Vigiai, cidadãos, do contrário esta reunião celebrada à luz do dia, convocada legalmente pelo cônsul, presto será substituída por um <i>conciliábulo noturno</i> igualmente numeroso. (...) se existir alguém a quem a libertinagem e a loucura hajam arrastado para o abismo, não seja mais considerado membro da família e sim do bando a que se filiou por facinoroso julgamento.</p> <p>Cap. 8 - ... Infame comércio de homens e mulheres...</p>
<p>VIII, 4 – casta que ama os esconderijos e foge da luz, muda em público e barulhenta nas esquinas.</p>	<p>Cap. 13 – a adoção da noite favorecia a desordem...</p> <p>Cap. 8 – comportava-se como ministro de uma religião misteriosa, sempre envolta em trevas noturnas. (...) com</p>

	<p>gritos selvagens, alarido de tímpanos e címbalos, abafavam-se os gemidos dos que eram violentados e assassinados.</p> <p>Cap.15 – À falta de melhor, estou certo de que alguma notícia tendes disso graças a esses ruídos discordantes, esse ulular que de noite ressoa por toda a cidade;</p> <p>Cap. 16 - fizeram (os deuses) sair os malvados da obscuridade em que se ocultavam para a luz plena do dia...</p>
<p>IX, 1 – Contudo, como o mal se propaga com estranha fecundidade, favorecido pela crescente corrupção dos costumes, vemos que por toda a terra estão se multiplicando os lugares secretos dessa ímpia e crescente conjuração.</p>	<p>Cap. 9 – Essa asquerosa mácula passou como uma epidemia da Etrúria a Roma, espalhando-se tanto que aquelas práticas podiam facilmente escapar aos olhares.</p> <p>Cap. 15 – Até agora foi uma associação sem força, mas tende a se tornar temível porque diariamente vai arrebanhando novos entusiastas.</p> <p>Cap. 16 – Dia a dia o mal vai crescendo e se espalhando, e já fez demasiados progressos para ficar encerrado no âmbito das violência particulares; já se propõem os infames a atacar o Estado inteiro</p>
<p>IX, 1 – Assim sendo, esta execranda conspiração deve ser totalmente extraída!</p>	<p>Cap. 14 – Antes cumpria perseguir os que se juntassem ou jurassem atentar contra a vida dos cidadãos.</p> <p>Cap. 16 – Por isso julguei de bom alvitre</p>

	<p>prevenir-vos para que ignoreis todo temor supersticioso quando nos virdes destruindo os bacanais e dissolvendo as nefandas reuniões... e não para deixá-los impunes, mas para esmagá-los ao peso do castigo.</p> <p>Cap. 17 – Apanhados logo em seguida e conduzidos ao cônsul, confessaram tudo e foram sumariamente executados.</p>
<p>IX, 2 – A cada passo que se dá entre eles há uma estranha mescla de religião e obscenidades...</p>	<p>Cap. 8 - ...associou os prazeres do vinho e da mesa às práticas puramente religiosas. A embriaguez, a obscuridade da noite, a mistura de sexos e idades baniram para logo o pudor, abandonando-se todos a todo gênero de excessos...</p>
<p>IX, 5 – O iniciante é convidado a descarregar golpes que, graças à superfície de farinha, acredita inofensivos, ocultas as feridas, mata às cegas a infeliz criança, e eles, que horror!, lambem avidamente o seu sangue e repartem obstinadamente entre si os seus membros.</p>	<p>Cap. 10 – O neófito era entregue como vítima nas mãos dos sacerdotes, que o conduziam a um lugar onde terríveis bramidos, ruídos de instrumentos, sons de címbalos e tímpanos afogavam os gritos do pudor ultrajado</p>
<p>IX, 6 – No dia marcado, juntam-se para comer com todos os seus filhos, irmãos, mães, homens de todos os sexos e idades. Ali, depois de bastante fartos, quando os convidados entram no calor e no fervor da embriaguez, incendiados de uma paixão incestuosa, jogam um</p>	<p>Cap. 13 – Corria voz de que os deuses arrebatavam os desgraçados, que na verdade eram amarrados a engenhocas e enfundados em cavernas escuras. Escolhiam-se entre os que se recusavam a jurar participação nos crimes ou teimavam em não se deixar</p>

<p>pedaço de carne a um cachorro que mantêm atado a um candelabro mas ao alcance da corda, e assim o provocam para que salte, impetuoso; derrubado o candelabro e apagada a luz -- quem poderá testemunhar entre as impudicas trevas? --, unem-se por incerta sorte e indizível torpeza.</p>	<p>desonrar. A seita estava já tão numerosa que quase formava um povo, não estando ausentes homens e mulheres de famílias nobres; há dois anos ficara resolvido não aceitar quem tivesse mais de vinte anos, porque abaixo dessa idade os jovens se prestam mais facilmente à sedução e à desonra.</p> <p>Cap. 15 – Que pensareis desses ajuntamentos noturnos onde homens e mulheres se confundem? Se soubésseis com que idade são os homens iniciados, não vos limitáreis a lamentá-los, enrubesceríeis por eles.</p>
--	---

Como podemos observar, se o modelo e o cenário do diálogo de Minúcio Félix foram extraídos de Cícero, sua fonte foi Tito Lívio; e se os termos não são idênticos, é impossível não ver a semelhança, pois logo de início se faz presente a afirmativa de conjuração. E o termo *ralé* aparece diretamente relacionado com os pejorativos usados por Tito Lívio, como: “corruptos e corruptores”, “fanáticos embrutecidos”, “miseráveis manchados” e “bando a que se filiou por facinoroso julgamento”. Em ambas as narrativas faz-se presente o substantivo *conciábulo*, acompanhado do qualificativo noturno, afim de denegrir as reuniões feitas às escuras, sem autorização e às escusas dos olhos de todos, ou seja, reuniões passíveis de reprimenda.

Prosseguindo na minha observação, encontraremos em Minúcio a expressão “mulherzinhas crédulas” relacionada a “mulheres – origem do mal” em Tito Lívio, o que denota uma crença de que a mulher era mais fácil de se deixar

enganar do que o homem. Também podemos relacionar “jejuns solenes” e “comidas inumanas”, em Minúcio, com “infame liturgia” em Tito Lívio.

Podemos ainda relacionar a “casta que ama esconderijos”, em Minúcio, com o “infame comércio de homens e mulheres” de Tito Lívio. Devo ainda observar que em ambos a noite é o momento de realização dos cerimoniais; entretanto, esta é vista como acobertadora de crimes, pois as trevas omitem as faltas e os crimes.

Segundo Juvenal, as noites de Roma eram perigosas pela presença de ladrões e pela falta de policiamento adequado³⁴⁹ e, assim sendo, propícia ao crime e a toda sorte de malefícios.

Os cultos báquicos, como as práticas cristãs, eram celebrados à noite e muitas vezes os cristãos realizavam reuniões para tomarem juntos uma refeição. A partir daí a imaginação popular criou suas fantasias.

Pelas palavras de Juvenal sobre os perigos da noite em Roma, de que as pessoas não saíam com toda liberdade à noite, e na medida em que as reuniões, tanto dos cristãos quanto dos bacantes, eram realizadas a portas fechadas ou nos bosques³⁵⁰, seus ritos não eram totalmente conhecidos; e assim, o pouco que deles se conhecia dava margem a comparações e imaginações de toda ordem.

Uma prova da imaginação crescente quanto ao cristianismo é que diante da afirmação de Tito Lívio³⁵¹ sobre os “desgraçados amarrados a engenhocas” criou-se toda uma fábula sobre cães atados a candelabros e a comportamentos promíscuos quando esses candelabros eram derrubados. E até a iniciação dos neófitos demonstra um processo de apropriação e associação com a idéia de que os cristãos comem carne e bebem sangue humano. Assim, diante dos boatos de que “o neófito entregue nas mãos dos sacerdotes e levado para um lugar onde terríveis bramidos, ruídos de instrumentos, sons de címbalos e tímpanos afogavam os gritos do pudor ultrajado”, o povo imaginou uma criança coberta de farinha sendo sacrificada e servindo de alimento para os bárbaros cristãos que

³⁴⁹ JUVENAL, *Sátiras*, III, 302-314. Citado por J. COMBY e J-P. LEMONON in: Roma em face a Jerusalém, pp. 75-76.

³⁵⁰ TITO LÍVIO, *História de Roma*, XXXIX, 12.

³⁵¹ TITOLÍVIO, *História de Roma*, XXXIX, 13.

lambiam o seu sangue e comiam a sua carne, como se encontra no diálogo de Minúcio Félix.

Não podemos crer literalmente nas palavras de Minúcio, assim como não podemos crer totalmente nas palavras de Tito Lívio, já que ambos – como vimos – exageram; porém a utilização das informações de Lívio, do seu roteiro, por Minúcio Félix, denota, sem dúvida, que havia uma associação entre os cristãos e os bacantes e conseqüentemente tudo o que havia de negativo nos seguidores de Baco era transmitido e adaptado para os cristãos. Isso denota, antes de mais nada, que os cristãos eram vistos como uma estirpe de criminosos.

Se retornarmos a Tácito, na obra *Anais*, XV, 44, encontraremos a seguinte afirmação: “os cobriam com peles de animais ferozes para serem devorados pelos cães, ou foram crucificados, ou os queimaram de noite para servirem de archote para o público.”

Vejo que a cena dos cristãos cobertos com peles de animais faz jus a uma comparação com a cena na qual Penteu, filho de Agave, foi confundido por sua mãe – que havia sido confundida pelo próprio Dionísio – com um grande javali e as mulheres, transtornadas pelo vinho, os destroçaram. Levando-se em consideração que Nero é amante da cultura grega, não é difícil fazer a associação. Assim sendo, a aproximação entre os cristãos e os cultuadores de Dionísio pode ter ocorrido já no período de Nero. Por outro lado, se as práticas dionisíacas e cristãs acontecem à noite que, como vimos, é propícia para acobertar crimes, que os criminosos cristãos servissem então para iluminar a noite dos romanos, principalmente dos desabrigados pelo incêndio por eles causado.

Embora merecedores da piedade pública, os cristãos eram também dignos de zombaria, pois não passavam de “culpados”, “miseráveis” e “inimigos do gênero humano”, ou seja, subversores da ordem e da paz pública, como apresentei anteriormente.

Como vimos, se a aproximação do culto cristão com o culto dionisíaco era possível, também o era com as práticas judaicas; e sobre estas também a mentalidade romana criou suas fantasias como, por exemplo, afirmando que os

judeus cultuam a cabeça de um asno. Vejamos a seguir as afirmações extraídas de Tácito e Plutarco:

“Nada os atormentava tanto como a falta de água e, próximos da morte, já tinham caído por toda parte na planície, quando uma tropa de asnos selvagens, de volta do pasto, se retirou para o lado de uma rocha sombreada por um pequeno bosque. Moisés os seguiu e, pela erva que cobria o solo, adivinhou e abriu abundantes veios de água. Foi um alívio, e depois de seis dias de marcha ininterrupta, no sétimo tomaram terras, das quais expulsaram os habitantes e nelas construíram uma cidade e consagraram um templo.

Procurando assim assegurar-se para sempre o domínio sobre esta nação, Moisés lhe deu ritos novos, em contraste total com os de outros homens. Lá é profano tudo o que para nós é sagrado; em contrapartida, entre eles é permitido tudo o que para nós é abominação. Erigiram num santuário, para lhe prestarem honra, a efígie de um animal que os guiara e os livrara da sede, mostrando-lhes que se tinham extraviado;”³⁵²

“Creio, portanto, que se os judeus sentissem repugnância pelo porco, matá-lo-iam... Ora, é proibido a eles tanto matá-lo como comê-lo. Parece lógico que venerem o porco, que lhes ensinou o processo da sementeira e da aração, como honram o asno, que descobriu a água da fonte...”³⁵³

A mesma afirmativa de que os judeus cultuavam a cabeça de um asno não escapou a Flávio Josefo, que escreveu na sua defesa *Contra Ápio*:

“Ápio atreveu-se, portanto, a dizer, sob sua afirmativa, que os judeus tinham em seu tesouro sagrado uma cabeça de burro, toda de ouro e de grande valor, que eles adoravam e que foi encontrada quando Antíoco saqueou o templo. Respondo, antes de tudo, que mesmo quando essa acusação fosse tão verdadeira quanto falsa, não lhe competiria, sendo egípcio, como ele é, censurar-nos, porque um burro não é mais desprezível do que um bode, um crocodilo ou outro animal que os egípcios colocam no número dos seus deuses.”³⁵⁴

De onde surgiu a afirmação ou a comparação é difícil identificar ou afirmar com certeza, porém podemos aventar a possibilidade de uma relação com Set, o deus egípcio, pois os hebreus tinham estado no Egito antes mesmo de serem um povo ou uma nação organizada, e por isso mesmo eram estrangeiros. Por outro lado, Set foi cultuado por Seti I (1291-1278 a.C.)³⁵⁵, pai de Ramsés II, sob o qual

³⁵² TÁCITO, *Histórias*, V, 3-4.

³⁵³ PLUTARCO, “Conversações à mesa”, 5-6. In: COMBY, J. & LEMONON, J-P. Roma em face a Jerusalém, visão dos autores gregos e latinos, p. 41.

³⁵⁴ FLÁVIO JOSEFO, “Contra Ápio”, II, 4. Tradução Vicente Pedroso. In: FLÁVIO JOSEFO, *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2001. p.730.

³⁵⁵ SALES, José das Candeias. *As divindades egípcias, uma chave para a compreensão do Egito antigo*, p. 154-159.

se deu o êxodo judaico, considerado como a libertação desse povo, em aproximadamente 1250 a.C.

O que nos importa é que essa idéia da adoração a um asno como deus passou dos judeus para os cristãos, que tinham sido seus pares e depois excluídos do grupo. É possível que a alegação de que os cristãos adoravam a um asno tenha partido dos próprios judeus, como forma de ridicularizar os cristãos; porém também pode ter partido dos próprios romanos, na medida em que os cristãos eram tidos como adoradores de um homem “condenado ao último suplício”, o que para um romano não poderia ser considerado racional e coerente, mas sim degradante e digno de zombaria. E de fato o era, pois no diálogo de Minúcio Félix é esse o tom de Cecílio ao afirmar que os cristãos adoram uma cabeça de asno.

*“Ouço dizer, e ignoro a razão desta tolice, que estes estúpidos homens veneram uma cabeça de asno elevada à categoria divina, besta torpíssima: culto digno e de tais costumes nascido.”*³⁵⁶

A crença, ou zombaria – a mim soa como zombaria – de que os cristãos adoravam uma cabeça de asno deve ter se espalhado e ganho força rapidamente, pois no ano de 1857 foi encontrado no Monte Palatino um grafite representando um homem diante de um crucificado com cabeça de asno e ao lado uma inscrição que diz: “Alessameno adora deus”³⁵⁷. Os arqueólogos identificaram o grafite como sendo do século II, e como um mote dos romanos para com os cristãos. Assim sendo, podemos dizer que, pelo que o grafite expressa, alguns romanos viam nos cristãos muito mais um motivo de escárnio e desprezo do que de preocupação.

Neste sentido pode ser interpretada também a afirmação de Plínio o Jovem, quando escreveu a Trajano: “Encontrei apenas uma superstição insensata e exagerada”³⁵⁸. Tão exagerada que não merecia atenção, pois não poderia ser considerada racional e coerente. Plínio faz essa afirmação depois de haver investigado inclusive a relação dos cristãos com os bacantes. Podemos observar

³⁵⁶ MINÚCIO FÉLIX, *Otávio*, IX, 3. “*Audio eos turpissimae pecudis caput asini consecratum inepta nescio qua persuasione venerari: digna et nata religio talibus moribus!*”

³⁵⁷ Apêndice IV.

isso se compararmos o que ele escreveu para Trajano com o texto de Tito Lívio. Vejamos a relação:

“De resto, afirmavam eles que toda a sua falta, ou o seu erro, tinha-se limitado ao costume de se reunirem em dia fixo, antes de levantar o sol, de cantar entre si alternadamente um hino a Cristo como deus, de se comprometerem por juramento não a cometerem algum crime, mas a não cometerem nem roubo, nem pilhagem, nem adultério, a não faltarem à palavra dada e a não negarem um depósito reclamado em justiça.”³⁵⁹

Não discutirei novamente a questão da reunião em dia fixo, já tratada anteriormente, porém devo observar que o texto de Plínio vai de encontro ao de Tito Lívio por ser justamente o oposto do discurso apresentado por aquele advogado. Daí a certeza de que ele chegou a investigar a relação dos cristãos com os bacantes e depois disso só encontrou uma “superstição exagerada” ou, poderíamos dizer, uma sandice, na visão romana. Vejamos o texto de Tito Lívio:

“dali saíam sementes impuras, falsos testemunhos, assinaturas adulteradas, testamentos apócrifos, denúncias caluniosas e, às vezes, envenenamentos e assassinatos bem acobertados... não havia excesso ou infâmia que não se realizasse, com os homens entregando-se mais aos desmandos entre si que na companhia de mulheres. Quando alguém mostrava repugnância àqueles vícios monstruosos ou parecia pouco disposto a perpetrá-los, acabava imolado como vítima, pois o melhor indício de religiosidade era não furtar-se a nenhum tipo de crime.”³⁶⁰

A seguir apresentarei a análise isotópica da *Carta X*, 96 de Plínio o Jovem:

Rede Temática: Cristãos x Autoridade romana

Elementos Temáticos	Elementos Figurativos	Elementos Axiológicos
INFRAÇÕES DOS CRISTÃOS x PUNIÇÕES DAS AUTORIDADES ROMANAS	“(…) se é necessário punir o simples nome cristão (…) crimes implicados pelo nome”; “(…) a norma que tenho seguido [quanto aos denunciados como cristãos] Perguntei-lhes se eram cristãos (…) segunda e terceira vez,	OBEDIÊNCIA DO GOVERNADOR (SEGUIR A LEI DO IMPERADOR)

³⁵⁸ PLÍNIO, O JOVEM, *Cartas*, X, 96.

³⁵⁹ Ibid.

³⁶⁰ TITO LÍVIO, *História de Roma*, XXXIX, 8.13.

	<p><i>ameaçando-os com o suplício; aqueles que perseveraram, mandei executar (...); "Eu estava certo de que era necessário punir pelo menos essa teimosia e obstinação inflexíveis"; "outros dominados pela mesma loucura [mas como eram cidadãos romanos foram] enviados para Roma"; "(...) afirmavam eles (...) sua falta... seu erro (...) [tinham] o costume de se reunirem em dia fixo (...) cantar um hino a Cristo como um deus (...) se comprometerem a não cometer algum crime (...) tomarem sua refeição (...) simples e inocente (...) depois do meu edito (...) proibi heterias. Julguei mesmo necessário extrair a verdade de duas escravas, que eram chamadas diaconisas, mesmo submetendo-as à tortura. Encontrei apenas uma superstição insensata e exagerada."; "Não é somente nas cidades, mas também nas aldeias e pelos campos que se espalhou o contágio dessa superstição; creio, contudo, que é possível detê-la e curá-la."</i></p>	
--	---	--

Plínio era atuante nos tribunais romanos³⁶¹, mas apesar disso reconhece a sua ignorância quanto a processos contra os cristãos. Também desconhecia o que era ser cristão e isso o obrigava a uma investigação, conduzida com base em uma denúncia, ou seja, uma ação *cognitio extra ordinem*, que lhe dava, na condição de magistrado romano, o direito de punir inclusive com a pena máxima. Porém punir o que? O crime de ser cristão? A prática cristã? A incoerência cristã? A insistência em não adorar o imperador? E por fim, se ser cristão era um crime, como enquadrá-lo na justiça romana?

Plínio deve ter investigado o que se dizia dos cristãos e as relações que se faziam entre cristãos, judeus e bacantes, para então conduzir a sua investigação.

Depois de investigar os cristãos, com certeza veio-lhe à mente a obra do seu amigo Tácito, que já conhecia, e onde o autor discute a relação dos judeus com os cultos báquicos e também a origem e as práticas, e também a obra de Tito Lívio, dada a descrição pormenorizada que faz dos bacantes. Logo, Plínio teve os subsídios para avaliar os cristãos e interrogá-los. Depois de longo interrogatório, só encontrou a teimosia de muitos cristãos que insistiam no martírio³⁶². Daí a sua afirmação de nada ter encontrado além de uma superstição exagerada.

Nota-se que Plínio tinha uma conduta firme com relação aos cristãos, caracterizada pelo equilíbrio na busca da justiça. Devemos observar ainda o tratamento diferenciado que os acusados recebiam de Plínio: os habitantes da província eram agüidos em público, respondendo a um inquérito sobre o possível crime de que eram acusados; os cidadãos romanos culpados, ou supostamente culpados, eram enviados a Roma; os escravos poderiam ser torturados para que confessassem a culpa³⁶³, e até serem condenados ao último suplício.

A carta espelha-se no texto de Lívio pois, enquanto nessa carta Plínio afirma que os cristãos se comprometiam por juramento “a não cometer crime algum”, o texto de Tito Lívio afirma que os partícipes dos cultos báquicos comprometiam-se a não furtar-se a nenhum tipo de crime. E quanto aos crimes citados por Plínio, podem ser encontrados nas acusações feitas aos bacantes.

³⁶¹ ALSTON, Richard. *Aspects of Roman History A.D. 14-117*, p. 316.

³⁶² BOYARIN, Daniel. *Dying for God*, p. 95.

³⁶³ CARDOSO, Ciro F. S., “O mundo romano”, *In: Trabalho compulsório na Antigüidade*, pp. 52-61.

Chama ainda a atenção o fato de que Plínio submeteu à tortura duas mulheres “que eram chamadas diaconisas”. Isto se deu possivelmente porque eram escravas e como tal passíveis de tortura para extrair-lhes uma confissão culposa³⁶⁴ e também para confirmar se acaso não seriam sacerdotisas de Baco.

Como afirmei anteriormente, com Nero, em 64-65 d.C., começou a se manifestar publicamente a diferença entre judeus e cristãos, porém esta diferença ainda não era clara.

De fato, acredito que naquele momento os cristãos não foram perseguidos por serem cristãos, mas sim pelo crime de odiarem o gênero humano, porque já à época os romanos viam relação entre os cultos báquico e cristão.

A partir do ano 70 d.C., com a destruição do Templo e a expulsão dos cristãos das sinagogas, deu-se o rompimento definitivo entre judeus e cristãos; e os frutos da separação devem ter chegado a Roma na forma de hostilidades e anátemas entre os dois grupos, o que foi observado pelos romanos.

Com Domiciano, a perseguição que atingiu os cristãos foi a mesma que atingiu judeus e filósofos em geral, e creio não ter sido direcionada ao grupo, como alguns escritores cristãos quiseram demonstrar nos períodos posteriores.

Em resposta a Plínio, Trajano escreveu: *“Porque não é possível instituir uma regra geral que tenha, por assim dizer, uma forma fixa. Não há outro motivo para persegui-los ex-officio”*³⁶⁵. Ou seja, como não havia norma penal estabelecida para o crime de ser cristão, também não poderia haver uma descrição formal e penal do crime por eles praticado. Assim, a simples denúncia não seria suficiente para incriminá-los.

Os cristãos poderiam, sim, ser punidos por estarem interferindo na ordem pública, mas isso se faria com eles como a qualquer outro membro da comunidade romana, guardadas as diferenças somente quanto ao *status* do indivíduo na sociedade romana.

Trajano mandou punir os cristãos, não com o zelo implacável de um inquisidor ansioso por descobrir as menores partículas de heresia e exultante pelo

³⁶⁴ Ibid.

³⁶⁵ PLÍNIO O JOVEM, *Cartas*, X, 97.

número de vítimas, mas mandou puní-los, isto sim, por serem culpados³⁶⁶, e quando esse crime pudesse ser descrito e identificado. Assim, o que estava sendo punido era justamente a insistência dos cristãos em manterem suas práticas, em não cultuarem o imperador e os deuses romanos, e por interferirem no bom andamento da vida romana – templos, açougues e vida pública em geral. Tanto isso é verdade que logo em seguida vem a declaração de Trajano:

*“aquele que negar ser cristão e der prova manifesta disso pelos atos, quero dizer, sacrificando aos nossos deuses, mesmo que seja suspeito no que se refere ao passado, obterá o perdão como prêmio de seu arrependimento.”*³⁶⁷

Em primeiro lugar, o termo perdão utilizado por Trajano não se refere ao perdão jurídico, mas sim ao perdão concedido pelo imperador na figura de um deus. O imperador de Roma, o *Pontifex Maximus*, é quem concede o perdão àquele que, mesmo suspeito de crime anterior, recebe o perdão pelo ato de arrependimento, por assumir a sua irracionalidade diante do Estado e do Império.

Trajano diz que deveriam ser punidos aqueles que fossem culpados, porque o Direito Penal Romano não punia a intenção ou o mero desígnio criminoso, mas sim o ato criminoso.³⁶⁸ Neste sentido, é interessante observar que Trajano emudeceu diante de outra pergunta de Plínio: *“Eu me pergunto, não sem perplexidade, se há diferenças a observar segundo as idades, ou se a tenra infância está no mesmo nível que o adulto...”*

Isso acontece justamente porque não havia ainda como definir o crime de ser cristão, pois não havia uma descrição penal do crime praticado por aquele que se intitulava cristão.

Se não há descrição do crime, ele também não poderá ser definido juridicamente e, assim, não haverá como definir a pena a ser aplicada; e nem a diferença entre as penas de acordo com as idades nas quais o mesmo crime é

³⁶⁶ BREONE, Mario. *História do Direito Romano*, p. 176.

³⁶⁷ PLÍNIO O JOVEM, *Cartas*, X, 97.

³⁶⁸ GIOFFREDI, Carlo. *I principi del Diritto Penale Romano*, p. 96.

praticado. Se o crime não pode ser definido, também não é possível dizer se foi praticado por indução ou no pleno uso da razão de quem o cometeu.³⁶⁹

Assim, com relação a Plínio, observo que ele, tendo agido como advogado atuante que era, e na condição de magistrado romano, definiu legalmente o que era ser cristão e as práticas cristãs, estabelecendo um parâmetro inicial para posteriores processos contra os cristãos. Isto porque, como observei, era necessário haver uma descrição do crime, um precedente penal, para que se estabelecesse o crime e a respectiva punição.

À medida que a *Carta X*, 96-97, de Plínio o Jovem foi publicada e se tornou conhecida dos magistrados romanos, estes passaram a dispor de mecanismos para reconhecer e julgar as práticas cristãs. Assim, ser cristão era seguir uma “superstição exagerada”. Só isso, em si, já é uma definição jurídica do que era ser cristão e de suas práticas. Definia que o cristianismo não era reconhecido como religião, e como tal, era uma prática ilegal.

Outras definições importantes referem-se às práticas cristãs, ou seja, àquilo que os cristãos faziam ou deixavam de fazer. Neste sentido, eles não praticavam crimes, não eram mágicos, nem se assemelhavam aos seguidores de Dionísio.

O crime dos cristãos situava-se no fato de seguirem uma superstição monoteísta que se negava a cultuar o imperador e os deuses romanos, assim excluindo-se dos deveres cívicos a que se deviam submeter todos os que estivessem sujeitos às leis de Roma, à exceção dos judeus que, apesar de não oferecerem sacrifício ao imperador nem aos deuses romanos, comprometiam-se a oferecer ao seu deus sacrifícios diários pelo imperador e pelo Estado Romano.

Com certeza, nem toda a população romana participava desse processo de conscientização e assim, por muito tempo ainda surgiram confusões e conflitos entre cristãos e a população romana, especialmente porque o século II marcou o início da organização doutrinária e filosófica do pensamento cristão e com ela surgiram novos conflitos ideológicos. Mas isto excede os limites temporais deste trabalho.

³⁶⁹ GIOFFREDI, Carlo. *I principi del Diritto Penale Romano*, p. 96.

Observarei a partir de agora alguns aspectos da religião romana que considero importantes para a compreensão do meu estudo.

A tarefa de compreender e apreciar a religião romana não é fácil devido à apologética tradição cristã, especialmente dos primeiros autores que em seus livros e ensaios criticaram essa tradição e defenderam o movimento cristão. Entre esses apologistas, o de maior influência foi Agostinho, que em *Cidade de Deus* -- cujo título na íntegra é *Cidade de Deus contra os pagãos* -- discutiu a religião romana extensamente e com riqueza de detalhes. Agostinho ridicularizava os deuses romanos e tentava mostrar que os romanos cultos não acreditavam verdadeiramente no poder dessa religião sobre os assuntos humanos; consideravam que a “crença” nos deuses era útil ou vantajosa para a vida na sociedade e para o estado. A religião romana tradicional enfatizara a *utilitas* da convicção religiosa para o bem-estar da comunidade romana, e um dos destacados teóricos da religião romana, Terêncio Varro (116-27 a.C.), desenvolveu o seu pensamento baseado nesta concepção.

A idéia de “utilidade” da crença religiosa se apoiava na compreensão da relação íntima entre religião e ordem social, mas foi apresentada por Agostinho como sendo uma exploração cínica e manipuladora da religião para fins políticos. Segundo Agostinho, Varro “quase admite a falsidade” das histórias dos deuses. Sua obra mostra que “foram inventados ostensivos ritos religiosos aos deuses quando isso podia trazer vantagens aos cidadãos”.³⁷⁰ Considerando-se este ponto de vista, não admira que Agostinho e a tradição intelectual que se seguiu tivessem dificuldade em levar a sério a religião romana. Mesmo os estudiosos modernos consideram a religião romana como principalmente política, uma “religião de lealdade” ao estado, e que suas instituições envolviam poucos impulsos e sentimentos religiosos autênticos. No entanto, a menos que desconsideremos o que os próprios romanos diziam, devemos examinar a religião mais atentamente e com mais profundidade. A religião romana preservava uma genuína sensibilidade religiosa.

³⁷⁰ SANTO AGOSTINHO, *Cidade de Deus* 3,4, Petrópolis: Vozes, 1991.

O termo usado com mais freqüência para se designar as atitudes religiosas de homens como Plínio e Tácito era piedade (*pietas*, em latim, e *eusebeia*, em grego). Uma ilustração da “piedade” romana pode ser encontrada no relato de Tácito em *Histórias* sobre a reconstrução do Capitólio, o templo de Júpiter Optimus Maximus, Juno e Minerva, situado em uma das colinas de Roma. O templo fora destruído nas guerras civis de 68-69 d.C. e Tácito descreve nos seguintes termos o ritual de reconsagração do terreno no qual o templo seria reconstruído:

A responsabilidade pela reconstrução do Capitólio foi conferida a Lúcio Vestino, um homem da ordem eqüestre. Ele convocou os adivinhos, que o aconselharam a afundar nos pântanos os vestígios do templo primitivo e reconstruir o templo nas mesmas fundações que restassem; era vontade dos deuses que o antigo projeto fosse preservado sem alterações. Toda a área que seria dedicada ao local do templo foi marcada com uma linha contínua de filetes e guirlandas, e no dia 21 de junho, sob um céu sem nuvens, soldados com nomes auspiciosos entraram no recinto portando galhos de oliveiras e loureiros, seguidos de Virgens Vestais acompanhadas de um menino e uma menina cujos pais ambos ainda estavam vivos. Todos espalharam cuidadosamente no local água proveniente de fontes e rios. Então o pretor Helvídio Prisco, guiado no ritual pelo pontífice Plautio Aeliano, purificou a área com o sacrifício de um porco, um carneiro e um boi, e ofereceu as entranhas num altar de relva, pedindo a Júpiter, Juno e Minerva, divindades que governavam o Império, para que se dignassem permitir que os trabalhos ora iniciados prosperassem, pois a construção daquela casa sagrada estava sendo assumida pela piedade dos homens para exaltar essas divindades pela divina assistência. Então, o pretor pôs a mão sobre os filetes da pedra fundamental que estava presa a eles por cordas. No mesmo instante, outros oficiais, sacerdotes, o Senado, cavaleiros e boa parte da população, contentes e felizes, pegaram a corda e puxaram para o local o enorme bloco de pedra. Por toda parte nas fundações lançaram oferendas de ouro e prata – pepitas de metal não refinado, em estado natural. As instruções do adivinho eram que a construção não fosse profanada pelo uso de pedra ou de ouro que tivesse outro propósito. A altura da construção foi aumentada. Foi a única mudança que o sentimento religioso (religio) permitiu e o único aspecto no qual o templo anterior carecia de esplendor.³⁷¹

O relato da reconstrução do Capitólio é ao mesmo tempo uma ocasião religiosa e cívica. Religiosa pois a reconstrução do templo era um ato de piedade para com os deuses, mas cívica pois era uma ocasião pública de envolver a população como um todo, sob a presidência do imperador, representante do povo e chefe político do império. Sacerdotes, senadores, eqüestres, soldados e grande número de pessoas participaram do evento; e um pretor, cargo honorário concedido apenas a destacados servidores civis romanos, ofereceu o sacrifício de um porco, um carneiro e um boi; foram feitas orações aos três deuses do Capitólio

-- Júpiter, Juno e Minerva -- implorando-lhes auxílio e proteção para Roma. Tácito descreveu uma cerimônia religiosa que incluía todos os cidadãos, não simplesmente os membros de uma religião, comunidade ou associação em particular.

Originariamente, a palavra “piedade”³⁷² era usada para designar a homenagem e o respeito que se demonstrava aos membros de uma família: os filhos para com os pais, filhos e pais para com os avós, e todos para com os ancestrais. Mas o termo passou a ser usado em sentido mais amplo, designando lealdade e obediência aos costumes e tradições de Roma, às leis herdadas, àqueles que haviam vivido em gerações anteriores – em resumo, à “pátria”. Com o passar do tempo, o termo adquiriu um significado mais especificamente religioso, de reverência e devoção para com os deuses e para com o ritual ou os atos de culto em que os deuses eram homenageados como, por exemplo, a oferta de sacrifícios. Porém o sentido mais antigo da palavra jamais se perdeu. “Piedade” abrangia tanto o sentido de reverência pelas tradições da família e da cidade quanto, mais especificamente, o sentido de culto. “A separação do conceito de piedade em metade familiar e outra de culto é claramente um produto das sensibilidades modernas; na Antigüidade a piedade formava uma unidade”.

Muitas moedas dos três primeiros séculos do Império Romano trazem a palavra *pietas*, ou uma combinação de palavras junto com esta, por exemplo: *pietas augusta*. Em algumas dessas moedas as legendas são o busto do imperador, de um lado, e do outro estampas de figuras de instrumentos litúrgicos usados para oferendas e sacrifícios. Outras retratam o imperador de pé ao lado de um altar, ou fazendo uma oferenda; outras apresentam animais sendo preparados para o sacrifício. Outras moedas trazem uma figura feminina de mãos erguidas em gesto de oração. Com a figura feminina encontram-se legendas como: *vota publica* (oração pública) ou *pietas, pietas augusta*. *Vota publica* era oferecida em feriados e aniversários oficiais.³⁷³ Por exemplo, um calendário militar romano descoberto num quartel do exército em Dura Europos, na fronteira leste

³⁷¹ TÁCITO, *Histórias*, IV, 53.

³⁷² WILKEN, Robert L. *The Christians as the Romans saw them*, p. 57.

³⁷³ *Ibid*, pp. 58-59.

do Império, na Mesopotâmia, designa o dia 3 de janeiro como feriado para “promessas cumpridas e oferecidas para a preservação do Nosso Senhor Marco Aurélio Severo Alexandre Augusto e para a eternidade do Império do Povo Romano”. Os sacrifícios eram acompanhados de orações: “Para Júpiter, o melhor e maior, um boi; para Juno, uma vaca; para Minerva, uma vaca”. Para soldados aquartelados longe de casa, esses feriados e os sacrifícios que os acompanhavam eram ocasiões não apenas de manifestação pública de piedade, mas também de boa comida e muita bebida.

No entanto, a religião romana não estava confinada ao âmbito público. Também desempenhava um papel na vida familiar, nas associações e nos clubes, bem como nas vidas pessoais dos indivíduos. Plutarco, em *Consolação à sua mulher*, escreveu:

*“Aqueles que estiveram junto de ti dizem-me, com admiração, que não te vestiste de luto, que não vos impusestes, tu e tuas servas, nenhum gesto inconveniente e nenhuma mortificação; que nos funerais não houve pompa dispendiosa e requintada, e que tudo se passou de forma conveniente e sem manifestações ruidosas, na companhia só de nossos vizinhos.”*³⁷⁴

A religião não é apenas um apêndice: pressupõe maneiras de ser e se comportar, diz respeito também às atitudes e práticas cotidianas das pessoas.

Entre os romanos não há procissões com roupas de luto, expressões de tristeza e acompanhadas de lamentos e queixas de mulheres pelo desaparecimento de divindades, como as que os gregos realizam ao comemorar o rapto de Proserpina, as aventuras de Baco e muitas outras coisas da mesma natureza. Mas toda reverência para com os deuses é demonstrada tanto em palavras quanto em ações, e muito mais do que a praticada entre os gregos e os bárbaros.³⁷⁵

Para o romano, a religião possuía ainda uma função pública. Desde a República, representava para eles a estabilidade do Estado e do lar; era todo o fundamento da vida privada, a mais antiga das coisas. A base de tudo estava na

³⁷⁴ PLUTARCO, *Consolação à sua mulher*. Paris: Les Belles Lettres, C.U.F., 1980. Citado por COMBY, J. & J-P. LEMONON. *Vida e Religiões no Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 1988, p.67.

crença de que os deuses não abandonariam Roma contanto que fossem alimentados com sacrifícios adequados. Eles – os deuses – estavam ligados a um espírito de proteção quando o perigo rondasse a cidade. Tais convicções sobre o Império e a divina providência visavam assegurar a paz e a prosperidade ao governo do imperador, à educação, ao treinamento militar, às moedas, aos monumentos e estátuas públicos que se alinhavam nas ruas e adornavam os mercados e as construções públicas.

A sagração do solo do Capitólio foi um evento religioso mas também de alto significado político. Tácito considerou a destruição do templo como “o mais lamentável e mais apavorante desastre de toda a história da comunidade romana”³⁷⁶.

Os romanos não apenas eram religiosos, como também se consideravam religiosos. Achavam que a devoção religiosa os distinguia dos outros povos. “Se compararmos as nossas características nacionais com as dos povos estrangeiros, descobriremos que enquanto em todos os outros aspectos somos iguais ou até mesmo inferiores, no que se refere ao sentido da religião e ao culto aos deuses somos bem superiores”.³⁷⁷ Segundo uma antiga lenda, quando o rei Numa fundou a cidade de Roma estabeleceu o “temor aos deuses” (*metus deorum*) como um dos princípios que deveriam governar a vida da cidade.³⁷⁸ Cícero, em *De Natura Deorum*³⁷⁹, diz que ao estabelecer a religião romana Numa estabeleceu as fundações da cidade de Roma.

Nas cidades do mundo antigo a religião estava intrinsecamente entrelaçada à vida social e política. Não se falava em “acreditar nos deuses”, mas sim em “ter deuses”, tal como uma cidade deveria “ter leis ou costumes”. Considerava-se que a piedade para com os deuses garantiria o bem-estar da cidade, promoveria o espírito de solidariedade e responsabilidade mútuas e, de fato, uniria os cidadãos. “Com toda a probabilidade, o desaparecimento da piedade para com os deuses possibilitará o desaparecimento da lealdade e da união social entre os homens,

³⁷⁵ WILKEN, Robert L. *The Christians as the Romans saw them*, p.58.

³⁷⁶ TÁCITO, *Histórias*, III, 72.

³⁷⁷ CÍCERO, *De Natura Deorum* 2, 8. Edição espanhola, Biblioteca Clássica Gredos.

³⁷⁸ TITO LÍVIO, *História de Roma*, 1, 19.

bem como da própria justiça, a rainha de todas as virtudes”.³⁸⁰ Se tivéssemos de escolher uma idéia que captasse o sentido religioso dos romanos, seria a de divina providência, noção segundo a qual os deuses exerciam influência sobre os negócios dos homens e os acontecimentos da história. Por esta razão os deuses mereciam culto e devoção. E assim Cícero escreveu:

*“Há e houve filósofos que sustentavam que os deuses não exerciam controle sobre as questões humanas. Mas se a opinião deles fosse verdadeira, como poderiam existir a piedade, a reverência e a religião? Pois todos esses são atributos que temos o dever de manifestar com pureza e santidade aos poderes divinos, exclusivamente na suposição de que eles constatem isso e que em retribuição concedam alguns benefícios à raça dos homens. Mas se, ao contrário, os deuses não tiverem nem poder nem vontade de nos ajudar, se não se preocuparem conosco nem observarem as nossas ações, se não puderem exercer uma influência possível na vida dos homens, por que deveríamos prestar qualquer tipo de culto, homenagem ou oração a deuses imortais? No entanto, a piedade, como as outras virtudes, não pode existir apenas como uma demonstração aparente, ou como um fingimento; e com a piedade, a reverência e a religião podem igualmente desaparecer. E quando tudo isso desaparecer, a vida logo se tornará um amontoado de desordens e confusão.”*³⁸¹

Assim como *pietas*, a palavra *providentia* também apareceu nas moedas romanas do período. Considerava-se que os deuses preservavam a cidade de Roma e garantiam a transição ordeira de um imperador para outro. Através da providência dos deuses a terra revivia a cada primavera, o trigo florescia, as árvores davam frutos e os céus se abriam propiciando chuva. Em algumas moedas aparecia uma águia voando em direção ao imperador, trazendo no bico o cetro de Roma, simbolizando a transição pacífica do poder através da *providentia* dos deuses. Em outras, o imperador era apresentado como o restaurador do mundo (*restituto orbis terrarum*), devido à *providentia deorum*. Até mesmo pequenos detalhes, minúcias das cerimônias religiosas (por exemplo, alimentar galinhas ou prestar atenção ao grito de um pássaro), eram marcos da piedade que contribuía para o bem-estar e para o sucesso da república romana. Nessa moldura de “convicções” é possível distinguir as práticas verdadeiras das falsas, a religião que alimentava as convicções tradicionais e as que solapavam a

³⁷⁹ CÍCERO, *De Natura Deorum* 3,5.

³⁸⁰ CÍCERO, *De Natura Deorum* 1,4.

³⁸¹ CÍCERO, *De Natura Deorum*, 1, 3-4.

sabedoria do passado. Daí não ser impróprio contrastar religião genuína e superstição. *A religião se distinguiu da superstição não apenas pelos filósofos, mas também pelos nossos ancestrais.* Pois superstição implicava em *um temor infundado em relação aos deuses*, enquanto que religião consistia em *um culto piedoso aos deuses*.³⁸² A pessoa supersticiosa se dedicava a práticas religiosas que nem honravam os deuses nem beneficiavam homens e mulheres.

Data do fim do primeiro século um filósofo grego contemporâneo de Plínio e Tácito que escreveu um pequeno tratado sobre superstição (*deisidaimonia*). Em geral, atribui-se esse trabalho a Plutarco (50-120 d.C.), nativo da Grécia, que viajara muito pelo Egito e pela Itália e que escreveu bastante sobre tópicos morais e religiosos. Piedoso e devoto da antiga religião da Grécia, Plutarco serviu como sacerdote em Delfos, o grande santuário religioso da Grécia Central. Escreveu livros sobre a religião egípcia de Ísis e Osíris e sobre os oráculos religiosos, bem como sobre outros tópicos.³⁸³ O tratado *Sobre a superstição* reflete as idéias de um pensador grego espiritualmente sensível sobre superstição e piedade. No entanto, ele não menciona o cristianismo.

Segundo o tratado *Sobre a Superstição*, a superstição afasta as pessoas do resto da sociedade, pois o supersticioso não usa a inteligência ao pensar sobre os deuses. Em vez disso, cria imagens apavorantes e aparições horríveis que levam a um comportamento bizarro e extremo. O supersticioso também é fanático. Seus sentimentos para com os deuses são exagerados; ele os venera com um temor excessivo e acredita que a vida de cada um depende não do que ele faz – ou seja, da responsabilidade humana – mas sim dos decretos do Destino (Fato)³⁸⁴ e da Fortuna, sobre os quais não tem controle. O supersticioso *não desfruta do mundo como o resto da humanidade* (166). Para esse homem, os deuses são *temerários, desleais, volúveis, vingativos, cruéis e se ofendem facilmente* porque lidam caprichosa e arbitrariamente com homens e mulheres (170).³⁸⁵

³⁸² CÍCERO. *De Natura Deorum*, 1, 117; 2, 72.

³⁸³ WILKEN, Robert L. *The Christians as the romans saw them*, p.61.

³⁸⁴ Em Roma o destino era chamado de "Fatum" e tem nas Parcas e na Fortuna os seus ministros.

³⁸⁵ Ibid.

Como a superstição leva a idéias irracionais sobre os deuses, a consequência inevitável é o ateísmo. *Os ateus não vêem os deuses*, mas o supersticioso *acha que eles existem* e evoca idéias falsas a respeito. Imagina deuses volúveis e voluntariosos que lidam com os homens como brinquedos, e foge às idéias dos filósofos e estadistas que tentam mostrar que *a majestade de Deus é associada à bondade, à magnanimidade, à benevolência e à solicitude*. Por esta razão o tratado afirma: *eu me admiro de quem diz que o ateísmo é impiedade e não diz o mesmo em relação à superstição*. O ateu *pensa que não existem deuses*, porém o supersticioso *acredita neles contra a vontade, pois tem medo de não acreditar*. Daí a superstição precisar ser banida, pois é *a semente de onde nasce o ateísmo* (167). Não existe *enfermidade que englobe essa multidão de erros e emoções e que envolva opiniões tão contraditórias ou antagônicas como a superstição*. É um mal pior do que o ateísmo, porque em vez de produzir uma religião genuína, eventualmente leva homens e mulheres a terem dúvidas a respeito da própria existência dos deuses. Pois ao *tentarem fugir da superstição, as pessoas se precipitam num ateísmo duro e feroz, e assim passam por cima da piedade (eusebeia) que existe entre elas* (171).³⁸⁶

Em matéria de religião, os romanos tendiam a suspeitar de inovações e desconfiavam de novas idéias ou práticas religiosas. No mesmo tratado sobre a superstição supra-citado podemos ler que não se deve *distorcer nem sujar a língua com nomes estranhos e frases bárbaras, desonrando e transgredindo a ancestral dignidade da nossa religião* (eusebeia) (166).³⁸⁷ O teste primário da verdade em assuntos religiosos era o do costume e da tradição, as práticas dos antigos. “Havia poucas dúvidas nas mentes das pessoas de que as práticas religiosas de uma geração deviam ser compartilhadas sem mudanças pela seguinte [...] Ser pio, em todo caso, ser respeitável e decente, exigia a perpetuação do culto”, escreve Ramsay MacMullen.³⁸⁸

Para o romano, a religião era um patrimônio do passado que sustentava a vida do Estado. A religião romana não pode ser reduzida, como tentou Agostinho,

³⁸⁶ Ibid p. 62.

³⁸⁷ Ibid.

³⁸⁸ Op. Cit., p. 2.

à política ou aos negócios de estado. Com certeza, a religião dos romanos estava intrinsecamente ligada à vida do estado, à idéia de Roma e da sorte do império, mas isso acontecia com a maioria das religiões do mundo antigo.

No estudo clássico *Conversion*, A. D. Nock³⁸⁹, historiador da religião romana, mostra que em tempos antigos considerava-se que religião e sociedade eram complementares. Quando alguém se mudava de uma cidade para outra, adotava os deuses da nova cidade. A idéia de “conversão” – ou seja, da decisão individual e consciente de abraçar determinado credo ou maneira de viver – era completamente estranha aos antigos. Portanto, não se encontram ali a intensa experiência pessoal nem a especulação metafísica ou teológica dadas como certas no cristianismo. A estudiosa clássica Agnes Kirsopp Michels afirma:

*“Se alguém estudar a religião romana buscando conceitos metafísicos originais ou interesse no transcendental ficará decepcionado, como ficaria se procurasse essas coisas em outros aspectos da cultura romana... não quer dizer que a religião fosse sem vida ou insatisfatória para os romanos, mas sim que está se fazendo as perguntas erradas e portanto deixando de descobrir quais eram os valores positivos para aqueles que a criaram.”*³⁹⁰

Pelos padrões de religião conhecidos pela maioria dos ocidentais, e devido à nossa propensão em ver a religião como experiência privada e individual, as atitudes dos romanos parecem superficiais e emocionalmente insatisfatórias. Mas se a examinarmos como forma de piedade pública, a antiga religião romana é bastante compreensível. A religião pode estar tão preocupada com a vida pública da sociedade como com a vida privada dos indivíduos. Há mais de cem anos, Fustel de Coulanges escreveu: “É uma idéia muito falsa da natureza humana acreditar que a religião antiga fosse uma impostura ou, por assim dizer, uma comédia”.³⁹¹

Uma das funções da religião é relacionar instituições, papéis e acontecimentos da família e da sociedade a uma realidade definitiva, quer esses acontecimentos sejam o nascimento de uma criança, a coroação de um rei, comer ou beber vinho, a guerra ou a paz, ou a maturidade de um rapaz ou de uma

³⁸⁹ Citado por WILKEN, Robert L. *The Christians as the Romans saw them*, p.64.

³⁹⁰ Ibid.

³⁹¹ COULANGES, F. de. *A cidade antiga*, pp. 166-167.

jovem. A religião insere os eventos ordinários e extraordinários da vida individual e social em moldura de referência sagrada e cósmica. As moedas que as pessoas usam em transações de negócios, as estátuas pelas quais se passa nas praças da cidade, os prédios públicos onde se realizam negócios, os arcos triunfais e os pilares, os feriados públicos, a literatura, a arte e a educação – todos esses são veículos através dos quais os sentimentos religiosos podem ser manifestados e foram manifestados no mundo antigo. A religião está no centro da vida social e cultural.³⁹²

Diante deste quadro, era inevitável que os romanos entrassem em conflito com o novo movimento que começara na Palestina. Os cristãos eram vistos como fanáticos religiosos, estrangeiros seguros de si, inovadores arrogantes, que achavam que só as suas crenças eram verdadeiras.

Quando Tácito escreveu que os cristãos eram “inimigos do gênero humano”, simplesmente não quis dizer que não gostava dos cristãos, mas sim que eles eram uma afronta ao seu mundo social e religioso. Quando críticos posteriores culpavam os cristãos de não participar das questões cívicas ou militares, o foco da crítica era igualmente religioso e social; e embora os atos específicos mencionados não nos pareçam religiosos, os jogos romanos eram acontecimentos religiosos, bem como as lutas de gladiadores e as competições também possuíam conotação religiosa.

As observações de Plínio, Tácito e Suetônio prenunciavam a reação dos romanos ao movimento cristão durante as centenas de anos seguintes.

Por mais estranho que a palavra superstição possa soar aos ouvidos dos cristãos modernos, a designação era apropriada.

Plínio narra que havia considerável número de cristãos na Bitínia.

*“Há uma multidão de pessoas de todas as idades, de todas as condições e dos dois sexos que estão ou serão colocados em perigo. Não é somente nas cidades, mas também nas aldeias e pelos campos que se espalhou o contágio dessa superstição; creio, contudo, que é possível detê-la e curá-la.”*³⁹³

³⁹² SCHEID, John. “O sacerdote”, in: GIARDINA, Andrea. *O homem romano*, p.61-62.

³⁹³ PLÍNIO O JOVEM, *Cartas*, X, 96.

Ao iniciar o processo contra os cristãos, Plínio percebeu que a atitude desse grupo implicava em outros conflitos que interferiam no andamento da vida pública. Relata que grande número de pessoas estavam potencialmente implicadas e que, sugere a carta, a prática cristã estava interferindo no comércio de carnes no mercado porque os cristãos se negavam a comprar a carne que havia sido sacrificada aos deuses.³⁹⁴

A prática religiosa romana tendia a ser conservadora. A *pax deorum* era garantida seguindo-se o costume ancestral. Porém os cristãos, na medida em que se negavam a consumir a carne vendida nos açougues, que era a carne dos sacrifícios, estavam gerando um problema de ordem social, econômica, religiosa e também política.

O cristianismo era uma religião que dependia de conversão e esta também causava problemas ao império.

A religião romana não estava associada somente ao culto público: havia também o culto doméstico e os deuses eram convidados a abençoar determinados atos. Nesses casos, a menos que a família inteira se convertesse, o cristianismo podia causar problemas domésticos.

Os cultos públicos eram vinculados de perto às estruturas políticas da cidade e do Império. O cristianismo também banuiu a participação no culto imperial. Foi o fato de os cristãos se negarem a fazer oferendas a vários deuses e à estátua de Trajano que fez Plínio se sentir no direito de condená-los à morte sem outras investigações. Retirar-se do culto imperial era visto como negação da ordem política e religiosa. Na opinião de Plínio, essa deslealdade precisava ser punida.

*“Eis, entretanto, a norma que tenho seguido para aqueles que me foram denunciados como cristãos. Perguntei-lhes se eram cristãos. Aos que confirmavam, perguntei segunda e terceira vez, ameaçando-os com o suplício; àqueles que perseveravam, mandei executar; seja qual for o significado de sua confissão, eu estava certo de que era necessário punir ao menos essa teimosia e obstinação inflexíveis.”*³⁹⁵

A carta de Plínio sugere que os cristãos estavam interferindo em toda a estrutura política, social e religiosa.

³⁹⁴ Ibid.

“Inegavelmente, os templos, que estavam quase abandonados, começavam a ser freqüentados; as cerimônias rituais, há muito tempo interrompidas, são retomadas, e por toda parte é vendida a carne das vítimas, a qual até o presente tinha raríssimos compradores. É fácil pensar que a multidão das pessoas poderia ser curada, se o arrependimento fosse aceito.”³⁹⁶

Diante do exposto, é mais fácil compreender por que o próprio Tácito disse que os cristãos estavam sendo punidos pelo seu ódio ao gênero humano. Para ele os cristãos são bárbaros, não civilizados, pessoas que pouco diferem daquele que primeiro as puniu, ou seja, Nero. A diferença entre Nero e os cristãos é que ele é um romano, da família dos Césares, descendente da mais alta tradição e do passado histórico de Roma, mas havia abandonado tudo isso para agir como um bárbaro (*absumerentur*). Já os cristãos eram somente um povo insignificante e que, mesmo diante de toda a grandeza do império, da cidade de Roma e da civilização que esta representava, insistia em manter-se na mesma teimosia e obstinação inflexíveis a que se referiu Plínio.

Em Roma – como já observei – havia a constante preocupação de que não fosse perturbada a *Pax Deorum*. A religião estava ligada ao Estado e representava uma prática cívica, logo estava ligada ao público. Assim, era preciso punir qualquer elemento ou situação conflitante e até mesmo desconhecida que perturbasse o bom andamento da vida, da política ou da religião enquanto coisas públicas. Porque é função do Estado punir o ato ilícito a fim de manter a segurança estatal, quer interna, quer externa; e, para tanto, a comunidade ameaçada ou agredida constituía-se em assembleia judicante. Aos *crimina* cabia a *poena capitis*, na qual, fossem eles *humiliores*, seriam submetidos à cruz, atirados às feras, ou algo semelhante.³⁹⁷ Assim, creio que estes foram os princípios que orientaram a visão de Tácito e também a de Lívio.

Passarei agora à análise isotópica do texto de *Anais*, XV, 44, de Tácito, onde – como se sabe – ele se refere à perseguição aos cristãos empreendida por Nero, mas onde a proposta de Tácito não é tanto descrever a perseguição, mas

³⁹⁵ PLÍNIO O JOVEM, *Cartas*, X, 96.

³⁹⁶ *Ibid.*

³⁹⁷ GIOFREDI, Carlo. *I principi del diritto penale romano*, p.14-18.

sim tornar tácita a crueldade e a ausência de virtude de Nero. Esta análise é importante porque confirma a visão de Tácito quanto aos cristãos.

Texto em Latim:

“igitur primum correpti qui fatebantur, deinde indicio eorum multitudo ingens haud proinde in crimine incendii quam odio humani generis convicti sunt. et pereuntibus addita ludibria, ut ferarum tergis contecti laniatu canum interirent aut crucibus adfixi [aut flammandi atque], ubi defecisset dies, in usu[m] nocturni luminis urerentur. hortos suos ei spectaculo Nero obtulerat, et circense ludicrum edebat, habitu aurigae permixtus plebi vel curriculo insistens. unde quamquam adversus sontes et novissima exempla meritos miseratio oriebatur, tamquam non utilitate publica, sed in saevitiam unius absumerentur.

Tradução:

“Em primeiro lugar, prenderam os que confessavam ser cristãos e depois, pelas denúncias destes, uma multidão inumerável, os quais todos não tanto foram convencidos de haverem tido parte no incêndio, como de serem inimigos do gênero humano³⁹⁸. O suplício desses miseráveis foi ainda acompanhado de zombarias, porque ou os cobriam com peles de animais ferozes para serem devorados pelos cães, ou foram crucificados, ou os queimaram à noite para servirem de archotes e tochas para o público. Nero ofereceu os seus jardins para esse espetáculo e ao mesmo tempo realizava os jogos do Circo, confundido com a plebe, em hábitos de auriga, ou conduzindo carros. Desta forma, ainda que culpados e dignos dos últimos suplícios, mereceram a compaixão universal por se ver que não eram imolados menos à pública utilidade, mas pela crueldade (brutalidade) de um só homem (*absumerentur*: destruidor, devorador, bárbaro).”

³⁹⁸ *quam odio humani generis convicti sunt* pode ser traduzido como: por odiarem o gênero humano, o que os faz naturalmente inimigos do gênero humano.

Montagem da Rede Temática

Rede Temática 1: Perseguição Neroniana – Desprezo pelos cristãos.

Elementos Temáticos	Elementos figurativos	Axiologia
Tipos de castigos infligidos aos cristãos na perseguição encetada por Nero em 64 d.C. Tratamento dispensado aos cristãos por Nero.	<p>“Confessavam ser cristãos”</p> <p>“Multidão inumerável” [de pessoas denunciadas por serem cristãs]</p> <p>[cristãos acusados por] “haverem tido parte no incêndio” [de 64 d.C.] [e de] “serem inimigos do gênero humano.”</p> <p>“o suplício desses miseráveis (...) zombarias (...) devorados por animais ferozes (...) crucificados (...) queimados à noite (...) servirem de archotes e tochas para o público.”</p> <p>[cristãos] “culpados e dignos dos últimos suplícios (...)”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desprezo pelos cristãos. • Ambivalência.

Rede Temática 2: Nero perseguidor de cristãos. Condenação aos atos de Nero durante a perseguição aos cristãos.

Elementos temáticos	Elementos figurativos	Axiologia
Nero exorbita das funções	(...) “cristãos” (...)	<ul style="list-style-type: none"> • Cristãos são dignos de

de evérgeta e de imperador.	“multidão inumerável [de cristãos]” “suplício desses miseráveis (...) serviram de archotes e tochas para o público.” “Nero ofereceu seus jardins para o espetáculo (...) realizava jogos do circo, confundido com a plebe em trajes de auriga, ou conduzindo carros.” “[cristãos] não eram imolados menos à pública utilidade [mas pela] crueldade (brutalidade) de um só homem (<i>absumerentur</i> : destruidor, devorador, bárbaro)”.	pena. <ul style="list-style-type: none"> • Ambivalência. • Nero, imperador indigno. Condenação aos atos de Nero.
-----------------------------	---	---

Rede Temática 3: Perseguição Neroniana - Compaixão pelos cristãos.

Elementos Temáticos	Elementos figurativos	Axiologia
Compaixão pelos cristãos injusta e duramente tratados.	“suplício desses miseráveis” [cristãos] “crucificados (...) devorados pelos cães (...) queimados (...) servirem como archotes (...)” “Ainda que culpados e dignos dos últimos	<ul style="list-style-type: none"> • Cristãos dignos de pena. • Ambivalência.

	suplícios, mereceram compaixão universal [pois foram] imolados menos à pública utilidade do que pela crueldade (brutalidade) de um só homem (<i>absumerentur</i> . destruidor, devorador, bárbaro)”	
--	--	--

Partindo para a análise destas redes temáticas, posso verificar a intenção que Tácito tinha de contrapor a justiça do imperador à justiça que marcou a República Romana, recordando-me assim das palavras de Cícero na obra *Da República*:

*“Quem podia chamar República – retrucou Cipião – ao Estado em que todos estavam oprimidos pela crueldade de um? Não havia vínculos de direito, nem consentimento na sociedade, que é o que constituía o povo (...) nada de tudo isso era do povo, nem para o povo. Posto que onde está o tirano, não só é viciosa a organização, como ontem eu disse, como também se pode afirmar que não existe espécie alguma de República.”*³⁹⁹

Eugen Cizek, ao analisar a obra de Tácito, mostra-nos que ele parece viver uma nostalgia da República e percebe que a sua restauração é impossível. Na anti-cidade que é o império, a condição do poder estaria na autoridade de um só homem: o imperador. Mesmo assim, Tácito sonha com a criação do novo imperador, manifesta o seu horror ao autoritarismo e atribui os desastres históricos

³⁹⁹ (Scipio) 'reportare. ergo illam rem populi, id est rem publicam, quis diceret tum dum crudelitate unius oppressi essent universi, neque esset unum vinculum iuris nee consensus ac societas coetus, quod est populus? atque hoc idem Syracusis. urbs illa praeclara, quam ait Timaeus Graecarum maxumam, omnium autem esse pulcherrimam, arx visenda, portus usque in sinus oppidi et ad urbis crepidines infusi, viae latae, porticus, templa, muri nihilo magis efficiebant, Dionysio tenente ut esset illa res publica; nihil enim populi, et unius erat populus ipse. ergo ubi tyrannus est, ibi non vitiosam, ut heri dicebam, sed, ut nunc ratio cogit, dicendum est plane nullam esse rem publicam.' CÍCERO, *Da República* III, 43. A tradução utilizada é de Amador Cisneiros, extraída da coleção “Os Pensadores”, São Paulo: Nova Cultural, 1988, p.143. O texto em latim é extraído da Latin Library.

aos vícios e más inclinações dos homens. Para ele, a virtude poderia triunfar, mas o homem era fascinado pelo vício.⁴⁰⁰

Na rede temática, a imagem do imperador vicioso pode ser apreendida do Nero que se veste com hábitos de auriga, conduz carros no Circo e se mistura com a plebe. Também desponta no Nero que abre os seus jardins para esse espetáculo, demonstrando que tanto a casa do imperador como ele mesmo eram como que um espetáculo de circo romano.

O imperador era vicioso⁴⁰¹ e o povo o seguia nos vícios porque não havia quem desse um exemplo diferente. Essa preocupação com os vícios, que se faz presente em toda a obra de Tácito, denota a influência do pensamento estóico na sua vida pessoal e na sua obra.

Diante desse quadro quem perde é a justiça romana, limitada à denúncia e ao convencimento, a uma confissão forçada. A nova justiça, ou justiça imperial, é fruto de *uma viciosa organização, sem vínculos de direito nem consentimento da sociedade*.

Devo observar ainda que se a multidão está convencida de que os cristãos odeiam o gênero humano e justamente por isso são merecedores dos maiores suplícios, compadece-se deles na medida em que a crueldade de Nero supera o crime dos cristãos e denota o seu próprio ódio pelo gênero humano.

Enfim, se o crime dos cristãos era imperdoável, o de Nero era maior porque sua atitude conduzia toda uma civilização ao vício e à ruína moral. Daí a ambivalência manifesta nas três redes apresentadas.

Suetônio foi também amigo e correspondente de Plínio, sendo quinze anos mais jovem do que o governador da Bitínia. Mesmo assim, partilhava do convívio e dos ideais que nortearam a vida de Plínio, assim como de Tácito. Se o estilo era diferente, no seu ideal de vida estava gravado o que a aristocracia romana considerava *virtus* e em relação a isso ele norteava a vida, os conceitos e valores.

Como vimos, para a obra de Suetônio os cristãos são apenas uma citação; porém ela também reflete, assim como os escritos de Plínio e de Tácito, a visão

⁴⁰⁰ CIZEK, Eugen. *Histoire et historiens à Rome dans l'Antiquité*, p.226; GRIMAL, Pierre. *Tácito*, pp. 161-189.

⁴⁰¹ CIZEK, Eugen. *Histoire et historiens à Rome dans l'Antiquité*, p. 235.

da mesma geração de romanos sobre os cristãos. No texto referente à execução dos cristãos à época de Nero, Suetônio escreveu: “Aos cristãos, espécie de homens afeitos a uma superstição nova e maligna, infligiram-se suplícios”.⁴⁰²

Para Suetônio, a punição imposta aos cristãos é vista simplesmente no conjunto de medidas tomadas por Nero para manter a ordem e garantir a reconstrução de Roma; assim, escreveu: “sob o seu reinado muitos abusos foram punidos e reprimidos severamente, e muitas coisas instituídas...”.⁴⁰³

Acredito que para Suetônio as medidas tomadas contra os cristãos não eram mais importantes do que “suprimir o luxo, reduzir os festins públicos a espórtulas, proibir as tavernas de venderem alimentos cozidos, impedir os excessos dos condutores de quadrigas que se atribuíam o direito de, por divertimento, enganar e roubar”, ou mesmo “inventar um novo estilo de edifício que permitia o combate a incêndios”.⁴⁰⁴

Suetônio não tem na sua biografia a preocupação de identificar os cristãos porque os vê apenas como uma “nova e maligna superstição”; assim, a repressão que sofreram após o incêndio de Roma foi merecida, bem como a repressão aos judeus entre 49 e 51 d.C. por incitação de “Chrestós” (ele usa este termo como quem se refere a um agitador presente em Roma e para quem a punição foi imposta de acordo com o crime cometido, nada mais havendo a discutir).

Suetônio respeitava a religião tradicional porque ela representava toda uma escala de valores e a mentalidade de uma época, à qual ele aderiu e cultuava, com a qual concordava e na qual acreditava. Logo, as práticas supersticiosas estão fora dessa concepção e por isso são indignas de um cidadão, aceitáveis somente entre escravos e seres irracionais, bárbaros, e por isso maléficos, no sentido de não civilizados.⁴⁰⁵

Antes, por volta de 111-112 d.C., Plínio escrevera em sua carta a Trajano: “Encontrei apenas uma superstição insensata e exagerada.”⁴⁰⁶

⁴⁰² SUETÔNIO, *Vidas*, Nero XVI.

⁴⁰³ Ibid.

⁴⁰⁴ Ibid.

⁴⁰⁵ CIZEK, Eugen. *Histoire et historiens à Rome dans l'Antiquité*, p. 261.

⁴⁰⁶ PLÍNIO O JOVEM, *Cartas*, X, 96.

Assim, os três escritores romanos que mencionam o cristianismo no início do século II concordam em chamar o novo movimento de *superstitio*.

No sentido mais comum e familiar, a palavra *superstitio* se referia a convicções e práticas estrangeiras e estranhas aos romanos. O que era estrangeiro ou estranho era definido pela pessoa que fazia o julgamento; mas para um senador ou para a classe governante romana, *superstitio* designava os tipos de práticas e convicções associadas aos cultos que haviam penetrado no mundo romano provenientes das terras vizinhas.

Em termos religiosos, os judeus situavam-se no mesmo grupo que os egípcios. Em 19 d.C., o Senado romano ordenou que quatro mil ex-escravos “manchados com as superstições dos egípcios e dos judeus” fossem levados para a Sardenha, para sufocar o banditismo e o latrocínio que grassava na ilha. Se morressem, observou Tácito, “o dano seria de pouca monta”⁴⁰⁷. Outros tiveram de abandonar a Itália ou renunciar às suas crenças.⁴⁰⁸

A avaliação dos judeus como adeptos de uma superstição não era um julgamento baseado em boatos ou rumores. Os judeus podiam ser encontrados na maioria das cidades do império e uma grande comunidade judaica vivia em Roma. No curso das gerações, Roma teve ocasião de observar as práticas judaicas como, por exemplo, a recusa à carne de porco, a circuncisão, a manutenção do preceito sabático, a comemoração de feriados e festividades. Juvenal escreve:

*Alguns, cuja parte foi terem sido os pais do respeito sabático, só veneram as nuvens e os numes dos céus, e consideram um grande crime comer porco, do qual seus ancestrais se abstinham, como carne humana. São circuncidados e desprezam a lei romana, preferindo aprender, honrar e temer os mandamentos judaicos, os que foram transmitidos por Moisés naquele tom misterioso – jamais mostrar o caminho a não ser para os companheiros de fé (se perguntarem onde conseguir água, verifiquem se estão sem o prepúcio). Mas os culpados eram os antepassados; fizeram do sétimo dia um tabu para a vida de negócios, dedicado à ociosidade.*⁴⁰⁹

As *Histórias* de Tácito, seu relato dos anos da guerra civil romana em 69 d.C. até o reinado de Domiciano no final do século, incluem uma descrição mais

⁴⁰⁷ TÁCITO, *Anais*, II, 85; SUETÔNIO, *Vidas*, Tibério, XXXVI.

⁴⁰⁸ DONINI, Ambrogio. *História do cristianismo, das origens a Justiniano*, p. 168.

⁴⁰⁹ JUVENAL, *Sátiras*, XIV. Citado por J. COMBY e J-P. LEMONON, in: *Roma em face de Jerusalém*, p. 40.

completa e não menos avaliadora sobre os judeus. “Entre os judeus todas as coisas que consideramos sagradas são profanas; por outro lado, eles consideram permissível o que para nós parece imoral”. Tácito acha as práticas judaicas ofensivas, em parte por não ver base religiosa para tais costumes, e em parte por acreditar que os judeus haviam introduzido seus costumes idiossincráticos para se isolar dos outros. Contudo, Tácito percebeu que a religião dos judeus não poderia ser facilmente comparada à de outros povos. *“Os egípcios cultuam uma variedade de animais e de formas meio-animais e meio-humanas, enquanto a religião dos judeus é um puro monoteísmo espiritual. Eles consideram ímpios aqueles que fazem ídolos de materiais perecíveis à semelhança do homem; para eles, o Mais Elevado e Eterno não pode ser retratado por mãos humanas e jamais morrerá. Por este motivo, não erguem imagens em suas cidades e muito menos nos seus templos”*. Apesar da percepção da natureza do culto judaico, Tácito não teve palavras de elogio à religião judaica, embora outros intelectuais da época começassem a ficar atraídos pelo conceito filosófico de uma divindade espiritual suprema. Para Tácito, o culto judaico era “perverso e degradado”⁴¹⁰ e os judeus eram considerados “um povo adepto da superstição e inimigo da verdadeira religião”⁴¹¹.

Acredito que Suetônio, em função das suas crenças na religião oficial e no que ela representava – conforme expus antes – partilhava dessas concepções e assim, também para ele, a religião judaica, bem como a egípcia ou qualquer outro culto oriental ou mesmo ocidental que penetrasse em Roma, era estrangeira e contrária aos costumes romanos. A diferença entre o judaísmo, a religião egípcia, outras religiões orientais e o cristianismo era que, apesar de todas serem superstições, o cristianismo era apresentado como nova e maléfica superstição, ou seja, sem tradições ou passado que o justificasse como religião nem garantisse a sua aceitação ou prática em Roma. E a diferença entre todas e a religião romana era o fato de serem superstições estrangeiras e, assim, bárbaras no real sentido que o romano dava ao termo.

⁴¹⁰ TÁCITO, *Histórias*, V, 5.

⁴¹¹ TÁCITO, *Histórias*, V, 13.

CONCLUSÃO
COMO OS CRISTÃOS ERAM VISTOS PELOS ROMANOS

Conclusão

Como os cristãos eram vistos pelos romanos

No século I d.C. viviam entre quarenta e cinquenta mil judeus em Roma, constituindo um dos maiores grupos estrangeiros da cidade e, pelo que sabemos, o mais unido.

A maior e mais antiga colônia judaica ficava na Transtibertina (hoje Trastevere), mas os judeus também se estabeleceram no Suburra, junto ao Campo de Marte e perto da Porta Capena. Das onze sinagogas com indícios epigráficos ou documentários é possível localizar nove com relativo grau de certeza: sete na Transtibertina, uma no Campo de Marte e outra no Suburra.

Até 64 d.C. os cristãos haviam se desenvolvido à sombra do judaísmo e na primeira metade do século I parece que já contavam com um número considerável de adeptos, que se pode estimar entre mil e cinco mil cristãos.

As diferenças entre judeus e cristãos começaram a se manifestar principalmente após a expulsão temporária causada pelo Édito de Cláudio, que ensejou o surgimento de associações gentílicas cristãs independentes na cidade, contribuindo para estabelecer uma divisão entre cristãos judeus e gentios em Roma. Além disso, aos olhos de patriotas e zelotas, os cristãos haviam se tornado apóstatas e dignos de repúdio. Tal situação favoreceu ainda mais os boatos contra os cristãos e conseqüentemente o ódio dos romanos contra eles.

Porém, se o objetivo dos judeus era extirpar o câncer que o cristianismo representava em seu meio, não conseguiram. A perseguição aos cristãos, empreendida por Nero, mostrou aos romanos quem eram eles e suas diferenças para com o grupo judaico e ao mesmo tempo favoreceu a sua expansão, pois mais tarde Plínio o Jovem afirmou: *“Há uma multidão de pessoas de todas as idades, de todas as condições, e dos dois sexos...”*

Assim, embora a perseguição neroniana tenha infligido perdas à comunidade de Roma e com certeza imposto o medo entre os cristãos, permaneceu restrita àquela cidade e àquele período (64-65 d.C.). Se os cristãos eram considerados maléficos, isso se devia, naquele momento, não a uma legislação anticristã, mas à propaganda negativa quanto ao grupo e às suas

práticas. Essa propaganda reforçava ainda mais a condição de religião ilícita, porém não fazia sentido naquele momento a acusação de alta traição, lesa-majestade ou sacrilégio.

Penso que, em termos políticos, a acusação mais adequada aos cristãos era a de serem suspeitos de terem posto fogo em Roma, ou ainda de serem bárbaros.

Os cristãos foram escolhidos como suspeitos por Nero porque eram o grupo que menor perigo político lhe oferecia, assim atendendo aos objetivos do imperador: conter os boatos infamatórios contra a sua pessoa.

Os elementos que favoreceram a escolha dos cristãos como suspeitos foram:

1. O desconhecimento de quem eram os cristãos enquanto grupo, e das suas práticas religiosas;
2. A falta de uma definição mais clara entre judeus e cristãos;
3. O fato de, apesar de considerados uma seita do judaísmo – o que ainda eram naquele momento, apesar das divergências –, serem rejeitados e até mesmo anatematizados pelos seus pares;
4. Serem numericamente inexpressivos, porque diante de toda a população romana não passavam de um grupo entre 1000 e 5000 pessoas;
5. Estarem seus dois principais líderes (Pedro e Paulo) presos em Roma, sem oferecerem qualquer resistência nem se manifestarem;
6. Serem adeptos de um homem que foi submetido ao último suplício, a crucificação, o que os tornava ainda mais desprezíveis aos olhos dos romanos;
7. Até aquele momento, a maior parte dos cristãos ser formada por estrangeiros, judeus da diáspora, libertos e escravos.

Assim, os cristãos não foram punidos pelo crime de serem cristãos, mesmo porque não havia ainda uma legislação contrária ao cristianismo. Também não o foram por formarem uma associação ilegal, porque naquele tempo ainda estavam à sombra do judaísmo. Sua punição se deu porque em primeiro lugar eram

suspeitos e em segundo lugar bárbaros, que não se enquadravam em nenhum lugar da sociedade romana da época.

A perseguição de Nero mostrou as primeiras diferenças entre judeus e cristãos e abriu um precedente para futuras perseguições. Porém, como vimos, elas só voltariam a acontecer 31 anos depois, no governo de Domiciano.

Durante esse período, sabe-se que a comunidade cristã cresceu, tanto em Roma quanto fora, espalhando-se por todo o Império.

Com a destruição do Templo de Jerusalém por Tito, no ano 70 d.C., essa cidade deixou de ser o foco irradiador do pensamento cristão, que se transferiu para Roma, capital do Império, onde, segundo Tácito, *todas as atrocidades do universo e tudo quanto há de mais vergonhoso vai enfim acumular-se e sempre encontra acolhimento*. Foi na capital do Império que o cristianismo se instalou, fazendo de Roma o seu centro gravitacional. Ao que parece, tornou-se uma comunidade grande e respeitada pelos demais cristãos, como pode ser demonstrado a partir da Carta de Clemente Romano aos Coríntios, na qual os cristãos de Roma aparecem como uma comunidade ativa na caridade e na cooperação com outras comunidades, além de constituírem, em pleno final do século I, o centro de gravidade do cristianismo.

O prestígio da comunidade de Roma permitiu que Clemente escrevesse aos coríntios como *bispo* e orientador da comunidade coríntia, como alguém que se fundamentava na autoridade dos apóstolos. Sua carta expressa também uma comunidade romana em funcionamento e ação.

No final do século I d.C. o estoicismo se espalhava pelo mundo greco-romano e também encontrara em Roma um espaço para se desenvolver; porém o pensamento estóico incomodou o imperador Domiciano, que expulsou os estóicos, primeiro da capital do império e depois da Itália. Na oportunidade, diversos filósofos foram perseguidos por se negarem a prestar culto ao imperador e venerá-lo como *Dominus et Deus Noster*. Entre os perseguidos do momento estavam membros da aristocracia e da família imperial, como Flávia Domitila e Flávio Cemente: nestes casos, a acusação era de ateísmo.

Como pudemos observar, a perseguição aos cristãos naquele momento não se deu de maneira isolada, mas estava inserida no contexto de outras perseguições empreendidas pelo imperador.

Durante o governo de Domiciano e na mesma época houve um segundo motivo para a perseguição aos cristãos: o aumento do rigor na cobrança dos impostos aos judeus, em cujo grupo os cristãos estavam também inseridos.

É interessante observar que apesar de já estarem separados os dois grupos, de os judeus considerarem os cristãos como hereges e, ao que se sabe, até mesmo os anatematizarem, naquele instante os grupos judeu e cristão ainda não sofriam grandes diferenciações por parte dos romanos. Isto porque ambos se manifestavam contra o culto a Domiciano, considerando a prática de cultuar o imperador como um deus um ato idolátrico e também porque muitos membros da comunidade cristã tinham sido convertidos do judaísmo que, como vimos, era um dos maiores grupos vivendo em Roma.

É fato que os acontecimentos passados deixam traços mnésicos e materiais que marcam o futuro dos homens e as suas representações. Assim Todorov compreende o caminho feito pelos homens ao julgar o outro e interagir em sociedade.

Geralmente o homem não quer compreender o mal – ou aquilo que julga sê-lo –, mas, ao contrário, deseja impedir o seu avanço. Desta maneira estabelece-se uma diferença marcante entre o julgar e o compreender, isto porque, ainda seguindo Todorov, julgar é traçar uma separação entre o sujeito que se julga e o objeto julgado, ao passo que compreender é reconhecer o fato de pertencer à mesma humanidade.

Ao estudarmos a visão que os romanos tinham sobre os cristãos, ou seja, como os romanos identificavam os cristãos, a questão proposta por Todorov brota de modo marcante, principalmente quando se analisam os autores que serviram de fonte para esta pesquisa: Tácito, Suetônio e Plínio o Jovem.

Como demonstrei no decorrer deste trabalho, tanto Tácito como Suetônio, nas suas obras *Anais* e *Vida dos Doze Césares*, respectivamente, tomaram os

cristãos apenas como um motivo para reforçar os seus julgamentos a respeito de Nero e daquilo que acreditavam que devia ser o Império e o imperador.

Tácito, na obra *Anais*, ao referir-se à perseguição aos cristãos em 65 d.C., fê-lo com três objetivos:

1. Documentar a transformação da vida romana, como resultado do controle de uma única pessoa, o imperador. Tal transformação levou a um afastamento entre o Imperador e o Senado e, na medida em que o imperador sentia-se sozinho, aproximava-se dos libertos e das camadas mais baixas da população. Tal desestruturação na política é o elemento gerador do conflito civil que levou três imperadores ao poder entre 68-69 d.C., logo após a morte de Nero.
2. Documentar a transformação moral pela qual estava passando Roma, na qual os antigos costumes republicanos, as tradições e a política foram substituídos pelos vícios e pela bajulação.
3. Documentar a atitude brutal de Nero, para o qual usou o pejorativo *absumerentur*, que na visão de Tácito era comparável à dos bárbaros, e assim demonstrar que se o crime dos cristãos era grande, se eram odiados por serem inimigos do gênero humano, a atitude de Nero para com eles não era diferente.

A intenção de Tácito centra-se na condenação aos atos de Nero e ao seu governo, por isso usou de ambivalência em seu texto. Desta maneira, se os cristãos eram dignos de desprezo não somente pelo crime de terem posto fogo em Roma, mas principalmente por odiarem o gênero humano, a atitude do imperador e sua brutalidade fizeram com que aqueles criminosos fossem dignos da piedade popular.

Tácito não tinha a intenção de compreender os cristãos e nem mesmo investigar-lhes as práticas e os cultos, ou mesmo se eram culpados ou supostos culpados. Ao olhar para os cristãos não era essa a sua preocupação, assim como também não o foi quando voltou o seu olhar para os judeus ou para os germanos. A compreensão de Tácito fez-se sempre através da comparação entre culturas, segundo a qual existe uma cultura superior que atingiu um patamar de

desenvolvimento que a coloca acima de todas as outras; esta é a cultura romana, e era em função dela que todas as outras deviam ser compreendidas. Trata-se de uma comparação constante entre o civilizado e o bárbaro.

Para Tácito, os cristãos eram culpados e dignos dos últimos suplícios – este é o Tácito que julga – porém a atitude de Nero, ao oferecer os seus jardins para festins noturnos iluminados por tochas humanas, não o distancia dos bárbaros que praticavam sacrifícios humanos. Tácito ainda retrata Nero vestido com hábitos de auriga e conduzindo carros, misturado com a plebe, em situação não somente indigna para com a sua condição de imperador, como também de patrício. Isso também fazia do imperador tão bárbaro, ou até mais, do que aqueles a quem mandava executar.

Na visão de Tácito, os cristãos eram ainda dignos de repúdio porque adoravam a um galileu crucificado e a Galiléia era uma região onde em 50 d.C. ocorrera o conflito entre galileus e samaritanos que acabou voltando-se contra Roma e gerou a intervenção de Quadrato, governador da Síria, sendo os implicados punidos com a pena capital. Somente esse conflito seria suficiente para desqualificar os cristãos, seguidores de um galileu; porém a doutrina dos cristãos era estranha, e sobre eles dizia-se muitas coisas diferentes, entre as quais que eram associados aos cultos báquicos banidos de Roma desde o século II a.C. Esse, como apresentei, pode ter sido o motivo que levou Nero a vestir os cristãos com peles de animais e lançá-los aos cães, numa alusão à cena em que Penteu, filho de Agave, foi destroçado.

A intenção de Tácito não foi defender ou compreender os cristãos: ele os viu como quem julga, na condição de patrício, saudoso da República e do tempo em que havia homens virtuosos como o seu sogro Agrícola.

Como defensor do ideal republicano romano e da religião romana, Tácito repudia os cultos estrangeiros e as superstições, entre as quais o cristianismo aparece como pernicioso superstição; isto porque eles interferem na Pax Deorum, ou seja, na relação entre os homens e os deuses, tão valiosa para o credo cívico romano.

Na visão de Tácito, a religião romana atingiu um patamar que as superstições orientais ou germanas não conseguiram atingir, porque a religião romana suprimiu a superstição, mantendo as tradições dos antepassados. Tal atitude permitiu o surgimento de uma religião racional, estritamente ligada ao Estado e que não era uma comédia montada, mas um modo de disciplinar o senso inato do divino, presente em cada romano, e reforçar assim a coesão do Estado. Portanto, para Tácito as superstições em geral são um sinônimo do irracional e conduzem a urbe à anarquia. Entre elas inserem-se os cristãos, uma das muitas superstições vergonhosas que encontraram acolhimento em Roma.

Suetônio não tratou os cristãos de maneira diferente, pois para ele, primeiramente na Vida de Cláudio XXV, judeus e cristãos são vistos como um grupo único, e a expulsão dos judeus de Roma no tempo de Cláudio é vista como instigada por Chrestós, termo usado como referência a um agitador presente em Roma, possivelmente uma referência aos agitadores cristãos em geral, mas ainda relacionando judeus e cristãos. A mesma situação encontra eco no livro cristão Atos dos Apóstolos, XVIII, 2, onde Pedro, o apóstolo cristão, encontra-se com judeus advindos de Roma e expulsos por decisão de Cláudio.

Como ambos os textos fazem referência a um período em que os cristãos, apesar de repudiados pelos judeus mais ortodoxos, ainda não haviam sido expulsos das sinagogas, esta confusão é possível. Porém, se analisarmos que Suetônio escreveu sua obra nos inícios do século II d.C. e que naquele momento já tinha conhecimento da obra de Tácito e também das cartas de Plínio o Jovem, verificamos então que mesmo naquele momento ele não diferenciava judeus de cristãos e que na sua opinião os cristãos eram apenas um grupo expulso de Roma sob o governo de Cláudio, e aos quais se infligiram suplícios sob Nero com o fim único de manter a ordem e evitar a anarquia na cidade de Roma.

Suetônio inseriu a perseguição aos cristãos sob Nero no mesmo conjunto de medidas saneadoras tomadas pelo imperador com o objetivo de evitar novos incêndios e crimes dentro de Roma. Ou seja, não havia diferença entre os suplícios infligidos aos cristãos, a proibição de vender alimentos cozidos nas

tabernas e a proibição de perambular pelas ruas. Tudo isso visava evitar a ocorrência de novos e indevidos acidentes, como o que assolou Roma sob Nero.

Mas devo observar que Suetônio apresentou Nero como alguém que degenerou para os vícios e o crime, que saía à noite disfarçado e, junto com o seu bando, misturava-se com as camadas mais baixas da população.

Por seu lado, os cristãos são apresentados como malfeitores, “espécie de gente dada a uma superstição nova e maligna”. Na verdade, ele se refere aos mesmos agitadores que foram expulsos sob o governo de Cláudio, porém novos porque são uma seita do judaísmo, separada e por isso nova, porém com a mesma origem, e rejeitados pelos seus pares, o que os torna malignos.

Por isso, posso inferir que as medidas contra os cristãos não diferem das adotadas para evitar novos acidentes. Porém os cristãos não eram diferentes dos malfeitores que perambulavam pela cidade à noite e geravam toda sorte de males, e com os quais o próprio imperador se misturava.

A intenção de Suetônio fixa-se em condenar Nero e os atos do imperador o qual, se por um lado demonstrava querer fazer surgir das cinzas uma nova Roma, por outro não se diferenciava daqueles a quem desejava coibir.

Assim entendemos por que, para Suetônio, os cristãos não passam de uma citação. Porém, mesmo sendo uma citação, foi articulada no contexto da sua obra, e da biografia que ele quis construir de Nero.

Os cristãos desaparecem de cena na obra de Suetônio que, ao referir-se às perseguições empreendidas por esse imperador, menciona apenas os judeus e os filósofos, não fazendo referência alguma aos cristãos. Isto pode ser um indicativo de que não diferenciava claramente os grupos judeus e cristãos, principalmente porque sob Domiciano os dois grupos revoltaram-se pelos mesmos motivos, ou seja, contra a cobrança de impostos que atingia tanto judeus como cristãos, e contra a necessidade de honrar o imperador como a um deus. Por outro lado, existem elementos, tanto no judaísmo quanto no cristianismo, que os aproximam dos estóicos. Naquele momento, como os judeus possuíssem tradição e os cristãos fossem somente uma nova e maligna superstição, a citação a estes é suprimida, pois a intenção agora era demonstrar que o imperador atacava a todos,

inclusive pensadores, membros do patriciado e até membros da sua própria família.

Devo observar ainda que a alcunha que marcou os cristãos foi a dada pelo próprio Nero, ou seja, a de incendiários. Observa-se que a cada nova perseguição, ou novo incêndio, os cristãos eram lembrados, senão por terem posto fogo em Roma, ao menos como acusados disso. Aí também encontramos um significado para a expressão “supostos culpados”, usada por Tácito.

A alcunha de incendiários aparece enraizada na memória romana quando se observa a apologética cristã, especialmente o diálogo *Otávio*, escrito por Minúcio Félix, onde o pagão Cecílio Natal acusa os cristãos de planejarem um incêndio com o qual ameaçavam todo o orbe da terra.

Seguindo o modelo de diálogo ciceroniano e o modelo do relato de Tito Lívio sobre a devassa dos cultos báquicos, Minúcio Félix coloca na boca de Cecílio Natal e através dele na boca de todos os romanos, expressões pejorativas como: louca superstição, crescente conjuração, abomináveis práticas, entre outras, que encontram eco nas obras de Tácito, Suetônio e Plínio o Jovem.

Sabemos que na verdade os acontecimentos são únicos, porém a maneira de abordá-los é diferente e por isso é assim que conhecemos como os romanos identificavam os cristãos.

As visões de Tácito e Suetônio, isoladamente, podem ser vistas como expressão de uma camada da sociedade, o patriciado, porque os cavaleiros eram associados aos patrícios. Entretanto, quando estes escritos encontram eco em um diálogo cristão como o escrito por Minúcio Félix, ou mesmo nos apologistas cristãos do século II e também no grafite do Palatino, isso demonstra que aquela maneira de ver os cristãos já encontrara acolhida na sociedade e, através de um processo de reelaboração constante, tanto da camada dominante como na população em geral sobre as práticas e o culto cristão.

Diante de tantas afirmações sobre os cristãos, ainda não ficava claro o que seria ser cristão.

Até o século II d.C., os cristãos haviam sido perseguidos por outros motivos, que não o de serem cristãos, porque até então não estava definida a figura delituosa ou o tipo penal.

Os cristãos haviam sido perseguidos como incendiários, por se negarem a pagar impostos, por negarem a cultuar o imperador como um deus, e até possivelmente pela semelhança de algumas das suas crenças com o estoicismo, ou ainda pela organização de heterias, porém não por serem cristãos.

Ainda não existia uma descrição criminal para o “ser cristão” ou para o “praticar o culto cristão”. Existia apenas uma suspeita pairando sobre aqueles homens, mulheres e crianças, pessoas de todas as idades que, segundo diziam, ligavam-se a práticas e ritos não só proibidos como também condenáveis pela justiça romana. Porém a justiça romana não punia boatos: era necessária a comprovação do crime.

Justamente por não estar descrito o crime de ser cristão e por não haver punição estabelecida, pois também não se definia o delito, foi que Plínio o Jovem optou pela investigação.

Na consulta de Plínio o Jovem ao imperador sobre se deveria punir igualmente a todos ou se havia diferença entre as idades, Trajano calou porque, se não havia definição do crime, não poderia haver definição da punição e nem mesmo das diferentes punições para as diferentes idades.

Trajano também afirmou que não havia motivo para uma perseguição *ex-officio*, já que o próprio Plínio informara nada haver encontrado além de uma superstição insensata e exagerada. Entenda-se, aqui, algo bem diferente do racionalismo romano, mas que poderia ser curada.

Na verdade, Trajano alerta que não existe prisão, processo e execução com base na simples delação ou no boato, e os elementos relatados por Plínio não davam margem a que se perpetrasse uma perseguição *ex-officio*.

Na visão dos romanos como Tácito, Suetônio e Plínio o Jovem, a superstição levava a idéias irracionais que deveriam ser extirpadas para o bem da urbe e para a manutenção da *Pax Deorum*. Neste sentido deve ser vista também a afirmação de Trajano de que, se for comprovada a agitação e a destruição

irracional da ordem pelos cristãos, estes deverão ser punidos; porém, ao se arreperderem, receberão o perdão por assumirem a sua irracionalidade diante do império e manifestarem o desejo de voltar à razão. O perdão de Trajano é concedido na condição de um deus, um ser superior que age com misericórdia diante dos inferiores, de um imperador sobre os seus súditos, e não de um juiz para com um réu. Isso denota que o crime dos cristãos era não se comportarem como súditos do Estado Romano.

Não quero afirmar que a carta de Plínio representou o surgimento de uma legislação anticristã, porque não é verdade, porém definiu o que era ser cristão e quais as práticas dos cristãos. Mais até do que a destruição do templo de Jerusalém por Tito e a expulsão dos cristãos das sinagogas pelos fariseus, a carta de Plínio o Jovem é um marco na distinção entre judeus e cristãos e definiu que, apesar de originados do tronco judaico, os cristãos haviam se desprendido, constituindo uma superstição independente, ou seja, na definição de Suetônio, uma superstição nova e maligna, ou ainda, como expressou Plínio o Jovem, uma superstição insensata e exagerada; ou mesmo, como definiu Tácito, uma superstição perniciosa.

A carta de Plínio o Jovem deixou claro que não havia relações entre os cultos báquicos e o culto cristão, apesar da prática dos cristãos de se reunirem antes do pôr-do-sol e também de se reunirem para uma refeição comum, que Plínio identificou como simples e inocente.

Os cristãos eram pessoas de todas as idades, marcados por uma teimosia e uma obstinação inflexíveis e dominados pela loucura.

Quanto a este último indicativo, observo que também estava por demais arraigado naquela sociedade porque a alcunha de loucos, que aparece na carta de Plínio o Jovem, e também era uma preocupação dos documentos cristãos do século I, pois Paulo, em diversos momentos refeiu-se a isso em suas cartas, especialmente nos discursos sobre a loucura da cruz. A questão da loucura dos cristãos é discutida também no Diálogo Otávio, de Minúcio Félix.

Assim, a fama de loucos atribuída aos cristãos parece ser mais antiga do que a de incendiários e, pelo que se pode e observar no decorrer dos tempos, vai

se fixar ainda mais, na medida em que os cristãos começam a desejar e se entregar ao martírio voluntário, como foi o caso de Ignácio de Antioquia, Perpétua e outros. A isso tudo deve ser associado o fato de que os cristãos possuem atitudes e práticas incompatíveis com o culto cívico romano e também negam-se a participar dos costumes e das tradições, fechando-se em seus grupos, na sua suprestição. Por isso, aos olhos dos romanos, tal atitude só era possível definir como obstinada teimosia ou como loucura.

Essa obstinada teimosia ou loucura encontra definição legal no Direito Romano, podendo ser inserida entre as definições criminais de contumácia, pela obstinação e persistência no erro por parte dos cristãos.

A atitude cristã teria ainda um agravante na medida em que representasse interferência direta na ordem da cidade, na religião do Estado, no culto aos deuses e nas práticas comerciais, porque poderia ser inserida nos crimes de *scelera* e *maleficus*, na medida em que esse comportamento era sacrílego perante o Estado e a religião oficial e que essa atitude interferia na relação entre os homens e os deuses, conseqüentemente na relação entre a cidade e os deuses, o que tornava os cristãos funestos e malfazejos.

Como apontei anteriormente, a carta de Plínio o Jovem a Trajano foi um marco no processo de identificação dos cristãos e, se não representou a definição de uma legislação anticristã, contribuiu para que aos poucos essa legislação fosse se constituindo e, com base nela, se desenvolvessem perseguições maiores e mais definidas contra os cristãos, como as de Décio e Diocleciano.

O século II d.C. também foi importante porque viu surgirem as apologias cristãs, em geral fundamentadas nas críticas e na visão dos pagãos com relação aos cristãos, representando um momento importante na construção do corpo doutrinário e dogmático do cristianismo nascente.

Foi na tentativa de contrapor, desmentir, contestar os pensadores pagãos que os cristãos foram aos poucos construindo um conjunto de normas e preceitos que, na verdade, se acomodavam às necessidades da Igreja Primitiva e ao seu projeto.

Para os romanos mais ciosos da religião estatal romana, os cristãos continuaram por muito tempo sendo loucos e partidários de uma superstição, haja vista os conflitos entre cristãos e pagãos dentro de Roma, mesmo após a oficialização do cristianismo.

Para os cristãos, a documentação pagã passará a ser a fonte para a sua produção apologética e aos poucos o cristianismo vai se adaptando ao mundo romano, porém esse processo de adaptação -- que culminou com a expansão do cristianismo por todo o Império e com a sua transformação em religião oficial -- encontra as suas raízes nos primeiros autores pagãos que se referiram aos cristãos, ou seja: Tácito, Suetônio e Plínio o Jovem.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

CRONOLOGIA DA VIDA E DA ADMINISTRAÇÃO DE NERO

Apresento a seguir uma cronologia⁴¹² dos principais fatos que envolvem a vida de Nero, desde a sua ascensão em 54 d.C. até a sua morte em 68 d.C., quando então se iniciou a fase mais conturbada, que levou ao trono quatro imperadores em apenas um ano.

Data	Acontecimentos
54 ⁴¹³	<p>Ascensão ao trono, após a morte de Cláudio.</p> <p>Morte de Narciso e de M. Junius Silanus.</p> <p>Agripina é declarada “A melhor das mães”.</p> <p>Córbulo é enviado à Armênia.</p>
55 ⁴¹⁴	<p>Sêneca e Burro buscam orientar a administração de Nero em direção a uma negociação com a aristocracia romana.</p> <p>Cessam as perseguições aos amigos de Britânico.</p> <p>Queda de Palas.</p> <p>Morte de Britânico.</p> <p>A guarda pessoal de Agripina é retirada.</p> <p>Suposta conspiração de Agripina e Rubélio Plauto.</p> <p>Início da guerra contra os partos .</p> <p>Diminui a autoridade de Agripina sobre Nero.</p> <p>Nero apaixona-se por uma liberta de nome Acte.</p> <p>Palas é afastado por Nero da administração dos negócios (incumbência que recebera de Cláudio).</p> <p>A guarda pretoriana, que costumava assistir aos jogos públicos, foi suprimida para se dar assim maior aparência de liberdade e para que os soldados, não sendo testemunhas dos desaforos no teatro, não se corrompessem.</p>

⁴¹² Elaborada a partir das seguintes obras: TÁCITO, *Anais*; SUETÔNIO, *Vida de Nero*; CIZEK, Eugen, *La Roma di Nerone*; FINI, Massimo, *Nerone*; VANDENBERG, P., *Nero*; SHOTTER, D., *Nero*.

⁴¹³ TÁCITO, *Anais*, XII, 44 – XIII,10. Ano 807 de Roma.

- 56⁴¹⁵ Grupo de Nero vagueia pela cidade à noite fazendo arruaças.
Morre Júlio Montano.
Helvídio Prisco acusa Obultrônio Sabino pela barbaridade com que exercia o direito de seqüestro de bens dos pobres.
- 57⁴¹⁶ Construção do anfiteatro no Campo de Marte.
Pompônia Grecina é acusada de prática de superstições estrangeiras.
Nero apresenta o projeto para transformar o sistema fiscal romano.
Córbulo inicia nova ofensiva contra os partos.
Cossuciano Capito é condenado como corrupto.
Lúcio Vário é reintegrado na ordem senatorial (fora expulso por ter sido acusado de crimes de peculato).
- 58⁴¹⁷ Queixas do povo contra a enorme severidade e avareza dos publicanos ou contratadores da fazenda pública.
O Senado rejeita o projeto de reforma fiscal de Nero.
Guerra contra os partos na Armênia.
Córbulo cerca Artáxatos, destruída pelas tropas romanas.
Condenação de P. Suius Rufus.
Início da relação de Nero com Popéia Sabina, então esposa de Oto.
Cornélio Sulla Félix é exilado.
Levante dos frísios e guerra na Germânia.
- 59⁴¹⁸ Morte de Agripina.
Peto Traséia sai do Senado.
Nero apresenta-se no teatro e executa à lira peças já antes trabalhadas. Criou os Augustanos, corpo de jovens cavaleiros romanos, para aplaudi-lo dia e noite, onde quer que ele estivesse.
Construção de um estádio particular para Nero.

⁴¹⁴ TÁCITO, *Anais*, XIII, 11 – 24. Ano 808 de Roma.

⁴¹⁵ TÁCITO, *Anais*, XIII, 25 – 30. Ano 809 de Roma.

⁴¹⁶ TÁCITO, *Anais*, XIII, 31 – 33. Ano 810 de Roma.

⁴¹⁷ TÁCITO, *Anais*, XIII, 34 – 58. Ano 811 de Roma.

Instituem-se as Juvenálias.

Córbulo dá posse a Tigranes, descendente da primeira nobreza da Capadócia, no trono da Armênia (seguindo nomeação de Nero).

60⁴¹⁹

Aparecimento de um cometa – presságio da queda de um rei.

Rubélio Plauto, descendente da família Júlia, é indicado sucessor de Nero.

Revolta na Britânia.

Fundam-se as Nerônias.

Córbulo faz campanha na Armênia e assume governo da Síria.

Terremoto em Laodicéia, hoje Ladik, na Ásia; a cidade realizou a reconstrução com recursos próprios.

61⁴²⁰

A Revolta de Boadicéia é sufocada por Suetônio Paulino.

Morte de L. Pedânio Segundo.

Senadores de origem modesta tornam-se cônsules.

Petrônio inicia a redação de *Satiricon* (61-66)

Consagração do ginásio de Nero.

O reino de Bósforo transforma-se em protetorado romano.

Aguça-se o confronto de Nero com a aristocracia romana.

62⁴²¹

Nero repudia Otávia, acusando-a de estéril. Inicia os preparativos para se casar com Popéia Sabina. O povo reage e Nero recebe novamente Otávia. Novas reações populares, agora de aprovação ao retorno de Otávia (o povo derruba imagens de Popéia Sabina e adorna com flores as imagens de Otávia, carregando-as às costas).

Otávia é acusada de adultério.

Exílio e morte de Otávia, na Campânia.

Julgamento de Antístio Sosiano por ter escrito uma sátira em versos contra o príncipe e tê-la lido publicamente. É censurado com aspereza pelo Senado.

⁴¹⁸ TÁCITO, *Anais*, XIV, 1 – 19. Ano 812 de Roma.

⁴¹⁹ TÁCITO, *Anais*, XIV, 20 – 28. Ano 813 de Roma.

⁴²⁰ TÁCITO, *Anais*, XIV, 29 – 47. Ano 814 de Roma.

⁴²¹ TÁCITO, *Anais*, XIV, 48 – XV, 22. Ano 815 de Roma.

Julgamento de Fabrício Veiento por haver escrito contra os senadores e sacerdotes um longo libelo assaz infamatório, que intitulou *Codicilo*. É banido da Itália e o libelo queimado. (Tanto Fabrício quanto Antstio foram julgados a princípio por crimes de lesa-majestade).

Morte de Burro (de uma inchação da garganta, que cresceu e acabou por sufocá-lo).

Nomeação de Sofônio Tigelino e Fênio Rufo.

Sêneca perde a influência.

Assassinato de Sulla.

Assassinato de Plauto.

Exílio e morte de Otávia.

Mortes de Palas e Doríforo (este opunha-se ao casamento de Nero com Popéia – um boato dizia que envenenados por Nero).

Sêneca e Pisão ligados numa acusação de conspiração; a acusação é rejeitada. Início da conspiração de Pisão.

Sesênio Peto é indicado para a Armênia mas é derrotado.

Traseia Peto fala contra a aclamação provincial dos governadores.

Vologeso cinge a frente de Tirídates com o diadema e ordena-lhe que expulse Tigranes da Armênia.

Retirada de Vologeso.

63⁴²²

Nascimento da filha de Nero, Cláudia Augusta (morreu quatro meses após o nascimento, em maio).

Popéia torna-se Augusta.

Córbulo termina com a guerra na Armênia.

Tirídates, rei da Armênia, reconhece-se vassalo de Roma.

O ginásio de Nero é destruído.

É sufocada a revolta da Germânia.

Nero impõe aos seus generais uma política de pacificação e conciliação.

⁴²² TÁCITO, *Anais*, XV, 23 – 32. Ano 816 de Roma.

Lucano é proibido de ler em público *La Pharsalia*.

Nero concede o privilégio do *latium* a todas as nações dos Alpes Marítimos.

64⁴²³

Nero aparece no palco, em Nápoles.

Décimo Júnio Silano Torquato suicida-se, induzido pelas intrigas palacianas que levaram à sua condenação.

Nero passa a dar banquetes em praças públicas. Tácito alega que ele se servia de Roma como se fosse o seu próprio palácio.⁴²⁴

Banquete de Tigelino, no lago de Agripina. Neste momento dá-se o casamento de Nero com Pitágoras.

Incêndio de Roma (Roma esteve em chamas durante seis dias).

Inicia-se a reconstrução de Roma e a construção da *Domus Aurea*.

Concessão de auxílios para a reconstrução das casas e indicação de inspetores para agilizar a distribuição e a fiscalização dos auxílios.

Realização de atos expiatórios para aplacar a cólera dos deuses (o que supostamente gerou o incêndio de Roma).

Boato infamatório contra Nero, acusando-o de incendiário, e respectiva acusação aos cristãos.

Prisão dos cristãos – primeiro os que se confessavam cristãos e depois outros, que foram denunciados.

Suplícios dos cristãos através de crucificações, queima de corpos e dilaceração pelas feras.

Acirramento fiscal dentro e fora de Roma. Até o tesouro dos templos foi confiscado para auxiliar na reconstrução de Roma. Desagrado generalizado.

Sêneca, a fim de desviar de si todas as suspeitas de estar ligado aos atos de acirramento fiscal e confisco dos tesouros dos templos, pede licença para se retirar para longe, alegando doença.

65⁴²⁵

Descoberta a Conspiração de Pisão. Morrem todos os conspiradores

⁴²³ TÁCITO, *Anais*, XV, 33 – 47. Ano 817 de Roma.

⁴²⁴ TÁCITO, *Anais*, XV, 37.

⁴²⁵ TÁCITO, *Anais*, XV, 48 – XVI, 13. Ano 818 de Roma.

(Pisão, Lucano, Fênio Rufo, etc.) e outras pessoas associadas aos conspiradores e à conspiração. Tácito alega que Roma parecia uma vasta prisão.⁴²⁶

Nero aparece no palco, nas Nerônias.

Nova denominação dos meses. O mês de abril passa a se chamar mês de Nero, maio, mês de Cláudio e junho, mês de Germânico.

Decretam-se donativos e ações de graças aos deuses pela descoberta da conspiração de Pisão.

Ceriális Anício, cônsul designado, propõe a construção de um templo ao deus Nero.

Cesélio Basso, de Cartago, faz Nero acreditar que havia descoberto um grande tesouro em suas terras.

Celebração dos Quinquênais.

Morre Popéia Sabina.

Divinização de Popéia Sabina.

Mortes de Lúcio Júnio Silano Torquato, C. Cássio

Longino, L. Antístio Veto e família.

Casamento de Nero com Esporo (castrado).

A Campânia é devastada por um furacão – *vento furioso*⁴²⁷

Peste em Roma – em todo o outono, 30.000 mortes.

66⁴²⁸

Suicídio de Petrônio, após ter sido detido em Cumas.

(No seu testamento, Petrônio não fez adulações a Nero ou a Tigelino ou às obscenidades do imperador, *ainda as mais infames*.)⁴²⁹

Preocupado com a revelação das suas obscenidades, Nero manda desterrar Sília, então casada com um senador, e que havia participado, com Nero, de orgias noturnas. Para satisfazer o ódio, Tigelino manda sacrificar Numício Termo, antigo pretor.

Acusação de Ostório Sabino a Bárea Sorano e à sua filha, esta

⁴²⁶ TÁCITO, *Anais*, XV, 58.

⁴²⁷ TÁCITO, *Anais*, XVI, 13.

⁴²⁸ TÁCITO, *Anais*, XVI, 14–35. Ano 819 de Roma. Aqui terminam os *Anais* de Tácito. Perderam-se os dois últimos anos do principado de Nero e a notícia da sua morte.

acusada de invocar divindades funestas.

Nero é iniciado no mitridatismo.

Condenação e suicídio de Peto Traséia.

Casamento de Nero com Statília Messalina.

Onda de repressão em Roma e por todo o Império.

Helvídio Prisco é banido da Itália.

Tirídates apresenta-se em Roma.

Fechamento do templo de Jano.⁴³⁰

Conspiração Viniciano⁴³¹ (Ânio Viniciano e Córbulo unem-se contra Nero. Participam também da conspiração: Barea Sorano, Marco Licínio Crasso Frugi e Quinto Sulpício Camerino). No mesmo ano, todos os envolvidos são constrangidos ao suicídio em Roma.

Nero parte para a Grécia.

Revolta na Judéia.

67⁴³²

Nero na Grécia.

Córbulo recebe ordem para se suicidar.

⁴²⁹ TÁCITO, *Anais*, XVI, 19.

⁴³⁰ Antigo deus romano, considerado o pai dos deuses. Segundo uma versão, identifica-se com o Caos grego, tendo originado o próprio mundo. De acordo com outra tradição, antes de ser divinizado Jano era um mortal habitante da Tessália. Edificou uma cidade sobre o Monte Janúculo. Depois da morte de Camese, passou a reinar sobre toda a região. Acolheu Saturno, que fora expulso da Grécia por Júpiter. Como recompensa, o deus conferiu-lhe o poder de conhecer o passado e o futuro. Durante o seu reinado, época de paz e prosperidade, Jano introduziu o uso dos barcos e da moeda. Civilizou os aborígenes, primeiros habitantes do Lácio, ensinando-lhes o cultivo do solo, criando cidades e estabelecendo leis. Após a sua morte foi divinizado. É o deus de todas as portas, guarda o interior e o exterior das moradas e das cidades. É também o deus tutelar das viagens, especialmente das partidas e dos regressos; por extensão, tornou-se protetor de todas as vias de comunicação. Protege ainda o início e o fim de todas as atividades. Sob o epíteto de *Matutinus Pater*, preside o começo do dia. O primeiro mês do calendário romano, *januarius*, deriva de Jano. Unindo-se a Juturna, teve o deus Fontus; com Camise, Tiber, epônimo do rio Tibre; com Venília, Canente. Durante a guerra entre romanos e sabinos, fez surgir uma fonte de água fervente no caminho dos sabinos, impedindo-os de atacar o exército de Roma. Para comemorar o acontecimento, o templo de Jano permanece de portas abertas em tempo de guerra e fechadas durante a paz. Sua festa, chamada *Agonium* (sacrifício), era celebrada no dia 9 de janeiro. Como deus do passado e do futuro, do início e do fim, das portas que se abrem e se fecham, Jano era representado com duas faces contrapostas, tendo numa das mãos uma chave e na outra uma varinha. (Fonte: *Dicionário de Mitologia Greco-Romana*, p. 101. São Paulo: Abril Cultural, 1976.)

⁴³¹ Eugen Cizek acredita que esta conspiração foi muito semelhante à Pisoniana. Para tanto, baseia-se no testemunho de Suetônio (Nero, 36), onde o biógrafo escreveu: "...quando duas conjurações haviam sido descobertas nesse tempo. A primeira e a mais importante fora a urdida por Pisão...". Possuímos poucas informações sobre a Conspiração Viniciano. CIZEK, Eugen. *La Roma di Nerone*, pp. 240-244.

Início das escavações do Canal de Corinto.
Libertação da Grécia por Nero. Coalizão senatorial anti-neroniana.
A ausência dos impostos gregos pode pôr em crise a economia.
68⁴³³ Precipitado retorno de Nero a Roma. O suposto triunfo artístico do imperador em sua turnê pela Grécia é tratado como triunfo militar.
Revolta de Víndex e outros governadores, na Gália.
Falha a tentativa de assassinar Galba.
Galba rebela-se contra Nero.
Vergínio Rufo vence Vesontio.
Rebelião de Macro na África.
Morte de Víndex.
Situação política desestabiliza-se e o regime de Nero degradingola.
Tigelino abandona Nero.
Ninfídio Sabino passa para o lado de Galba.
Nero é abandonado pelo Senado, pela sua corte e pelos pretorianos.
Nero é declarado inimigo público pelo Senado.
9 de junho – suicídio de Nero.
Ascensão de Galba (68-69) e início da Guerra Civil.⁴³⁴

⁴³² Ano 820 de Roma.

⁴³³ Ano 821 de Roma.

⁴³⁴ O ano 69 d.C., Ano 821 de Roma, foi marcado pela continuação da guerra civil. Sucederam-se ainda nesse ano os governos de Oto e Vitélio, seguidos de Vespasiano que governou de 69 a 79 d.C.

**APÊNDICE 2
NOVAS CONSTRUÇÕES E REFORMAS DO GOVERNO DE DOMICIANO⁴³⁵**

Altar Incendii Neronis

Arco de Tito

Atria Septem

Banhos de Charinus, Claudius Etruscus, Lupus, Argentaria, Agripa.

Naumachia Domitiani

Arcos de Domiciano

Odeon

Pórtico de Minutius Vetus

Pórtico de Otávia e templos a ele associados

Estadium Domitiani

Campo da Esquadra de Misenum

Circus Maximus

Colosseum

Domus Augustiana

Equus Domitiani

Forum Transitorium

Quatro Ludi

Armazéns: Agrippiana, Piperataria

Horologium Augusti

Horti Domitiani

Janus Quadrifons

Casa do Senado Juliano

Mica Aurea

Templo de Castor

Templo do Divus Augustus

Templo do Divus Vespasiani

Templo da Família Flaviana

Templo de Fortuna Redux

⁴³⁵ Extraído de ALTON, Richard. *Aspects of Roman History AD 14-117*, p. 187.

Templo de Isis Campensis
Templo de Júpiter Custos
Templo de Júpiter Optimus Maximus
Templo de Minerva Chalcidica
Templo de Venus Genetrix
Teatro e Cripta de Balbus
Teatro de Pompéia
Palácio Tiberiano

APÊNDICE 3 PRINCIPAIS FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA

TÁCITO, *Anais*, XV, 44

44. Et haec quidem humanis consiliis providebantur. mox petita [a] dis piacula aditque Sibyllae libri, ex quibus supplicatum Volcano et Cereri Proserpinaeque, ac propitiata Iuno per matronas, primum in Capitolio, deinde apud proximum mare, unde hausta aqua templum et simulacrum deae perspersum est; et sellisternia ac pervigilia celebrare feminae, quibus mariti erant.

Sed non ope humana, non largitionibus principis aut deum placamentis decedebat infamia, quin iussum incendium crederetur. ergo abolendo rumori Nero subdidit reos et quaesitissimis poenis adfecit, quos per flagitia invisos vulgus Chrestianos appellabat. auctor nominis eius Christus Tiberio imperitante per procuratorem Pontium Pilatum supplicio adfectus erat; repressaque in praesens exitiabilis superstitio rursum erumpebat, non modo per Iudaeam, originem eius mali, sed per urbem etiam, quo cuncta undique atrocitas aut pudenda confluent celebranturque. igitur primum correpti qui fatebantur, deinde indicio eorum multitudo ingens haud proinde in crimine incendii quam odio humani generis convicti sunt. et pereuntibus addita ludibria, ut ferarum tergis contexti laniatu canum interirent aut crucibus adfixi [aut flammandi atque], ubi defecisset dies, in usu[m] nocturni luminis urerentur. hortos suos ei spectaculo Nero obtulerat, et circense ludicrum edebat, habitu aurigae permixtus plebi vel curriculo insistens. unde quamquam adversus fontes et novissima exempla meritis miseratio oriebatur, tamquam non utilitate publica, sed in saevitiam unius absumerentur.

Tradução

44. Tais eram as providências humanas que se davam; e delas se passou logo às expiações para aplacar a cólera dos deuses. Consultaram-se os livros sibílicos e, conforme as respostas, fizeram-se preces públicas a Vulcano, Ceres e Prosérpina; e as matronas romanas foram em procissão implorar o auxílio de Juno,

primeiramente ao Capitólio e depois às bordas mais vizinhas do mar. Trazendo dali água, aspergiram com ela o templo e a estátua da deusa; e as mulheres casadas celebraram as Selistérnias e vigílias. Mas nem todos os socorros humanos, nem as liberalidades do príncipe e nem as orações e sacrifícios aos deuses podiam desvanecer o boato infamatório de que o incêndio não fora obra do acaso. Assim, Nero, para desviar as suspeitas, procurou supostos culpados e castigou com as penas mais impressionantes certas pessoas já dantes detestadas por suas torpezas, que o vulgo chamava cristãos. O autor desse nome foi Cristo, que no governo de Tibério foi condenado ao último suplício pelo procurador Pôncio Pilatos. A sua pernicioso superstição, que até ali tinha estado reprimida, já tornava de novo a grassar, não só por toda a Judéia, origem desse mal, mas até em Roma, aonde todas as atrocidades do universo e tudo quanto há de mais vergonhoso vêm enfim acumular-se, sempre encontrando acolhimento. Em primeiro lugar, prenderam os que confessavam ser cristãos e depois, pelas denúncias destes, uma multidão inumerável, os quais todos não tanto foram convencidos de haverem tido parte no incêndio, como de serem inimigos do gênero humano. O suplício desses miseráveis foi ainda acompanhado de zombarias, porque ou os cobriam com peles de animais ferozes para serem devorados pelos cães, ou foram crucificados, ou os queimaram à noite para servirem de archotes e tochas para o público. Nero ofereceu os seus jardins para esse espetáculo e ao mesmo tempo realizava jogos no Circo, confundido com a plebe, em hábitos de auriga, ou conduzindo carros. Desta forma, ainda que culpados e dignos dos últimos suplícios, mereceram a compaixão universal por se ver que não eram imolados à utilidade pública, mas pela crueldade (brutalidade) de um só homem (*absumerentur*: destruidor, devorador, bárbaro).

TÁCITO, *Histórias*, V, 2-5.

[2] Sed quoniam famosae urbis supremum diem tradituri sumus, congruens videtur primordia eius aperire. Iudaeos Creta insula profugos novissima Libyae insedissee memorant, qua tempestate Saturnus vi Iovis pulsus cesserit regnis. Argumentum e

nomine petitur: inclutum in Creta Idam montem, accolas Idaeos aucto in barbarum cognomento Iudaeos vocitari. Quidam regnante Iside exundantem per Aegyptum multitudinem ducibus Hierosolymo ac Iuda proximas in terras exoneratam; plerique Aethiopum prolem, quos rege Cepheo metus atque odium mutare sedis perpulerit. Sunt qui tradant Assyrios convenas, indigum agrorum populum, parte Aegypti potitos, mox proprias urbis Hebraeas- que terras et propiora Syriae coluisse. Clara alii Iudaeorum initia, Solymos, carminibus Homeri celebratam gentem, conditae urbi Hierosolyma nomen e suo fecisse.

[3] Plurimi auctores consentiunt orta per Aegyptum tabe quae corpora foedaret, regem Bocchorim adito Hammonis oraculo remedium petentem purgare regnum et id genus hominum ut invisum deis alias in terras avehere iussum. Sic conquisitum collectumque vulgus, postquam vastis locis relictum sit, ceteris per lacrimas torpentibus, Moysen unum exulum monuisse ne quam deorum hominumve opem expectarent utrisque deserti, sed sibimet duce caelesti crederent, primo cuius auxilio praesentis miseras pepulissent. Adsensere atque omnium ignari fortuitum iter incipiunt. Sed nihil aeque quam inopia aquae fatigabat, iamque haud procul exitio totis campis procubuerant, cum grex asinorum agrestium e pastu in rupem nemore opacam concessit. Secutus Moyses coniectura herbidi soli largas aquarum venas aperit. Id levamen; et continuum sex dierum iter emensi septimo pulsus cultoribus obtinere terras, in quis urbs et templum dicata.

[4] Moyses quo sibi in posterum gentem firmaret, novos ritus contrariosque ceteris mortalibus indidit. Profana illic omnia quae apud nos sacra, rursum concessa apud illos quae nobis incesta. Effigiem animalis, quo monstrante errorem sitimque depulerant, penetrali sacravere, caeso ariete velut in contumeliam Hammonis; bos quoque immolatur, quoniam Aegyptii Apin colunt. Sue abstinent memoria cladis, quod ipsos scabies quondam turpaverat, cui id animal obnoxium. Longam olim famem crebris adhuc ieiuniis fatentur, et raptarum frugum argumentum panis Iudaicus nullo fermento detinetur. Septimo die otium placuisse ferunt, quia is finem laborum tulerit; dein blandiente inertia septimum quoque annum ignaviae datum. Alii honorem eum Saturno haberi, seu principia religionis tradentibus Idaeis, quos cum Saturno pulsos et conditores gentis accepimus, seu quod de septem

sideribus, quis mortales reguntur, altissimo orbe et praecipua potentia stella Saturni feratur, ac pleraque caelestium viam suam et cursus septenos per numeros commear.

[5] Hi ritus quoquo modo inducti antiquitate defenduntur: cetera instituta, sinistra foeda, pravitate valere. Nam pessimus quisque spretis religionibus patriis tributa et stipes illuc congerebant, unde auctae Iudaeorum res, et quia apud ipsos fides obstinata, misericordia in promptu, sed adversus omnis alios hostile odium. Separati epulis, discreti cubilibus, proiectissima ad libidinem gens, alienarum concubitu abstinent; inter se nihil illicitum. Circumcidere genitalia instituerunt ut diversitate noscantur. Transgressi in morem eorum idem usurpant, nec quicquam prius imbuuntur quam contemnere deos, exuere patriam, parentes liberos fratres vilia habere. Augendae tamen multitudini consulitur; nam et necare quemquam ex agnatis nefas, animosque proelio aut suppliciis peremptorum aeternos putant: hinc generandi amor et moriendi contemptus. Corpora condere quam cremare e more Aegyptio, eademque cura et de infernis persuasio, caelestium contra. Aegyptii pleraque animalia effigiesque compositas venerantur, Iudaei mente sola unumque numen intellegunt: profanos qui deum imagines mortalibus materiis in species hominum effingant; summum illud et aeternum neque imitabile neque interiturum. Igitur nulla simulacra urbibus suis, nedum templis sistunt; non regibus haec adulatio, non Caesaribus honor. Sed quia sacerdotes eorum tibia tympanisque concinebant, hedera vinciebantur vitisque aurea templo reperta, Liberum patrem coli, domitorem Orientis, quidam arbitrati sunt, nequaquam congruentibus institutis. Quippe Liber festos laetosque ritus posuit, Iudaeorum mos absurdus sordidusque.

Tradução

2. Como agora vou narrar os últimos momentos dessa famosa cidade, parece conveniente revelar suas origens. Os judeus, conta-se, banidos da Ilha de Creta, se estabeleceram nas extremidades da Líbia na época em que Saturno, vencido e expulso por Júpiter, abandonou o seu reino. A prova é tirada do seu nome: existe em Creta um monte célebre, o Ida, cujos vizinhos, os ideus, foram denominados

judeus pela adição bárbara de uma sílaba. Alguns pensam que no reinado de Ísis a população excedente do Egito tenha sido transportada, sob a condução de Hierosólino de Judá, e descarregada nas terras vizinhas; muitos dizem que eles são uma raça de etíopes que o temor e o ódio teriam forçado, sob o rei Cefeu⁴³⁶, a mudar de pátria. Outros referem que eram aventureiros assírios que na falta de terras cultiváveis se apossaram de parte do Egito, depois habitaram as cidades construídas por eles e cultivaram as terras dos hebreus⁴³⁷, bem como as regiões próximas da Síria. Finalmente, ainda segundo alguns, as origens dos judeus são bem claras: eles descenderiam dos solimas⁴³⁸, nação cantada por Homero, os quais teriam fundado uma cidade, dando-lhe um nome tirado do seu: Hierosólina.

3. A maior parte dos autores concorda em dizer que tinha aparecido no Egito uma doença contagiosa que manchava o corpo; então o rei Bocoris⁴³⁹ foi consultar o oráculo de Hamon e lhe pediu remédio; recebeu ordem de purificar o seu reino e transportar para outras terras essa raça de homens, odiada pelos deuses. Saíram então à procura deles e, depois de reunidos, os abandonaram no deserto. Estando abatidos e chorando, Moisés, um dos exilados, disse-lhes que não deviam esperar socorro nem dos deuses nem dos homens, pelos quais tinham sido abandonados; deviam confiar somente em si mesmos e teriam por guia celeste aquele que fosse o primeiro a ajudá-los a expulsar suas misérias. Eles acreditaram e, sem nada conhecer do país, caminharam ao acaso. Nada os atormentava tanto como a falta de água e, próximos da morte, já tinham caído por toda parte na planície quando uma tropa de asnos selvagens, de volta do pasto, retirou-se para o lado de uma rocha sombreada por um pequeno bosque. Moisés os seguiu e, pela erva que cobria o solo, adivinhou e abriu abundantes veios de água. Foi um alívio, e depois de seis dias de marcha ininterrupta, no sétimo dia tomaram terras, das quais expulsaram os habitantes e ali construíram uma cidade e consagraram um templo.

4. Procurando assim assegurar-se para sempre o domínio sobre essa nação, Moisés lhe deu novos ritos, em contraste total com os dos outros homens. Lá é

⁴³⁶ Pai de Andrômeda

⁴³⁷ Tácito trata judeus e hebreus como grupos distintos.

⁴³⁸ Tácito usa a designação de Sólina para referir-se a Jerusalém.

⁴³⁹ Rei e legislador lendário, ora apresentado como justo e esclarecido, ora como ímpio.

profano tudo o que para nós é sagrado; em contrapartida, entre eles é permitido tudo o que para nós é abominação. Erigiram num santuário, para Ihes prestarem honra, a efígie do animal que os guiara e livrara da sede, mostrando-lhes que se tinham extraviado; imolam o carneiro como que para fazer ultraje a Hamon; sacrificam também o boi, porque os egípcios cultuam Ápis. Abstêm-se da carne de porco em memória do flagelo da lepra com a qual seus corpos estiveram outrora manchados e à qual esse animal está sujeito. Jejuns freqüentes são uma confissão de sua longa fome de antigamente e, para se lembrarem com quanta avidez ajuntaram o trigo, agora o pão judaico é sem fermento. Como dia de repouso escolheram, conta-se, o sétimo, porque ele lhes trouxe o fim dos seus sofrimentos; e, como sentiam atração pela preguiça, consagraram também o sétimo ano a não fazer nada. Outros pretendem que é para honrarem Saturno, seja que tenham recebido os princípios da sua religião dos ideus, que, narra-se, foram expulsos ao mesmo tempo em que Saturno e fundaram a nação judaica, seja porque, dos sete astros que regem os mortais, o planeta Saturno é o que descreve no céu o círculo mais elevado e exerce influência preponderante; sabe-se, de resto, que, da maior parte dos corpos celestes, cada qual completa o seu percurso e a sua revolução por números setenários.

5. Tais ritos, seja qual for a forma pela qual foram introduzidos, podem ser justificados pela sua antigüidade; as outras observâncias são sinistras e infames e foram mantidas pela depravação. Porque qualquer desprezador que renegava o culto de seus pais levava aos judeus suas contribuições e peças de moeda, e isso foi uma fonte do crescimento do seu poder, devido também a que entre esse povo reinam uma honestidade obstinada e uma compaixão sempre pronta; mas em relação a tudo o que não é judeu devotam hostilidade rancorosa. Separados à mesa e segregados no leito, esses homens, apesar de desenfreados em seus costumes, não têm comércio com mulheres estrangeiras; entre eles tudo é permitido. Circuncidam a genitália para se reconhecerem por esse sinal distintivo. Os que adotam a sua religião⁴⁴⁰ seguem a mesma prática, e os princípios que lhes

⁴⁴⁰ O sentido literal é “aqueles que se transformam em judeus; aqueles que adotam suas práticas; aqueles que se transferem para o seu grupo”.

são inculcados são o desprezo aos deuses, a renegação à sua pátria e a idéia de que pais, filhos, irmãos e irmãs são coisas sem valor. Entretanto, o aumento da população é um dos seus cuidados; de fato, entre eles é um sacrilégio matar uma criança⁴⁴¹ excedente e acreditam na imortalidade das almas dos que morrem no campo de batalha ou supliciados; daí a sua paixão pela procriação e o seu desprezo pela morte. Em lugar de queimar os corpos, preferem colocá-los em túmulos, à moda egípcia, e com os mesmos cuidados; sobre os infernos têm as mesmas idéias que esse povo, mas totalmente contrárias a respeito do céu. Os egípcios adoram quase todos os animais e as imagens esculpidas que fazem deles; os judeus concebem a divindade só em pensamento e admitem uma só. Para eles é uma profanação fazer imagens de deuses de materiais perecíveis e à semelhança do homem; aos seus olhos, o ser supremo é eterno, inimitável e impossível de ser destruído. Por isso não têm representação alguma da divindade em suas cidades, menos ainda em seus templos; recusam a adulação aos seus reis e essa honra aos Césares. Mas como seus sacerdotes cantavam acompanhados de flautas e tambores e cingiam a fronte com hera, e como foi encontrada em seu templo uma videira de ouro, alguns pensaram que eles adorassem Baco, o vencedor do Oriente; mas esses ritos não têm relação alguma. Com efeito, os que Liber instituiu são risonhos e alegres; as práticas judaicas são estranhas e sórdidas

SUETÔNIO, *Vida dos Doze Césares*, Cláudio, 25.

XXV. Equestris militias ita ordinavit, ut post cohortem alam, post alam tribunatum legionis daret; stipendiaque instituit et imaginariae militiae genus, quod vocatur "supra numerum," quo absentes et titulo tenus fungerentur. Milites domus senatorias salutandi causa ingredi etiam patrum decreto prohibuit. Libertinos, qui se pro equitibus R. agerent, publicavit, ingratos et de quibus patroni quererentur revocavit in seruitutem advocatisque eorum negavit se adversus libertos ipsorum

⁴⁴¹ Agnatio: Nascimento após o testamento ou morte do pai; Agnatus: criança nascida quando já está estabelecidos os herdeiros naturais.

ius dicturum. Cum quidam aegra et adfecta mancipia in insulam Aesculapi taedio medendi exponerent, omnes qui exponerentur liberos esse sanxit, nec redire in dicionem domini, si conualuissent; quod si quis necare quem mallet quam exponere, caedis crimine teneri. Viatores ne per Italiae oppida nisi aut pedibus aut sella aut lectica transirent, monuit edicto. Puteolis et Ostiae singulas cohortes ad arcendos incendiorum casus collocavit. Peregrinae condicionis homines vetuit usurpare Romana nomina dum taxat gentilicia. Civitatem R. usurpantes in campo Esquilino securi percussit. provincias Achaiam et Macedoniam, quas Tiberius ad curam suam transtulerat, senatui reddidit. Lyciis ob exitiabiles inter se discordias libertatem ademit, Rhodiis ob paenitentiam veterum delictorum reddidit. Iliensibus quasi Romanae gentis auctoribus tributa in perpetuum remisit recitata vetere epistula Graeca senatus populique R. Seleuco regi amicitiam et societatem ita demum pollicentis, si consanguineos suos Ilienses ab omni onere immunes praestitisset. *Iudaeos impulsore Chresto assidue tumultuantis Roma expulit.* Germanorum legatis in orchestra sedere permisit, simplicitate eorum et fiducia commotus, quod in popularia deducti, cum animaduertissent Parthos et Armenios sedentis in senatu, ad eadem loca sponte transierant, nihilo deteriore virtutem aut condicionem suam praedicantes. Druidarum religionem apud Gallos dirae immanitatis et tantum civibus sub Augusto interdictam penitus abolevit; contra sacra Eleusinia etiam transferre ex Attica Romam conatus est, templumque in Sicilia Veneris Erycinae vetustate conlapsum ut ex aerario pop. R. reficeretur, auctor fuit. Cum regibus foedus in foro icit porca caesa ac vetere fetialium praefatione adhibita. Sed et haec et cetera totumque adeo ex parte magna principatum non tam suo quam uxorum libertorumque arbitrio administravit, talis ubique plerumque, qualem esse eum aut expediret illis aut liberet.

Tradução

XXV. [Cláudio] melhorou a organização militar dos cavaleiros, dando-lhes um esquadrão depois da corte e o tribunato de legião depois do esquadrão. Estabeleceu um soldo e um gênero de serviço fictício, denominado

“supranumerário”, que dava direito a um título sem funções. Vedou aos soldados, por meio de um *senatus consulto*, entrar para saudá-los nas casas dos senadores. Confiscou os bens aos filhos dos libertos que se faziam passar como cavaleiros romanos. Reduziu novamente à servidão os ingratos e aqueles de quem se queixavam os patrões e declarou aos seus advogados que não faria justiça contra os seus próprios libertos. Alguns cidadãos, que não queriam dar-se ao incômodo de cuidar deles, abandonavam seus escravos doentes na ilha de Esculápio. Em vista disso, baixou um decreto, determinando que todos aqueles que haviam sido abandonados podiam considerar-se livres e que, embora curados, não mais recairiam sob o poder dos antigos senhores. Acrescentou mais: que se houvesse alguém que achasse melhor matar o seu escravo do que abandoná-lo, fosse acusado de homicídio. Recomendou por um édito, aos viajantes, que não atravessassem as cidades da Itália senão a pé, em cadeira ou em liteira. Concentrou em Puzoles e em Óstia uma coorte, como prevenção em caso de incêndio. Proibiu aos indivíduos de condição estrangeira o uso de nomes romanos, ou pelo menos dos nomes patronímicos. Condenou ao machado no campo Esquilino os usurpadores do direito de cidadania romana. Reverteu ao Senado a administração das províncias da Acaia e da Macedônia, que Tibério reservara para si. Cassou a liberdade dos Lícios, em virtude das suas funestas dissensões intestinas. Devolveu-a aos Rodenses, em virtude do arrependimento de que deram provas em relação às suas faltas pretéritas. Concedeu aos habitantes de Ílion, como ancestrais do povo romano, a título perpétuo, a diminuição dos tributos, após ter feito a leitura de uma velha carta escrita em língua grega em que o Senado e o povo romano prometiam ao rei Seleuco aliança e amizade, sob condição de manter os ilionenses, a eles unidos pelos laços de sangue, livres de qualquer imposto. *Expulsou de Roma os judeus, sublevados constantemente por incitamento de Chrestós*. Permitiu aos delegados germânicos que se sentassem na orquestra, emocionado ao ver com que simplicidade e com que confiança aqueles embaixadores, que se haviam misturado com o povo, ao divisarem os partos e os armênios abancados entre os senadores, corriam espontâneamente em direção aos mesmos lugares, a exclamar em altas vozes

que aqueles não lhes eram superiores nem em coragem nem em condição. Aboliu inteiramente, entre os gauleses, a religião dos Druidas, tão ferozmente bárbara, e que sob Augusto fora interdita apenas aos cidadãos romanos. Por outro lado, esforçou-se em transferir da Ática para Roma o culto de Elêusis. Além disso, propôs reconstruir, a expensas do erário do povo romano, o templo de Vênus Ericina, na Sicília, desfeito em ruínas, deteriorado pelo tempo. Nisto porém, como aliás em grande parte dos atos de todo o seu principado, governou não tanto pela sua vontade quanto pela das suas mulheres e dos seus libertos. Quase sempre, e por onde quer que andasse, mostrava-se tal como exigia o seu discernimento.

SUETÔNIO, *Vida dos Doze Césares, Nero, 16.*

XVI. Formam aedificiorum urbis novam excogitavit et ut ante insulas ac domos porticus essent, de quarum solariis incendia arcerentur; easque sumptu suo extruxit. Destinarat etiam Ostia tenus moenia promovere atque inde fossa mare veteri urbi inducere. Multa sub eo et animadversa severe et coercita nec minus instituta: adhibitibus sumptibus modus; publicae cenae ad sportulas redactae; interdictum ne quid in propinis cocti praeter legumina aut holera veniret, cum antea nullum non obsonii genus proponeretur; *afflicti suppliciiis Christiani, genus hominum superstitionis novae ac maleficae*; vetiti quadrigariorum lusus, quibus inveterata licentia passim vagantibus fallere ac furari per iocum ius erat; pantomimorum factiones cum ipsis simul relegatae.

Tradução

XVI. Inventou um novo estilo de edifícios urbanos: quis que as ilhas de imóveis e casas tivessem galerias na frente para que se pudesse, do alto dos solários, combater os incêndios. Essas galerias foram construídas às suas custas. Tencionava prolongar as muralhas até Óstia e levar o mar, por um canal, à antiga cidade. Sob o seu reinado muitos abusos foram punidos e reprimidos severamente

e muitas coisas instituídas: supressão do luxo, festins públicos reduzidos a espórtulas, proibição de vender nas tabernas qualquer alimento cozido, fora legumes e hortaliças, quando antes eram servidas nesses lugares todas as qualidades de alimentos. Aos cristãos, homens afeitos a uma superstição nova e maligna, infligiram-se suplícios. Impediram-se os excessos dos condutores de quadrigas que, acobertados por uma antiga licença, andavam daqui para ali e se atribuíam o direito de, por divertimento, enganar e roubar.

SUETÔNIO, *Vida dos Doze Césares*, Domiciano 10. 12-13.

X. Sed neque in clementiae neque in abstinentiae tenore permansit, et tamen aliquanto celerius ad saevitiam descivit quam ad cupiditatem. Discipulum Paridis pantomimi impuberem adhuc et cum maxime aegrum, quod arte formaque non absimilis magistro videbatur, occidit; item Hermogenem Tarsensem propter quasdam in historia figuras, librariis etiam, qui eam descripserat, cruci fixis. Patrem familias, quod Thraecem myrmilloni parem, munerario imparem dixerat, detractum e spectaculis in harenam, canibus obiecit, cum hoc titulo: Impie locutus parmularius.

Complures senatores, in iis aliquot consulares, interemit; ex quibus Civicam Cerealem in ipso Asiae proconsulatu, Salvidienum Orfitum, Acilium Glabronem in exilio, quasi molitores rerum novarum; ceteros levissima quemque de causa; Aelium Lamiam ob suspiciosos quidem, verum et veteres et innoxios iocos, quod post abductam uxorem laudanti vocem suam "eutacto" dixerat, quodque Tito hortanti se de alterum matrimonium responderat: Me kai sy gamesai theleis; Salvium Cocceianum, quod Othonis imperatoris patrum sui diem natalem celebraverat; Mettium Pompusianum, quod habere imperatoriam genesim vulgo ferebatur, et quod depictum orbem terrae in membrana contionesque regum ac ducum ex Tito Livio circumferret, quodque servis nomina Magonis et Hannibalis indidisset; Sallustium Lucillum Britanniae legatum, quod lanceas novae formae appellari Luculleas passus esset; Iunium Rusticum, quod Paeti Thraseae et Helvidii Prisci laudes edidisset appellassetque eos sanctissimos viros; cuius

criminis occasione philosophos omnis urbe Italiaque summovit. Occidit et Helvidium filium, quasi scaenico exodio sub persona Paridis et Oenones divortium suum cum uxore taxasset; Flavium Sabinum alterum e patruelibus, quod eum comitorum consularium die destinatum perperam praeco non consulem ad populum, sed imperatorem pronuntiasset. Verum aliquando post civilis belli victoriam saevior, plerosque pariter adversae, dum etiam latentes conscios investigat, novo questionis genere distortis, immisso per obscaena igne; nonnullis et manus amputavit. Satisque constat, duos dolos e notioribus venia donatos, tribunum laticlavium et centurionem, qui se, quo facilius expertes culpa ostenderet, impudicos probaverant et ob id neque apud ducem neque apud milites ullius momenti esse potuisse.

XII. Exhaustus operum ac munerum impensis stipendioque, quod adiecerat, temptavit quidem ad relevandos castrenses sumptus, numerum militum deminuere; sed cum et obnoxium se barbaris per hoc animadverteret neque eo setius in explicandis oneribus haereret, nihil pensi habuit quin praedaretur omni modo. Bona vivorum ac mortuorum usquequaque quolibet et accusatore et crimine corripiebantur. Satis erat obici qualecumque factum dictumve adversus maiestatem principis. Confiscabantur alienissimae hereditates vel uno existente, qui diceret audisse se ex defuncto, cum viveret, heredem sibi Caesarem esse. Praeter ceteros Iudaicus fiscus acerbissime actus est; ad quem deferebantur, qui vel improfessi Iudaicam viverent vitam, vel dissimulata origine imposita genti tributa non pependissent. Interfuisse me adolescentulum memini, cum a procuratore frequentissimoque consilio inspiceretur nonagenarius senex an circumsectus esset. Ab iuventa minime civilis animi, confidens etiam, et cum verbis tum rebus immodicum, Caenidi patris concubinae, ex Histria reversae osculumque ut assuerat offerenti, manum praebuit; generum fratris indigne ferens albatos et ipsum ministros habere, proclamavit:

ouk agathon polykoiranie.

XIII. Principatum vero adeptus, neque in senatu iactare dubitavit, et patri se et fratri imperium dedisse, illo sibi reddidisse; neque in reducenda post divortium uxore edicere revocatam eam in pulvinar suum. Adclamari etiam in amphitheatro epuli

die libenter audiit: Domino et dominae feliciter! Sed et Capitolino certamine cunctos ingenti consensus precantes, ut Palfurium Suram restitueret, pulsum olim senatu ac tunc de oratoribus coronatum, nullo responso dignatus, tacere tantum modo iussit voce praeconis. Pari arrogantia, cum procuratorum suorum nomine formalem dictaret epistulam, sic coepit: "Dominus et deus noster hoc fieri iubet." Vnde institutum posthac, ut ne scripto quidem ac sermone cuiusquam appellaretur aliter. Status sibi in Capitolino non nisi aureas et argenteas poni permisit ac ponderi certi. Ianos arcusque cum quadrigis et insignibus triumphorum per regiones urbis tantos ac tot extruxit, ut cuidam Graece inscriptum sit: arkei.

Consulatus septemdecim cepit, quot ante eum nemo; ex quibus septem medios continuavit, omnes autem paene titulo tenus gessit, nec quemquam ultra Kal. Mai., plerosque ad Idus usque Ianuarias. Post autem duos triumphos Germanici cognomine assumpto Septembrem mensem et Octobrem ex appellationibus suis Germanico Domitianumque transnominavit, quod altero suscepisset imperium, altero natus esset.

Tradução

X. Não perseverou, porém, nem no caminho da clemência nem no da temperança. Todavia, inclinou-se um pouco mais depressa para a crueldade do que para a cupidez. Mandou matar um discípulo do pantomimo Páris – adolescente ainda e no momento em que se achava gravemente enfermo – porque parecia apresentar certa semelhança com o seu mestre, tanto pelo talento como pela figura. Tratou da mesma maneira a Hermógenes de Tarso devido a algumas alusões contidas na sua *História*, e os copistas que a haviam escrito foram crucificados. Como um pai de família dissesse “que um trácio era tão forte como um gladiador, mas não tão forte como o que dava os jogos”, foi arrancado do seu lugar, arrastado na arena e exposto aos cães com este dístico: “Parmilário iníquo na sua conversação”. Fez perecer muitos senadores, entre os quais um bom número de consulares. Entre outros: Cívico Cercal, no seu próprio consulado da Ásia; Salvidieno Órfito e Acílio Glabrião, no exílio, sob pretexto de que preparavam uma

revolução. Outros, sob os mais fúteis motivos: Élio Lâmia, por brincadeiras suspeitas, é bem verdade, mas antigas e sem conseqüência. Após lhe terem raptado a mulher, Domiciano disse a alguém que lhe louvava a voz: “Vivo como asceta”. Como Tito o aconselhasse a casar, redarguiu: “Também tu queres tomar uma mulher?”. Sálvio Coceiano foi morto por ter celebrado o dia do nascimento do imperador Oto, seu tio. Mécio Pomposiano, porque se espalhara entre o vulgo o boato de que o seu horóscopo lhe prenunciava o governo do império porque divulgara um mapa-mundi e os discursos dos reis e dos generais, extraídos de Tito Lívio e, finalmente, porque dera os nomes de Magão e Aníbal a escravos seus. Salústio Luculo, legado na Bretanha, por ter deixado chamar “luculeanas” a certas lanças de modelo novo. Júnio Rústico, por haver publicado os elogios de Peto Trasea e Helvídio Prisco classificando-os de “varões santíssimos”, o que forneceu oportunidade ao imperador para banir da cidade e da Itália todos os filósofos. Igual destino coube a Helvídio, filho, por haver, à maneira de êxodo teatral, censurado o divórcio de Domícia, sob os nomes de Páris e Enone. Flávio Sabino, um dos seus primos, porque o heraldo, no dia em que fora designado nos comícios consulares, o anunciara erradamente ao povo não como cônsul, mas como imperador. Foi, porém, bem mais desumano após a vitória da guerra civil, aplicando nova natureza de tormentos à maioria dos cúmplices do seu adversário, que se achavam desde longo tempo escondidos. Torturou-os, mandando queimar-lhes os órgãos genitais. A alguns cortou as mãos. Todos sabem que somente dois, entre os mais conhecidos, obtiveram perdão: um tribuno laticlávio e um centurião, os quais, para se justificarem mais facilmente, provaram a impudícia dos seus costumes alegando que por esta razão não puderam exercer nenhuma influência sobre o chefe nem sobre os soldados.

XII. Esgotado pelas despesas com as obras públicas e os espetáculos e pelo aumento do soldo militar, experimentou, para diminuir os gastos do exército, diminuir o número de soldados. Ao perceber, porém, que a medida o expunha aos bárbaros sem lhe oferecer maiores facilidades para as despesas orçamentárias, não teve o menor escrúpulo em exercer toda classe de rapinas. Por toda parte os

bens, quer de vivos, quer de mortos, fossem quais fossem o acusador e as acusações, eram expropriados. Bastava para isso a alegação de qualquer ato ou propósito contrário à majestade do príncipe. Confiscavam-se as heranças mais estranhas ao imperador, sob a simples assertiva de uma única pessoa que tivesse ouvido do defunto “que César era seu herdeiro”. O imposto que pesava sobre os judeus foi cobrado com mais rigor do que os demais. A ele se achavam obrigados igualmente os que, na cidade, embora sem dela terem feito profissão, seguiam a lei judaica, ou os que, dissimulando a origem, jamais pagaram tributos a esta nação. Recordo-me de ter visto, na minha primeira juventude, um procurador examinar, diante de assembléia numerosa, um velho de noventa anos para saber se era ou não circunciso. Desde a mocidade Domiciano mostrou-se incivil, presunçoso e sem regra, tanto nos discursos como na conduta. Como Cenide, a concubina do seu pai, de volta da Ístria, se adiantasse para beijá-lo, pois tal era o costume, César lhe estendeu apenas a mão. Indignado por ver que o genro do seu irmão possuía também servos vestidos de branco, exclamou: “Não é bom o governo de muitos!”

XIII. Elevado ao poder, não hesitou em se jactar perante o Senado de que “o império que dera ao seu pai e ao seu irmão lhe era devolvido”, nem em publicar, ao reaver a mulher após o divórcio, “que tornara a chamá-la ao seu coxim sagrado”. Ouviu com prazer gritarem no anfiteatro no dia do festim: “Felicidade ao nosso senhor e à nossa senhora!” Nos jogos Capitolinos o povo lhe pediu unanimemente a reabilitação de Palfúrio Sura, expulso outrora do Senado por ele mesmo e que acabava de receber a coroa dos oradores. Não se dignou responder e contentou-se em impôr silêncio pela voz do arauto. Com análoga arrogância ditou, em nome dos procuradores, uma carta circular que começava com este período: “Nosso senhor e deus ordena que assim se faça”. Daí o uso estabelecido, desde então, de que ninguém, escrevendo ou falando, lhe chamasse de outra maneira. Não permitiu que se lhe elevassem no Capitólio a não ser estátuas de ouro e prata, e com determinado peso. Ergueu pelos bairros da cidade tantos e tão grandes Janos e arcos de triunfo que num destes alguém escreveu em grego: “Basta!” Exerceu dezessete consulados, fato sem exemplo anterior. Destes, sete

foram contínuos. Nos outros atuou em parte e sem conservar nenhum além das calendas de maio. A maior parte até os idos de janeiro. Após dois triunfos, tomou o cognome de “germânico” e deu os seus dois apelidos – “Germânico” e “Domiciano” – aos meses de setembro e outubro, porque no primeiro assumira as rédeas do império e no segundo era o seu nascimento.

PLÍNIO O JOVEM, *Epístolas X, 96-97.*

96

C. PLINIUS TRAIANO IMPERATORI

(1) Sollemne est mihi, domine, omnia de quibus dubito ad te referre. Quis enim potest melius vel cunctationem meam regere vel ignorantiam instruere? Cognitionibus de Christianis interfui numquam: ideo nescio quid et quatenus aut puniri soleat aut quaeri. (2) Nec mediocriter haesitavi, sitne aliquod discrimen aetatum, an quamlibet teneri nihil a robustioribus differant; detur paenitentiae venia, an ei, qui omnino Christianus fuit, desisse non prosit; nomen ipsum, si flagitiis careat, an flagitia cohaerentia nomini puniantur. Interim, <in> iis qui ad me tamquam Christiani deferebantur, hunc sum secutus modum. (3) Interrogavi ipsos an essent Christiani. Confitentes iterum ac tertio interrogavi supplicium minatus; perseverantes duci iussi. Neque enim dubitabam, quaecumque esset quod faterentur, pertinaciam certe et inflexibilem obstinationem debere puniri. (4) Fuerunt alii similis amentiae, quos, quia cives Romani erant, adnotavi in urbem remittendos.

Mox ipso tractatu, ut fieri solet, diffundente se crimine plures species inciderunt. (5) Propositus est libellus sine auctore multorum nomina continens. Qui negabant esse se Christianos aut fuisse, cum praeunte me deos appellarent et imagini tuae, quam propter hoc iusseram cum simulacris numinum afferri, ture ac vino supplicarent, praeterea male dicerent Christo, quorum nihil cogi posse dicuntur qui sunt re vera Christiani, dimittendos putavi. (6) Alii ab indice nominati esse se Christianos dixerunt et mox negaverunt; fuisse quidem sed desisse, quidam ante triennium, quidam ante plures annos, non nemo etiam ante viginti. <Hi> quoque omnes et imaginem tuam deorumque simulacra venerati sunt et Christo male

dixerunt. (7) Affirmabant autem hanc fuisse summam vel culpae suae vel erroris, quod essent soliti stato die ante lucem convenire, carmenque Christo quasi deo dicere secum invicem seque sacramento non in scelus aliquod obstringere, sed ne furta ne latrocinia ne adulteria committerent, ne fidem fallerent, ne depositum appellati abnegarent. Quibus peractis morem sibi discedendi fuisse rursusque coeundi ad capiendum cibum, promiscuum tamen et innoxium; quod ipsum facere desisse post edictum meum, quo secundum mandata tua hetaerias esse vetueram. (8) Quo magis necessarium credidi ex duabus ancillis, quae ministrae dicebantur, quid esset veri, et per tormenta quaerere. Nihil aliud inveni quam superstitionem pravam et immodicam.

(9) Ideo dilata cognitione ad consulendum te decucurri. Visa est enim mihi res digna consultatione, maxime propter periclitantium numerum. Multi enim omnis aetatis, omnis ordinis, utriusque sexus etiam vocantur in periculum et vocabuntur. Neque civitates tantum, sed vicos etiam atque agros superstitionis istius contagio pervagata est; quae videtur sisti et corrigi posse. (10) Certe satis constat prope iam desolata templa coepisse celebrari, et sacra sollemnia diu intermissa repeti passimque venire <carnem> victimarum, cuius adhuc rarissimus emptor inveniebatur. Ex quo facile est opinari, quae turba hominum emendari possit, si sit paenitentiae locus.

97

TRAIANUS PLINIO

(1) Actum quem debuisti, mi Secunde, in excutiendis causis eorum, qui Christiani ad te delati fuerant, secutus es. Neque enim in universum aliquid, quod quasi certam formam habeat, constitui potest. (2) Conquirendi non sunt; si deferantur et arguantur, puniendi sunt, ita tamen ut, qui negaverit se Christianum esse idque re ipsa manifestum fecerit, id est supplicando dis nostris, quamvis suspectus in praeteritum, veniam ex paenitentia impetret. Sine auctore vero propositi libelli <in> nullo crimine locum habere debent. Nam et pessimi exempli nec nostri saeculi est.

Tradução

Livro X, Carta 96, de Plínio a Trajano

Senhor, como para mim é norma submeter a ti todos os pontos sobre os quais tenho dúvidas; quem melhor poderia orientar-me quando hesito, ou instruir-me quando ignoro? Nunca participei de processos contra os cristãos; não sei, por isso, a quais fatos e nem em que medidas se aplicam ordinariamente a pena ou os inquéritos. Eu me pergunto, não sem perplexidade, se há diferenças a observar segundo as idades, ou se a tenra infância está no mesmo nível que o adulto; se se deve perdoar a quem se arrepende ou se quem foi cristão nada ganha quando se retrata; se se deve punir o simples nome cristão, na ausência de crimes, ou os crimes implicados pelo nome.

Eis, entretanto, a norma que tenho seguido para com aqueles que foram denunciados como cristãos. Perguntei-lhes se eram cristãos. Aos que confirmaram, perguntei segunda e terceira vez, ameaçando-os com o suplício; aqueles que perseveraram, mandei executar; seja qual for o significado da sua confissão, eu estava certo de que era necessário punir pelo menos essa teimosia e obstinação inflexíveis. Outros, dominados pela mesma loucura, anotei-os, por serem cidadãos romanos, para serem enviados a Roma. Como acontece em casos semelhantes, estendendo-se a acusação com o decorrer da investigação, logo se apresentaram vários casos diferentes.

Foi afixado um libelo sem assinatura, contendo um grande número de nomes. Aqueles que negavam ser cristãos ou tê-lo sido, se invocavam os deuses segundo a fórmula que eu lhes ditava e se sacrificavam mediante o incenso e o vinho diante da tua imagem, que para este fim eu mandava trazer com as estátuas das divindades, se, além disso, blasfemavam o Cristo – coisas que, segundo se diz, é impossível obter-se daqueles que são verdadeiramente cristãos –, pensei que devia deixá-los ir. Outros, cujos nomes tinham sido fornecidos por um denunciador, disseram que eram cristãos, depois afirmaram não o ser, que tinham sido realmente cristãos mas que tinham deixado de sê-lo, uns há três anos, outros há mais tempo, outros ainda há vinte anos. Todos esses adoraram a tua imagem e as imagens dos deuses e blasfemaram o Cristo.

De resto, afirmavam eles que toda a sua falta, ou o seu erro, tinha-se limitado ao costume de se reunirem em dia fixo, antes de levantar o sol, de cantar entre si alternadamente um hino a Cristo como um deus, de se comprometerem por juramento a não cometerem algum crime, mas a não cometerem nem roubo, nem pilhagem, nem adultério, a não faltarem à palavra dada e a não negarem um depósito reclamado em justiça; terminados esses ritos, tinham o costume de se separarem e se reunirem outra vez para tomarem sua refeição que, apesar do que dizem os outros, é simples e inocente; mesmo a essa prática tinham eles renunciado depois do meu edito pelo qual, segundo as tuas instruções, proibi as heterias. Julguei tanto mais necessário extrair a verdade de duas escravas, que eram chamadas diaconisas, mesmo submetendo-as à tortura. Encontrei apenas uma superstição insensata e exagerada.

Por isso suspendi o processo para recorrer ao teu parecer. Julguei que a questão merecia que eu consultasse o teu parecer, sobretudo devido ao número dos acusados. Há uma multidão de pessoas de todas as idades, de todas as condições, e dos dois sexos, que estão ou serão colocadas em perigo. Não é somente nas cidades, mas também nas aldeias e pelos campos que se espalhou o contágio dessa superstição; creio, contudo, que é possível detê-la e curá-la.

Inegavelmente, os templos, que estavam quase abandonados, começam a ser freqüentados; as cerimônias rituais há tanto tempo interrompidas são retomadas e por toda parte é vendida a carne das vítimas, a qual até o presente tinha raríssimos compradores. É fácil, por isso, pensar na multidão de pessoas que poderia ser curada, se o arrependimento fosse aceito.

Livro X, Carta 97 de Trajano a Plínio

Meu caro Plínio, tu seguiste a conduta que devias ter seguido no exame das causas daqueles que foram denunciados como cristãos. Porque não é possível instituir uma regra geral que tenha, por assim dizer, uma forma fixa. Não há motivo para procurá-los por toda parte⁴⁴². Se forem denunciados e a acusação provada, é necessário condená-los, mas com a seguinte restrição: aquele que negar ser

⁴⁴² Persegui-los "ex-officio"

cristão e der prova manifesta disso por atos, quero dizer, sacrificando aos nossos deuses, embora suspeito no que se refere ao passado, obterá o perdão como prêmio ao seu arrependimento. Quanto às denúncias anônimas, não devem ser levadas em consideração em nenhuma acusação; é um procedimento de detestável exemplo, e não mais do nosso tempo.

MINÚCIO FÉLIX, Otávio, VIII, 1 – XI, 2.

VIII¹ "Itaque cum omnium gentium de dis immortalibus, quamvis incerta sit vel ratio vel origo, maneat tamen firma consensio, neminem fero tanta audacia tamque inreligiosa nescio qua prudentia tumescentem, qui hanc religionem tam vetustam, tam utilem, tam salubrem dissolvere aut infirmare nitatur. 2 Sit licet ille Theodorus Cyrenaeus, vel qui prior Diagoras Melius, cui Atheon cognomen adposuit antiquitas, qui uterque nullos deos adseverando timorem omnem, quo humanitas regitur, venerationemque penitus sustulerunt: numquam tamen in hac impietatis disciplina simulatae philosophiae nomine atque auctoritate pollebunt. 3 Cum Abderiten Protagoram Athenienses viri consulte potius quam profane de divinitate disputantem et expulerint suis finibus et in contione eius scripta deusserint, quid? homines (sustinebitis enim me impetum susceptae actionis liberius exerentem) homines, inquam, deploratae, illicitae ac desperatae factionis grassari in deos non ingemescendum est? 4 Qui de ultima faece collectis imperitioribus et mulieribus credulis sexus sui facilitate labentibus plebem profanae coniurationis instituunt, quae nocturnis congregationibus et ieiuniis sollemnibus et inhumanis cibus non sacro quodam, sed piaculo foederatur, latebrosa et lucifuga natio, in publicum muta, in angulis garrula, templa ut busta despiciunt, deos despuunt, rident sacra, miserentur miseri (si fas est) sacerdotum, honores et purpuras despiciunt, ipsi seminudi! 5 Pro mira stultitia et incredibilis audacia! spernunt tormenta praesentia, dum incerta metuunt et futura, et dum mori post mortem timent, interim mori non timent: ita illis pavorem fallax spes solacia rediviva blanditur!

IX¹"Ac iam, ut fecundius nequiora proveniunt, serpentibus in dies perditis moribus per universum orbem sacraria ista taeterrima impiae coitionis adolescent. Eruenda prorsus haec et execranda consensio. 2 Occultis se notis et insignibus noscunt et amant mutuo paene antequam noverint: passim etiam inter eos velut quaedam libidinum religio miscetur, ac se promisce appellant fratres et sorores, ut etiam non insolens stuprum intercessione sacri nominis fiat incestum. Ita eorum vana et demens superstitio sceleribus gloriatur. Nec de ipsis, nisi subsisteret veritas, maxime nefaria et honore praefanda sagax fama loqueretur. 3 Audio eos turpissimae pecudis caput asini consecratum inepta nescio qua persuasione venerari: digna et nata religio talibus moribus! 4Alii eos ferunt ipsius antistitis ac sacerdotis colere genitalia et quasi parentis sui adorare naturam: nescio an falsa, certe occultis ac nocturnis sacris adposita suspicio! Et qui hominem summo supplicio pro facinore punitum et crucis ligna feralia eorum caerimonias fabulatur,

congruentia perditis sceleratisque tribuit altaria, ut id colant quod merentur. 5 Iam de initiandis tirunculis fabula tam detestanda quam nota est. Infans farre contactus, ut decipiat incautos, adponitur ei qui sacris inbuatur. Is infans a tirunculo farris superficie quasi ad innoxios ictus provocato caecis occultisque vulneribus occiditur. Huius, pro nefas! sitienter sanguinem lambunt, huius certatim membra dispertiunt, hac foederantur hostia, hac conscientia sceleris ad silentium mutuuum pigerantur. Haec sacra sacrilegiis omnibus taetriora. 6 Et de convivio notum est; passim omnes locuntur, id etiam Cirtensis nostri testatur oratio. Ad epulas sollemni die coeunt cum omnibus liberis, sororibus, matribus, sexus omnis homines et omnis aetatis. Illic post multas epulas, ubi convivium caluit et incestae libidinis ebriatis fervor exarsit, canis qui candelabro nexus est, iactu offulae ultra spatium lineae, qua vinctus est, ad impetum et saltum provocatur. 7 Sic everso et extincto conscio lumine impudentibus tenebris nexus infandae cupiditatis involvunt per incertum sortis, etsi non omnes opera, conscientia tamen pariter incesti, quoniam voto universorum adpetitur quicquid accidere potest in actu singulorum.

X1 "Multo praetereo consulto: nam et haec nimis multa sunt, quae aut omnia aut pleraque omnium vera declarat ipsius pravae religionis obscuritas. 2 Cur etenim occultare et abscondere quicquid illud colunt magnopere nituntur, cum honesta semper publico gaudeant, scelera secreta sint? cur nullas aras habent, templa nulla, nulla nota simulacra, numquam palam loqui, numquam libere congregari, nisi illud, quod colunt et interprimunt, aut puniendum est aut pudendum? 3 Unde autem vel quis ille aut ubi deus unicus, solitarius, destitutus, quem non gens libera, non regna, non saltem Romana superstitio noverunt? 4 Iudaeorum sola et misera gentilitas unum et ipsi deum, sed palam, sed templis, aris, victimis caerimoniisque coluerunt, cuius adeo nulla vis nec potestas est, ut sit Romanis hominibus cum sua sibi natione captivus. 5 At etiam Christiani quanta monstra, quae portenta confingunt! Deum illum suum, quem nec ostendere possunt nec videre, in omnium mores, actus omnium, verba denique et occultas cogitationes diligenter inquirere, discurrentem scilicet atque ubique praesentem: molestum illum volunt, inquietum, impudenter etiam curiosum, siquidem adstat factis omnibus, locis omnibus intererrat, (6) cum nec singulis inservire possit per universa districtus nec universis sufficere in singulis occupatus.

XI1 "Quid quod toto orbi et ipsi mundo cum sideribus suis minantur incendium, ruinam moliuntur, quasi aut naturae divinis legibus constitutus aeternus ordo turbetur, aut, rupto elementorum omnium foedere et caelesti conpage divisa, moles ista, qua continetur et cingitur, subruatur? 2 Nec hac furiosa opinione contenti aniles fabulas adstruunt et adnectunt: renasci se ferunt post mortem et cineres et favillas et nescio qua fiducia mendaciis suis invicem credunt: putes eos iam revixisse.

Tradução

VIII3 Como não lamentar homens (Permitir-me-á fazer uso de toda a força da minha indignação⁴⁴³ para revelar livremente os segredos de suas ações – como não lamentar que há homens de uma facção miserável, proibida por lei e bando de desesperados, (que) atacam como bandidos nossos deuses ? (4) Ralé que forma uma conjuração sacrílega de homens ignorantes da última escória da plebe e mulherzinhas crédulas, fáceis de enganar pela mesma fragilidade de seu sexo, que se juntam em noturnos conciliábulos⁴⁴⁴ e se ligam entre si por jejuns solenes e comidas inumanas, quer dizer, antes por um sacrilégio que por um sacrifício; casta que ama os esconderijos e foge da luz, muda em público e barulhenta pelas esquinas. Desprezam como sepulcros, nossos templos, olham com horror aos nossos deuses e zombam de nosso culto, se compadecem os miseráveis (se é lícito dizer) de nossos sacerdotes; rejeitam, eles os esfarrapados, nossas honras e púrpuras. 5 Que admirável estultícia e incrível audácia! Depreciam os tormentos presentes, entretanto têm medo dos incertos e por vir; e temendo morrer depois da morte, não temem morrer no presente. Desta maneira, para aplacar o seu pavor, revestem-se da esperança enganadora, do terno alívio da ressurreição!

IX1 Contudo, como o que é mal se propaga com estranha fecundidade, favorecido pela crescente corrupção dos costumes, vemos como por toda a terra estão se multiplicando os lugares secretos⁴⁴⁵ desta ímpia e crescente conjuração. Assim sendo, esta execranda conspiração deve ser totalmente extraída! 2 Se conhecem entre si por ocultas marcas e sinais e amam-se mutuamente, mesmo antes de conhecer-se. A cada passo que se dá entre eles há uma estranha mescla de religião e obscenidades e promiscuamente se dão os nomes de irmãos e irmãs, a fim de que a desonra que não é desabituada se transforme pela interposição deste nome sagrado, em incesto. Desta maneira sua vã e louca superstição busca nos crimes a sua glória. E se não houvesse em tudo isso um fundo de verdade, não se espalharia sobre eles, a tão sagaz e pública fama das suas muitíssimas abomináveis práticas, das quais não se pode falar sem horror. 3 Ouço dizer, e ignoro a razão desta tolice, que estes estúpidos homens veneram uma cabeça de asno elevada à categoria divina, besta torpíssima: culto digno e de tais costumes nascido. 4 Outros contam que eles dão culto aos genitais (genitália) do próprio sacerdote que os preside e que compreendem isso como se adorassem a natura (genitália) de seu próprio pai. Ignoro se esta suspeita é falsa; o certo é que se prestam a seus ocultos e suspeitos ritos noturnos. Fazem festa em honra de um homem condenado como criminoso ao último suplício do lenho da cruz, eles lhe atribuem os altares que convém a homens perdidos e criminosos: adoram o que merecem. 5 Sobre a iniciação dos neófitos corre um rumor tão detestável como sabido. Àquele que vai iniciar-se nestes ritos, colocam-no diante de uma criança pequena, coberta de farinha, com o que se engana os incautos. O iniciante é

⁴⁴³ Ímpeto da minha contestação

⁴⁴⁴ Concílios de heréticos

⁴⁴⁵ sacraria: este termo do original latino pode ser traduzido como templo, oratório, porém também como lugar secreto. Escolhi esta tradução porque faz jus à afirmação feita sobre os cristãos feita em 8,4 "...casta que ama os esconderijos e foge da luz."

convidado a descarregar golpes, que graças à superfície de farinha, acredita inofensivos, ocultas as feridas, mata às cegas, a infeliz criança, e eles, que horror!, lambem avidamente o seu sangue e repartem obstinadamente entre si os seus membros. Com esta vítima selam entre si sua aliança; a consciência deste crime é penhor de mútuo silêncio. Tais ritos são mais horrorosos que todos os sacrilégios. **6** E conhecido é o banquete que celebram; dele falam sobre cada passo as pessoas; testemunha também o discurso de nosso conhecido filho de Cirta⁴⁴⁶. No dia marcado, juntam-se para comer com todos os seus filhos, irmãs. Mães, homens de todos os sexos e idades. Ali, depois de bastante fartos, quando os convidados entram no calor e no fervor da embriagues, incendiados de uma paixão incestuosa, jogam um pedaço de carne a um cachorro que mantêm atado a um candelabro, mas ao alcance da corda e assim os provocam para que saltem impetuosos. Deste modo, derrubado o candelabro e apagada a luz, quem poderá testemunhar entre as impudicas trevas, unem-se por incerta sorte e indizível torpeza. E se todos não são de fato incestuosos, todos o são igualmente em consciência, pois todos tendem pelo desejo ao que suceder em cada ato singular.

XI **1** Eu, de propósito, passo por sobre muitas coisas, pois já é demais o que lhes disse; e de todos esses, ou da maior parte deles, a mesma obscuridade desta perversa religião manifesta que é verdade. **2** Por que motivo se empenham em esconder e ocultar aquilo que, seja o que fosse, que ocorre no seu culto, quando o honroso ama sempre a luz e os criminosos aquilo que é secreto ? Por que não possuem altar algum, nem templo algum, nem imagem alguma conhecida ? Por que jamais falar em público, nem reunir-se ao ar livre, senão porque o que veneram e ocultam é digno de castigo e vergonha ? **3** E ademais, de onde vem, quem é e onde está esse deus único e solitário, abandonado, a quem nenhuma república conheceu, nenhum reino e nem mesmo a superstição romana ? **4** A sozinha e miserável nação dos judeus também cultua um deus único, mas ao menos o fazem publicamente, com templos, altares, vítimas e cerimônias; deus, por outro lado, sem nenhuma força e poder, já que sua nação é cativa dos romanos. **5** E além disso, quantas monstruosidades e quantos prodígios inventam esses cristãos! A esse mesmo seu deus que não podem nem mostrar-nos, e nem mesmo eles vêem, o imaginam inquirindo diligentemente a conduta de todos, as ações de todos, as palavras, enfim, e ainda, os pensamentos ocultos, quer dizer, passando de lá para cá, e presente em todas as partes: o querem importuno, inquieto, e até imprudentemente curioso, como querendo assistir a todos os fatos e andando errante por todos os lugares, **(6)** ainda assim, como é possível que sirva para nada, para alguém, pois, que se distrai por todo o universo, nem pode bastar ao universo, estando ocupado com cada um.

XI **1** E o que dizer sobre o incêndio com que ameaçam toda a orbe da terra e também ao mundo com todos os seus astros, a ruína que tramam, como se fosse possível perturbar a ordem eterna, fundada nas divinas leis da natureza, ou que, destruída a aliança de todos os elementos e desfeita a sua conexão celeste, este tecido em que está contido e atado em unidade, pudesse ser derrubado ? **2** Mas

⁴⁴⁶ Cirtensis

ainda, não contentes com esta opinião de loucos e furiosos, constróem uma cadeia de velhas fábulas, sobre que haverão de ressuscitar depois da morte, depois de que forem reduzidos a cinzas e fagulhas, e eu não sei com que segurança, se entre si crêem em mentiras (invenções). Qualquer um diria que já ressuscitaram.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes

TÁCITO. *Anais*. Rio de Janeiro: Ediouro, sem data.

_____ *The Annals of Imperial Rome*. London: Penguin Classics, 1996.

- _____. *The Histories*. London: Penguin Classics, 1995.
- SUETÔNIO. *Vida dos Doze Césares*. São Paulo: Atena Editora, 1956.
- _____. *The Twelve Caesars*. London: Penguin Classics, 1989.
- PLINIO. *The letters of Younger Pliny*. London: Penguin Classics, 1995.
- JUVENAL. *The Sixteen Satires*. London: Penguin Classics, 1996.
- TITO LÍVIO. *História de Roma*. São Paulo: Paumape, 6 volumes, 1990.
- MINÚCIO FÉLIX, Otávio. Extraído do site <http://patriot.net/~lillard/cp/> The Classics Page at Ad Fontes Academy, The Latin Library.
- CLEMENTE ROMANO. *Primeira carta de Clemente Romano aos Coríntios*. São Paulo: Paulus, Coleção Patrística, vol. 1, 1995.
- EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, Coleção Patrística, vol. 15, 2000.
- FLAVIO JOSEFO. *História dos Hebreus*. São Paulo: CPAD, 1999.
- COMBY, Jean; LÉMONON J-P. *Vida e religiões no Império Romano – no Tempo das primeiras comunidades cristãs*. (Coletânea de documentos) São Paulo: Edições Paulinas, 1988.
- _____. *Roma em face a Jerusalém – visão de autores gregos e latinos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- GORGULHO, Gilberto (Coord.) *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2001.
- BARRET, C. K. *The New Testament Background. Selected Documents*. New York: Harper & Row, Publishers, 1990.

2. Obras citadas

- ALFÖLDY, Geza. *História Social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989
- ALVES, José C. M. *Direito Romano*. 2 Vols. Rio de Janeiro: Forense, 2000
- ALSTON, Richard. *Aspects of Roman History A.D. 14-117*. London: Routledge, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BALSDON, J.P.V.D. (Org.) *O Mundo Romano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- BOYARIN, Daniel. *Dying for God*. California: Stanford University Press, 1999.
- BRETONE, Mario. *História do Direito Romano*. Lisboa: Estampa, 1998.

- CAZENAVE, Michel & AUGUET R. *Os Imperadores Loucos*. Mem Martins: Editorial Inquérito, 1995.
- CARDOSO, C.F.S. ; MALERBA, J. *Representações: Contribuição a um debate Transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000.
- _____ *Narrativa, Sentido e História*. Campinas: Papirus, 1997.
- _____ *Trabalho compulsório na antiguidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- CHÂTELET, François (Diretor). *História da Filosofia*. Vol. I. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- CIZEK, Eugen. *La Roma di Nerone*. Milano: Garzanti, 1986.
- _____ *Tacite et l'apogée de l'historiographie à Rome*. in: *Histoire e Historiens à Rome dans l'antiquité*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1995. pp. 217-253.
- _____ *Les contemporains plus jeunes de Tacite: Suétone, Florus, Justin*. in: *Histoire e Historiens à Rome dans l'antiquité*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1995. pp. 255-269.
- CORSINI, Eugênio. *O Apocalipse de São João*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- DOER, Bruno. *Neros Menschenfackeln*, in: *Das Alternum*, vol. 1, 1955.
- DONINI, Ambrogio. *História do Cristianismo*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- FINI, Massimo. *Nerone, duemila anni di calunnie*. Milano: Mondadori, 1993.
- FINLEY, M. I. (Editor). *Estudios sobre Historia Antigua*. Madrid: Akal, 1981.
- _____ *Legado da Grécia. Uma nova avaliação*. Brasília: Editora da UNB, 1998.
- GAGÉ, Jean. *Les classes sociales dans l'empire romain*. Paris: Payot, 1964.
- GIARDINA, Andrea (Direção). *O homem romano*. Lisboa: Presença, 1992.
- GIBBON, Edward. *Decline and Fall of the Roman Empire*. London: Chatto and Windus, 1960.
- GIBBON, Edward. *Declínio e queda do império romano (edição abreviada)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GIOFREDI, Carlo. *I Principi del Diritto Penale Romano*. Torino: Giappichelli, sem data.

- GIORDANI, M. C. *Direito Penal Romano*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 1997
- GRANT, Michel. *Nerone*. Milano: Edizioni Librex, 1971.
- GRIMAL, Pierre. *Tacito*. Milano: Garzanti, 1991.
- _____ *História de Roma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- HADAS, Moses. *Roma Imperial*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1980.
- HOLLAND, Richard. *Nero: The man behind the myth*. Stroud: Sutton, 2000.
- JEFFERS, James S. *Conflito em Roma*. São Paulo: Loyola, 1995.
- JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- LING, Trevor. *Las grandes religiones de Oriente y Occidente*. Madrid: Istmo, 1972.
- MACMULLEN, Ramsay. *Paganism in the roman empire*. New Haven: Yale University Press, 1983.
- MARTIN, Régis F. *Les Douze Césars: Du mythe a la realite*. Paris: Les Belles Lettres, 1991.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *De Paganos, Judíos y Cristianos*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. 5 vols. São Paulo: Loyola, 2001.
- ROSTOVTZEFF, M. *História de Roma*. Rio de Janeiro; Guanabara, 1983.
- ROUGIER, Louis. *O conflito entre o cristianismo primitivo e a civilização antiga*. Lisboa: Veja, 1995.
- RUSSEL, Bertrand. *História do Pensamento Ocidental*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- SALES, José das Candeias. *As divindades egípcias*. Lisboa: Estampa, 1999.
- SHOTTER, David. *Nero*. London: Routledge, 1997.
- SIMON, Marcel & BENOIT, André. *Judaísmo e Cristianismo Antigo*. São Paulo: Edusp/Pioneira, 1987.
- SIMON, Marcel. *Los Primeros Cristianos*. Buenos Aires: EUDEBA, 1961.
- TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____ *Memória do mal, tentação do bem. Indagações sobre o século XX*. São Paulo: ARX, 2002.
- VANDENBERG, Philipp. *Nero*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

WILKEN, Robert L. *The Christians as the romans saw them*. New Haven: Yale University Press, 2000.

3. Obras consultadas

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____ *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CARCOPINO, Jérôme. *Roma no Apogeu do Império*. Coleção Vida Cotidiana. São Paulo: Círculo do Livro/Cia. das Letras, 1991.

CARDOSO, Ciro F. S. (Org.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

_____ *Os Métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____ *Uma Introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

_____ *Tinham os Antigos uma Literatura*. in: Phoenix, 1999.

Rio de Janeiro: Sete Letras/Laboratório de História Antiga UFRJ, 1999.

CHARTIER, Roger. *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____ *História Cultural, entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

COHN, Haim. *O Julgamento e a Morte de Jesus*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

CROSSAN, John Dominic. *O Jesus Histórico*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

DANIEL-ROPS. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988.

DANIÉLOU, J. & MARROU, H. *Nova História da Igreja – Dos primórdios a São Gregório Magno*. Petrópolis: Vozes, 1984.

DOSSE, François. *A História à prova do tempo*. São Paulo: UNESP, 1999.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____ *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FINLEY, M. I. *Uso e Abuso da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____ *História Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____ *Aspectos da Antigüidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

- FLUSSER, David. *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira. Nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- GRIMMAL, Pierre. *O Império Romano*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- _____. *A Civilização Romana*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- HAMMAN, A. *A Vida Cotidiana dos Primeiros Cristãos*. Lisboa: Livros do Brasil, sem data.
- KEE, H. C. *As Origens Cristãs em perspectiva sociológica*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- LE GOFF, Jacques. *Memória e Sociedade*. Campinas: Unicamp, 1994.
- LEENHARDT, Jacques.(Org.) *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. São Paulo, UNICAMP, 1998.
- MACK, Burton L. *O Evangelho Perdido – O Livro Q e as origens cristãs, 3 volumes*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- MEEKS, Wayne A. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os Limites da Helenização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- MOULE, C. F. D. *As Origens do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1979.
- PAUL, André. *O Judaísmo Tardio*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- PELLISTRANDI, Stan-Michel. *O Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Editions Ferni, 1978.
- PETIT, Paul. *A Paz Romana*. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1989.
- PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- REICKE, Bo. *História do tempo do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- RICOEUR, Paul & Outros. *As Culturas e o Tempo*. São Paulo: Edusp/Vozes, 1975.
- _____. *Teoria da Interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1976.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Entre Mito e Política*. São Paulo: Edusp, 2001.
- ZUMTHOR, Paul. Percepciones. in: *La medida del Mundo*. Madrid: Catedra, 1993.

4. Dicionários e obras de referência

ALEXANDER, D. & ALEXANDER P. (Editores). *O Mundo da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1986.

BERARDINO, Angelo (org.). *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRUNEL, Pierre (Org.) *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro: UNB/José Olímpio, 1997.

DUÉ, Andrea. *Atlas Histórico do Cristianismo*. Petrópolis: Vozes/Santuário, 1999.

DUFFY, Eamon. *Santos e Pecadores. História dos Papas*. São Paulo: Cosac & Naif Edições Ltda., 1998.

GRIBOMONT, Jean et al. *Dicionário Patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis: Vozes/ Paulus, 2002.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

HINNELLS, John R. (Org.) *Dicionário das Religiões*. São Paulo: Cultrix, 1991.

MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984.